

Memórias do Cotidiano 2



Narrativas dos Servidores da Secretaria
de Estado da Saúde de São Paulo

MEMÓRIAS DO COTIDIANO 2

Organizadoras:

Alexandra Rodrigues de Lima
Angélica da Silva Araujo
Camila Garcia Tosetti Pejão
Cláudia Regina Somera
Cristiane N. dos Reis Loyolla
Juliana de Souza Ferreira
Maria Aparecida Novaes
Marli Torres
Regina Garcia do Nascimento
Roseli Rodrigues Gomes dos Santos
Rosimeire da Silva Eugênio

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Memórias do cotidiano 2 : narrativas dos
Servidores da Secretaria de Estado da Saúde de
São Paulo / [organização Hospital Santa Tereza
de Ribeirão Preto (HSTRP)]. -- Brasília, DF :
Teixeira Digital, 2021.

Vários autores.
ISBN 978-65-994523-1-4

1. Coletâneas 2. Histórias de vida 3. Memórias
4. Narrativas pessoais 5. Profissionais da saúde
I. Hospital Santa Tereza de Ribeirão Preto (HSTRP).

21-77309

CDD-610.7

Índices para catálogo sistemático:

1. Profissionais da saúde : Narração das memórias e
aprendizado 610.7

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

Dedicatória

A todos os servidores da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo - SES/SP.

Agradecimentos

Ao Secretário de Saúde, aos Coordenadores de Saúde e aos servidores que compartilharam suas experiências e memórias cotidianas para construção desta obra.

Agradecimento especial aos participantes da Comissão Avaliadora das narrativas aqui escritas:

- Coordenadoria de Serviços de Saúde - Roseli Rodrigues G. dos Santos
- Coordenadoria de Recursos Humanos - Alexandra Rodrigues de Lima, Camila Garcia Tosetti Pejão, Juliana de Souza Ferreira
- Coordenadoria de Regiões de Saúde - Regina Garcia do Nascimento
- Convidado - Haino Burmester

SUMÁRIO

PREFÁCIO	7
PRÓLOGO	9
SECRETARIA DE ESTADO DA SAÚDE	11
COORDENADORIA GERAL DA ADMINISTRAÇÃO - CGA	15
COORDENADORIA DE ASSISTÊNCIA FARMACÊUTICA - CAF	17
COORDENADORIA DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INSUMOS ESTRATÉGICOS DE SAÚDE - CCTIES	19
COORDENADORIA DE PLANEJAMENTO DE SAÚDE - CPS	29
COORDENADORIA DE RECURSOS HUMANOS - CRH	35
COORDENADORIA DE CONTROLE DE DOENÇAS - CCD	43
COORDENADORIA DE REGIÕES DE SAÚDE - CRS	55
COORDENADORIA DE SERVIÇOS DE SAÚDE - CSS	75
EPÍLOGO	195

PREFÁCIO

Ao longo de nossa existência contamos histórias, a humanidade vem contando histórias de maneira ininterrupta desde que aprendeu a se comunicar. Nas organizações este processo não é diferente, experiências e aprendizados são passados pelas pessoas que nelas trabalham. Um bom exemplo é o rito de ingresso, o chamado treinamento introdutório, momento utilizado pela maioria das organizações para apresentar, ao novo servidor, como “são as coisas por aqui”.

Histórias são importantes e, em **Memórias do Cotidiano 2**, se pretende repetir o sucesso das experiências relatadas pelos servidores do Hospital Santa Tereza, por meio da descrição de histórias vividas pelos diversos servidores da Secretaria de Estado da Saúde, estabelecendo uma estreita relação entre a vida pessoal e profissional.

Interessa-nos, transferir conhecimento, cultura e valores que possam gerar coesão e conectividade emocional entre os partícipes. Toda organização acumula uma série de aprendizados e casos, resultado das experiências adquiridas. Um tipo de conhecimento não explícito, mas que traz no seu conteúdo valores que, de maneira não deliberada enfatiza a lealdade, a confiança, comportamentos positivos que ajudam na evolução de uma organização.

Em ser convidada a escrever o prefácio deste livro, inevitavelmente pensei na minha própria história na SES/SP e nos vários personagens que participaram desta construção.

Eu sou Maria Aparecida Novaes, na certidão de nascimento, a redução do meu nome para Cida Novaes se deu na minha primeira experiência profissional em um grande hospital público, Hospital Geral de Vila Penteadado da Coordenação de Serviços de Saúde, local onde foi possível desenvolver competências na área de gestão de pessoas.

Foram muitas as histórias das quais me sinto honrada de fazer parte.

Histórias servem para refletir o passado e incitar a imaginação, que o conteúdo deste livro nos permita este diálogo.

Boa leitura!

Maria Aparecida Novaes
Coordenadora de Recursos Humanos da SES-SP

PRÓLOGO

QUEM CONTA UMA HISTÓRIA, DEIXA SUA MARCA!

O Hospital Santa Tereza de Ribeirão Preto (HSTRP), em funcionamento há 75 anos, é uma Unidade Especializada em Psiquiatria administrada diretamente pela Coordenadoria de Serviços de Saúde (CSS) da Secretaria do Estado da Saúde (SES) do Estado de São Paulo. De acordo com os princípios do Sistema Único de Saúde (SUS) o HSTRP promove internações psiquiátricas de pessoas com transtornos mentais e, contando com equipes multiprofissionais, presta atendimento humanizado e de qualidade, visando a inclusão social e a plena cidadania, contribuindo assim para melhoria contínua da saúde mental da população.

O HSTRP atende 26 municípios pertencentes à Região da DRS XIII - Ribeirão Preto, a qual é composta por uma população de 1.523.682 habitantes. Por sua vez, a DRS XIII pertence à Rede Regional de Atenção à Saúde 13 (RRAS13), a qual conta com uma população total de 3.741.691 habitantes.

Atualmente o HSTRP tem 200 leitos planejados, dos quais 150 instalados - 70 para o tratamento de pacientes crônicos/moradores em franco processo de desinstitucionalização, com apenas 40 leitos de crônicos ocupados no momento, e 80 para tratamento de crise aguda.

A experiência vivenciada em 2017 pelo Hospital Santa Tereza de Ribeirão Preto na produção do livro “Memórias do Cotidiano” - narrativas sobre as experiências de servidores em processo de aposentadoria, aposentados ou que quisessem deixar seu legado eternizado, deu tão certo que bons frutos foram colhidos após isso, gerando a vontade de levar esse projeto a nível Estadual.

O Programa de Preparação para Aposentadoria (PPA) existe em nossa unidade desde 2012 e é desenvolvido pela equipe do Setor de Seleção e Desenvolvimento e parceiros, além de ser acompanhado pelo Núcleo de Qualidade de Vida, da Coordenadoria de Recursos Humanos da Secretaria de Estado da Saúde. A metodologia utilizada é vivencial/grupal roda de conversa, utilizando-se do método da problematização; o que possibilita a reflexão crítica da realidade contribuindo para a transformação de forma positiva, e foi numa dessas rodas de conversas que surgiu a necessidade de deixar registrado no formato de livro as experiências vivenciadas, possibilitando ao servidor eternizar sua passagem no Hospital Santa Tereza através de uma obra literária.

O sentimento de pertencimento e a valorização do servidor foram os temas desenvolvidos com a participação de nossa instituição neste singelo projeto, mas que deixaram experiências riquíssimas na consolidação do mesmo.

O ano de 2020 foi um ano de muitos desafios, despedidas, enfrentamentos, desta forma, reunir a de força de trabalho da SES para construir, juntos, narrativas de sucesso e ressignificação nos pareceu uma oportunidade ímpar para deixar nossa trajetória registrada de um período tão intenso para toda humanidade.

Com o apoio da Coordenadoria de Serviços de Saúde e da Coordenadoria de Recursos Humanos e reunindo ainda outros parceiros nasce o Memórias do Cotidiano 2.

A intencionalidade deste projeto, remodelado e com uma equipe maior para condução, traz consigo a possibilidade de rever nosso papel enquanto servidor, de valorizar as ações de êxito, de deixar marcas históricas e de extrema emoção em algo tão fundamental como a Saúde no ano de 2020.

Ao contar as histórias de servidores de diferentes serviços e unidades, pode-se ver que o SUS é feito de gente que ri, que chora, que adocece, que cura, que apoia, que acolhe, e no meio de tanta diversidade tem-se o cuidado com aquilo que temos de mais precioso – A VIDA.

O Hospital Santa Tereza se sente honrado em poder contribuir com a possibilidade de levar a todos um pouco do muito que somos, um SUS que dá certo, através das narrativas dos servidores de toda a SES, que relatam os desafios diários enfrentados, as tecnologias de ponta, as tecnologias leves que são essenciais para o desenvolvimento e acolhimento das pessoas.

Desejo a todos uma excelente leitura e que novas histórias possam ser compartilhadas.

Cláudia Regina Somera

Diretor Técnico de Saúde III

Hospital Santa Tereza de Ribeirão Preto - HSTRP

SECRETARIA DE ESTADO DA SAÚDE

Para mim é um prazer participar desta iniciativa, como servidor público e hoje Secretário de Estado da Saúde, me permite não só participar como, pessoalmente, discorrer sobre a minha própria trajetória e desenvolvimento profissional.

São muitos servidores relatando histórias de suas memórias nesta Secretaria. Foi aqui que unimos experiências e nos encontramos em um esforço solidário, principalmente nesse ano de pandemia.

Contribuímos para a assistência aos usuários do Sistema Único de Saúde, contribuindo para a descoberta de soluções de segurança da população, com estudos e pesquisas do vírus e a descoberta da vacina.

Portanto, para mim, é motivo de muito orgulho escrever essas poucas palavras, porque isso me faz também partícipe de sua realização.

Jean Gorinchteyn

Secretário de Estado da Saúde

Minha maior contribuição para o Sistema Único de Saúde -SP

Quem diria que após cinquenta anos de serviço público (sim, 50!) prestados na Secretaria de Estado da Saúde, estaria eu, Ilma Guiomar de Mattos, trazendo à memória momentos marcantes de minha carreira profissional, que foram inesquecíveis para mim, exaustivos, mas deveras compensadores! E ainda tendo a possibilidade de deixar registrado em um livro, compartilhando minhas emoções com tantas pessoas!

Durante esses anos, os trabalhos que executei enquanto Diretora do Serviço de Pessoal da Direção Regional de Saúde – DIR I Capital foram meus maiores desafios profissionais, desde o início, com a sua criação em 1995, cujo time inicial de trabalho foi composto por apenas as Diretorias Técnica, de Finanças e de Serviço Pessoal.

Conforme Decreto n.º 40.083/95, as Direções Regionais tinham como objetivo contribuir para a qualidade de vida da população, com a promoção, prevenção e recuperação da saúde, entre outras competências. À DIR I cabia cuidar de aproximadamente 177 unidades de saúde localizadas na capital de São Paulo.

Coube à diretoria que eu ocupava compor toda a equipe de trabalho que atuaria nas diversas áreas da estrutura da Direção criada e essa composição se deu por meio da busca de servidores que faziam parte dos extintos Escritórios Regionais de Saúde – os ERSAS que tivessem interesse em atuar na sede da DIR ou nos Núcleos Regionais de Saúde do 1 ao 5, movimentando cerca de 2000 funcionários na capital São Paulo. Essa tarefa já foi bem complexa, pois a mudança nem sempre é bem vista pelos servidores, ainda mais quando é imposta.

Àquela época pensei que recrutar funcionários para a DIR I tivesse sido a incumbência mais difícil que poderiam me delegar. Ledo engano, pois posteriormente, à nossa equipe foi delegado o trabalho de maior complexidade e impacto, que foi a municipalização de 167 unidades, compreendendo cerca de 6.500 funcionários.

O processo de municipalização dos serviços de saúde de baixa complexidade, já encomendado com a criação do SUS em 1988, iniciou em 2001 e, para tal, verificou-se a necessidade de organizar o cadastro dos funcionários classificados nas referidas unidades.

Numa época onde os prontuários dos colaboradores não eram informatizados, imaginem o esforço necessário para colocar em dia esses milhares de registros funcionais? Mas foi imprescindível para viabilizar a cessão dos servidores estaduais de maneira organizada, clara e correta para que a nova administração (o município) conseguisse incorporar ao seu quadro de RH os funcionários municipalizados.

Durante 5 meses aproximadamente, a equipe que eu coordenava, cerca de 15 pessoas lideradas por Elisabete Franceze Paiva, Kelly Ponzani e Norma Aparecida dos Reis, em conjunto com os servidores de RH dos Núcleos, realizaram um censo, com apoio apenas da impressão do banco de dados da Secretaria da Fazenda, com objetivo de atualizar todos os dados funcionais, minuciosamente conferidos, dos então 6.500 prontuários.

Sucessivas reuniões ocorreram com as Comissões instituídas pelos Secretários de Saúde do Estado e do Município para elaborar a minuta da Resolução conjunta n.º 85, de 21/06/2002 (DOE de 22/06/2002), que disciplinou todos os procedimentos referentes a recursos humanos nas unidades que foram cedidas ao Município, norteando assim todo o processo de municipalização e proporcionando a integração entre a legislação estadual e municipal dos servidores públicos.

Assim sendo, percebemos que era necessário mais que uma resolução, algo que pudesse servir como ferramenta para os atuantes dos RHs tanto das unidades que estavam sendo municipalizadas como para os do município, com linguagem simples, objetiva, prática, precisa e atual sobre as normas e legislação que regula-

mentavam a cessão desses funcionários. Algum instrumento para orientar e subsidiar inclusive no passo a passo do fluxo de todos os documentos entre a SES e a PMSP/SMS, tanto ao cessionário, como ao servidor sobre a realidade funcional de cada um, transparecendo o processo homogêneo adotado nas tarefas realizadas pela área de RH da DIR – I Capital. Então, elaboramos um Manual e um Guia com a pretensão de dirimir dúvidas simples e complexas a respeito do assunto, assessorando a administração do pessoal cedido.

As unidades foram entregues e a passagem do quadro de pessoal ocorreu e até hoje as orientações do Manual são utilizadas, o que me traz infinita satisfação por ter participado desse processo tão importante para o Sistema Único de Saúde-SUS.

Comprometimento, vontade, confiança, seriedade e persistência para alcançar nossos objetivos foram nossos companheiros inseparáveis. Momentos de trabalhos árduos, mas inesquecíveis para mim, e com certeza para muitos da equipe, reconhecidos à época, inclusive pelo Secretário de Saúde, saudoso Dr. Luiz Roberto Barradas Barata, a quem agradeço imensamente pela confiança depositada.

Deixo aqui registrado também, meus sinceros agradecimentos àqueles que embarcaram comigo na batalha vitoriosa: minha eterna equipe, Dr.^a Eliana Maria Dourado Mattos, Dr.^a Maria Iracema Guilaumon Leonardi e Marlene de Sousa Félix por acreditarem na competência e eficiência que os trabalhos requeriam.

Autora: Ilma Guiomar de Mattos

COORDENADORIA GERAL DA ADMINISTRAÇÃO - CGA

Compete à Coordenadoria Geral da Administração – CGA, a orientação, supervisão e elaboração de normas relativas aos assuntos de administração geral da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo – SES/SP, garantindo o adequado funcionamento de cada uma das áreas, promovendo, a adoção de medidas necessárias à efetiva prestação de serviços no âmbito da Administração Superior da Secretaria e da Sede.

A CGA também subsidia a tomada de decisão do Secretário da Saúde em questões relacionadas a finanças e orçamento, material e patrimônio, gestão de contratos, comunicações administrativas, telecomunicações, contribuindo para que a Secretaria da Saúde exerça seu papel de gestor do Sistema Único de Saúde - SUS/SP.

Rosalia Bardaro
Coordenadora de Saúde

Acredite se quiser...

Esta é uma história verídica que quando eu e meus colegas lembramo-nos dela, até hoje, damos muitas risadas!
Iniciei na Secretaria de Estado da Saúde em julho de 2007 a convite de um amigo que estava precisando com urgência de uma secretária. Sempre trabalhei na área administrativa, apesar de ser pedagoga de formação, mas, como secretária, nunca havia trabalhado e, para ser sincera, sempre quis experimentar pois, sempre me pareceu uma função agradável; é nobre poder ajudar as pessoas naquilo que precisam.

Cheguei ao trabalho no horário combinado... Tudo novidade, pessoas desconhecidas, ambiente diferente daquele que eu sempre estive e aquele nó na garganta tamanha a ansiedade. Fui muito bem recebida por todos e logo trataram de me explicar o dia a dia de uma secretária no caso, de um assessor do Gabinete da Secretaria da Saúde. Aos poucos, fui me familiarizando com tudo e com todos. Como mencionei anteriormente, apesar de sempre ter trabalhado

na área administrativa, as funções de secretária com certeza, envolvem algumas atividades diferentes.

Meu chefe era uma pessoa muito boa, respeitoso e muito educado. Eventualmente, ficava um pouco estressado em virtude dos problemas inerentes ao cargo, com os quais precisava lidar. Normalmente eu lidava bem com isso, mas como sabemos toda regra tem exceção e nenhum dia é igual ao outro.

Certo dia, meu chefe estava “possuído”, se assim posso adjectivar uma pessoa que perdeu toda a compostura, andava de um lado para o outro como um animal enjaulado, extremamente furioso e descontrolado. Já era fim de tarde e a maioria das pessoas já tinha ido embora... Naquele momento estávamos só eu e ele ali. Em virtude da situação que se desenhava semelhante a trovoadas e raios e por eu ter noção de perigo, achei melhor ficar bem quietinha no meu canto sem dar um piu. Rezar, me pareceu a melhor coisa a se fazer. De repente em alto, muito alto, aliás, e muito bom tom, este homem grita de sua sala: “preciso de um despacho!!”

Só para lembrar, eu nunca havia trabalhado como secretária e ainda estava me familiarizando com a nova função e conhecendo tudo que tinha haver com isso. Naquele momento eu ainda não sabia que uma secretária é responsável por redigir documentos como Ofícios, Informações e um tal de Despacho.

Aquele homem gritando em altos brados, extremamente estressado, que precisava de um despacho, não tive dúvida, comecei a pesquisar alucinadamente nas imediações do nosso endereço, onde teria um local que fizesse esse “trabalho”!!!! E o pior é que não havia!!

Acho que pelo fato de ter rezado tanto e pedir tanto para encontrar um local para fazer despachos, apareceu uma colega que eu hoje tenho a certeza ser um “anjo” de Deus e me explicou que “despacho” não era um trabalho de Umbanda e sim, o nome de um documento utilizado para a comunicação entre departamentos!!

Pois é, acredite se quiser...

Autora: Marcia Finocchi

COORDENADORIA DE ASSISTÊNCIA FARMACÊUTICA - CAF

A Coordenadoria de Assistência Farmacêutica - CAF é a área da Secretaria da Saúde responsável por consolidar no âmbito do Estado de São Paulo a Política Nacional de Medicamentos e a Política Nacional de Assistência Farmacêutica, destinadas a prover atenção integral à saúde da população.

Tem como **Missão** contribuir para o alcance dos melhores resultados em saúde dos indivíduos, população/famílias e comunidades, apoiando o acesso efetivo aos medicamentos necessários e o seu uso adequado, a partir da prestação de serviços farmacêuticos efetivos que envolvem a logística dos medicamentos e o cuidado farmacêutico, por meio, de uma adequada governança, do desenvolvimento de uma rede de serviços farmacêuticos com estrutura apropriada de gestão, recursos e serviços no território, coordenadas com a rede de atenção à saúde, com capacidade gestora e profissional através de uma estratégia de capacitação e qualificação contínua e da responsabilidade e empoderamento dos profissionais.

Com **Visão** de ser referência na gestão coordenada e efetiva dos serviços farmacêuticos e desenvolver a missão de maneira integral e integrada no marco das Políticas de Saúde e das Redes de Atenção à Saúde, no âmbito do Estado de São Paulo, a Coordenadoria de Assistência Farmacêutica tem como **Valores**: qualidade, humanização, efetividade e eficiência dos serviços farmacêuticos, a resposta efetiva às necessidades da população, a coordenação, cooperação e participação, a ética, transparência e comunicação, a incorporação de inovação e a atitude ativa e responsável dos profissionais.

Alexandra Mariano Fidêncio
Coordenadora de Saúde

Meus passos na Secretaria

Meu nome é Sara, trabalho aqui a mais de 5 anos, e acredito que você mesmo faz o seu ambiente, sendo assim, gosto daqui e admiro todos que aqui trabalham também.

Muitos já passaram pelo nosso caminho, porém muitos estão conosco desde o princípio. Para mim foi uma grande bênção de Deus ter ingressado no serviço públi-

co, por meio de concurso.

Fui alocada desde sempre na Secretaria da Saúde do Estado de Saúde, no Setor de farmacologia.

Um trabalho muito prazeroso e com companheiros dedicados e colaboradores.

Aprendi e estou aprendendo ainda com cursos profissionalizantes oferecidos pela EAD/SES-SP.

Aprendi aqui que os pacientes precisam da nossa atenção e comprometimento. E nosso trabalho sempre será importante para todos eles.

E fui incumbida entre outras tarefas, de tratar também das solicitações de dietas e de medicamentos, alimentava o sistema com as avaliações que recebiam.

Fui atraída pelas solicitações de dietas enterais, e me senti responsável por aquelas demandas. Quando isso foi percebido pelos meus companheiros de trabalho, me instigaram a fazer o curso de Nutrição.

No princípio eu não vi condições para tal, pois já com 50 anos de idade e fora de uma sala de aula há 33 anos, não me achava capaz de seguir essa empreitada.

Muitos questionamentos me afligiam, a família, a idade, o horário e as condições financeiras.

Orei a Deus e coloquei meu sentimento nas mãos Dele.

Todos que eu pedia a opinião eram favoráveis e me estimulavam muito.

O certo é que foram cinco anos de graduação, com muitas provas, tribulações, obstáculos que muitas vezes eu achava que não iria conseguir ultrapassar.

Mas consegui a vitória, me formei “Nutricionista”. E após isso fiz ainda a pós-graduação em Nutrição Funcional. Fiz também vários outros cursos para melhorar meu desempenho profissional.

Hoje ao invés de um diploma tenho dois de nível superior e outros profissionalizantes.

Mas tudo isso se deu, pela ajuda de Deus e por eu ter entrado neste trabalho.

E fico feliz em poder avaliar as solicitações dos pacientes que necessitam de dietas.

Foi um sonho realizado, mas esse sonho não acabou, quero continuar aprendendo e quero crescer profissionalmente na minha área, de preferência, aqui mesmo na Secretaria de Estado da Saúde.

Hoje em dia, muita coisa mudou, devido a pandemia estou trabalhando Home Office, mas com a mesma dedicação e determinação de quando estava presencial.

Dedicando meus esforços para realizar um trabalho o mais perfeito, preciso e proativo possível.

A condição de estar em casa não diminuiu minha vontade de ajudar e de trabalhar com presteza e responsabilidade.

Autora: Sara Salustiano de Castro

COORDENADORIA DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INSUMOS ESTRATÉGICOS DE SAÚDE - CCTIES

A Coordenadoria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos de Saúde - CCTIES é responsável por coordenar a política de aquisição de insumos estratégicos para as atividades relacionadas às áreas de sua competência e o Sistema de Sangue, Componentes e Derivados do Estado de São Paulo.

Fazem parte do quadro da CCTIES o Instituto de Saúde e o Instituto Butantan, importantes instituições na área de desenvolvimento científico e tecnológico, tendo como principal objetivo gerar conhecimento para melhoria da qualidade de vida da população.

No momento atual vivenciado no Brasil e no mundo - 2020/2021, com a pandemia do Coronavírus - destacamos a relevância do trabalho desenvolvido pelo Instituto Butantan, que se traduz nas narrativas que se seguem.

Carlos Alberto de Castro Soares
Coordenador de Saúde

O Nascimento do Instituto Butantan e as origens da imunologia no Brasil

Comarca de Campanha, sul de Minas Gerais, aos 28 dias do mês de abril, dos anos 1800, passados 65 que nasceu Vital Brazil... Naquele tempo, Brazil se escrevia com Z!!!!... E carregou o nome e a sua origem: Vital Brazil Mineiro da Campanha...

Assim, no dia 28 de abril de 1865, data da festa litúrgica de São Vital, nascia na cidade de Campanha, em Minas Gerais, Vital Brazil, primogênito do casal Mariana Carolina e José Manoel dos Santos Pereira Júnior. Seu pai, abolicionista de ideias republicanas, resolveu dar aos filhos nomes sem vínculo familiar e, pela originalidade dessa iniciativa aí vão: Vital Brazil Mineiro da Campanha, Maria Gabriela do Vale do Sapucaí, Judith Parasita de Caldas, Acácia Sensitiva de Caldas, Oscar Americano de Caldas, Fileta Camponesa de Caldas e Eunice Peregrina de Caldas.

...Aproximando-se a época da matrícula na Faculdade de Medicina, segui para São Paulo, sem dinheiro para seguir para o Rio. Meu pai arranjou-me uma série enorme de cartas de recomendação. Fui me hospedar por alguns dias até arranjar

emprego, em casa de uns portugueses comissários que recebiam de Itajubá e outras localidades de Minas, toucinho, carne salgada e outros gêneros similares. Tratei de entregar as cartas de recomendação, tendo verificado por toda parte a pouca valia que elas representavam. A última que encontrei, foi no Andaraí; era dirigida ao Senador Martins Francisco de Andrade e Silva. Estava o ilustre parlamentar doente, sentado numa poltrona, tendo a seu lado o grande professor Tôrres Homem, o mais reputado clínico da época. O homem estava de mau humor e tratou-me com incrível brutalidade. Como a carta de apresentação dizia que eu era um moço pobre, precisando de um emprego para estudar medicina, ele disse-me: Moço pobre não estuda, vai empregar-se no comércio, isso de estudar medicina é para quem pode... Trecho das Notas Autobiográficas de Vital Brazil.

O moço pobre termina o curso de Medicina, defendendo a tese sobre “Funções do Baço” em janeiro de 1892 e, dois anos depois, participa da Comissão de Especialistas para o estudo do saneamento das localidades do interior do Estado de São Paulo atingidas pela epidemia de febre amarela. Em 1895, muda-se com a esposa Maria da Conceição de Magalhães e a primeira filha para Botucatu, onde trabalha como médico clínico. Nessa cidade inicia as pesquisas sobre serpentes e seus venenos.

Em 1897, Vital Brazil foi nomeado assistente no Instituto Bacteriológico... 1899 foi o ano da peste. A mortandade de ratos suspeitos de serem pestosos fez com que Emílio Ribas criasse um serviço de vigilância em Santos, porta de entrada da temível epidemia. Vital Brazil foi designado para dirigir os trabalhos e, com Adolpho Lutz logo confirmaram que a alta incidência de morte no porto de Santos era mesmo devida à peste bubônica. E não só a peste... Havia suspeita de estar iniciando-se a febre amarela. Oswaldo Cruz, que acabara de retornar de um estágio no Instituto Pasteur em Paris, foi chamado para confirmar o diagnóstico: infelizmente era a peste bubônica a moléstia reinante em Santos.

Era difícil importar o soro terapêutico produzido apenas pelo Instituto Pasteur da França e pouco disponível. O Governo do Estado de São Paulo, acatando ideia do Secretário Cezário Motta, decide fundar um laboratório, sendo Ribas, Lutz, Vital Brazil e Oswaldo Cruz, responsáveis por sua instalação. Em fins de 1899 é escolhido um local bem afastado do centro da cidade: a Fazenda Butantan (do tupi-guarani: terra firme). O Laboratório foi a princípio um anexo do Instituto Bacteriológico e Vital Brazil é designado seu Diretor. Em condições modestas e precárias, numa estrebaria adaptada, inicia-se a produção de soro antipestoso.

Além de desenvolver a produção do soro contra a peste, Vital Brazil prosseguiu seus estudos sobre as serpentes visando a obtenção de soros contra seus venenos (os soros antiofídicos). Os acidentes com mordidas de cobras eram res-

ponsáveis por cerca de 5.000 mortes por ano apenas no Estado de São Paulo. Nessa época, apareciam os primeiros trabalhos do francês Albert Charles Calmette [1863-1933] que havia conseguido a obtenção de um soro contra o veneno da serpente *Naja*, natural da Indochina. Orientado por esses estudos, Vital Brazil, já em 1898, havia preparado soros contra os venenos de serpentes brasileiras.

A 23 de fevereiro de 1901, foi oficialmente criado o Instituto Soroterápico do Estado de São Paulo, o futuro Instituto Butantan.

Em junho de 1901 foi entregue o primeiro lote de soros contra a peste bubônica e que foram extremamente eficazes no tratamento de enfermos da cidade de Sorocaba. Em agosto viriam os primeiros frascos de soros antiofídicos. Quando em Botucatu, Vital Brazil constatou as diferenças entre os sintomas pelos envenenamentos pelas serpentes jararaca (*Bothrops jararaca*) e cascavel (*Crotalus terrificus*).

As pessoas picadas por jararaca apresentavam reações locais intensas e aumento progressivo da área afetada devido à hemorragia, chegando a produzir necroses locais dos tecidos. A morte é devida à coagulação sanguínea ou hemorragia. O veneno da cascavel não determina reação local nem hemorragias intensas; sua ação é sobre o sistema nervoso, produzindo distúrbios visuais, paralisia e a morte ocorre com a parada respiratória. Há ainda o veneno das cobras coral cuja ação é mais tóxica que o da cascavel, agindo também no sistema nervoso. Vital Brazil iniciou o preparo dos soros específicos para os dois tipos de peçonha: o antitotrópico e o anticrotálico. A cada veneno correspondia um antissoro específico capaz de proteger contra suas ações tóxicas.

Após sua descoberta houve o trabalho importantíssimo de instruir os homens do campo sobre a eficiência do tratamento com os soros. A ignorância era dominante, sendo necessário desfazer crendices, medos e superstições. Vital Brazil e assistentes iam a diferentes regiões do Estado visitando fazendas, vilarejos, levando caixas adequadas e laços para apanhar as serpentes. Ensinavam também as vantagens de não se matar as cobras, pois se necessitava veneno para imunização de cavalos e obtenção dos soros. Pelo envio da serpente venenosa viva ao Butantan, o fazendeiro recebia uma ampola do soro.

Vital Brazil foi um cidadão exemplar. Todas as referências apontam para um homem afável e atencioso. Desde o início de suas atividades, como o Instituto ficava em lugar de difícil acesso, decidiu, contando com sua irmã Eunice como professora, pela criação de uma escola para os filhos dos funcionários; os pais também recebiam aulas e assim, muito provavelmente, Butantan teve a primeira escola de alfabetização de adultos do mundo!

Em dezembro de 1901, Vital Brazil demonstrou na Escola de Farmácia em São Paulo, que o soro de Calmette não protegia contra o veneno de nossas

serpentes, comprovando sua descoberta sobre a especificidade dos soros antiofídicos. Relatou ainda o primeiro caso da cura de um indivíduo picado por jararaca e tratado com o soro correto e anunciou a produção do soro polivalente, mistura dos soros contra os venenos de cascavéis e jararacas para tratar casos onde a espécie da serpente era desconhecida.

Em 1915, foi convidado a participar de um Congresso Científico nos Estados Unidos. De repente vem a notícia de que um funcionário do Zoológico de Bronx havia sido picado por uma cascavel. Vital Brazil trata-o com sucesso com o soro produzido no Instituto Butantan; o fato teve enorme repercussão, sendo noticiado pelo famoso jornal “The New York Times”. Foi a consagração!...

Além dos soros antiofídicos desenvolveram-se estudos sobre os venenos de aranhas e escorpiões, obtendo-se os soros específicos. A esses somam-se as produções de soros contra o tétano e a difteria, bem como de vacinas.

Em 1919, decide deixar a direção do Butantan devido as interferências na administração do Instituto por Arthur Neiva, sucessor de Emílio Ribas como Diretor do Serviço Sanitário de São Paulo. Voltaria em 1924 para reorganizar o Butantan, permanecendo por três anos. Parte para o Rio de Janeiro e resolve fundar uma nova instituição científica, o Instituto Vital Brazil em Niterói, tendo sido seu Diretor até 1949. Sete anos depois, o Instituto foi encampado pelo Estado do Rio de Janeiro. Desde sua fundação manteve-se uma instituição voltada para o treinamento de novos cientistas e produção de imunobiológicos.

VITAL BRAZIL E AS ORIGENS DA IMUNOLOGIA: os anti-soros e a caracterização da especificidade na resposta imune.

Acompanhando a história das ciências é possível aprender e apreender sobre a inteligência, e sobre os marcos principais da trajetória da humanidade. A Ciência como atividade criativa pode gerar conhecimentos, estimular o pensamento, traçar novos rumos para a vida, explicando identidades e diferenças presentes no Universo, na Terra, entre os seres vivos, e fenômenos biológicos gerais que regem as relações celulares e moleculares.

As ciências biológicas, humanas e exatas caminharam ao longo dos tempos construindo as várias faces do saber. A experimentação é característica intrínseca à espécie humana na tentativa de entender, explicar e expressar as relações múltiplas existentes entre os diversos componentes do mundo natural. Nas ciências encontram-se correlações repetitivas associadas às complexidades dos sistemas e que conduzem às noções de espécie, célula, átomo, por exemplo, agrupamentos esses, reveladores de propriedades críticas para a funcionalidade e identidade deles.

O desenvolvimento do pensamento exige diversas instâncias de análise e síntese, portanto, bem mais do que o simples domínio de técnicas e vislumbre de novas tecnologias. Saliente-se que a tecnologia tende a esgotar-se em si mesma, contrariamente ao saber que se acumula no decorrer dos tempos. Vale ressaltar que a geração de conhecimentos não é, ou não deveria ser em essência competitiva, mas sim cumulativa. E, sobretudo nas Ciências os contextos não devem, ou ao menos não deveriam substituir ou sobrepor-se ao conceito, à explicação inventiva da realidade.

À luz destes princípios alguns dos conhecimentos produzidos no âmbito da Imunologia em seus primórdios, cujas bases remontam a cerca de 170 anos, com as produções de antissoros contra toxinas e venenos; e, ainda, os conhecimentos que estabeleceram os fundamentos da noção de especificidade da imunidade. Junto aos estudos pioneiros do russo Élie Metchnikoff [1845–1916] sobre a resposta inflamatória, outro segmento central da resposta imunologia, esses fundamentos ampliaram-se, vindo a compor a Disciplina da Imunologia, hoje indispensável ao saber biológico – médico sobre vida e sobrevivência.

Em fins do século XIX, a difteria grassava na Europa. No Laboratório de Pasteur, em 1888, Émile Roux [1853–1933] e Alexandre Yersin [1863–1943] decidiram cultivar os bacilos causadores da infecção e descobriram que o caldo filtrado das culturas era capaz de paralisar e matar cobaias. Como o líquido filtrado continuava a produzir os efeitos tóxicos, mas, colocado num meio de cultura não se reproduzia, Roux chegou à conclusão de que o bacilo diftérico produzia uma substância tóxica: uma toxina.

Nessa mesma época, no Laboratório de Koch trabalhava o médico Emil Adolf von Behring [1854–1917] que, auxiliado por Paul Ehrlich [1854–1915], procurava uma substância química capaz de curar a difteria. Não a encontrou, mas descobriu que soros de animais que haviam sido inoculados com a toxina diftérica eram capazes de neutralizar sua ação tóxica. Juntando-se num tubo de ensaio a toxina e o soro obtido e depois inoculando um animal, esse sobrevivia. Mais ainda... Se administrasse o soro antes da toxina ou mesmo a bactéria, o animal também sobrevivia: o soro era preventivo. Se administrado a animais doentes, o soro era terapêutico. Conseguiu-se produzir o soro antidiftérico em carneiros, demonstrando sua capacidade em neutralizar concentrações elevadas da toxina. Em 1891, uma criança desenganada recebeu este soro e os sintomas regrediram; o soro começou a ser produzido e usado para o tratamento diminuindo o número de crianças que morriam. Coube a Roux desenvolver a produção de soros em cavalos, o que possibilitou a obtenção de grandes quantidades e que passaram a ser empregados com sucesso. Estava, portanto, definitivamente descoberta a soroterapia e, esse princípio definitivo seria aplicado com sucesso no

tratamento do tétano, à peste bubônica e pneumônica.

Ernest Loewenstein, em 1908, foi o primeiro a mostrar que a toxina tetânica sob ação do formol perdia sua toxicidade, mas seguia capaz de imunizar animais, induzindo a produção de anticorpos. Esses estudos com a toxina tetânica foram retomados pelo cientista brasileiro José Lemos Monteiro [1893–1935] trabalhando no Instituto Butantan. Porém, foi o francês Gaston Ramon [1886–1963] quem demonstrou definitivamente que o tratamento da toxina diftérica pelo formol transforma a proteína num produto inócuo e estável, o qual denominou de anatoxina; assim, o toxóide diftérico pelo mesmo método, o toxóide tetânico.

A História da Imunologia no Brasil coincide com o princípio dessa área do conhecimento também no Velho Mundo e, tal simultaneidade será como veremos a seguir, um convite ao diálogo científico, ao embate entre evidências geradas a partir de diferentes vieses metodológicos.

A seguir, transcrevo trecho escrito pelo próprio Vital Brazil sobre o início de seus estudos sobre o ofidismo:

*Em contato constante com a gente do povo, procurando tomar conhecimento do seu modo simples de viver, de suas ideias, de suas crenças, tive oportunidade de verificar a confiança que depositavam nos curadores de cobra, como chamavam os caboclos que tratavam, por meio de raízes, os acidentados por serpentes. Os vegetais preconizados eram numerosos, quase tantos quanto os curadores. Isto me levou a pensar que talvez houvesse uma substância comum nos vegetais que explicasse a proclamada ação curativa. Resolvi a examinar a questão. Montei pequeno laboratório, acumulando raízes, caules e frutos para o preparo de extratos e tinturas, que me serviriam nas projetadas experiências. Tratei de adquirir uma serpente venenosa, uma Cascavel, que me foi fornecida por um dos caboclos curadores. As primeiras Cascavéis sucumbiram porque eram traumatizadas no momento da captura. Afinal consegui uma em boas condições, que foi colocada em caixa reforçada de madeira no meu improvisado laboratório. Era um belo espécime de Cascavel (*Crotalus terrificus*). Começou minha aprendizagem. Tive de vencer a mim mesmo, ao medo inato das serpentes. Era preciso colher o veneno em estado de pureza, em ordem a poder avaliar-lhe a quantidade. Não dispunha de aparelho de contenção. Comecei, por isso, provocando a mordedura em algodão hidrófilo, tarado; pela diferença de peso avaliava a quantidade de veneno, empregado em solução titulada. Os resultados das primeiras experiências foram negativos para diversos vegetais examinados.*

Como descrito anteriormente, foi Vital Brazil quem demonstrou, pela primeira vez, o princípio da especificidade antigênica, assinalando a necessidade de obter-se antissoros contendo anticorpos diferentes para neutralizar toxinas originárias de serpentes de gêneros distintos. Pouco tempo depois, Karl Landsteiner

publicaria seus resultados sobre os grupos sanguíneos, trabalho que viria a ser considerado o marco do conhecimento sobre especificidade antigênica, recebendo o Nobel de 1930. Não houve menção ao trabalho pioneiro de Vital Brazil.

Entre Vital Brazil e Albert Calmette travou-se o primeiro embate envolvendo um cientista brasileiro e um estrangeiro, exatamente sobre a questão da especificidade. Calmette não reconhecia que o soro contra o veneno de *Naja tripudians* era incapaz de neutralizar as atividades tóxicas de outros venenos. Apenas após os estudos de outro grande cientista que trabalhava no Instituto Pasteur de Paris Nicolas Maurice Arthus [1862–1945], que analisou as ações dos venenos das serpentes três serpentes *Naja tripudians*, *víbora de Russel* e *Crotalus adamanteus*, separando-as em três tipos, e desenvolvendo os anti-venenos correspondentes, Vital Brazil recebeu a merecida razão. Os trabalhos sobre anafilaxia de Arthus, iniciados em 1903, foram responsáveis, também, pelos conhecimentos fundamentais sobre a especificidade antigênica. Nesses, ficou demonstrado de modo claro e elegante as relações entre as ligações antígenos – anticorpos levando a formação de imune complexos, e as reações inflamatórias locais severas.

Do ponto de vista metodológico, a diferença entre Vital Brazil e Arthus por um lado, e Calmette por outro, é algo digno de uma análise em maior profundidade.

O desenvolvimento de soros antiofídicos como conduzido por Vital Brazil pressupunha um entendimento exaustivo da taxonomia, da biologia das cobras venenosas brasileiras; assim, agia e experimentava sem o determinismo, ou o imediatismo que sempre acompanhou, e continua vigorando com os pesquisadores nos países desenvolvidos. Com base na origem dos venenos e proximidade filogenética das espécies fornecedoras dos mesmos, Vital Brazil foi capaz de classificar a sintomatologia. Uma vez assinaladas diferenças relevantes quanto à ação fisiológica de venenos distintos, obteve-se a base experimental que orientou os regimes de imunização de animais para produção de soros capazes de neutralizar os diferentes venenos das principais serpentes brasileiras, para demonstração inequívoca de um princípio mais geral: o da especificidade antigênica.

Arthus se junta a este esforço de parcimônia, adicionando ao quadro sistemático, concebido e previamente testado por Vital Brazil, algumas espécies asiáticas cujos venenos se estudava na França dada sua relativa importância em algumas colônias. Calmette, antes dele, havia procedido à imunização de animais para produção de soro antiofídico a partir de pools dos venenos de espécies variadas, sem nenhuma intuição da relevância da filogenia na tipologia dos venenos. Ao ignorar a taxonomia, Calmette desenhou experimentos que o impossibilitaram de estabelecer ações típicas de cada veneno, tanto do ponto de vista sintomático, quanto fisiológico e terapêutico, passando ao largo, assim, da evidência

biológica de especificidade antigênica. Calmette ateu-se aos efeitos mais severos do envenenamento, como paradas respiratória e cardíaca, por espécies particularmente peçonhentas de ofídios. Com tal desenho experimental não pode observar variações significativas nas reações fisiológicas a cada veneno, atribuindo a pouca variabilidade na rapidez de apresentação dos sintomas drásticos à quantidade de uma suposta neurotoxina idêntica em todas as espécies.

Por fim uma Tese: a especificidade demonstrada por Vital Brazil revelou-se um conceito definitivo em várias áreas do saber biológico, ampliando-se nas várias Disciplinas biológicas – médicas, como na Imunologia, Bioquímica, Toxicologia, Farmacologia, Fisiopatologia etc. Outro aspecto importante que apreende-se sobre os fragmentos históricos aqui relatados, relaciona-se à geração de conhecimentos que, diferentemente dos impactos e modismos que contaminam as ciências, condicionam os ditos gênios que proliferam no meio acadêmico, pode realizar-se em qualquer área do saber, distante ou limitado pelas tecnologias crescentes que promovem o pior dos assédios: o intelectual. Pensar na ciência inclui o exercício da sensibilidade e da percepção. Inclui o arriscar!

Vital Brazil faleceu no Rio de Janeiro no dia 8 de maio de 1950.

Um cientista que, com raras inteligência e sabedoria, contribuiu decisivamente para o bem estar da humanidade.

UMA DEDICATÓRIA

Quando nasci, recebi num quadro a foto de Vital Brazil e abaixo a inscrição:

Ao Osvaldo Augusto, que ao nascer trouxe grande alegria ao coração do teu bisavô por ser o seu primeiro bisneto, os votos de que lhe siga as pegadas.

Após 52 anos de trabalhos em Imunogenética e Imunoquímica e, procurando gerar conhecimentos, essa dedicatória inspiradora acompanhou-me; creio que as palavras se realizaram e tentei, e ainda procuro seguir-lhe as pegadas...

Autor: Osvaldo Augusto Brazil Esteves Sant'Anna

O Instituto Butantan na Arca de Noé

A atual pandemia tem revelado a cada etapa o ecletismo e o protagonismo do Instituto Butantan graças ao papel que tem desempenhado na sua pesquisa e controle. Ao longo da história, prestes a completar 120 anos de criação, sempre foi assim, e em quaisquer de suas áreas de atuação esteve presente em surtos, epidemias - peste, tuberculose, encefalite, gripes, através de descobertas e pesquisas como a especificidade dos soros, a molécula de crotocina, a de bradiginina, o pioneirismo em BCG, biotecnologia e no registro de inúmeras patentes geradoras de futuros biofármacos.

Ao lado dessa profícua atuação, desde a sua criação, não deixou de lado o viés educativo, exercido principalmente por seu primeiro diretor Vital Brazil, que desde logo tratou de criar cursos destinados às autoridades e coordenadores de saúde bem como à população, capricho esse que se estende até os nossos dias através de um grande número de iniciativas didático culturais. É apegando-se a esse traço, que pelo seu ineditismo vivenciado invoco a presente rememoração.

Sou biólogo, cheguei ao Instituto no início da década de 1970, oriundo do Departamento de Zoologia e do Instituto Biológico, onde desenvolvia atividade de pesquisa entomológica. Convidou-me o Dr. Lauro Travassos Filho, ex-colega e chefe no Departamento agora Diretor Cultural do Instituto Butantan. - Você quer vir para o Butantan e ser o chefe do Museu? Aceitei, e depois dessa função ocupei várias outras; Diretor Cultural, Editor, criador de cursos, membro de variadas comissões, autor de inúmeros projetos e de material didático científico, que visava sobretudo fazer de minha área a interface entre o Instituto e a Comunidade, até para Diretor Substituto fui designado...

Desde aquela época, como até hoje o Museu, agora denominado Biológico, como o Serpentário era o ponto de visitação preferido dos visitantes. Éramos cinco funcionários mantendo a exposição, atendendo público geral e alunos, realizando trabalho de taxidermia e quando solicitado comparecendo às feiras agrícolas realizadas na capital e no interior do Estado. A única condição era que o convite deveria ser acompanhado da oferta de transporte e hospedagem.

Então, em meados de 1976, recebemos um invulgar convite; participar da Arca de Noé, vindo do Caio de Alcântara Machado Filho, o Caíto. A Alcântara Machado Com. Emp., era a empresa pioneira na realização de grandes feiras: Salão do Automóvel, Fenit, UD - Utilidades Domésticas, e outras, que se realizavam anualmente no Edifício da Bienal do Parque Ibirapuera, sempre com grande expectativa de participantes, público e sucesso. O local tornou-se exíguo, pretendiam ampliá-lo e transferi-lo para o novo Parque Anhembi, há pouco inaugurado, com 400 mil metros quadrados de área. E para grandes promoções procura-se grandes parceiros!

Sua proposição era a conscientização da população quanto à ecologia, a

aproximação entre o homem, os animais e o problema da poluição. Um propósito de 44 anos atrás, que se mostra válido e cada vez mais necessário nos dias atuais, violentados por sucessivos ataques à natureza.

O que nos ofereciam? Uma área de 300 metros quadrados para a montagem de *stand* e construção de um serpentário no molde do existente no Instituto. Seriam os responsáveis por fornecer toda a infraestrutura necessária; elaboração da planta, audiovisuais, gaiolas-viveiros, construção do serpentário, hidráulica e iluminação, alimentação para funcionários designados. Todas as instalações e materiais utilizados, seriam após o evento doados integralmente ao Butantan. Teríamos aproximadamente seis meses para nos prepararmos até a abertura da feira prevista para o dia 15 de dezembro de 1976.

Cientificadas a Direção, na época o Dr. Willy Beçak e o Coordenador da CST-Saúde, Dr. Otto Bier, preparamos todo o material necessário à confecção de pôsteres, painéis, vitrines, coleções de produtos e da Rev. Memórias do Instituto Butantan, enfim uma ampla gama das nossas atividades, incluindo-se a importante seleção dos animais vivos que seriam destinados ao Serpentário (cobras peçonhentas 35 e não peçonhentas 31), mais artrópodes, que seriam destinados às demonstrações que se realizariam à moda do Museu, pela manhã e à tarde, e repostos quando necessário. O técnico de Laboratório, Sr. Jurandyr Soares de Oliveira, foi designado o “gerente” da mostra tendo comparecido diariamente e designado quando necessária a presença de outros funcionários.

A exposição foi um grande sucesso, transformou-se uma verdadeira coqueluche, a tal ponto que os organizadores, ao aproximar-se o fim da mesma propuseram sua prorrogação estendendo-a até meados de fevereiro de 1977. Infelizmente, não se fizeram fotos e nos informaram que aproximadamente um milhão de visitantes estiveram presentes para observar animais vivos expostos das mais variadas formas. Ao lado do Instituto Butantan, constituíram uma grande atração os “Tubarões”, trazidos vivos em contêineres especiais e o seu aquário, com mais de um andar, teve de ser construído dentro do pavilhão, tal o seu tamanho.

O Butantan foi ainda destaque, quando se noticiou a captura de uma sucuri com mais de 5 metros e 110 kg de peso, em uma usina no rio Tietê. A Alcântara Machado se propôs a trazê-la, construindo antes um ambiente especial e seguro.

Como previsto previamente, todo o material utilizado foi destinado ao Butantan e devidamente avaliado e adaptado entregue ao próprio Museu e às Seções de Herpetologia e de Artrópodes. A sucuri retornou ao Museu com os demais animais. Transformou-se numa atração, recebendo a alcunha de Brigitte, alusão a atriz B. Bardot, que se tornara famosa na proteção à fauna.

Essa foi uma inusitada e bem-sucedida participação do Instituto Butantan, como sempre, atendendo uma demanda da comunidade.

Autor: Henrique Moisés Canter (*In Memoriam*)

COORDENADORIA DE PLANEJAMENTO DE SAÚDE - CPS

A Coordenadoria de Planejamento de Saúde – CPS consolida processos de planejamento e avaliação dos serviços de saúde bem como de seus resultados e impactos, envolvendo as três esferas de Gestão do Sistema Único de Saúde – SUS, ou seja, Municípios, Estado e União.

Tem como atribuições selecionar, em conjunto com as demais Coordenadorias, indicadores de saúde e de qualidade de vida, de acordo com o perfil epidemiológico da população, bem como indicadores de produtividade e de qualidade para serviços de saúde; colaborar para o desenvolvimento de projetos realizados pelas demais Coordenadorias; acompanhar e avaliar os resultados dos projetos realizados; fornecer subsídios para a definição da política estadual de informações do setor saúde; produzir informações, indicadores de saúde e elaborar análises necessárias. Também, mantém sob sua coordenação áreas técnicas para acompanhamento de Políticas Públicas específica para segmentos da População do Estado de São Paulo.

Silvany Lemes Cruvinel Portas
Coordenador de Saúde

Ferramenta de gestão participativa

Em busca de mais qualidade na assistência à saúde, a Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo implantou em 2008, o **Projeto de Pesquisa de Satisfação do Usuário SUS**. A Pesquisa foi um instrumento adotado pela Secretaria, com o principal intuito de conhecer o grau de satisfação dos pacientes que se utilizaram de serviços de saúde do SUS/SP sob a ótica da percepção do usuário.

Esta Pesquisa utilizou o método de encaminhamento de cartas padrão aos usuários de unidades de saúde, cujos atendimentos haviam sido registrados nos sistemas de informação oficiais do SUS. As cartas continham informações sobre os procedimentos de saúde realizados e solicitavam resposta, por meio de “Cartão Resposta” (impresso), por telefone ou meio eletrônico, sobre questões simples e padronizadas (múltipla escolha). Algumas das questões só para ilustrar: avaliando a qualidade e veracidade das informações geradas pelo hospital, avaliando o tem-

po de acesso, a equipe, o local de internação, questões de humanização ligadas ao parto, por exemplo, se foi permitido acompanhante durante o trabalho de parto, no lote sobre vacinação, se os horários de vacinação nos postos públicos eram adequados, entre outras.

A pesquisa permitiu também a identificação de possíveis irregularidades na prestação de serviços ao SUS e além disso reconhecer publicamente os hospitais melhor avaliados pelos pacientes (por meio de premiação específica criada com esta finalidade) o que gerou interesse dos hospitais que passaram a solicitar os resultados da pesquisa, os critérios e utiliza-los como ferramenta de gestão.

Os procedimentos de saúde escolhidos foram as Internações (com um destaque para partos hospitalares), Procedimentos Ambulatoriais de Alta Complexidade como, por exemplo, os Medicamentos do Componente Especializado da Assistência Farmacêutica e posteriormente uma pesquisa inédita sobre o nível de satisfação das mães em relação à imunização.

Na época, em entrevista ao jornal Folha de S. Paulo o então Secretário de Estado da Saúde de São Paulo, **Dr. Luiz Roberto Barradas Barata** disse “Neste ano em que o SUS (Sistema Único de Saúde) completa 20 anos, chegou a hora de ampliar o espaço para que os cidadãos atendidos pela rede pública possam manifestar sua opinião quanto ao atendimento oferecido pelos hospitais estaduais, municipais, federais e filantrópicos do Estado de São Paulo”.

Desde o início do projeto em fevereiro de 2008, até a primeira quinzena de dezembro 2008, foram postadas 1.476.527 cartas/pesquisa, com respostas em média de 19,3%, sendo destas 36,8% por telefone, 18,8% por meio eletrônico e 44,4% por carta. Do total de cartas recebidas, cerca de 0,5% (aproximadamente 1.250 cartas) foram respondidas de forma espontânea, sem seguir o formulário e na grande maioria manuscrita, com anotações na carta resposta ou em outro papel colocado na mesma correspondência relatando suas impressões, agradecimentos, reclamações, pedidos pessoais, entre outras colocações.

Observou-se que os usuários espontaneamente demonstraram interesse e se expressaram fora do padrão estabelecido na pesquisa, assim oportunizando a liberdade de expressão.

As demandas recebidas e que diziam respeito às questões afetas a SES/SP foram direcionadas para os órgãos técnicos competentes a fim de se obter manifestações pertinentes e ou auxílio ao subscritor. Com relação àquelas demandas que tratavam de assuntos não relacionados à área da Saúde, foi estabelecido um canal de comunicação junto ao Departamento de Gestão Técnica e Administrativa da Casa Civil para que estas manifestações fossem cadastradas junto ao Portal de Relacionamento com os Cidadãos e Terceiro Setor e tivesse sua tramitação via WEB, junto às demais Secretarias do Governo do Estado de São Paulo.

Foram inúmeras cartas com histórias dramáticas, tocantes e emocionantes que encheram o nosso coração de tristeza. Outras cartas peculiares como, de uma senhora que pediu uma cirurgia plástica para poder arrumar um namorado.

Esses relatos chamaram a atenção de uma colega de trabalho, que colaborava na leitura e encaminhamentos das cartas, pois estava se preparando para uma Tese de Mestrado em Saúde Coletiva e se baseou nessa demanda espontânea para elaborar sua tese “O outro lado da pesquisa de satisfação SUS: O que mais quer dizer o usuário?” Um dos objetivos da tese era analisar o tema qualidade e satisfação do usuário à luz do discurso espontâneo, como instrumento de construção de uma ação interdisciplinar de saúde.

A Pesquisa de Satisfação do Usuário do SUS, que teve no total quatro edições, possibilitou de forma inovadora que os usuários do SUS tivessem acesso a um canal de comunicação com o Sistema e através dele pudessem manifestar sua satisfação ou não com o atendimento recebido. Ela alcançou seu objetivo, pois ofereceu aos profissionais envolvidos ferramentas que possibilitaram o planejamento, avaliação e monitoramento da qualidade nos serviços prestados pelo SUS/SP. Os resultados foram publicados e **foi uma rica experiência fazer parte deste Projeto.**

Autora: Dalva Regina Massuia

Mais que um trabalho, uma grande experiência de vida

Minha jornada profissional na Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo se iniciou no dia 27/10/1980. Estatística recém-formada, em busca do meu primeiro emprego prestei o concurso público aberto naquele ano e de repente veio a notícia: aprovada! Tomei posse ainda muito insegura, pois esta decisão não seria apenas o início da minha trajetória profissional, mas significava também uma grande mudança em minha vida: sair de Itatiba, cidade do interior onde nasci e tinha vivido até então e vir para a grande Capital São Paulo, algo que nunca tinha feito parte dos meus planos nem dos meus sonhos. Mas eu precisava iniciar na profissão que havia escolhido (imaginem, Estatística em 1980!), algo relativamente novo, um mercado que começava a se abrir e que eu tendo sido aprovada no concurso não poderia não aceitar. Vencendo muitos medos resolvi então tentar, estimulada principalmente pelo meu pai que com toda sua sabedoria me fez acreditar na honra que era ter um emprego público. E lá se vão 40 anos!!! Ainda me lembro do primeiro dia: da calçada do

outro lado da rua olhei maravilhada para o prédio da Av. Dr. Arnaldo, 351 e fui me apresentar no 6º andar; ali ficava o Centro de Informações de Saúde - CIS, meu novo local de trabalho, juntamente com o Centro de Vigilância Epidemiológica. Fui procurar meu diretor e passando em cada sala eu me espantava com a quantidade de papéis e processos em cima das mesas, as Fichas de Notificação de Doenças da Vigilância Epidemiológica, pessoas em reunião, outras saindo de uma sala para outra com documentos nas mãos e aí tive a PRIMEIRA certeza que me acompanha até hoje: de que os funcionários públicos trabalhavam muito mesmo que as condições não fossem as mais favoráveis. Lembrando que em 1980 não havia microcomputadores, planilhas eletrônicas ou qualquer “modernidade” destas que hoje estão ao nosso alcance em todos os lugares. Existiam computadores de grande porte e estes ficavam num único lugar no Estado que era a Prodesp, mas todo trabalho era feito praticamente à mão. Comecei então no chamado “Grupo de Produção” do CIS que preparava os Boletins Mensais para divulgação de dados e estatísticas usando ainda máquinas de calcular. E era destes Boletins que saíam as informações de tudo que acontecia nos Centros de Saúde Estaduais: atendimentos médicos e odontológicos, vacinas aplicadas, gestantes e crianças atendidas, etc. Em poucos meses eu já estava completamente envolvida pelo trabalho que no final sempre me encantou. Toda minha vida profissional foi desenvolvida dentro da Secretaria da Saúde e sempre na área de Informação. E quanto aprendizado diário esta vida me deu! Conheci pessoas incríveis e grandes nomes da saúde pública, fiz amigos queridos, vi a Secretaria se transformando em termos de estrutura com suas Regionais de Saúde (era DRS, depois ERSA, depois DIR, DRS novamente, mas com outra designação), a criação das Coordenadorias, enfim todas as mudanças ao longo de 40 anos! Pude acompanhar a chegada dos microcomputadores e toda revolução provocada por eles: as compras de equipamentos, treinamentos, como operá-los, onde iriam ficar e principalmente os técnicos tendo que aprender muito e rapidamente buscando novas formas de trabalho. O CIS do início em determinado momento passou a fazer parte da Coordenadoria de Planejamento, depois foi extinto, mas a área de Informação ali se manteve. Pude acompanhar de perto ideias e projetos importantes serem plantados, crescerem e se solidificarem. Mas para mim não há exemplo maior de uma experiência magnífica do que ter podido ver e acompanhar passo a passo a construção do SUS – Sistema Único de Saúde. Foram anos e anos de trabalho intenso, de muitas mudanças, de discussões acirradas, estudos, incertezas, erros e acertos, mas aconteceu e está aí para todos! De início veio o SUDS – Sistema Unificado e Descentralizado de Saúde que foi se transformando até que se estabelecesse de verdade a maior de todas as políticas públicas de saúde – o grande SUS. E tudo isso pedia transformação, especializações, leituras, muito estudo

para poder entender o que se apresentava em São Paulo e no Brasil, participar e até de alguma forma poder contribuir. Foi muito aprendizado: tinha feito o curso de Saúde Pública que me trouxe a grande paixão pela área, participei de milhares de grupos técnicos, comissões, encontros, congressos, seminários e conheci profissionais maravilhosos que de fato fizeram a diferença por onde passaram. E muitos, mesmo sem saber me ensinaram sobre perseverança, persistência, importância de lutar por seus ideais mesmo em condições adversas e principalmente não desistir nunca! Ter minha trajetória profissional toda construída na Secretaria de Estado da Saúde me ensinou muito sobre propósito e valores. Praticamente tudo que aprendi até hoje devo a esta minha trajetória pela SES. E me orgulho muito disso!

Autora: Mônica Aparecida Marcondes Cecilio

COORDENADORIA DE RECURSOS HUMANOS - CRH

A Coordenadoria de Recursos Humanos - CRH da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo - SES/SP faz a coordenação da gestão de pessoas de um quadro aproximado de 41 mil funcionários além de processar documentação de interesse de outros sete mil funcionários inativos.

Compete também a CRH a orientação das políticas de recursos humanos da SES/SP desenvolvendo mecanismos que permitem agilidade nos processos administrativos, além de coordenar a política de educação permanente em saúde do Estado de São Paulo.

As ações da CRH são voltadas para o público interno da SES/SP e orientadas, conceitualmente, por uma Política de Gestão de Pessoas que engloba: Sistemas de Trabalho; Capacitação e Desenvolvimento; e Qualidade de Vida e Bem Estar, visando oferecer um trabalho de qualidade para a melhoria constante da saúde da população do Estado de São Paulo.

Considerando a política de gestão de pessoas, se observado o eixo da “Qualidade de Vida e Bem Estar” as narrativas aqui apresentadas retratam o cuidado com quem promove o cuidado aos usuários do SUS/SP, destacando a importância da manutenção de um ambiente positivo e de oportunidades.

Maria Aparecida Novaes
Coordenadora de Saúde

A vida é um aprendizado

Meu nome é Nilda, trabalho no Centro de Pessoal da Administração Superior e da Sede, da Secretaria da Saúde, iniciei exercício em 1984, na Central de Triagem e Acompanhamento - CETREM, da Secretaria de Desenvolvimento Social, naquela época o Governo de São Paulo, instituiu o Programa “Operação Inverno”, e eu era responsável pelo plantão noturno, saíamos para as ruas de São Paulo, muitas vezes acompanhados por uma viatura policial, na tentativa de recolher as pessoas que viviam em extrema carência material e psicológica, afim de serem encaminhadas ao alojamento da CETREM, onde eram acolhidos, recebiam roupa, alimentação, higiene pessoal, atendimento so-

cial e para quem precisasse, passagem de retorno a cidade natal.

Neste período, trabalhando com pessoas carentes, tive a oportunidade de descobrir um mundo muito diferente do que eu conhecia, me tocava profundamente essa situação de pobreza extrema e o esforço de todos para fazer a diferença para essas pessoas, com certeza cresci como pessoa e como profissional.

Alguns anos depois, fui trabalhar na área de Recursos Humanos e nunca mais sai, fui aprendendo ao longo do tempo trabalhar em equipe, ouvir, resolver questões e conflitos, hoje tenho definido meu papel nesta área, hoje.

Lidar com pessoas sempre será um desafio, mas solucionar problemas com o suporte adequado é prazeroso e nos fazem melhores.

Gosto do que faço e procuro fazer bem, fui bem preparada e orientada para o trabalho que realizo.

Autora: Nilda Rosa dos Santos

Se chorei ou se sorri, o importante é que emoções, eu vivi!

Até hoje, eu agradeço a Deus, todos os dias, pelo meu trabalho, a Coordenadoria de Recursos Humana, mais conhecida como CRH, foi meu primeiro e único emprego.

Eu estava passando por momento difícil financeiramente, não arrumava emprego, quando um anjo do senhor, que tinha uma filha na creche, com minha filha, me avisou que estava tendo concurso público, na Secretaria da Saúde.

Fiz a inscrição, o concurso e logo veio o telegrama, para fazer a prova de datilografia (onde os jovens de hoje em dia, nem imaginam, como era a sensação de fazer um teste, com várias máquinas, batendo papel ao mesmo tempo). Lembro que carrego em minha memória, a adrenalina que vivíamos, em saber quanto tínhamos acertado, se fomos aprovados ou não.

Enfim, após 30 longos dias, recebia o tão aguardado telegrama, dizendo, por favor, comparecer a Rua Rego Freitas, com a documentação necessária.

Ali eu chorava de emoção, pois estava entrando no serviço público do estado.

Fui trabalhar com pessoas simplesmente maravilhosas, onde ali nos divertíamos muito, levo na lembrança o carinho da Alexandra, Silvana, Alessandra, Sandra Regina, Zenalva, Rachel, Ricardo, Luiz Fernando, Aída, Bethânia.

Tínhamos a responsabilidade no âmbito do trabalho, mas mantínhamos uma grande amizade fora também, afinal éramos jovens, viajávamos, curtíamos a

vida. Assim foi durante alguns anos, mas com o tempo, tudo foi se distanciando. Silvana prestou outro concurso e foi embora, Ricardo pediu demissão voluntária, Luiz, Alexandra, Aída, Bethânia, Rachel e eu, fomos prestar serviço no Poupatempo, cada um em uma unidade diferente, Zenalva, Alessandra e Sandra Regina foram trabalhar em outras unidades, vinculadas a Secretária da Saúde.

Vi assim nossas vidas sendo separada, pois cada vez mais o tempo era cruel, começava ali a nos separar, não encontrávamos tempo, o tão cruel tempo, pelo menos para um café. Onde antes encontrávamos tempos para viagens, foi dando espaço a outras prioridades e maiores. Mal tínhamos tempo para um telefone, assim foram anos e anos.

Assim como encontrei amigos na Secretaria da Saúde, também fiz no Poupatempo, onde também fui muito feliz. Em janeiro de 2010, retornei à Secretaria da Saúde, onde me senti como sempre acolhida, pelos antigos colegas que continuaram. Assim como eu, voltaram como ironia do destino, Rachel, Alexandra, Luiz, Aída, Bethânia, todos prestadores de serviço no Poupatempo.

Não serei hipócrita em dizer que foram anos e anos de pura alegria, tive sim como todo ser humano tem seus dias de glória, mas também de derrota. Se chorei????? Muitas e muitas vezes, mas termino essa história dizendo que foi aqui na Secretaria da Saúde, que encontrei o grande amor da minha vida e em 2017 tive o prazer de me casar com ele. O importante senhoras e senhores, que emoções eu Vivi!

Autora: June Meire Goulart Santana

Primeira experiência

Durante 35 anos meu pai foi funcionário público da área de ciência e tecnologia.

Aos sábados e domingo quando ele tinha que trabalhar, fazendo extra, eu e minha irmã íamos com ele, ficava encantada com tudo aquilo. Em 1994, me tornei servidora pública da área da saúde, onde desde então trabalho como oficial administrativo, na Coordenadoria de Recursos Humanos. Fui muito bem recebida, no entanto na ocasião não havia programa de integração ou qualquer coisa parecida. Recordo que havia um único computador na seção, o qual era compartilhado por quase todos os funcionários do setor, lá em 1994, a grande parte dos serviços eram executados por meio de máquina de escrever, tanto nas mais mo-

dernas que eram eletrônicas e quanto nas mais antigas. O computador era algo que fugia dos meus conhecimentos, estava tão perto e tão longe. Foi então que observei o domínio que uma colega de trabalho tinha com o computador, o que na época só algumas poucas pessoas é que sabiam mexer. Pedi para que ela me ensinasse a operar aquela máquina, que ao meu ver era fantástica e que eu nunca havia tido oportunidade de aprender. Esta minha colega de trabalho ficava comigo uma hora a mais todos os dias para me ensinar. Aos poucos fui dominando o que achava extremamente difícil; até que um dia minha diretora que percebeu meu empenho em aprender me deu uma tarefa, ” ... Você tem o dia todo para digitar este texto, preste atenção, faça com calma e me entregue ao final do dia.”

Senti meu rosto queimar e tinha as mãos tremulas, onde quase não acertava as teclas para formar as palavras. Minha colega (a que me ensinava a digitar) passou do meu lado e tranquilamente disse bem baixinho “Você consegue, confia” e mesmo sentindo que o computador poderia me engolir, finalizei o texto. Sim, tive alguns pequenos erros, mas foi uma das melhores experiências na que tive na época. Os anos foram passando, fui me aperfeiçoando cada vez mais, com o tempo o número de computadores aumentou para suprir a demanda trabalho que expandiu.

Hoje a situação passou a ser outra, não lembrando em nada quando ingressei no serviço público, pois cada servidor tem o seu computador para trabalhar.

Autora: Elisabete Cristina dos Santos

Minha vida na Secretaria da Saúde

A minha vida no Estado teve início em novembro de 1971, quando prestei concurso para o cargo de Fiscal Sanitário, junto a Secretaria de Estado da Saúde, o qual passei em segundo lugar. Tal concurso seria para preenchimento de vagas junto ao Centro de Saúde I, do Braz.

O Dr. Maurílio, a época diretor do Departamento Regional de Saúde da Grande São Paulo- DRSI, situado à Rua Conselheiro Nébias, bairro Santa Cecília, convocou os seis primeiros colocados para uma reunião. Nessa reunião ele nos pediu para que se possível ajuda-lo, isto é, trabalhar na cidade de Mauá, por uns 90 (noventa dias).

A época morava no bairro do Tatuapé, e para chegar até Mauá tínhamos que pegar o trem na estação do Brás, às seis horas, para que ele chegasse em Mauá

por volta das seis e quarenta e cinco, uma vez que nosso horário de trabalho era das 7 até as 16 horas, visto que o trem saía de Mauá às 16.30 horas. O pedido foi para prestar serviço por 90 dias. Porém ficamos na cidade de Mauá por três anos.

Naquela época o pagamento era feito pela Secretaria de Estado da Fazenda e demorava normalmente de três a quatro meses. Passado esse tempo fomos a Secretaria de Estado da Fazenda para receber o pagamento, porém não tinha nada a receber, ficamos então preocupados e sem saber o que fazer. Procuramos por todos os lados e nada, o tempo ia passando, nesse caso passaram-se 08 (oito) meses e nada de pagamento.

Preocupados com a situação num certo dia ficamos o dia todo na Secretaria de Estado da Fazenda, para poder resolver a nossa situação, foi quando um funcionário vendo a nossa situação se comoveu e ficou de resolver o problema. Três dias depois fomos chamados na Secretaria de Estado da Fazenda, e lá fomos informados que os nossos holerites eram enviados para o Centro de Saúde do Brás, e este, devolvia informando que não havia nenhum funcionário com esses nomes.

Esse tal funcionário que se comoveu com a nossa situação resolveu tudo e nos deu os holerites de pagamentos, pois naquela época o pagamento era feito na Secretaria de Estado da Fazenda, foi um alívio, recebemos os nossos pagamentos.

Ficávamos no Centro de Saúde o tempo todo,ajeitando as filas para a vacinação, fazendo o cadastro de cada pessoa e crianças para a vacinação, esta era da tríplice.

Quando das vacinações da Sabin, íamos de jeep, na periferia da cidade vacinar as crianças, e num dado dia quando chegávamos para vacinar fomos recebidos com pedradas e pauladas, pois tinha uma criança com deficiência, que os pais alegavam que era por causa da vacina, tivemos que sair correndo para não apanhar.

Em um certo dia o diretor recebeu um telefonema de que numa olaria havia crianças tomando a mesma água dos cavalos, fomos designados para ir ao local, lá chegando tivemos que sair correndo outra vez porque fomos recebidos como se fossemos bandidos, os moradores encontravam-se armados com foice e martelo.

Numa segunda feira, quando chegamos ao Centro de Saúde, o Diretor nos chamou e disse que tínhamos que ir ao Centro de Saúde I, na Rua Eduardo Prado, no Bairro de Santa Cecília, pois havia uma reunião para todos nós, lá chegando deparamos com um contingente do Exército Brasileiro, e a reunião era em virtude do surto de meningite que assolava o Estado de São Paulo.

Diante do problema fomos enviados para todas as cidades do interior de São Paulo, vacinando todas as pessoas com o PED-O-JET *, voltando para casa somente após 40 (quarenta) dias. Vacinávamos todas as pessoas, inclusive os presos que se encontravam nas cadeias, foi um trabalho muito intenso e cansativo.

De Mauá fui para Rio Grande da Serra, lá fiquei por 8 (oito) meses, de pois fui transferido para Diadema, permanecendo neste local por um ano, a seguir para Americanópolis, e depois para Cupecê e Jardim Miriam, onde trabalhamos num posto de Saúde, e éramos colocados num porão pois não havia lugar para nós na sala.

Passados dois anos fomos transferidos para Santo André, lá permanecendo por mais ou menos 1 ano e meio, sendo transferidos para São Caetano do Sul, onde trabalhamos no centro de Saúde por 2 anos.

Passadas essa época fomos transferidos para o Jabaquara, onde trabalhávamos no Centro de Saúde da Av. Ceci, vacinando as crianças e fazendo os relatórios dos serviços efetuados.

Num determinado dia o diretor recebeu um telefonema de que havia pessoas matando boi e porco no Centro da Cidade, e lavando com água de córrego, o Diretor reuniu uma equipe e fomos ao local, lá chegando fomos recebidos da pior maneira possível, as pessoas armadas com facão vinham para cima de nós saímos correndo e pedimos apoio á policia, esta demorou quase três horas para chegar, nós já não estávamos mais no local, pois se ali permaneceríamos iriamos ser trucidados.

Houve na época um surto de cólera, e nos fomos deslocados para as rodoviárias e aeroportos, onde fazíamos as averiguações das comidas, banheiros e demais acomodações e os médicos e enfermeiros, examinavam os passageiros.

Passaram-se três anos fomos transferidos para o Centro de Saúde I, no Bairro de Santa Cecilia, onde lá ficamos por mais ou menos dois anos, vacinando as pessoas e fazendo o cadastro de todos.

Após esse período fomos transferidos para São Miguel, onde havia muita enchente e sujeira em demasia, a nossa missão era orientar a população para evitar jogar lixo nos córregos, pois isso só trazia doença. Trabalhávamos bastante, mas sempre mal atendidos e ameaçados.

A seguir fomos transferidos para o Centro de Saúde da Penha, onde permanecemos por uns anos, quando o nosso cargo foi extinto. Ficamos no C.S. só fazendo controle de fichas das pessoas que se vacinavam.

Um belo dia um colega me convidou para trabalhar na Unidade Processante Permanente, na Av. Dr. Arnaldo, fui e fiquei até a minha aposentadoria em 09/06/2007, pois a UPP, foi transferida para a Rua Pamplona, e eu na época era comissionado e não me deixaram sair. Ficamos sem trabalho por umas duas semanas, quando nos indicaram para falar com o Sr. Nivaldo, a época Diretor do Grupo de Gestão de Pessoas da Coordenadoria de Recursos Humanos, este nos locou para o Departamento de Consolidação das Leis, onde permaneço até a presente data.

Autor: Angelo Antonio Rito Netto

Um breve relato de minhas experiências vividas na SES

Tudo começou há quase cinquenta anos... Ingressei no serviço público admitido a título precário.

Naquela época o provimento de cargos era feito mediante “concurso público” que era centralizado em um órgão chamado DAPE – Departamento de Administração de Pessoal do Estado. Mas, no meu caso, foi processo seletivo que me garantiu uma situação a “título precário”... resumindo, era só um prestador...

Em 1974, com o advento da Lei 500, passei a condição de caráter temporário.

O servidor, em regra, permaneceria apenas dois anos na função, porém, em 1978 sobreveio a Lei Complementar 180/78 que, além de revogar esse dispositivo que dispunha sobre a bialidade do regime, ainda estendeu outros benefícios, como o ATS e a evolução funcional pelo sistema de pontos.

Mas, como iniciei... Escriturário, na área de “Material e Patrimônio”... Na época cuidávamos de todo o suprimento... Inclusive do abastecimento de medicamentos para a rede básica... a Regional tinha 17 Municípios (Unidades básicas) e eu participava das previsões, consumo médio trimestral, planejamento... muito atrativo. Fiquei três anos a nível Regional, até que, em 1977 fui transferido para São Paulo. Fui parar na área de Epidemiologia... Naquele mesmo ano foi criado o Centro de Informações de Saúde – CIS, onde era feito todo o controle e notificação de doenças transmissíveis do Estado... Surgiu ali o primeiro Sistema de Vigilância Epidemiológica.

Permaneci ali por alguns anos, até que surgiu a oportunidade de prover um “cargo efetivo”. O Concurso foi na então Coordenadoria de Recursos Humanos do Estado – CRHE, na extinta Secretaria da Administração. “Auxiliar de Técnico de Administração”.

A meu pedido, o então Secretário da Saúde solicitou a minha transferência de volta para a Saúde... fui parar na área de Seleção (Recursos Humanos).

Foi nessa ocasião, meados dos anos 80 que ocorreu uma grande reestruturação da Secretaria, que passou de 18 Departamentos Regionais para 65 Escritórios Regionais de Saúde – ERSAs. Cada ERSA, cada Hospital, cada Instituto de Pesquisa com uma estrutura de Recursos Humanos, e os nossos contatos eram muito intensos, pois as ações desenvolvidas naqueles níveis tinham que ser uniformes e coesas o que nos dava no nível central uma natureza de quase onipresença, rendendo grandes aprendizados. Treinamentos, palestras onde levávamos para a rede uma gama de informações, e esse contato, essa relação cariciosa e parceira nos rendia precioso alicerce de dados oriundos das diferentes realidades de cada região. E era nesse clima de troca que íamos crescendo juntos e ampliando nossos conhecimentos.

Assisti uma Divisão de Pessoal vinculada ao Departamento de Administração da Secretaria se transformar em um Departamento de Recursos Humanos-DRHU (Decreto nº 22.527/84) e, posteriormente, tornar-se Coordenadoria de Recursos Humanos – CRH (Decreto nº 33.409/91).

Em 1987 fui parar no Centro de Legislação de Pessoal, embora não tivesse nenhuma intimidade com as leis.

Mas comecei a gostar. Logo eu estava participando da elaboração de projetos de Leis, Leis Complementares, Decretos, Resoluções...

Fui designado para o cargo de Administrador Chefe.

A investidura no cargo de Executivo Público ocorreu em 1992. Prestei o concurso, à época com a denominação de “Agente do Serviço Civil”. Fui nomeado e, em 1993, com o advento da Lei Complementar 712/93, teve a denominação alterada para “Executivo Público”.

Naquele ano eu já ocupava a Diretoria de um Grupo Técnico e, com o decorrer do tempo, sob a Coordenação do grande parceiro Volnei Gonçalves Pedrosa, passei a gerenciar o Departamento de Legislação de Pessoal, cargo em que permaneci por doze anos.

Devo dizer que inclusive a relação com o SINDSAÚDE chegou a render bons resultados.

Finalizando, minha formação é Administração de Empresas, pelas Faculdades Osvaldo Cruz, com Especialização em Gestão de Serviços de Saúde, pela FSP-USP, Gestão de Recursos Humanos e Gestão de Políticas Públicas.

Aguardo tranquilamente a publicação da minha aposentadoria, com a grata sensação de dever cumprido e muito feliz por sentir que agi e interagi com pessoas maravilhosas da nossa rede de saúde e também de outras Pastas, cujo carinho e apreço é indiscutível, o que fez com que tudo valesse a pena.

A aposentadoria ainda não saiu, mas chegou a “pandemia do Coronavírus”... se sair a aposentadoria agora, não me importo em permanecer por algum tempo dando a minha contribuição.

Autor: Nivaldo Damaceno Teixeira

COORDENADORIA DE CONTROLE DE DOENÇAS - CCD

A Coordenadoria de Controle de Doenças - CCD é responsável pelas ações de vigilância em saúde bem como pelas políticas públicas de prevenção e proteção à saúde, educação e divulgação científica, planejando ações que proporcionam a construção e aplicação do conhecimento em saúde pública em prol da melhoria da qualidade de vida da população do Estado de São Paulo.

Para alcançar a missão e visão esperadas, a CCD possui instituições que desenvolvem atividades de vigilância de doenças e agravos, diagnóstico laboratorial, imunização, formação e pesquisa, inspeção sanitária, gestão da qualidade, entre outras. À CCD cabe a coordenação dessas instituições, promovendo o trabalho integrado e articulado com o objetivo de assegurar uma vigilância em saúde robusta que garanta a universalidade, equidade e integralidade nos serviços e ações de saúde.

Regiane A. Cardoso de Paula
Coordenadora de Saúde

Castelinho da Saúde

Lembro como se fosse hoje que ao ser levado pelas mãos cuidadosas de minha mãe, nos verdores da minha infância, a adentrar os portais daquele imponente palacete centenário, tão magnificamente erigido na Avenida Peixoto Gomide, esquina com a rua Benjamin Constant; o qual tudo me impressionava pelo seu extremo requinte; resquício da áurea época econômica do algodão, em nossa região. Este imóvel competia pelo igual esplendor arquitetônico com o pavilhão majestoso das três escolas públicas situado nesta mesma avenida, símbolo tradicional de Itapetininga.

O meu olhar de menino maximizava as dimensões do gradil em ferro bem tramado que cercava aquela bela mansão; bem como eu visualizava suas grandes portas e seus imensos janelões, como se parecessem maiores do que realmente eram, pois assim ficaram fotografados em minha mente pueril; sem dizer a altura que eu percebia ter os degraus da portentosa escadaria que me conduzia à balaustrada do pavimento superior desta suntuosa edificação; não pensem que

eu era um ilustre visitante ou mesmo que tivesse parentesco com os donos desta residência, por ter livre acesso às suas dependências; porque ela não era mais uma propriedade particular, mas sim um prédio público, pertencia ao patrimônio imobiliário do Estado de São Paulo.

Minha mãe me conduzia a este belo sobrado para eu tomar minhas vacinas periódicas; ali funcionava na época, o Centro de Saúde; confesso que esta magnífica casa me atraía sobremaneira devido ao seu maravilhoso estilo neoclássico, porque as habitações antigas e requintadas sempre me fascinaram; mas uma preocupação advinha, no meio de tanta beleza arquitetônica, era o objetivo precípuo de eu estar naquele local: a tal picada da injeção. Um friozinho na barriga tomava conta de mim ao entrar na sala de vacinas, pois ao ver aquelas senhoras em seus uniformes brancos, era o mais que suficiente para o disparo do gatilho do medo de ser espetado pelas ameaçadoras agulhas tão doloridas em minha carne; que na realidade não eram tão doloridas assim, mas o imaginário infantil exacerbava também estas sensações e imagens.

Após ser atendido em minhas vacinas e superado o temor e cessado o choro; minha mãe cobria-me em agradados e direcionava até o jardim para eu ver a fonte que ornamentava os arredores do lugar, em que uma estátua de um menino de cimento todo peladinho jorrava água pelo sexo; esta fonte caracterizava uma cena pitoresca daquele inesquecível logradouro.

Este cenário de saúde pública e de salutar saudosismo infantil também ia me acompanhar em outras fases da minha vida; visto tão logo entrar nos meus dezoito anos e necessitando fazer minha tipagem sanguínea para expedição do meu certificado de reservista, retornaria ao “Castelinho da Saúde”, nome que carinhosamente dei aquele solar, que foi o domicílio das minhas vacinas, pois lá, naquele tempo, funcionava o Laboratório Adolfo Lutz de Itapetininga o qual prestava esse tipo de procedimento, dentre outros tantos exames e análises clínicas; e ao adentrar aquele espaço familiar me voltariam as lembranças das acolhedoras enfermeiras do suntuoso Centro de Saúde de outrora.

Dentista me formei; funcionário público me tornei, e ao contar com meus trinta e dois anos de carreira profissional; hoje trabalhando na função de técnico em vigilância em saúde; momento em que o destino veio compactuar para que a minha sede de lotação tivesse o endereço no antigo “Castelinho da Saúde”; o mesmo do Centro de Saúde da minha infância e do Laboratório da minha adolescência; pois já faz alguns bons anos que o Sub Grupo de Vigilância em Saúde se encontra sediado nesta histórica casa.

Na contemporaneidade, merecidamente o Castelinho passou recentemente por uma reforma; interpreto como reconhecimento de sua parceria constante com a saúde; seu telhado foi refeito; suas paredes foram cobertas por nova pintu-

ra; pisos/revestimentos e louças sanitárias foram substituídos; enfim o tradicional casarão foi revitalizado e dignificado. O apelido que dei a ele, lhe faz jus; de fato é o Castelinho da Saúde!

A importância deste especial casarão da minha infância, da minha adolescência e atualmente da minha maturidade representa, além da estética arquitetônica; no conceito deste veterano profissional de saúde: significa ser sobretudo, um símbolo ideológico e filosófico da Saúde Pública, isto é, uma construção civil a serviço exclusivamente da população; em suas diversas fases históricas, ao ter sido transformado em um palco atuante de prevenção, assistência e monitoramento da saúde coletiva paulista por tantos anos de sua existência, pois por ele passaram expoentes sanitaristas e competentíssimos profissionais que ajudaram a escrever a honrosa história sanitária da nossa região.

Autor: José Geraldo Fogaça de Almeida

Hanseníase - Vidas Veladas. Pensão 11.520 - sonhos realizados!

Em 2007 começamos aqui no Programa Estadual de Controle da Hanseníase em São Paulo com uma nova missão frente aos ex pacientes de hanseníase: a Lei nº 11.520 de 18/09/2007 que dispõe sobre a concessão de uma pensão especial (vitalícia) às pessoas atingidas pela hanseníase que foram submetidas ao isolamento e internação compulsórios em asilos-colônia desde a década de 30.

Nossa sala parecia uma “linha de produção”, pois realizávamos diversas etapas de pesquisa de dados. Primeiramente examinávamos a relação dos nomes dos pacientes de hanseníase notificados desde 1924 (lista da PRODESP) procurando o nome completo dos casos notificados no Estado de São Paulo; fazíamos a consulta dos microfiches com o auxílio da leitora de microfiches; solicitávamos cópias xerográficas ao Museu Emílio Ribas (único arquivo vivo e físico no mundo) e autenticávamos as cópias recebidas para a formação de um processo e este encaminhado para a Comissão Avaliadora da Secretaria de Direitos Humanos do Ministério da Justiça. De 2007 a 2020, nossa mesa de reunião se transformou em um lugar de conhecimento: dos sofrimentos, amarguras em diferentes situações, das histórias de preconceito, separações, de humilhações por parte da “sociedade sadia” para com os pacientes de hanseníase.

Ouvimos várias histórias que contavam a ruptura dos laços de família, aonde

a viatura do DPL (Departamento de Profilaxia da Lepra) vinha buscar e “caçar” os pacientes em suas casas e ateavam fogo nelas para a proteção da população sadia.

Relatos de separação de crianças nascidas nos antigos asilos-colônia do Estado devido a ideais eugênicos de segregação do séc. XIX, e entregues aos Preventórios/Educandários Jacareí e Santa Terezinha, onde se perpetuava a discriminação.

Pessoas confiavam a nós da equipe, histórias que representavam a sua existência em tempos que a hanseníase chamava “lepra” e que os pacientes deviam ser marginalizados da sociedade sadia, uma visão distorcida de profilaxia.

Aqui essas pessoas e seus parentes conheceram a história de vida de entes queridos, que em muitos casos eram “segredo”, “fatos não contados”; “mistérios revelados” antes omitidos.

A confiança de abrir seu “baú de memórias” para a equipe facilitou aos familiares a compreensão de uma situação que era muito complicada e cheia de percalços. Os contratempos geravam lágrimas, medos escondidos, e auto preconceito por parte dos pacientes que tinham vergonha da “situação de doença” em que se encontravam.

Os obstáculos de contar a família, as dificuldades encontradas em superar todos os entraves e contratempos vividos, ficavam aqui acolhidos pela equipe, que em muitos momentos se solidarizavam com a situação e propiciavam o relato detalhado do que havia ocorrido (separações; dúvidas; ressentimentos).

As adversidades muitas vezes eram vencidas com a reconciliação dos parentes.

Muitas e muitas vezes a hanseníase era vista como castigo divino, como condenação...

Aqui em São Paulo, foram aproximadamente 2800 pacientes que receberam a pensão especial, dos 8978 casos no Brasil, segundo apresentação da Dra. Maria Eugênia Noviski Gallo, no congresso de Hansenologia em Belém do Pará em 2017.

Com essa “nova renda” eles puderam realizar seus sonhos: fazer viagens, comprar a casa própria, TV 29 polegadas, ter um carro, comprar coisas para seu lar, se divertirem com amigos e simplesmente viver.

Fomos um elo entre passado e presente. Muitos são gratos por termos proporcionado essa experiência de auto descoberta e nova percepção de vida.

Não foi por acaso que a equipe vivenciou todas essas experiências... Era a nossa missão!

Autoras(es): Ana Cláudia Fedato Nascimento, Mary Lise Carvalho Marzliak, Tanya Eloise Lafratta, Silvana Cabral Lourenço, Eliane Rodrigues Padovan de Queiroz, Marcio de Deus Vieira Borges, Sabrina Brum Moretti, Heleida Nobrega Metello, Lilian Clarice dos Santos Godinho, Dulcinéia Godoi Luz

Alguém da SES/SP

Bacharel em Ciências Biológicas, com objetivo, desde sempre, de atuar na área de saúde pública.

Entre outros estágios durante a graduação, no HC da FMUSP – Laboratório de Bioquímica de Sangue – experiência em Análises Clínicas e no Instituto de Medicina Tropical - IMT, da também FMUSP – experiência em pesquisa básica – Laboratório de Protozoologia – Doença de Chagas.

Persistia o desejo de trabalhar mais próximo da população, ainda com as questões de saúde pública.

Na FMUSP, um cartaz: Inscrições para Programa de Aprimoramento Profissional na SUCEN – área de vigilância e controle de doenças transmitidas por vetor e/ou envolvendo hospedeiros intermediários. Minha chance!

Como não havia vaga na área de Epidemiologia, meu maior interesse, me inscrevi para a vaga no Laboratório de Doença de Chagas, contando com a experiência adquirida no IMT. E lá fui eu para a entrevista... Conquistei uma vaga em Epidemiologia, na Divisão de Orientação Técnica – DOT. Realização de um sonho!

Durante o PAP, cursei Especialização em Saúde Pública, pré-requisito para o Mestrado da FSP/USP.

Concluídos o PAP e a Especialização, ingressei na carreira de Pesquisador Científico, agora no Instituto Adolfo Lutz - IAL. Neste renomado laboratório de Saúde Pública, dei continuidade à prestação de serviços, iniciada na SUCEN, integrando equipes de profissionais comprometidos com a saúde pública paulista, como vivido anteriormente na SUCEN.

A imensa e importante experiência adquirida nestas instituições e o título de Mestre em Saúde Pública, determinaram o ingresso na docência em diversos cursos de graduação. Deste modo, substituí a carreira de Pesquisador pela Docência, por um período de aproximadamente, 8 anos, quando concluí o curso de Doutorado em Saúde Pública.

Passado este período, retornei à SUCEN, como Assistente Técnica da Divisão de Combate a Vetores – DCV, por mais 5 anos, trabalhando principalmente com as arboviroses e com a Febre Maculosa.

Outro afastamento, agora devido a questões pessoais, com novo retorno à SES/SP, como Diretora da Divisão de Dengue, do Centro de Vigilância Epidemiológica – CVE.

Passados mais 2 anos, em 2014, volto à DCV, como Assessora Técnica de Saúde Pública, onde permaneço até hoje, envolvida com os estágios, curso de Especialização, Serviços Especializados e mais diretamente, com o PAM – Pro-

grama de Assessoria aos Municípios, Escorpião.

Em continuidade aos estudos e buscando colaborar no desenvolvimento de atribuições do cargo de Assessora Técnica, concluí também o curso de Especialização em Gestão de Saúde, por considerar que o aprendizado adquirido favorece a inserção em novas áreas de trabalho.

Não considerei necessário incluir no texto os anos de aprendizado e dedicação na SES/SP, pois a trajetória é nítida. Fazer parte do corpo de profissionais desta Secretaria sempre foi gratificante. Ver o empenho, a dedicação e até mesmo, o prazer dos profissionais destas várias instituições da saúde, no desenvolvimento de suas atribuições, compensam os altos e baixos da avaliação da importância que estes serviços têm para a política pública, feita por quem está à frente do SUS no Estado.

Tenho guardadas lembranças de trabalho, de dedicação, de coleguismo e de amizade, vividas neste longo período de trabalho na SES.

Por fim, saliento: Experimentei e recomendo!

Autora: Cláudia Barleta

Rosa Vermelha e Bela: olhares de um território

Era uma vez uma senhorinha de idade que irei chamá-la de “Bela”. Morava na periferia da cidade de Bauru com suas filhas e netos. A casa era a mais simples da rua, aparentemente sem conforto. Pela porta entreaberta via-se, uma cozinha de “chão batido” com várias coisas espalhadas, um fogão de lenha com algumas panelas, uma prateleira com potes de alimentação. Era bem cedo e estava frio, mês de junho do ano de 2011, quando chegamos na casa da Bela. Eu acompanhava a equipe municipal de zoonoses no trabalho de inquérito canino para vigilância e controle da leishmaniose visceral. Nesse momento também conosco chegou o carro da creche municipal trazendo os netinhos da Bela de volta, segundo a professora, eles estavam com diarreia e precisavam ficar em casa. Bela ficou triste, mas as crianças chorando foram acolhidas, eram três com idades entre 2 a 5 anos. Por alguns instantes, Bela continuou abraçada aos netos e depois entrou para dentro da casa. Aqui percebemos que ela cuidava das crianças sozinha. Isso, então nos comoveu, mas tínhamos outra missão na casa da Bela, um protocolo de visita a cumprir. Quintal era grande, tinha muitos cachorros, galinhas, arvores e um esgoto a céu aberto que escorria terreno afora em meio

ao lixo, deixando-o encharcado. Acontece que a casa da Bela, tinha as condições ideais para a transmissão da leishmaniose visceral, assim como várias outras dessa localidade que estávamos visitando, já alguns dias. Bela retorna para nos acompanhar, depois que as crianças pararam de chorar. Enquanto eu a indagava sem parar, a equipe fazia a coleta de sangue dos animais. Quando eu comecei a percorrer o quintal, um fato me chamou atenção. Bela com um sorriso, me pediu para ir até o fundo do quintal para ver algo. Incessantemente me dizia *“vem cá quero te mostrar uma coisa”* e eu assinalando o check-list do inquérito comecei a perguntar o que tinha lá no fundo do quintal. Bela só sorria, parecia que estava desviando meu olhar. E estava mesmo. Não resisti, então abaixei a prancheta com os formulários e acompanhei a Bela. Qual foi minha surpresa em meio a tanta sujeira e lama um pé rosas vermelhas perfeitas. Bela se aproximou, cheirou as rosas e me pediu que tirasse uma foto, pois ela não tinha quase fotografias. Foi um momento de muita emoção chamei meus companheiros para ver aquelas rosas tão belas. Bela ficou muito feliz principalmente porque prometemos entregar a fotografia impressa. Assim depois daquele rico momento na casa da Bela, saímos e fizemos uma roda de conversa. Chegamos à conclusão de que a visita na casa da Bela foi uma vivência que nos proporcionou uma experiência marcante às nossas práxis. Desde então, ocupei em olhar diferente para os territórios em que pesquiso e estudo. E, fundamentalmente me dei conta de que é imprescindível ouvir os moradores. Por certo existe na leishmaniose visceral a tal “coincidência” dos riscos de origem social e ambiental em áreas de populações mais vulneráveis, fruto do modelo de desenvolvimento e racionalidade operado pelo atual processo de globalização, interferindo na gestão e produção territorial local, estabelecendo conexões cada vez mais complexas, mas contudo o olhar e o dialogo pode funcionar como amálgamas que nos permite associar aspectos específicos dessa relação, revelando de forma mais clara, as iniquidades sociais e os riscos que atingem diretamente a qualidade de vida das pessoas, no seu lugar.

Autora: Lúcia de Fátima Henriques

Viagens Processuais

Nos nove anos em que circulo pelo pátio da Secretaria da Saúde do ESP, por conta de trabalhar num dos quatro prédios deste extenso pedaço, há uma cena que me chama muito a atenção, e que sempre fotógrafo: um funcionário empurrando carrinho de ferro ou alumínio, com duas rodas médias,

uma prateleira entre elas, contendo uma pilha de pastas, e um longo cordão de elástico que as amarra e prende no carrinho. Melhor dizendo, é o meio de transporte que conduz os processos da Secretaria entre os quatro prédios.

Agora descrevo a carga: processos que ocorrem dentro da Secretaria da Saúde. Deveras, estes ditos processos estão todos dispostos em pastas de cartolina verde claro, onde está grafado Secretaria da Saúde, mais abaixo há uma abertura na capa, que dá visibilidade aos papéis contidos nesta pasta, com subtítulos em diferentes tamanhos de fontes, mas todos grafados na cor preta.

Fiz um levantamento sobre os vários tipos de processos, os quais variam com a demanda de cada setor, a saber: adicional de insalubridade, afastamento de funcionário para evento, congresso, designação, transferência (este pode ficar em *stand by*), aposentadoria, licitação para *coffee break*, denúncia, fiscalização, penalidade, multa, gerencial: como a compra de material, medicamentos, almoço, vale transporte ao funcionário, processo seletivo...

Só que me dei conta de que já tirei inúmeras fotos, mas nada fiz com as mesmas, exceto mostrá-las a colegas, no mesmo dia. Depois elas ficaram arquivadas em celulares, muitos deles já roubados. No entanto a cena se repete, e nem preciso ir atrás. Assim, hoje, ao registrar novamente a passagem deste meio de transporte de papéis, resolvi colocá-la em movimento na escrita.

Ora, inicio com uma exclusão intrigante: no momento de registrar a imagem, o condutor do carrinho, normalmente um auxiliar de serviços, prefere se retirar da cena e apenas o carrinho é fotografado. E isto me faz pensar que estes carrinhos, ou melhor, os processos não têm dono e seus movimentos independem de quem conduz os carrinhos, mas sim dos trâmites pelos quais passam até chegarem a uma resposta final. Digo final, mas sempre esperam que se altere. Na verdade, são processos de uma diversidade de demandas e são montados normalmente por uma divisão, ou seja, pelos “interessados”, e despachados ao protocolo onde são abertos. Ao passar de lugar para lugar recebem observações, como “de acordo”, carimbos, vistos, e mais frequentemente indicando o que falta. Além do mais, conforme o percurso pode ficar apenas num prédio, circular pelo pátio ou ainda ir a outras unidades via malote, correio, motoboy.

E, pensando nisso, me remeto a um processo que me diz respeito, esclarecendo: por volta de março de 1980, foi publicado no D.O. do E.S.P., a abertura de um processo seletivo para 10 (dez) vagas para psicólogos e assistentes sociais, na então Divisão de Ambulatórios de Saúde Mental, desta mesma Secretaria.

Para dizer a verdade, rapidamente vi que eu preenchia os pré-requisitos e sem me inteirar da função, logo juntei os documentos necessários para a inscrição. Feito isso, me dirigi à Rua da Consolação, visando me inscrever. Assim me vi num prédio fino e escuro, onde se destacava uma rampa, logo após a entrada,

que levava às mesas, onde funcionários recebiam a ficha de inscrição, ao mesmo tempo em que conferiam os documentos e comprovantes que davam veracidade à história profissional ali registrada. Puxa! Será que esta rampa poderia me levar a um up na vida profissional? Santa ingenuidade!

É foi nesta mesa que me deparei com a falta de dois comprovantes. Claro que, em pleno último dia, tive que dar uma chorada para solicitar completar estes documentos no dia seguinte. Nossa! Nunca poderia imaginar que um detalhe destes pudesse fazer uma diferença no meu percurso de vida profissional. Ops, seria o primeiro passo para a reserva de vaga para entrar de gaiato no navio.

Na sequência, este processo andou e após isto, a prova escrita ocorreu na Av. Paulista, no prédio da Gazeta, que já me era familiar, local onde ainda funciona o Colégio Objetivo, onde estudei. Justo na entrada da sala observei a lista de candidatos: 700 inscritos. Pasmê, a prova durou mais de quatro horas, com 50 questões de múltipla escolha e duas abertas e, em uma delas, pediram para discorrer sobre o tema: Brincar e Realidade. Nossa! Simplesmente é o livro de D.W. Winnicott. Então discorri sobre o brincar e a realidade, e hoje brinco com a realidade de uma experiência de 36 anos.

Autora: Betty Boguchwal

Vidas Serpenteantes

15 de agosto de 1965, Pedro, cursando o 1º ano Científico, com 18 anos, é aceito como Estagiário Voluntário, na Seção de Herpetologia do Instituto Butantan. Em 1972, já formado em Biologia, é aceito como Bolsista. 1973 é indicado para coordenar Expedições de resgate de serpentes, devido à subida das águas do Rio Paraná, quando do fechamento das comportas de Usina Hidroelétrica de Ilha Solteira. A partir daí surgiram outras expedições pelo Brasil. Passou a ser responsável pela criação, manutenção, reprodução e coleta de venenos de serpentes brasileiras e exóticas. 1981, recebeu mais uma estagiária, Silvana, que o acompanhou ao Serviço de Animais Peçonhentos, e logo, se transferiu para a Diretoria do Museu do Instituto Butantan - MIB, em 1983. Foi quando fez visitas a 52 Museus dos Estados Unidos e ao voltar, já tinha uma ideia de como seria seu Museu no Brasil.

Ambos passaram a trabalhar em uníssono nos temas Educação e Educação Ambiental. Assim, em 1985, o MIB foi reconstruído filosoficamente e estruturalmente,

com o tema: “Na Natureza não existem vilões!”. Nesse momento, criaram uma “conversa informal” entre as serpentes e os visitantes. Esse “colóquio” fez escola em outros Museus. Esse tema foi aproveitado pelo Ministério da Saúde, em 1986, pelo Programa Nacional de Animais Peçonhentos, quando Pedro era o Relator do Grupo de Trabalho de Educação, do Programa. Nesse interim, até 1991, foi criada a Cartilha “COBRAL”, que só com suas instruções, fez cair 25% dos acidentes ofídicos com morte. Foram criados, também os Centros de Animais Peçonhentos nas regiões do Brasil. Pedro foi responsável pela Região Nordeste.

Trabalhando naquele unísono, Pedro e Silvana, preocupados com a Educação geral, criaram vários meios de comunicação. Mas, quis o destino que em 1985, a Fundação Padre Chico, de São Paulo, levasse 88 alunos cegos para visitar o MIB. Despreparados para tal visita e aula, improvisaram com peças anatômicas de serpentes, aranhas e escorpiões, um evento manuseável, em que os alunos, de 12 a 27 anos de idade, puderam aprender tatilmente o que os visitantes não cegos percebiam.

Isso foi uma reviravolta para os dois. Passou-se a dedicar muito do trabalho para Pessoas Com Deficiência e nunca mais se desviaram disso. Foi por esse primeiro contato que os dois cursaram pós-graduação *latu sensu*, em Museologia, entre 1986 e 89.

Em 1986, ambos participaram da criação da Estação Ciência, na Lapa. Em 1987, na inauguração, puderam colocar em prática, a ambição de promover uma visitação totalmente interativa, com manuseio de animais e suas peças anatômicas, coordenando diversos Monitores.

1992, uma Bolsa de Estudos leva os dois a Lyon, França e Bagni di Lucca, Itália, foi dirigida a produzir réplicas de animais e peças anatômicas, para serem utilizadas em empréstimos para escolas. Ganharam um reconhecimento pelo seu empenho durante o curso. E, aí o destino quis que o unísono no trabalho se transformasse em união mais estreita, com um casamento em Assisi, na Capela da Porciúncula, de San Francesco de Assisi.

As atividades do MIB foram se avolumando e o casal passou a se dedicar muito mais ao ensino inclusivo, dando aulas, cursos, oficinas para professores e universitários e, fizeram escola... Por esse motivo, em 1995, foram convidados pelo Beto Carrero World, em Santa Catarina, para montar um enorme castelo/serpentário, no Zoológico do parque.

1996, Pedro inicia ferrenha campanha contra o tráfico internacional de animais, mormente serpentes. A luta envolveu várias instâncias políticas, em altos escalões. Assim, em 1998, o casal se viu obrigado a fugir do Instituto, devido a ameaças de mortes de seus familiares. Foi quando se transferiram para o Instituto Biológico, criando o MIBio – Museu do Instituto Biológico, estabilizando-se

ali, até 2006, quando conseguiram transferência para o Instituto Adolfo Lutz; hoje, diretamente ligados à Diretoria Geral, para montar o MusIAL – Museu do Instituto Adolfo Lutz.

Continuando na mesma linha didática para Pessoas com Deficiência, criaram cursos, oficinas de preparação de réplicas manuseáveis, aulas, palestras e parcerias com entidades referenciadas para atuar com tais pessoas. Em 2014, foram convidados pela Université Sorbonne, França, a publicar trabalho sobre Educação para Surdo-Cegos, na Revista Terra Haptica

Participam de reuniões, congressos, encontros discutindo Museologia e, também História da Ciência, principalmente, ligada aos Institutos Adolfo Lutz e Butantan, que sempre tiveram uma parceria científica muito construtiva. Por esse motivo, estão ligados desde o início, em 1988, quando contribuíram na organização e montagem do Museu Casa de Vital Brazil, em Campanha, Minas Gerais: à “Rede Vital para o Brasil”. Hoje, essa Rede tem dimensão internacional e devemos lembrar que tudo começou quando Dr. Vital Brazil Mineiro da Campanha entrou para o Instituto Bacteriológico, em 1º de julho de 1897, como Ajudante Médico do Dr. Adolpho Lutz.

O amor pelo trabalho e pelo início de tudo isso, nos fez conhecer dezenove dos 23 filhos do Dr. Vital Brazil, com quem mantemos íntima relação até hoje. Com a família do Dr. Adolpho Lutz, infelizmente, nunca fizemos contato devido à exígua quantidade de descendentes e parentes

É uma grande honra para nós, trabalharmos por uma causa histórica sobre nossos dois heróis da Saúde e, por trabalharmos com uma fatia da sociedade, que foi esquecida por tanto tempo. O amor e o respeito por esse público tão especial nos uniu mais e mais, a cada dia, porque temos retorno de tudo o que fazemos; muitas vezes com palavras indecifráveis, mas com um sorriso muito significativo. Outras vezes, recebemos um leve toque de mão; por outras um aceno desordenado, mas que valem como um grande prêmio, depois do esforço por nos fazermos entender.

Tudo isso vale muito mais do que honrarias ou palavreado difícil.

Autores(as): Pedro Antonio Federsoni Junior,
Silvana Campos da Rocha Calixto

Doces lembranças

Em meus 35 anos de vida profissional, passadas no Instituto Adolfo Lutz, da coordenação de Controle de Doenças-SES, pude vivenciar várias histórias pitorescas, que permanecem gravadas em minha memória.

Uma delas se passou no final de 2019, quando o Núcleo Especializado de Engenharia de Segurança e Medicina do Trabalho-NEESMT, encerrou suas atividades culturais.

Durante quatro meses, funcionários do IAL Central e dos nossos Laboratórios Regionais, nos enviaram as receitas que lembravam a sua infância, memórias afetivas.

A ideia de publicar o livro de receitas surgiu durante o horário de almoço, em que conversávamos e recordávamos nossa infância, os pratos, os doces e salgados dos almoços em família, a ceia de Natal, o cheirinho de bolo assando no forno, os bolinhos de chuva, etc.

Surpresa maior foi quando, o livro foi escolhido para ser o brinde do “Circuito Natalino” promovido pela SES, no final do ano.

Quem já teve a oportunidade de assistir o filme *Ratatouilli*, deve se lembrar da cena em que o crítico gastronômico ao levar à boca o prato preparado por Alfredo Linguini um novato cozinheiro, o fez voltar à infância e relembrar os bons momentos que ficaram gravados em sua memória.

Assim, como no filme há pratos, doces e salgados, que permanecem “guardados” em nossa memória e ao saboreá-los, fazemos uma viagem fantástica ao passado da nossa infância, recordando os momentos felizes.

Nossa equipe resolveu juntar em um pequeno livro as receitas afetivas enviadas por nossos funcionários.

O livro foi lançado no mês de novembro de 2019, com direto à degustação dos pratos doces e salgados, com memória afetiva.

Para mim foi um momento único e para os “culinaristas” (funcionários que enviaram as receitas), um momento de recordação e pura emoção também únicos.

Os participantes do projeto do livro tiveram a oportunidade de relatar para aos convidados a razão de sua receita ter sido escolhida, enviada e publicada no livro, o porquê daquela receita, de sua avó, mãe ou tia os fazia reviver a sua infância e os momentos felizes vividos.

Os depoimentos levaram as lágrimas a plateia e os autores.

Foi um momento único que jamais esquecerei, pois ali estavam presentes a emoção, o carinho e a simplicidade que um doce ou salgado, preparado com muito amor e carinho é capaz de fazer com o frágil ser que somos...

Autoras: Maria Lúcia Siqueira, Glória Regina de Carvalho Rinaldi, Elson de Fátima Ferigolo

COORDENADORIA DE REGIÕES DE SAÚDE - CRS

No sistema organizativo da Secretaria Estadual da Saúde, a Coordenadoria de Regiões de Saúde - CRS é responsável pela coordenação, articulação e organização do sistema de saúde localregional, além da compatibilização dos planos, programas e projetos dos Departamentos Regionais de Saúde (DRS) em função das políticas e diretrizes da SES/SP e dos recursos disponíveis.

Para que essa estrutura atenda aos anseios sociais é fundamental o trabalho dos servidores imbuídos de espírito coletivo e compromisso com a sociedade.

E para ilustrar esse compromisso e a importância do valor humano nos Departamentos Regionais de Saúde, trago trechos do documento coletivo que foi confeccionado, juntamente com o DRS XIII Ribeirão Preto, no formato de carta, a partir das palavras e frases que foram mencionadas pelos próprios servidores. O objetivo foi honrar os conhecimentos compartilhados ao longo de um projeto sobre ferramentas conversacionais, facilitado pelas psicólogas Leticia Trombini Vidotto e Camila Martins Lion, finalizado em fevereiro de 2020, no qual retrata as histórias dos servidores e sua relação de vida com o trabalho para consolidação do Sistema Único de Saúde. Acredito simbolizar o espírito do corpo de trabalhadores das demais 16 Unidades que compõem essa coordenadoria.

(...) Vocês fazem o DRS ser como uma engrenagem, mas não qualquer engrenagem. Pois, os elementos que fazem o DRS girar e transmitir potência não são mecânicos e sim humanos. Vocês são humanos movidos pelo trabalho em prol de outros humanos, que na maioria das vezes nem conhecem e talvez nunca vão conhecer. Mas, possuem a capacidade de olhar para além de um nome no papel e imaginar os olhos emocionados, os sorrisos, os abraços de alegria que seus trabalhos proporcionam para mães, pais, filhos, irmãos e netos. Isso é admirável.

Com vocês, o DRS tem se tornado um organismo vivo que luta diariamente para promover mais vida. E quantas lutas. São tantos problemas que chegam ao DRS que parece que ele fica fervendo e necessitando de um extintor ligado dia e noite. Os problemas aqui, não dormem, pois muitas vezes vocês os levam para casa e retornam no dia seguinte com o desejo de solucioná-los.... Acreditamos que isto se deva por vocês terem sido atingidos pelo vírus da saúde pública. Esse não é um vírus qualquer, diferente dos vírus que são tóxicos e prejudiciais, este é um vírus que emana amor e desejo de ser útil e servir. E que só sobrevive em espaços onde o convívio é solidário e onde quem já foi atingido pelo vírus há mais tempo consegue contagiar os novos membros que chegam. Vocês são muito bons em propagar e manter esse vírus vivo (...) (VIDOTTO& LION, 2020).

Que as narrativas descritas neste exemplar, possam nos inspirar e as fu-

turas gerações para o protagonismo dos servidores nas instituições públicas deste Estado.

Osmar Mikio Moriwaki
Coordenador de Saúde

Gratidão e a memória do coração

Memórias que vivenciei como servidora nos meus 29 anos no local de trabalho da Secretaria de Estado da Saúde. Em primeiro a “Gratidão e a memória do coração”.

O que tenho a dizer que sou extremamente grata referente ao meu precioso tempo e dedicação em parte ao meu trabalho na área da saúde.

Área esta que significa tanto, em nosso país. Afinal é a vida e saúde da população que conta.

Por isso fiz questão de escrever esta mensagem para dizer meu muito obrigado, a tudo e a todos que compõem essa equipe.

Mas não é só isso, eu percebi nesses últimos meses, que com o crescimento da economia, principalmente com as leis de combate à crise e o número elevado de desempregados nesta área da saúde, vem se destacando de maneira glamorosa no combate a pandemia e em relação ao mercado de trabalho.

Ninguém pode brilhar no palco do mundo, se não brilhar no palco de seu trabalho.

Portanto o que tenho a dizer é o meu muito obrigado por todos esses anos de trabalho e gratidão sempre.

Autora: Maria Cristina Rodrigues de Souza

Desafios e reconstrução de vida

Lembro como se fosse hoje do dia em que recebi a notícia que mudaria minha vida profissional completamente. O ano era 2011, e estava completando 26 anos de serviço público, como Cirurgiã Dentista, no Centro de Saúde I – Fernando Mauro, no Município de Marília. Neste ano este Centro

de Saúde iria encerrar as atividades devido a mudanças administrativas. Por esse motivo, os funcionários deveriam ser realocados para outras unidades ou para outras funções. E eu iria ser transferida para a sede do DRS IX em Marília.

As mudanças seriam enormes. Durante 26 anos trabalhei com atendimento à população no Centro de Saúde, meu trabalho era somente clínico. Atendia muitas pessoas diariamente, muitas crianças e adultos que pude ajudar melhorando sua higiene bucal e sua condição de saúde como um todo. Mas, nunca tinha trabalhado com gestão em saúde. E seria essa minha nova função no DRS IX, em Marília.

Logo nos meus primeiros dias de trabalho já pude notar que atividades rotineiras para a maioria dos meus futuros colegas, seriam enormes desafios para mim. Os anos de clínica odontológica não me ajudariam muito. Eu teria que recomeçar. Aprender tudo de novo. Nessa época tinha dificuldade até para ligar um computador. Funções simples como digitação de documentos, elaboração de planilhas, preenchimento de questionários online eram desafiadoras para mim. Demorava horas para concluí-las. Cheguei a pensar que nunca conseguiria aprender. Que aquilo não era para mim. Me sentia deslocada e totalmente fora de minha zona de conforto.

Foram momentos de reconstrução de minha vida profissional. E também de minha vida pessoal. A minha nova função requeria que eu viajasse para alguns municípios, e não era sempre que conseguia estar presente na hora do almoço, em casa, com meu marido e meus dois filhos. Mas, nada que o tempo não possa resolver. E com o passar dos dias e meses e com a ajuda de pessoas muito especiais e importantes pude superar os pequenos desafios cotidianos.

Uma dessas pessoas foi o Diretor do CDQ-SUS Dr. Manoel Geraldo de Freitas Ferreira. Dr. Manoel Geraldo me acolheu e me inseriu no processo de trabalho da Educação Permanente e Humanização/Núcleos de Educação Permanente Regionais (NEPER) do DRS IX. Foi com a ajuda dele que passei a compreender melhor o fluxo de atividades de minha nova função e foi com a sua ajuda que fiz alguns cursos de capacitação em Educação Permanente, Humanização, Apoio Matricial, e até uma Especialização Regulação em Saúde no Hospital Sírio Libanês. Voltar a estudar depois de tanto tempo longe da Universidade também foi desafiador. Voltei a ter aulas, tutorias, escrita de trabalhos de conclusão de curso e era tudo novo para mim. Mas percebia que crescia a cada novo desafio superado.

Lembro agora, com carinho de muitos colegas que estiveram ao meu lado e me ajudaram a dar os próximos passos nessa minha nova caminhada. Meu amigo, Fernando Castro, sempre paciente, me ensinou a utilizar o computador, digitar, entender o que era a área “CDQ” e sua história. O diretor do DRS IX naquele

momento, Dr. Donaldo Cerci da Cunha, que autorizou minha participação nos trabalhos do CDQ-SUS. A diretora do CPAS Célia Maria Marafiotti Netto, que muito me ensinou dos fluxos e referências/credenciamentos das especialidades de média e alta complexidade do SUS. A Diretora Técnica I Sueli Brambilla que me inseriu no Controle social/Conferências Estaduais e Conselhos municipais e estadual, e muitos outros que me auxiliaram de diversas formas.

Aos poucos, fui me adaptando, entendendo minhas novas funções, me familiarizando com o ambiente de trabalho e começando a realmente gostar da mudança. Comecei a perceber que poderia sim ajudar as pessoas em minha nova função. Comecei a perceber que o trabalho de gestão em saúde é essencial para a manutenção de todo o SUS. Comecei a pensar que essa mudança em minha vida não aconteceu por mero acaso. Que geralmente, na vida, as coisas acontecem na hora certa, no momento certo.

Hoje não exerço mais a odontologia e não tenho nenhum arrependimento de ter trocado a clínica odontológica pela gestão em saúde. Tenho atendido muitas pessoas em minha atual função na ouvidoria, auxiliado na consolidação e fortalecimento do SUS. Tenho sido a voz do cidadão dentro dos serviços de saúde. E isso é o que me dá força para trabalhar todos os dias. Olhando para trás, vejo o quanto aprendi. O quanto me permiti mudar. O quanto abracei a mudança e fiz o melhor que pude. E hoje, tenho a certeza que não existe idade certa, nem tempo certo para recomeçar. E o meu trabalho no DRS IX me mostrou isso, e é certamente o que me move atualmente.

Autora: Eliane Valera Reis Zambom

Minha vida no DRS Marília

Meu último e atual local de trabalho enquanto servidora da Secretaria de Estado da Saúde é o Departamento Regional de Saúde de Marília, onde passei grande parte da minha existência, são mais de 30 anos no mesmo prédio, com mudanças de salas, mas sempre no mesmo andar e com diferentes nomenclaturas deste local, em função das reorganizações administrativas da Secretaria de Estado da Saúde.

Quando fui trabalhar lá, chamava-se ERSA 45 (Escritório Regional de Saúde), depois passou a ser DIR XV (Diretoria Regional) e atualmente DRS IX (Departamento Regional de Saúde). Ter vivenciado essas mudanças já me dá a

sensação de “sobrevivente”.

Estórias relacionadas ao nome da instituição ficaram na memória, como quando era ERSA, muitas pessoas chegavam lá ou ligavam e queriam falar com a Dona Ersá, muitas risadas provocavam em nós servidores, mas claro, sempre atendíamos com respeito. E também tiveram episódios da procura da Dona Dirce, referindo-se a DIR. Atualmente enquanto DRS estas situações deixaram de acontecer.

Para produzir esta narrativa, muita coisa passa na minha mente, alguns flashbacks, me fazendo compreender o que representa esse trabalho para mim, lembranças de pessoas que fizeram parte da minha vida por alguns períodos, outras que ficaram e são presentes até hoje, amigos muito queridos.

Participei da criação e implantação do Sistema Único de Saúde (SUS), desde as discussões de contribuições para a Constituição Federal e a efetiva implantação em nosso território. Iniciei minha carreira como dentista em Centro de Saúde e após concluir o curso de Saúde Pública é que fui trabalhar no nível regional como assistente técnica de planejamento e depois assumi como diretora de planejamento, área que está diretamente implicada nas normatizações do SUS e responsável pela implantação de diversos processos na gestão do SUS.

No início o nosso território era de apenas 14 municípios, foi quando ocorreu a municipalização dos serviços em que os Centros de Saúde que eram estaduais passaram para o município, sendo o responsável pelas ações de saúde para sua própria população. Com a criação das DIR houve uma junção de 3 Escritórios Regionais de Saúde (ERSA Adamantina, ERSA Tupá e ERSA Marília) ficando a DIR Marília com a responsabilidade de 37 municípios, neste período ocorreu mais intensamente descentralização, em que a gestão de grande parte dos hospitais passou para a gestão municipal. Enquanto DRS IX foi a junção de 2 Direções Regionais de Saúde (DIR Assis e DIR Marília) a abrangência é de 62 municípios. Acompanhei e vivenciei as mudanças do papel do Estado no nível regional em todas as fases, desde prestador de serviço no início até neste momento de grande articulador do Sistema Único de Saúde Regional.

Ao longo deste período, trabalhei e convivi com diferentes pessoas, a cada mudança de gestão municipal a grande maioria dos secretários municipais de saúde mudam, e aí a necessidade de instrumentalizar as novas gestões municipais. É um grande movimento, como uma engrenagem e temos parceiros importantes neste processo.

Mas, o que estamos vivenciando nesta Pandemia é uma experiência única. Estou em trabalho remoto, tive diferentes sentimentos, no início a sensação de abandono do meu trabalho, deixar as minhas coisas lá..., mas fui entendendo como desempenhar o meu trabalho, muitas reuniões online, a construção de

relatórios diários de acompanhamento da COVID, o que ficou ainda mais evidente o papel do estado no nível regional. Atualmente as pessoas sabem o que é o Departamento Regional de Saúde, pois é muito falado na mídia, em função do Plano São Paulo, tendo um reconhecimento técnico que até então era visto só como administrativo.

Tenho a convicção que o DRS Marília é o grande responsável pelas pactuações necessárias para garantir a assistência, com a organização das referências COVID nas 5 Regiões de Saúde da nossa área de abrangência, com discussões pertinentes, não tendo o risco de desassistência neste território.

Apesar dos muitos anos de trabalho me sinto pronta para vivenciar novos desafios, sempre aprendendo, desde a incorporação de novas tecnologias como novas formas de trabalho, me reinventando a cada dia.

Autora: Roseli Regina Freire Marconato

Um dia na Ouvidoria

Recém-chegada à DIR XV Piracicaba em 2001 – hoje DRS X – ainda estava me enquadrando na rotina de uma Regional no interior. Vindo transferida da Capital, tudo era novidade pra mim, até o barulho em pleno início de primavera das cigarras nas árvores que rodeavam nosso prédio me assustaram de tal forma, que cheguei a achar que estávamos sendo atacados por mísseis. Coisas de gente da Capital que sequer tinha ideia das surpresas que a vida interiorana poderia trazer.

Foi num dia assim, ao final de uma manhã abafada de quinta feira, que fui intimada pela Dra. Marizete, Diretora da Regional à época, para ser Ouvidora da Regional. Ela estava de saída para um compromisso. Eu subia a escada saída de uma reunião de PSF. Encontramos-nos e o convite se deu ali mesmo, no meio da escada e a partir daquele momento eu assumia a Ouvidoria.

Mal sabia no que me metia e como o faria; eu até tinha ideia do que era a função, mas necessitava ter conhecimento mais abrangente da área e me preparar pra executá-la corretamente, pois esse sempre foi o meu jeito de ser e trabalhar, exigente comigo mesma, para fazer tudo da melhor forma possível. No trajeto da escada até minha sala eu consegui ter essa “discussão” com meus pensamentos até chegar lá, pois uma colega já me passava o telefone com uma ligação da seguinte forma: “Como você agora é a Ouvidora toma que o filho é teu!” Ali

começava minha saga...

A primeira vez a gente nunca esquece – seja a primeira vez do que for – e é verdade! Minha estreia na Ouvidoria foi um marco, tanto que cinco anos depois quando finalmente consegui fazer o Curso de Ouvidoria (cinco anos após eu estar exercendo as funções todos os dias e ter aprendido na raça e na unha a como fazê-lo), fizemos estudos de caso e esse meu atendimento acabou sendo o escolhido para ser apresentado em forma de teatro para a turma no final do curso.

Do outro lado da linha telefônica existia um homem extremamente estressado, porque já havia ligado para diversos lugares, onde sempre lhe davam mais um número novo de telefone pra ligar e ninguém resolvia seu problema. Uma doação de corpo era o que ele queria fazer, o seu corpo! Após minha surpresa, discretamente disfarçada com uma voz firme, comecei por perguntar seu nome – o que ele prontamente se negou a me dar, mesmo eu informando que manteria sigilo deste – seus dados, visto que necessitaria de tempo para localizar quem poderia receber tal doação (faculdades, órgãos de estudo médico e/ou pesquisa científica, etc.), ao que ele prontamente me informou que não tinha tempo hábil pra aguardar tal pesquisa e que sua preocupação era não ser um fardo pra sua família. Questionei-lhe que se estava doente e desejava deixar seu corpo para estudo, teria de encaminhá-lo a um lugar próprio para isso, para tanto necessitava buscá-lo e saber os trâmites cabíveis e foi aí, quando ele me respondeu que o corpo era completamente saudável, que minhas suspeitas tornaram-se realidade – eu só podia estar lidando com um pré-suicida que clamava por socorro – mas como continuar a conversa, sem demonstrar que eu havia percebido suas intenções e ao mesmo tempo, ganhar tempo para poder ajudá-lo?

Preferi a sinceridade. Comecei a conversar com ele, mostrando-lhe minhas dificuldades, informei-lhe que tinha acabado de assumir a função, que queria muito ajudá-lo, mas que necessitaria de alguns dias para buscar locais que aceitassem a doação, pedi-lhe que teria de se comprometer comigo a me dar esse tempo para minha procura. A conversa fluiu. Ele me disse que estava desempregado há muito tempo, que estava cansado de ser um peso para todos em sua casa, e sem falar em suicídio, deixou claro que era essa sua intenção. Propus então se ele me permitia buscar uma ajuda junto assistente social do município de Piracicaba (que era onde ele e a família residiam) para que ele pudesse ter acesso a novas possibilidades, bem como ao Programa de Saúde da Família se acaso houvesse em seu bairro, pra buscar ajuda psicológica. Fizemos ali um pacto, ele acabou por se apresentar, me passou seu contato telefônico e endereço, mas pediu que só o procurasse em horário específico que era quando a esposa e filha não estavam em casa, pois ele não queria que ninguém soubesse sobre essa nossa conversa. Essa ligação levou mais de hora, mas pelo menos eu tinha um compromisso por parte

dele em aguardar meu retorno. E assim, naquela tarde, comecei as demandas para meu atendimento: corri atrás de assistente social do município, que se prontificou a fazer-lhe uma visita no dia seguinte cedo (que era quando ele estava só em casa); falei com a Unidade de PSF do bairro deles, no intuito de uma visita visando encaminhamento psicológico; busquei auxílio e orientações no PAT (Posto de Atendimento ao Trabalhador). Deixei tudo previamente resolvido, visto que no dia seguinte eu estaria fora, tutorando um curso de Formação de Equipe de Saúde da Família, que era aonde eu vinha auxiliando desde que havia chegado a Regional de Piracicaba.

No dia seguinte, mal conseguindo me concentrar onde estava, minha mente viajava pensando no intrínseco caso. Será que já haviam ido até lá? O que será que haveria acontecido? Liguei diversas vezes para o usuário, onde ninguém atendia e aumentava ainda mais a minha angústia sobre o que teria acontecido; liguei para o serviço social do município, tentando ter novidades, mas só fui receber notícias ao fim daquela tarde, quando a equipe multidisciplinar chegou para o encerramento do curso onde me encontrava. Pela assistente social eu soube que ela não fez a visita, pois não tinha carro para levá-la (??). Mas consegui falar com o usuário por telefone logo cedo naquela manhã e este lhe informou que após a conversa que havia tido comigo no dia anterior, naquela noite contou a sua esposa suas reais intenções – e pela primeira vez falou em sua vontade de se matar e doar o corpo para que a família não tivesse gastos com seu enterro – os dois choraram muito juntos, e decidiram sair por uns dias para a casa de familiares no interior.

Tive notícias pelo município que ele foi atendido e encaminhado pelo PAT e pelo PSF, mas, apesar de tentar por algumas vezes, eu nunca mais consegui falar com esta pessoa, mas a história ficou na memória feito aqueles sonhos agitados, em que você acorda suando e desorientada, que só tenho a certeza de ter sido real, pois outras pessoas acompanharam e me ajudaram em meu atendimento. Uma história que deu o “start” a tantas outras que vieram nos 12 anos que respondi pela Ouvidoria da Regional de Piracicaba! Saudades daqueles tempos...

Autora: Maria Clara Cardoso Ferreira Rocha

Memórias das atividades realizadas no dia da inauguração da sede do DRS X “Dr. Laury Cullen” Piracicaba - DRS X

Dia 30 de agosto de 2002, sexta-feira, foi inaugurada a nova sede do Departamento Regional de Saúde de Piracicaba – DRS X.

Guardo muitas memórias desse dia, pois vivenciei momentos muito especiais, importantes e emocionantes, num misto de muitas atividades a serem cumpridas, grandes homenagens e comemoração.

Como é sabido, no Estado de São Paulo desde 1996, a Secretaria de Estado da Saúde adotou o Programa Agita São Paulo do CELAFISCS (Centro de Estudos Laboratório de Aptidão Física de São Caetano do Sul) como política pública no combate ao sedentarismo, e por isto toda última sexta-feira do mês de agosto, celebra o Agita Galera em parceria com a Secretaria de Educação, visando estimular a prática da atividade física e a construção da cidadania ativa entre os escolares e à comunidade.

Em vista desta comemoração e da parceria da Regional com o Programa Agita São Paulo, contamos com a ilustre presença do Secretário de Estado da Saúde, Dr. José da Silva Guedes e do Coordenador do Programa Agita São Paulo, Dr. Victor Matsudo, sobrevoando de helicóptero a nossa região e pousando nas cidades de Elias Fausto, Limeira, Piracicaba e Santa Cruz da Conceição para participar dos eventos programados por estes municípios, que posteriormente compuseram um DVD produzido pela coordenação do Agita São Paulo.

A visita dessas autoridades em nossos municípios nos causou muita alegria e satisfação, ao saber que o objetivo de divulgar e estimular o maior número de parcerias governamentais e não-governamentais com o Programa, para a disseminação da mensagem “Atividade Física é Saúde: Acumule pelo menos 30 minutos todos os dias” para o enfrentamento das doenças crônicas não transmissíveis, principalmente a hipertensão, o diabetes e as doenças do coração, estava sendo cumprido.

Nesse dia, os 26 Prefeitos dos municípios da área de abrangência do DRS X, assinaram a carta São Paulo para adesão e/ou renovação da parceria com o Programa Agita São Paulo.

Outro momento importante que destaco foi à homenagem ao município sede do DRS X, com a apresentação do “hino” de Piracicaba, ensaiado e executado pelos próprios funcionários da Regional às autoridades presentes.

Para encerrar, recordo que também nessa data, nossa sede passou a se chamar DRS X “Dr. Laury Cullen” Piracicaba como reconhecimento da competência, dedicação, simplicidade e humanidade que Dr. Laury Cullen demonstrou e dedicou nos longos anos que serviu a Secretaria de Estado da Saúde.

A família do Dr. Laury Cullen esteve presente e recebeu homenagem da Diretora Regional, Dra. Marizete Peixoto Medeiros.

Autora: Adriana Maria Sturion

Construindo Redes de Cuidado para o enfrentamento à COVID 19 no âmbito do DRS III – Araraquara

O grande desafio em que estamos vivenciando com a Pandemia do COVID 19 reforça ainda mais a necessidade de um Sistema Único de Saúde - SUS eficaz e da gestão solidária. Isso nós temos tido o privilégio não só de presenciar, mas de participar.

O enfrentamento à COVID 19 tem demandado de todos nós a elaboração de estratégias cada vez mais inovadoras e que extrapolam a nossa zona de conforto. Tem ficado mais evidente a importância da intersectorialidade, relações interpoderes e interterritórios.

Para debater tal Pandemia e suas consequências é fundamental articular redes, realizar pactuações regionais e despertar e consolidar as responsabilidades sanitárias.

Nenhum município é soberano e autodependente... todos necessitam de suporte para atender a sua população nas suas demandas, seja de saúde, social, cultural ou educacional. A importância de ter espaços para juntar os principais atores e fazer essas conversas é de extremo valor.

Despir-se de suas vaidades e orgulho e trocar experiências é de uma coragem inestimável e que tem trazido inúmeros ganhos para a região.

As ações frente a pandemia do COVID19 foram desencadeadas à nível regional, de forma institucional, no mês de março, em reunião de diretores de DRS realizada em São Paulo com a Coordenadoria de Regiões de Saúde – CRS e o Exmo. Secretário Estadual de Saúde. Segue abaixo alguns movimentos desencadeados no âmbito do nosso DRS

- Elaboração de um Plano de Contingência Regional;
- Constituição do Grupo Técnico COVID com os principais prestadores e seus respectivos gestores e expert da saúde – Serviço Especializado em Saúde de Araraquara SESA e Hospital Universitário de São Carlos - HU
- Levantamento das possibilidades de ampliação de leitos
- Definição da lógica assistencial hospitalar – todos os hospitais atendem casos leves e moderados – sendo transferidos os casos conforme sua gravidade

Com a estrutura hospitalar definida instituímos espaços de discussão para refletirmos sobre fluxos e protocolos. Os representantes do Grupo Técnico sempre apoiando as ações e dando os subsídios técnicos. Na Região de Saúde Coração do DRS III teve a visita da enfermeira e infectologista da Santa Casa de São Carlos que mapeou os recursos existentes em cada hospital e reorganizou fluxos de forma a implantar leitos de forma segura nos hospitais de pequeno porte. Bem como matriciamento aos casos atendidos.

Na Região de Saúde Central do DRS III destacamos a participação do Hospital Estadual Américo Brasiliense - HEAB matriciando os municípios e, em especial, in loco o Hospital de Solidariedade e a UPA Vila Xavier de Araraquara para a implantação da estratégia de internação precoce

O município de Araraquara saiu na frente com sua organização local, com um plano de atuação muito integrado, articulando a atenção primária e hospitalar de forma invejável e com resultados extremamente positivos e a partir do momento que vimos que essa experiência era um ótimo exemplo e com possibilidade de ser ampliada para os demais municípios, realizamos reunião para implantação de protocolo/fluxo regional, adequando o que Araraquara aplicou para a realidade de cada um dos municípios.

Um ponto que foi de extrema relevância e que creio ter feito o diferencial na região foi a participação na reunião dos prefeitos como forma de dar ciência a todos sobre a situação epidemiológica regional e da importância de cada município para a região se manter segura. Foi feita também a sensibilização sobre o quanto a sua autonomia / decisão interfere no cenário regional. Destacada a necessidade de pensar macro e não micro. Este foi um exercício difícil frente a tantas pressões.

Priorizamos ainda os municípios mais frágeis e com dificuldade de implementar os acordos estabelecidos realizando movimentos e desta forma auxiliando mais intensamente.

Todo este processo ampliou nossas parceiras, mas o que mais nos orgulha e que nos sensibiliza foi vivenciar a aliança e solidariedade entre as instituições para troca de saberes, experiências, cessão de equipamentos e insumos que permitiram o funcionamento dos leitos, assim como a articulação constante, independente de dia e horário visando definir e garantir o melhor recurso possível para cada paciente.

Outro ponto que devemos destacar é a articulação dos Prefeitos da região que tem feito a diferença!!! Um agradecimento especial a eles por permitir que este Departamento Regional esteja presente e aprendendo com todos. Temos conhecido a região sob o olhar político e isso tem agregado valor ao nosso conhecimento técnico.

Este é um exemplo do trabalho de um Departamento Regional de Saúde que tem como rotina a finalidade de contribuir para a qualidade de vida da população das respectivas regiões, coordenando, articulando e organizando e gerenciando o sistema de saúde loco-regional.

Autora: Sônia Regina Souza Silva

Mais um dia de Trabalho...

Era mais um dia de trabalho no Hospital Penteado - na Ala de Queimados, diferente um pouco dos demais da semana já que era dia de cirurgia (agendadas sempre para as terças e quintas no período da manhã). Ao checar a escala de pacientes percebi que eu seria a responsável pela Dona Joana. A mesma estava de jejum desde as 22h00 do dia anterior. Ela seria a primeira a entrar no centro cirúrgico para mais um desbridamento. Como rotina estabelecida, levei a Dona Joana para um banho de emersão e após, deixando-a coberta com lençol, aguardando que os médicos a chamassem.

Quando comecei a trabalhar naquele setor, a Dona Joana já estava internada lá a um bom tempo, portanto, não tinha noção de qual seria a 'enesima' cirurgia que ela estava passando. Um detalhe relevante e que merece ser citado, é que pelo fato do Hospital Penteado ser referência nesta especialidade no Estado de São Paulo, um dos critérios para o médico internar o paciente é que a extensão da queimadura deveria ser superior a 30% da sua área corpórea, portanto, necessitavam de cuidados intensos. Grande parte das vezes, as queimaduras eram de terceiro grau e de grande profundidade, por isso, eles passavam por várias cirurgias de desbridamento até estarem na época de partirem para a fase do enxerto.

Como era nova no setor, tinha a prerrogativa de optar por não trabalhar no centro cirúrgico, afinal, era um local de grande tensão e que necessitava de grande destreza para auxiliar os médicos. Procurei fugir daquele lugar o máximo que pude!

Chegou a hora da cirurgia, os médicos chamaram... conduzi a Dona Joana até a entrada do Centro Cirúrgico, e entreguei-a aos cuidados da outra equipe. Foi uma cirurgia demorada... creio que durou mais de 3 horas! Quando acabou, os médicos saíram e informaram que a paciente já estava liberada para retornar ao quarto, o que foi providenciado imediatamente, afinal tinha que liberar o local para o próximo da agenda...

Quando o efeito da anestesia foi passando, começou uma sessão de sofri-

mento que era angustiante! Dona Joana pedia para que eu administrasse mais medicação para minimizar a sua dor e ao consultar o médico, o mesmo alegava que já tinha feito o máximo da dosagem possível, portanto, a dor deveria ser suportada. Retornei ao quarto com o coração partido e com um enorme sentimento de impotência, mas tinha que acatar as ordens médicas.

Respirei fundo e comecei a conversar com Dona Joana... procurei justificar o porquê de não poder administrar nenhum outro remédio e, comecei a acariciar os seus cabelos (que por sinal tinham poucos devido a queimadura também no couro cabeludo). Mudei de assunto, perguntei sobre seus filhos... como tinha sido a última visita que havia recebido. Ela quis saber sobre a minha vida particular (filhas, marido, mãe, etc) e nisso ficamos por um período considerável. Durante o decorrer da conversa, continuava a fazer-lhe 'cafuné'. Aos poucos o ritmo do papo foi diminuindo, a voz ficando mais calma e Dona Joana adormeceu.

Sai então do quarto e dei continuidade às demais tarefas até o término do plantão. Entrei no seu quarto para despedir-me, mas como aparentava um sono tão tranquilo, não quis atrapalhar aquela serenidade e fui embora sem dizer 'tchau'.

Como trabalhávamos 12 por 36, só fui vê-la na quinta-feira. Cheguei no quarto... cumprimentei-a e perguntei como tinha sido o seu pós-operatório. Muito me emocionei quando ela respondeu que nunca tinha recebido um remédio tão potente quanto ao que eu havia administrado, pois ela havia dormido a noite inteira e não havia sentido nenhuma dor. Agradeceu-me com os olhos cheios de água... Ainda retruquei com ela dizendo que não havia feito nada, apenas ficamos próximas e conversamos. Ela insistiu: - Este era o remédio que eu precisava e há muito tempo pedia, mas ninguém tinha para me oferecer!

Sem saber o que dizer, dei-lhe um beijo e sai...

Autora: Sônia Regina Souza Silva

Uma Trajetória de Educação Permanente no Serviço Público

Estão aqui declaradas memórias, uma breve narrativa da vivência de 27 anos de Serviço Público.

Cursei Odontologia na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Faculdade de Odontologia de Araçatuba (FOA)- UNESP, graduando-me em 1989. O meu primeiro contato com a Saúde Pública foi por meio do atendimento ao usuário do Sistema Único de Saúde (SUS) nas clínicas da Fa-

culdade e como estagiária da Disciplina de Odontologia Social nos plantões da Aldeia Indígena Icatu, município de Braúna, São Paulo.

No início da minha carreira, trabalhei como Cirurgiã-dentista da Prefeitura Municipal de Araçatuba em consultório odontológico de Unidade Básica de Saúde (UBS), atendendo no período noturno. A forma de acesso ao atendimento odontológico era por livre demanda. Na época, os procedimentos eram registrados em Fichas de Atendimento Odontológico (FAOs).

Lembro-me de que havia uma auxiliar que recomendava: “Doutora, todo atendimento tem que marcar o código de exame clínico, assim irá aumentar a sua produção”. Eu refletia: “Hum... e os indicadores de avaliação do acesso, como ficariam”? Compreendi mais tarde.

Em 1994, ingressei na Secretaria Estadual de Saúde como Auditora do Serviço Odontológico na Unidade de Avaliação e Controle (UAC) do DRS II, Araçatuba, que possui 40 municípios na sua área de abrangência. Conferia, manualmente, as FAOs uma a uma, utilizando calculadora, pois não havia computador, a planilha no Excel era um sonho!

Logo em seguida, atuei como Assistente Técnico de Saúde, exercendo a Coordenação da Área Técnica de Saúde Bucal, onde me familiarizei com o Programa Saúde da Família, atual Estratégia Saúde da Família (ESF) e com as Capacitações aos profissionais de saúde.

Particpei do monitoramento em UBS da ESF (2002) nos municípios de Russas, Quixeré e São João do Jaguaribe, interior do Ceará. Após essa experiência, criaram-se dois grupos no DRS II, Araçatuba, com a finalidade de realizar o monitoramento da Atenção Básica: o Grupo de Atenção Básica do DRS (GABAD) e o Grupo de Atenção Básica do Município (GABAM).

Com o tempo surgiram as Capacitações e/ou Cursos para Monitoria de Conselheiros de Saúde, Saúde Bucal, Introdutório para as Equipes de Saúde da Família, Coordenação Pedagógica da Formação do Curso Técnico de Agente Comunitário de Saúde: totalizando 600 horas de capacitação (400 horas de concentração e 200 horas de dispersão).

Particpei, ativamente, da elaboração do Projeto de implantação, do regimento interno e da composição do Conselho Gestor, do antigo Polo de Educação Permanente Noroeste Paulista (PEP), em São José do Rio Preto, São Paulo.

Importante ressaltar que a operacionalização da Educação Permanente teve continuidade com a Comissão de Integração Ensino- Serviço (CIES) e com os Centros de Desenvolvimento e Qualificação (CDQs) por meio da socialização da Política Nacional de Educação Permanente e da Política Nacional de Humanização.

Como funcionária pública do Estado de São Paulo tive a oportunidade de cursar as seguintes especializações: Saúde Pública, Educação em Saúde, Saúde da

Família, Formação Técnica em Saúde, Aperfeiçoamento em Gestão das Clínicas nas Redes de Atenção à Saúde. Ainda por meio do ensino público fiz parte do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva em Odontologia, nível Mestrado, na FOA-UNESP.

Você pode estar questionando... E daí? A narrativa não passa de uma apresentação curricular... Mas, a intenção é justamente essa, demonstrar que houve e há uma Política de Governo para a Educação Permanente (EP) e que a continuidade dessa sempre dependeu de profissionais que, ativamente, mesmo diante de tantas adversidades, não desistiram. Consciente de que em cada atividade, quer seja virtual ou presencial, está uma população SUS- dependente, que nem imagina esse “mundo” complexo.

E, de repente, em 2020, surge o Coronavírus!

E os funcionários públicos continuam trabalhando para propor, apoiar e acompanhar os municípios no desenvolvimento de atividades que possibilitem a identificação de problemas e formulação de estratégias para a reorganização de um SUS de qualidade.

O desafio continua...

Autora: Lúcia Maria Lima Lemos de Melo.

Gratidão, pela História construída na Secretaria Da Saúde

Minha trajetória como funcionária pública se iniciou em 25/05/1994, como Oficial Administrativo, Celetista, na cidade de Cruzeiro – SP, no extinto ERSA 31. Trabalhei por aproximadamente 02 anos nesta cidade antes de ser transferida em virtude da extinção do órgão para a Sede da Direção Regional de Saúde de Taubaté – DIR XXIV na cidade de Taubaté. Viajamos por mais de dezessete anos todos os dias entre Taubaté e Cruzeiro, num percurso de aproximadamente 200 Km (ida e volta), pois recebíamos o transporte para exercer nossa função em outra cidade. Justamente por este fato passamos por diversas situações boas e ruins, mas que hoje reconheço, me fizeram crescer como funcionária, pessoa e ser humano.

Ao longo desta trajetória, muita coisa mudou em minha vida, me casei em 1998, fui mãe em 2004, me Graduei em 2011 e concluí minha pós em 2019. Enquanto DIR XXIV respondi pelo cargo Chefe de Seção por cinco anos até a extinção deste órgão. Hoje estou Diretora do Núcleo de Recursos Humanos, do

DRS XVII de Taubaté. Ao longo desses 26 anos de trabalho, 24 foram desempenhados no Núcleo de Recursos Humanos, onde descobri minha vocação e minha paixão. Este setor para muitas pessoas é considerado um dos piores, mas pra mim é fonte de realização. A cada benefício que podemos conceder, seja a concessão de um quinquênio ou uma licença prêmio, férias ou ação judicial, a orientação a um servidor num momento um pouco mais difícil como a perda de ente querido e a Aposentadoria que entre todos é a campeã.

Esta última para alguns, um momento de desespero por não se prepararem para uma nova fase, para outros um momento de muita comemoração por vencer mais esta etapa da vida.

Muitos talvez não consigam enxergar a beleza de participar desta demanda, esclarecer dúvidas, ou apenas emprestar os ouvidos para alguém que quer conversar, desabafar e não consegue ninguém que escute.

Obviamente nem tudo são flores, já vimos muitas pessoas partirem por diversas razões, alegres ou tristes, mas me orgulho de tudo que fiz até agora. Creio que neste Núcleo de Recursos Humanos posso considerar a todas que trabalham comigo uma Equipe, que enfrenta as dificuldades pessoais e do trabalho, mas sempre colaborando para o desenvolvimento conjunto de todos os quais nós servimos. Às vezes a demanda causa desacertos ou mesmo mágoa por parte de alguns, mas com certeza todos buscam dentro de si um motivo, uma força para fazer mais e melhor e quando encerramos o nosso dia temos a certeza de que fizemos o possível e além para que nossa missão fosse alcançada. Portanto hoje, escrevo para agradecer a todos que contribuíram para que chegássemos até aqui, sejam com as críticas ou com os elogios, pedir desculpas se não conseguimos atender como deveríamos. Espero que ao me aposentar e lembrar tudo que passei aqui nesta grande família, possa sorrir, sentir saudade, mas antes de mais nada poder dizer a mim mesma TUDO VALEU A PENA! GRATIDÃO.

Autora: Kátia Cilene Francisco

Vivências e Memórias do Cotidiano

Minha trajetória no serviço público começou há 32 anos atrás; posso afirmar que me sinto completamente realizada com a profissão de enfermeira que escolhi e que tive a honra de exercer por 21 anos na Atenção Básica. Olhando para trás, consigo ver que cometi erros não intencionais, mas

tive muitos acertos, conquistas; adquirir novos conhecimentos que fizeram com que eu os utilizasse para melhor exercer minha profissão. Sorri, chorei, me decepcionei, descobri que nem sempre as pessoas são confiáveis, fui testada em meus conhecimentos e também quanto a minha capacidade profissional e conduta como cidadã. Há 11 anos exerço a função de Articuladora da Atenção Básica na CIR Alta Paulista/ RRAS 11 de Presidente Prudente e por 7 anos compartilhei a mesma, com minha amiga Lígia Maria Antunes de Oliveira e Souza Sinatura. Faço aqui um parêntese, para homenagear essa companheira com quem aprendi muito e da qual sinto muitas saudades (há quase 4 anos ela está aposentada). Esse trabalho me permitiu ter um olhar ainda mais ampliado para as diferentes realidades de cada território. O número insuficiente de profissionais para o exercício do cuidado ao usuário SUS, outras vezes, gestores e profissionais sem o devido entendimento das políticas de saúde do Sistema Único de Saúde e mesmo assim, buscando oferecer o que de melhor podiam dentro de suas limitações, insuficiência dos recursos financeiros, o enfrentamento da política partidária interferindo de forma contrária as políticas de saúde, etc. Exercer esse papel de apoio à gestão e equipes multiprofissionais tem sido uma das experiências mais fantásticas, desafiadoras e árduas na minha vida, no sentido de contribuir para que o direito à saúde e às condições de trabalho dos profissionais sejam garantidos. Descobri que o serviço público é maravilhoso, mas quem nem sempre quem veste essa camisa consegue espelhar essa imagem, que por algumas vezes é visto com uma lente que não revela sua grandeza. Eu sempre acreditei que para cuidar de gente é preciso gostar de gente, se interessar de fato por sua história de vida, seja ela colorida ou não. Minha amiga Rose Ibanez Challouts (articuladora da Humanização), pessoa por quem tenho uma profunda admiração e com quem aprendo muito, me ensinou que é preciso “apostar sempre nos processos”, aos poucos entendi, que essa aposta significa dizer, que existe sim do outro lado da rede, alguém disposto a somar com você, suas ideias, por mais inusitadas que possam parecer, se forem realizadas pensando no bem estar do indivíduo que foi o alvo da intervenção. Tenho consciência de que meu trabalho aos poucos, está contribuindo para as mudanças necessárias nos territórios através do acompanhamento cuidadoso do público em maior condição de vulnerabilidade: nas discussões e reflexões dos processos de trabalho com as equipes e gestão municipal quando da ocorrência de óbitos maternos e infantis por exemplo; da desospitalização da pessoa em sofrimento psíquico, quando do monitoramento dos crônicos e na reinvenção das práticas quando o que seria viável não é possível, mas que é possível com o que parecia inviável. Por fim, quero registrar que faço parte de uma equipe comprometida e companheira (RRAS 11 de Presidente Prudente) que se apoia para fazer o seu melhor: oferecer o conhecimento e o direcionamento àqueles que

estão na linha de frente do cuidado em cada ponto da rede que contribui para os processos de recuperação da saúde, promoção e prevenção de agravos cada dia mais desafiadores aos conhecimentos técnicos e científicos existentes. Sou funcionária pública com muito Orgulho e busco exercer minha missão com respeito, compromisso e Amor.

Autora: Maria Luiza Rodrigues Braga

Rosangela, que não era Rosangela

Quem era ela? Vou apresentá-la: Rosangela era mais uma, só mais uma, entre as 4.439 pessoas institucionalizada em hospitais psiquiátricos que o Censo Psicossocial identificou em 2014 no Estado de São Paulo. Só no Estado de São Paulo.

Mais uma que, por ter um transtorno mental, foi excluída da sociedade. Mais uma que não teve seu direito assegurado por lei. Lei que traz na sua essência “proteção e direitos”, mas para Rosangela, sem efeito.

Vou contar para vocês como eu conheci a Rosangela, que não era Rosangela.

Foi em 2014 quando tive a oportunidade de compor uma equipe denominada de “Equipe de Desinstitucionalização”, palavra difícil de pronunciar e para facilitar passamos a dizer apenas equipe de “*desinsti*”.

E à equipe de “*desinsti*” foi posto um grande desafio, conhecer cada morador de três grandes hospitais e planejar suas altas, altas que já deveriam ter sido pensadas, mas só foi possível após um Termo de Ajustamento de Conduta,

Bom devo falar desse lugar, e aí me vem um ditado popular que diz: “*Por fora bela viola, por dentro pão bolorento*” e foi assim a primeira impressão. Um lugar com um belo jardim de entrada, muito arborizado, um lugar perfeito para sentar e ler um bom livro, mas era só a porta de entrada.

Que lugar de saúde mental era esse? Há quinze anos achando que já tinha uma grande bagagem nessa área, estava redondamente enganada. O lindo jardim de entrada não nos dava a menor ideia do que tinha porta a dentro. Nuca tinha visto nada igual.

Ocupado quase na sua totalidade por mulheres, todas de cabelos curtos, iguais. As roupas também todas iguais, o que diferenciava eram as cores, verde, vermelho e azul. Eram as alas. Enormes pátios e lá estavam elas, algumas andando de um lado para o outro, outras deitadas e tinha também algumas sem rou-

pas, corpos nus, nudez de tudo... Tinha também o cheiro, que impregnava nas narinas e dava um mal-estar, depois se acostuma, como elas, acostumadas aquele lugar. Total inercia.

Ali iniciava uma experiência pessoal e profissional única. Identificar e direcionar as mais de 300 pessoas para um outro destino. Mais de 300 histórias, perdidas, sem identificação, sem vínculos. Lembram da Lei? Ali estavam os desprovidos que a lei deveria proteger.

E Rosangela, não vou lembra-los que não era Rosangela. Estava lá. Mulher falante, carismática e nos conta sua história. Quando questionada por que não foi feito para sair desse lugar ela diz: *“Aqui ninguém no ouve”*. Fato, lugar onde as pessoas não tinham voz e ela tinha tanto para falar, mas escutar o outro não fazia parte daquele contexto. Internada há mais de três anos teve naquele momento pessoas para escutá-la e algumas pistas tivemos para localizar sua família, mas sem sucesso. Porém, quando novas pessoas passam a compor a nossa equipe de *“desisnti”*, eis que alguns a reconheceram e ela também. Foi um verdadeiro furdunço, alegria geral. Um novo momento, agora com informações precisas seu destino seria outro, pois tinha família, tinha casa, tinha um outro nome, não era Rosangela.

Ao ser questionada sobre seu verdadeiro nome, simplesmente diz: “minha mãe me deu esse nome, mas não gosto, prefiro Rosangela”. Talvez nesse momento o nome foi um detalhe, precisávamos pensar em avisar sua família. Ao fazermos isso, achavam que ela estava morta, foram várias tentativas de busca sem sucesso, sua mãe estava fora de São Paulo, no Nordeste e quando foi avisada não acreditava que a filha estava viva. Uma de suas filhas estava grávida, logo seria avó.

Chegamos na hora certa ou chegamos tarde? Os novos membros da equipe sabiam detalhes da história da Rosangela, ela era soropositiva para HIV e há cinco anos internada nesse hospital nunca havia realizado nenhum exame, a equipe do hospital desconhecia essa informação, pois bem, a integralidade do cuidado não cabe nessas instituições. E Rosangela, já apresentava doenças oportunistas, seu quadro agravou e logo veio a óbito. A mãe ainda estava no Nordeste, as filhas com dificuldades financeiras para vir sepultá-la.

O hospital informa que ela seria sepultada como indigente, pois não havia nem documento que comprovasse sua identidade, tinha apenas as informações da equipe de *“desisnti”* e isso não era suficiente. Conseguimos trazer a família até a cidade, fizemos vaquinha para pagar a diária do hotel e garantimos que as filhas estivessem lá no último adeus e apresentassem seu documento original. O velório foi num dia frio, sem flor e sem velas, sem nenhum ritual, apenas um corpo lá esperando a burocracia para enterrá-la. No cortejo, suas duas filhas, quatro pessoas da equipe, uma moradora do bairro, que segundo ela gosta de ficar no

cemitério para acompanhar os enterros e um coveiro heavy metal com fone de ouvido escutando um rock pesado que de tão alto a gente ouvia enquanto o caixão era conduzido. E assim foi o destino da Rosangela, mais uma vez e a última que vou repetir, seu nome não era Rosangela, foi sepultada no cemitério público da cidade, numa ala exclusiva para os excluídos, mas garantimos seu direito de ser enterrada como cidadã, não foi só mais uma indigente, como muitos que ali foram sepultados, identificados como “Desconhecido Branco” “Maria I e Maria II”

Em 2018, esse lugar que só tinha um belo jardim foi totalmente desativado como hospital psiquiátrico.... Esperamos que a história não se repita, pois TRANCAR NÃO É TRATAR.

Autora: Lúcia Aparecida de Souza

COORDENADORIA DE SERVIÇOS DE SAÚDE - CSS

Criada pelo Decreto n.º 49.343, de 24 de janeiro de 2005 que dispõe sobre as Coordenadorias da Secretaria da Saúde do Estado de São Paulo, A Coordenadoria de Serviços de Saúde – CSS tem como uma de suas principais atribuições a coordenação, no âmbito da SES/SP das atividades dos hospitais e ambulatórios de especialidades próprios, integrantes de sua estrutura. É também a instância responsável por acompanhar a execução financeira e orçamentária dos hospitais e de outras unidades de saúde sob gestão estadual, orientando, avaliando seus desempenhos, o impacto e o resultado dos serviços de saúde prestados. Ainda, além das atribuições previstas na legislação vigente, compete à CSS II: contratar, mediante as demandas locais identificadas pelas Direções Regionais de Saúde, a prestação de serviços de saúde próprios e controlar e avaliar os contratos estabelecidos.

Conta atualmente com 16 Hospitais Gerais, 02 Hospitais Infantis, 04 Maternidades, 08 Hospitais Especializados, 10 Hospitais Psiquiátricos, 07 Ambulatórios e o Grupo de Resgate (GRAU) distribuído por todo o Estado de São Paulo (capital e interior).

Constituímos maior contingente de servidores próprios da Secretaria do Estado, que são os responsáveis por boa parte da assistência prestada aos Usuários do Sistema Único de Saúde – SUS, no Estado de São Paulo.

Apesar, de todos os desafios que temos enfrentado e ainda vão enfrentar, o Estado de São Paulo é uma referência Nacional em Saúde Pública, oferecendo a população de São Paulo e de outros Estados, técnicas diagnósticas e terapêuticas de reconhecimento internacional, com grande participação dos servidores da Coordenadoria de Serviços de Saúde, que seguem escrevendo ao longo do tempo a História do SUS.

Magali Vicente Proença
Coordenadora de Saúde

Memórias do Cotidiano 2

Nesses quase 30 anos de Secretaria, muito aprendemos com os nossos clientes. Vivenciamos muitas situações e tivemos grandes aprendizados. Dentro do Centro de Recursos Humanos, o nosso cliente, o servidor, é o nosso foco.

Saber o que ele precisa, o que ele oferece é importante para que possamos

conduzir de forma acertada, a direção a ser tomada.

Temos que ter um olhar técnico, obedecendo à legislação, mas precisamos também, ter um olhar à pessoa humana, pois desta forma estaremos agregando valores positivos, visando o bem estar do nosso cliente e conseqüentemente, a melhoria na qualidade dos serviços prestados.

O servidor que é reconhecido pelas suas qualidades e necessidades exerce suas atividades, bem e melhor, produzindo um trabalho de qualidade.

Durante esse tempo, tivemos situações de dificuldades apresentadas pelo nosso cliente, quanto à distância, gastos com transporte, dificuldades de moradia, situações essas, que pedem não apenas um olhar técnico, mas um olhar humanizado, buscando nesse conjunto, a melhor solução.

Da experiência adquirida no Serviço de Recursos Humanos, da Saúde Pública, restaram lembranças, que vamos levar para sempre em nossas memórias. Nada mais prazeroso que poder ouvir um cliente e lhe dar a indicação certa, para a resolução do seu problema.

Ao longo desse período, servidores lotados nos Hospitais, vinculados a esta Coordenadoria de Serviços de Saúde, aqui chegaram estressados, em busca de solução para suas queixas e procuramos atendê-los, sempre pautados, não apenas pela legislação que envolve o Centro de Recursos Humanos, mas tendo também, um olhar voltado para o servidor, pois esse deve ser o foco de todo Órgão de Recursos Humanos.

Pessoas que por um lapso, deixaram de receber seus proventos e que com apenas um olhar mais atento, pudemos detectar a falha e corrigir o problema. Outras vieram, em busca de orientação, tendo em vista a necessidade de mudança de moradia, ou por questões financeiras, ou ainda, por questões pessoais, de violência, inclusive.

Nossos clientes precisam se sentir amparados. Nesse contexto, observamos a necessidade de um trabalho de psicologia, frente a situações que se apresentam, onde as pessoas buscam apenas uma palavra de conforto, já que o estresse do dia a dia, às vezes desestrutura o ser humano.

O tempo passou e agora que estamos seguindo uma nova trajetória, vamos levar desta Secretaria, muitas lembranças que irão ficar para sempre. O carinho dos colegas de trabalho, a cumplicidade nas ações.

Nosso Centro de Recursos Humanos é uma equipe que se preocupa com a qualidade dos serviços prestados e com o bem estar dos servidores, tendo um olhar técnico, mas ao mesmo tempo humanizado.

Às equipes de Recursos Humanos de nossas Unidades, sempre buscamos atender, quando das suas dúvidas e necessidades, com atenção e carinho, dando-lhes a orientação necessária, para a melhoria na qualidade dos serviços prestados.

Na visão do Nosso Centro de Recursos Humanos, o foco está voltado, não só para o lado técnico, mas para a pessoa humana, até para que ela se sinta motivada na sua profissão e nesse sentido, há que se pensar na possibilidade de Plano de Carreira, para os nossos servidores.

Autora: Neusa Sales Gonçalves Fernandes

Breve história do Hospital Geral de Vila Penteados I

PMS: A construção do Hospital Geral de Vila Penteados na região norte da cidade de São Paulo atendeu antiga reivindicação da comunidade e do Movimento de Saúde da Zona Norte pela existência de uma unidade hospitalar na região. Em 1.983, o Decreto Estadual 21.862 criou a Comissão do Programa Metropolitano de Saúde que definiu as prioridades no investimento em Saúde, dentre elas a construção do Hospital Geral de Vila Penteados, cuja obra foi iniciada em 1.987.

CONVITE: Em 1.990, fui convidado pela então Diretora Técnica do ERSA-7, Dra. Eleonora Machado Freire, para desenvolver o planejamento operacional do Hospital Geral de Vila Penteados, em construção, tendo participado do Grupo Tarefa Especial da SES/SP, que coordenou o planejamento dos novos hospitais da SES/SP – Resolução SS-65 de 07/03/1990, D.O.E. de 15/03/1990, seção I, pg. 9.

TAREFAS IMEDIATAS: As tarefas que se colocavam naquele momento eram, basicamente:

- levantamento da situação da obra e das instalações de equipamentos e redes de distribuição;
- readequação do modelo funcional da unidade, definição da estrutura administrativa, dimensionamento de pessoal, equipamentos e materiais de consumo e fixação das metas de produção;
- elaboração da minuta do Decreto de criação da Unidade, estimativa orçamentária, estabelecimento de fluxos, normas e rotinas, padronização de materiais, definição do quadro de pessoal e do processo seletivo, contratação de serviços de terceiros.

Para desenvolver essas tarefas foram convidados funcionários de carreira da Secretaria de Estado da Saúde, experientes nas suas áreas de atuação, para constituir o núcleo inicial de administração do hospital. A esse núcleo inicial fo-

ram se agregando centenas de funcionários que abraçaram o sonho de construir um grande hospital do qual todos pudessem se orgulhar, ou seja, “transformar o sonho em realidade”. A missão que se colocava para o hospital era “Prestar assistência médico-hospitalar com qualidade, de acordo com as necessidades e expectativas dos clientes, promovendo o desenvolvimento do ensino e da pesquisa na área da saúde”.

Pelo modelo funcional elaborado pelo Programa Metropolitano de Saúde, o Hospital Geral de Vila Penteadado teria nível secundário hospitalar, com atendimento nas quatro especialidades básicas com apoio laboratorial e exames de imagem, não contando com serviços de maior complexidade. Durante o planejamento operacional procedeu-se a uma análise da demanda existente e da situação de atendimento à saúde na região e constatou-se a necessidade de ampliar a atuação do Hospital incorporando outras especialidades de caráter terciário não previstas inicialmente, tais como: Ortopedia/Traumatologia, Cirurgia Plástica/Queimados, Cirurgia Buco-Maxilo-Facial, Medicina Intensiva além de outros serviços diagnósticos como a Endoscopia/Colonoscopia.

O Decreto 32.253, de 31/08/90, que “cria, estrutura, organiza e regula o Hospital Geral de Vila Penteadado da Secretaria da Saúde”, foi publicado no D.O.E. de 01/09/1.990.

Houve importante participação da comunidade na vida do Hospital por meio do Conselho Popular de Saúde e da Associação das Voluntárias do H.G.V.P. A comunidade também se envolveu com a escolha do Patrono do Hospital, tendo eleito para tal o médico Dr. José Pangella, destacado profissional que atuou na região e ficou conhecido pela sua competência profissional, dedicação e humanismo. A Lei 9.775, de 25/09/97, de autoria do Deputado Juscelino Cardoso de Sá conferiu ao Hospital Geral de Vila Penteadado o nome do seu patrono – “Dr. José Pangella”.

PRIMEIRA DIRETORIA DO HOSPITAL:

- Diretoria Técnica: Dr. Cláudio Molina Martines;
- Divisão Médica: Dr. João Sabino Vieira de Freitas;
- Divisão de Enfermagem: Enf. Sandra Regina Araujo Rivaldo; Divisão de Apoio Clínico: Dr. Jairo Korn
- GTGH - Grupo Técnico de Gerenciamento Hospitalar: Adm. Terezinha Cupertino dos Santos
- Serviço de Recursos Humanos: As.Soc. Maria Aparecida Novaes
- S.E.S.M.T.: Eng. Domingos de Azevedo Oliveira
- Assistência Técnica: Bel. Carolina Soares Valério, Dr. Abílio Rodrigues Lopes e Dr. Paulo Cesar Mendes Carneiro

Ter participado do planejamento do Hospital e tê-lo dirigido por cerca de quinze anos, trabalhando em estreita cooperação com uma equipe de grande valor, representou para mim motivo de grande satisfação pessoal e realização profissional.

Início das atividades do Hospital: Dia 28 de outubro de 1.991 (Dia do Funcionário Público)

Autor: Cláudio Molina Martines

Breve história do Hospital Geral de Vila Penteadó II

A revisão do modelo funcional original do Programa Metropolitano de Saúde deu ensejo a adaptação de instalações e do plano de equipamentos e instrumentais para permitir o funcionamento de serviços mais complexos do que os inicialmente previstos. O planejamento operacional dispôs sobre a ativação dos serviços em três fases, com ampliação progressiva das atividades e da complexidade dos serviços, nas áreas clínicas e de apoio diagnóstico, com o devido apoio da área administrativa.

Foi reformada uma ala do 3o andar para instalação, em caráter provisório, da U.C.E. - Unidade de Cuidados Especiais. Ao final de 1.998 a U.C.E. mudou para outra ala do Hospital que propiciava melhores condições de trabalho e assistência, abrigando a terapia intensiva (adulto e infantil) e a semi-intensiva. A Unidade de Neonatologia em sistema de alojamento conjunto contava com 04 leitos de terapia intensiva neonatal, 04 de semi-intensiva e 12 de cuidados intermediários.

Após sua inauguração em 28/10/1991, o Hospital rapidamente alcançou grande volume de atendimento no Pronto Socorro, Ambulatório e internação. Todos os serviços planejados foram ativados: clínica médica, pediatria, cirurgia geral, ortopedia/traumatologia, ginecologia e obstetrícia, cirurgia plástica/queimados, cirurgia pediátrica e buco-maxilo-facial, alguns desses serviços são importantes referências terciárias na região norte da capital de São Paulo.

A **Unidade de Queimados** foi aberta em 16/11/93 numa enfermaria adaptada após a crise havida com o fechamento do Hospital Umberto Primo (Matarazzo), que levou a uma redução drástica do número de leitos disponíveis para atendimento a queimados em São Paulo. Em menos de vinte dias teve que ser organizado o novo serviço, contando para tal com a inestimável colaboração

da ex-chefe da Unidade de Queimados do Hospital Umberto Primo. Após reforma das instalações, em 27/09/1996 a Unidade de Queimados foi reinaugurada, recebendo o nome de “Ari do Carmo Russo”, em homenagem a destacado especialista nesse tipo de atendimento. Dada a qualidade do ambiente operacional e da equipe, a Unidade recebe em estágio médicos residentes de outras instituições para complementação de sua formação.

No mesmo ano de 1.993, e ainda em consequência do fechamento do Hospital Umberto Primo, foi possível incrementar as atividades da **Ortopedia e Traumatologia** com a vinda para o H.G.V.P. de parte do grupo de ortopedistas daquele hospital, uma equipe especialmente capacitada que propiciou a ampliação do atendimento e a criação da Residência Médica em Ortopedia para colaborar com a formação de médicos especialistas.

O Serviço de **Cirurgia Buco-Maxilo-Facial** começou suas atividades em 1.994, inicialmente em atendimento ambulatorial e cirurgia eletiva e, desde 1.997, vem realizando atendimento emergencial com equipe própria no Pronto Socorro. O Serviço progressivamente incrementou sua produção sendo uma referência para a Capital de São Paulo. Desenvolve programa de aprimoramento em Cirurgia Buco-Maxilo-Facial para capacitação de profissionais na área.

Foram criados inúmeros programas de humanização da atenção hospitalar e, por meio de um Pacto Regional, foi facilitado o acesso dos pacientes atendidos na rede básica da região para os serviços assistenciais e diagnósticos do hospital, melhorando a integração da rede de saúde.

Algumas iniciativas inovadoras na área administrativa:

- Implantação do HOSPUB/Datusus – Sistema Integrado de Informatização de Ambiente Hospitalar, operado em plataforma Linux para gerenciamento do atendimento do paciente;

- Sistema de Custo Hospitalar – desenvolvido por servidores do próprio quadro;

- Utilização de aplicativos de escritório em software livre (Linux) – StarOffice e OpenOffice;

- Participação do projeto-piloto de pactuação de metas por meio do TCG – Termo de Compromisso de Gestão, embrião do atual Contrato-Programa.

Várias atividades foram desenvolvidas no âmbito do Programa “CUIDAR DE QUEM CUIDA” como: o CCI – Centro de Convivência Infantil (criado pelo Decreto 39.482, de 08/11/94), o SESMT com sua Seção de Assistência ao Servidor, prestando atendimentos clínicos, ginecológicos e odontológicos, o PPA – Programa de Preparação para Aposentadoria, dentre outras.

Nos cerca de quinze anos em que dirigi o Hospital Geral de Vila Penteados tive a satisfação de conviver com funcionários competentes e verdadeiramente

compromissados com a assistência à saúde dos pacientes, cujo trabalho de excepcional valor mereceu o justo reconhecimento por parte da população e das autoridades superiores.

Autor: Cláudio Molina Martines

Um grupo que nasceu da sensibilidade

A memória escolhida para compartilhar surgiu da nossa vivência com pacientes psiquiátricos do Hospital Dia (HD) do CAISM “Dr. David Capistrano da Costa Filho” da Água Funda.

A experiência de mais de 10 anos em Saúde Mental nos deu a oportunidade de observarmos na prática alguns aspectos relevantes do desenvolvimento emocional do psicótico. Alguns desses aspectos é a enorme desconexão com os sentimentos e dificuldade na percepção e relação com o corpo como a de atribuir significado, nomear e organizar as experiências sensoriais.

Pensando em atender tais necessidades, que apareciam frequentemente na nossa rotina de trabalho, pois lidamos com pacientes que apresentam grande dificuldade de permanecerem em grupos até o final e/ou não permanecem em nenhum outro grupo de atividades, foi estruturado um grupo que pudesse propiciar um espaço de vivências multissensoriais para trabalhar os pontos mais primários do desenvolvimento humano. Sendo este, um espaço com oferta de holding, continente e acolhedor, que pudesse abarcar num ritmo mais brando, as necessidades mais básicas e primitivas, utilizando outros recursos terapêuticos além do verbal e sem intenção interpretativa, dentro de um enquadre clínico diferenciado (Winnicott, 1954/2000; Bleger, 1985; Vaisberg, 2003).

Desta forma, sustentamos nosso trabalho na clínica com psicóticos seguindo as perspectivas de enquadres e manejos diferenciados de inspiração winnicottiana.

Durante três anos e meio do acontecer do grupo foram percebidas mudanças que ocorreram de forma gradativa e não linear tal como ocorre no desenvolvimento pessoal. O manejo foi trabalhoso, pois havia uma desconfiança da parte dos participantes sobre os objetivos do grupo, por mais que houvesse esclarecimentos frequentes sobre as propostas e intenções do encontro.

No decorrer destes encontros, eles foram permanecendo por mais tempo, chegando no horário sem precisar de tanta estimulação e às vezes chegando com

antecedência. Também foram sentindo mais confiança no ambiente e nos demais participantes, aceitando melhor as intervenções.

Outro aspecto observado foi a mudança diante do autocuidado e da autopercepção, expressando-se melhor, discriminando sentimentos, pensamentos ou incômodos corporais e os diferenciando de questões emocionais.

Também apareceram pontos relacionadas à interação e espontaneidade, passaram a interagir mais entre si e com a equipe e foi percebido o estreitamento dos vínculos. Acredita-se que passaram a ter uma maior noção de sua existência e da existência de um outro. A espontaneidade também surgiu na fala sobre novas sensações e experiências, na apropriação de sentimentos e no despertar da existência do “dentro” e do “fora”, sendo que algumas destas remeteram ao cuidado materno e/ou falta dele.

Como considerações finais ressaltamos que foi de grande importância para nós realizarmos esse grupo repleto de trocas riquíssimas e, por meio dele, pudemos considerar que uma característica essencial para esse tipo de trabalho que desenvolvemos é que os coordenadores estejam, de fato, disponíveis afetiva, amorosa, sensível e dedicadamente para que se possa criar vínculos de confiança, olhar e ver o sujeito na sua singularidade e, desta maneira, favorecer o desenvolvimento emocional.

Também é importante considerar que a experiência multissensorial atrelada ao vínculo pode favorecer o desenvolvimento e amadurecimento emocional de pacientes que sofreram falhas ambientais graves.

A expectativa que os pacientes demonstraram em receber o cuidado pode ser a certeza de que o bom vai chegar e isso é o protótipo da vida.

Por fim, o intuito foi a de proporcionar um ambiente mais saudável, seguro, confiável e constante e possibilitar a experiência sensorial na tentativa de “resgate” de vivências primitivas do desenvolvimento emocional e favorecimento da integração.

Autoras: Auta Aparecida da Cruz, Geórgia Terciotti
Dias Vizentim, Samanta Pugliesi Latanza.

O Lar

Revisitar histórias é algo intenso e transformador. As memórias causam uma mistura de pensamentos e sentimentos que tentamos organizar, à medida que lembramos nos damos conta que os fatos e percepções deles estão intimamente ligados, é quase impossível separá-los, e assim dão forma, vida, cor, alma às nossas lembranças, tornando-as únicas e especiais. É assim que recorde de diversas experiências no Núcleo de Moradias Protegidas, do CAISM da Água Funda. Compartilhar essas experiências e lembranças é de alguma forma observar e refletir sobre a evolução de parte de minha própria trajetória profissional e pessoal.

Há 18 anos, em 2002, quando ingressei na Secretaria de Estado da Saúde como psicóloga, conheci um dos serviços que considero um dos mais importantes na área de reabilitação psicossocial em saúde mental, que me inspirou e contribuiu imensamente para minha evolução pessoal e profissional. As experiências de trabalho no NMP se revelaram em aprendizados e exercícios de atuação mais efetivos e significativos.

O Núcleo de Moradias Protegidas – NMP do CAISM da Água Funda nasceu em junho de 2000, oriundo das diretrizes da Reforma Psiquiátrica, com o espaço físico de nove casas, tinha a princípio o nome de Lar Abrigado e o objetivo de atender pessoas portadoras de transtorno mental vindas de diversos hospitais que haviam sido fechados; pessoas que haviam sido privadas ao longo de vários anos de suas liberdades, de sua cidadania, da possibilidade de realizar escolhas, muitas vítimas de um tratamento ineficiente e desumano.

O “Lar”, como ainda carinhosamente o chamamos, tinha o propósito desafiador de devolver ao usuário o seu lugar de cidadão, possibilitando o resgate do vivido e sua articulação no campo real e social, proporcionando que estas pessoas novamente participassem das trocas sociais. Assim, várias ações foram desenvolvidas e pensadas dentro de projetos terapêuticos singulares de tratamento, inclusão e participação social. Fazer compras, escolher e preparar a alimentação, participar de passeios, festas, assembleias, grupos e oficinas. E ainda resgatar histórias, vínculos, habilidades, subjetividades. Descobrir novas formas de agir, de protestar, de se comunicar, de lidar com o próprio sofrimento. Nas casas, a oportunidade vinha na relação com o colega de moradia e os profissionais, de construir o cotidiano de um lar, na mistura entre as rotinas de atividades, a comunicação e os afetos. Pois então, apenas poder ser e estar no mundo. Algo que para nós parece tão trivial, corriqueiro e natural, mas que para os moradores era urgente e vital.

Hoje, tantos anos depois, tendo participado ativamente deste processo,

como psicóloga e depois como coordenadora, percebo-me transformada e com a sensação de missão cumprida. Claro que, como em toda história, também passamos por momentos difíceis, de aflições e desgastes, tivemos dúvidas e perdas, mas desde 2002, quando ingressei neste serviço, muitas altas qualificadas para a comunidade foram propiciadas, muitas histórias resgatadas junto à família, muitas conquistas de direitos, e para aqueles que não só passaram por nós, mas ficaram; estes tiveram um lar, com tudo que esta palavra possa significar, não apenas uma casa, mas um lar.

Sabemos que para tudo há um ciclo e hoje vivemos o encerramento deste trabalho de 20 anos com a saída gradativa dos moradores para as residências terapêuticas, dando continuidade à suas trajetórias de vida, construindo outros vínculos, histórias e memórias com os colegas e profissionais que encontrarão pelos caminhos.

Encerrar um ciclo leva-me a pensar no início onde tudo começou e ao mesmo tempo no que será após o recomeço. Durante este percurso, relembro das escolhas, revisito histórias, arquiteto novos caminhos, e mais importante, sinto-me satisfeita em fazer parte da construção e desenvolvimento de um trabalho amplo e de uma equipe que contribui e contribuiu positivamente no tratamento e na vida de muitas pessoas. Obrigada ao Lar!

Autora: Andréa Pujol Lazarini Mormito

Bucólica Canção de Ninar

Era uma manhã fria de sexta-feira, emenda de feriado, silêncio pleno. Apenas o balanço das folhas das grandes árvores, disputando atenção dos pequenos pássaros.

Eu estava lá, na rotina administrativa do Setor de Coleta. Os colegas estavam realizando suas atividades nas clínicas, como de costume. Sozinha na sala ouvi bem longe, uma música semelhante a um canto de ninar, tão tranquila e tão doce.

A música aumentava com a aproximação dos passos lentos, na alameda principal daquela unidade de saúde mental, que por sinal, uma belíssima fazenda localizada na região Norte desta imensa Selva de Pedras (SP).

Parei o que estava fazendo, fui até a janela e acompanhei com o olhar tamanha sutileza musical. Quase não pude acreditar no que o destino me mostrava. Aquela paciente que cantava, era a mesma que eu havia conhecido treze

anos atrás em outra unidade psiquiátrica que, outrora, trabalhei na região da Grande São Paulo.

Era uma cantiga tão suave cantada com clareza e tranquilidade, demonstrando serenidade. Por algum tempo me pus a imaginar se aquela canção havia sido cantada para ela em sua distante infância, ou se ela própria havia cantado para alguém, que em algum momento fez parte de uma lembrança.

Quando o silêncio voltou a ecoar, agradei por ter presenciado atitude tão atípica dessa paciente. Cinco anos se passaram desde então e não presenciei mais tal cenário, que pena!

Eu continuo por aqui, mas Dóroti¹ não. Pode ser que esteja embalando, ou não, outros ouvidos atentos em outros ares.

Sinto falta dessa personalidade transparente e autêntica que sempre foi só dela. Eu não imaginava que teria tamanho privilégio em um bucólico dia de ofício. Guardo na memória essa recordação ímpar. Nem se quer desconfiava que seria tão grata por ter estado no lugar real, no momento ideal.

Autora: Janete Lourenço Sgueglia

Vencendo os Desafios

Ingressei na Secretaria de Estado da Saúde (SES) - Cais Clemente Ferreira em Lins, no ano de 1997, exercendo atividades como psicóloga, no atendimento à pacientes portadores de transtorno mental.

Durante minha jornada profissional, tive a oportunidade de realizar vários cursos oferecidos pela SES, os quais me proporcionaram um vasto conhecimento na área, destacando alguns de maior relevância: Especialização em Saúde Pública e Administração Hospitalar, Especialização em Saúde Pública com ênfase em Saúde Mental, sendo essa ministrada pela Universidade Estadual de Campinas.

Exerci as atividades de psicóloga por cinco anos e neste período, como parte integrante da equipe assistencial, organizamos a primeira unidade de pacientes para ambos os sexos em um mesmo espaço físico, promovendo desta maneira uma convivência que antes não era possível, obtendo ganhos e resultados satisfatórios.

Posteriormente fui convidada pela dirigente da Instituição a assumir uma gerência composta por três unidades, totalizando cerca de cem pacientes e uma equipe multiprofissional de aproximadamente cento e vinte servidores.

¹ Nome fictício

No ano de 2001, participei da implantação do projeto para atendimentos de crianças e adolescentes em situação de risco, com distúrbios neurológicos e outros agravos à saúde. Assumi este trabalho definindo a equipe, estrutura física, aquisição de materiais e equipamentos, dentre outras demandas necessárias para estarmos aptos a receber esta nova clientela.

Cabe ressaltar que foi um trabalho inovador e de referência para o Estado de São Paulo. Recebemos pacientes na faixa etária de 0 a 18 anos, a princípio da grande São Paulo com posterior expansão para todo Estado.

O trabalho foi pautado na reabilitação física, mental, social e familiar. Contou com uma equipe multiprofissional engajada, que estava disposta a aprender e crescer de maneira unida e colaborativa, pois tratava-se de um trabalho novo, com muitos desafios a serem enfrentados. A equipe trabalhou respeitando as limitações, diferenças e o potencial de cada paciente, onde as habilidades presentes eram o ponto primordial de partida para o tratamento.

Importante destacar que os familiares destes pacientes residiam, a grande maioria, a 500 km de distância e para que o vínculo fosse mantido, a Instituição disponibilizava passagens de ida e volta, uma vez por mês (ou conforme necessidade previamente discutida com a equipe), bem como alojamento e principais refeições do dia. Essa era uma grande ação desenvolvida como parte do tratamento.

Eram realizados estudos de todos os casos, e quando possível, realizados com a presença de um membro da família, enriquecendo assim a discussão.

Com o passar dos anos e o crescimento dessas crianças, as necessidades individuais foram mudando e as exigências no sentido de aquisição de objetos pessoais para melhor individualização foram surgindo. Pensando nisto, a equipe trabalhou para que fosse possível oferecer melhores condições de independência e individualidade, trazendo maior pessoalidade ao ambiente.

Através do comprometimento, esforço e competência de todos, foi possível para alguns pacientes, a alta com encaminhamento para continuidade de tratamento na cidade de origem, possibilitando um maior vínculo familiar, fundamental para o bem-estar da criança.

Gerenciar, supervisionar e conduzir esta equipe, foi até o momento, o maior desafio da minha carreira profissional. Além do trabalho com crianças e adolescentes com múltiplos agravos à saúde nos causar envolvimento que vai além do técnico e de tudo que está na literatura ou projetos terapêuticos singulares, havia questões emocionais presentes, que muitas vezes me deixava fragilizada, pois como liderança de equipe era necessário e indispensável ponderar o sentimento e a razão.

Posteriormente a esta fase, iniciamos um novo desafio dentro deste mesmo projeto. Desta vez um trabalho pontual com quatro jovens do sexo masculino

que apresentavam melhores condições de reabilitação e socialização, porém sem previsão de alta, pois não tinham família localizada.

Adequamos uma casa nas dependências da Instituição, com todo suporte técnico, recursos humanos e supervisão em tempo integral para que esses pacientes fossem residir. Possibilitando desta maneira trabalhar as questões de autonomia, individualização e atividades de vida diária, o que em um grupo maior de pacientes como o que estavam inseridos, não era possível devido as regras e limitações da maioria.

Após um ano de trabalho com estes jovens, no ano de 2009, foi possível a alta hospitalar, originando a primeira Residência Terapêutica (RT) na cidade de Lins, e nos tornando os pioneiros na região.

Todas as atividades e necessidades dos moradores eram atendidas no município, a fim de promover progressivamente o final do vínculo com a Instituição e possibilitando que estes, antes vistos como “pacientes doentes”, se tornassem efetivamente cidadãos. Para a concretização deste trabalho, foi indispensável acreditar no potencial desses jovens adolescentes, dando a oportunidade de crescimento e os apresentando de volta à sociedade.

Este trabalho foi apresentado no Congresso Internacional de Saúde Mental em Buenos Aires, com publicação em livro.

Sempre trabalhei com entusiasmo e paixão. Uma certa inquietude para novos desafios é o que me move. Assim como tudo na vida é dinâmico, as necessidades mudam e outras oportunidades vão surgindo. Atualmente trabalho com treinamento e desenvolvimento de pessoal, pois acredito que a educação e o compartilhamento de conhecimento geram mudança de atitudes.

Autora: Elinei Vicente Sierra

Faça sua parte primeiro!

Vou começar meio em poesia a contar, passo a passo, como um carro de boi sobre um tempo de tristeza e de alegria. Tempo bom que já se foi! Julho de Mil novecentos e setenta e seis foi quando ingressei nesse tal “hospital do Cocais”. Prestei um concurso para trabalhar como atendente e, em meio a tanta gente, foi que eu comecei a trabalhar naquele imenso lugar! Tantos e tantos pacientes... Eu olhava para trás, para frente e pensava: “Qual rumo devo tomar?”

Alegria de ter meu emprego? Sim! Entretanto, eu certamente sabia que não

iria ser só beleza. E então veio a tristeza. Eu olhava para os lados e via, indignado, aqueles homens trancafiados! Olhava novamente e observava: aqueles pobres pacientes pelados!

E eu ali com um molho de chaves em minha mão... Tinha, mesmo triste e cabisbaixo, de encarar a situação.

Num daqueles primeiros dias, chegaram uns colegas dizendo: “Vamos para o banho”! Achei até engraçado, talvez por não ter ainda notado aquela grande confusão! Por toda a parte havia chaves e mais chaves. Chaves de porta e portão e uma bagunça lançada, uma grande agitação.

Eu ficava pensando em tudo aquilo em que eu acreditava, nas mudanças com que sonhava. “Poxa, é um ambiente bem diferente. Tenho de enfrentar.” E por dentro ia nutrindo aquela vontade constante de por mudanças lutar.

Grande parte dos pacientes pedia para que eu abrisse o portão. Diziam querer ir embora, eu, com carinho, perguntava: “Para onde”? Que dor em meu coração...

Alguns daqueles homens falavam que queriam ir com suas famílias: pais, mães, filhos e filhas. Outros diziam “Quero andar por aí, menos ficar por aqui”!

No fundo da minha alma, eu também sentia o mesmo. Precisava mostrar calma, eu amava o meu trabalho, mas não era como sonhava, queria sair a esmo.

Até o barulho das chaves que carregava meu peito dilacerava. Pensava: “Eu farei o que me cabe, mas com sorriso no rosto e carinho por cada um desses pacientes. Um dia, se Deus me ajudar, hei de ver transformações boas e surpreendentes”.

Eu queria levar música, fazer festas de aniversário. E sabia que como eu havia muitos visionários!

Enfim, depois de muitos anos, tudo foi gradativamente mudando. Com a Lei 10216, o sistema foi se humanizando.

Os pacientes passaram a ter mais liberdade. Alguns até puderam ir para suas cidades!

Eu já estava, então, mais alegre, ao cumprir minha missão. Isso porque finalmente começou a tal desinstitucionalização. “Desinsti”, assim chamam, já cortaram o “palavrão”. Mas de lutar contra ela, muitos poderosos não desistem não! Por isso insisto, e digo de novo: “Os pacientes terão que sair e conhecer um mundo novo!”

Vejo tudo progredindo, devagar, mas já fluindo!

Após 44 anos trabalhando no hospital psiquiátrico, “Cocais”, hoje “C.R.C.B”, digo que há coisas que jamais pretendo voltar a ver.

Peço às autoridades competentes que nunca se esqueçam dos pacientes.

Que as equipes de saúde mental continuem seu trabalho árduo, incessante

e tão imensamente importante. E digo que acreditar é mudar. Portanto, que ninguém se desencante!

Hoje vejo, felizmente, muita mudança positiva dentro da saúde mental. Podemos dizer que aqui somos um maravilhoso Centro de Atenção Psicossocial!

E posso dizer, com certeza, que um dos hospitais-modelos, com mudanças fundamentais é o nosso tão querido, outrora tão sofrido, nosso amado “Cocais”!

Todos os dias mantenho um pensamento certo: se quiser ver melhorias, faça sua parte primeiro!

Autor: Valdir Gomes Martins

Entre Séculos

Nos anos de 1980, eu trabalhava no pavilhão Dezesseis, que era considerado o refúgio indicado para os moradores de perfil comprovadamente perigoso para si e para os demais.

Um nefasto alambrado separava o pavilhão de absurdos cinquenta leitos das outras dependências.

Como Auxiliar de Enfermagem desenvolvia atividades terapêuticas orientadas pela equipe multidisciplinar: Escrever ou desenhar no quadro-negro, retalhar espumas de colchões velhos para confecção de almofadas, desenhos em papel sulfite, etc.

Por esta época conheci o Sr Elcio, cuja alcunha era “mastigo”; pois tinha o hábito de morder as orelhas alheias com sua arcada dentária possante.

No século passado, num certo dia, “mastigo”, saltou o alambrado divisório do pavilhão Dezesseis e para surpresa de todos entrou na oficina. Pediu uma folha de sulfite para desenhar. No entanto, traçou apenas alguns rabiscos.

Vislumbrei uma grande oportunidade e fiz-lhe um providencial convite. Com o tempo “mastigo”, deixou os rabiscos e começou a desenhar quadrados, um dentro do outro. Não aceitava elogios, irritando-se quando os recebia, anulando todo seu desenho.

Com o tempo inovou! Trocou os quadrados por círculos, progrediu... transformou os círculos e sóis sorridentes, passou a aceitar os elogios de forma alegre.

Nos anos Vindouros pude presenciar a transferência do Sr. Elcio para outro Hospital. Quisera o destino ter-lhe reservado dias melhores.

No ano de 2005 fui transferida para o convívio, setor com moradores

menos comprometidos, com mais autonomia e independência da enfermagem. Eram os primeiros anos da Reforma Psiquiátrica. Foi quando conheci Jorge, que trabalhava já há anos no atelier lixando cabides por um salário mensal de dez reais.

Jorge era esquivo, não presava por sua aparência, gritava com os demais e possuía dificuldades de permanecer no setor. Era avesso as mudanças das rotinas determinadas pela equipe. Certo dia Jorge foi convidado por mim a trabalhar no prédio em que residia, aprendendo culinárias.

Na época eu era a sua referência para orientação pessoal, atividades e cuidados pessoas. Houve uma mudança significativa, Jorge passou a receber cinquenta reais mensais de seu salário, melhorou sua aparência, passou a frequentar lojas, restaurantes e como era aposentado frequentava o banco todos os meses.

Hoje Jorge ainda reside na Residência Terapêutica do Centro de Reabilitação de Casa Branca (CRCB), mas ainda recorda com saudades de sua vida a beira-mar com sua mãe na Bahia.

Dois Séculos, dois períodos, duas histórias.

Particpei comprovadamente dos benefícios alcançados por esses dois moradores, foram vidas recuperadas pelo empenho de funcionários desejosos de fazer o bem para o seu semelhante.

Autora: Neuza Marques da Silva

O Doce Som da Loucura

No dia 28 de dezembro de 2020 completarei 27 anos trabalhando como enfermeira no Centro de Reabilitação de Casa Branca. Ingressei após concurso público em 1993, com 23 anos. Hoje estou com 50. Uma vida de trabalho, dedicação, alegrias, conquistas, amizades e dificuldades também.

Assim que terminei a faculdade de enfermagem na PUC-Campinas em 1991, com 21 anos, trabalhei no Instituto do Coração (São Paulo) e depois na Santa Casa (Ribeirão Preto) onde fazia plantões noturnos pelo fato de residir em Santa Cruz das Palmeiras, distante a 110 km. Em um pós-plantão bem corrido, ao retornar para casa, quase cochilei na estrada. Uma amiga, Elaine, também enfermeira, informou-me sobre o concurso que haveria para o CRCB. Prestei e passei. A psiquiatria era a última área que eu pensava e imaginava me dedicar. Estava vindo de um hospital especialista em coração e outro geral que assistia áreas complexas como UTI e pronto atendimento. Confesso que foram inúmeras

as dificuldades: medicações psicotrópicas, até então pouco conhecidas, pacientes homens e bem jovens alojados em prédios com camas de alvenaria, o hábito do fumo muito presente, a fumaça dos cigarros formando uma nuvem difusa, o hábito do andar descalço, os pés rachados, alguns com deformidades, as necessidades fisiológicas feitas em latrinas, no piso dos prédios e corredores, nos jardins, já que os vasos sanitários eram poucos por terem sido removidos quando os pacientes chegaram violentos em 1970, segundo informação dos funcionários mais antigos. Dias difíceis tentando conviver com tantas mudanças, da assistência clínica à psiquiátrica, tentando absorver e entender os extremos do comportamento humano lutando para se adaptar à inadequação do ambiente, expressando sua necessidade de amor a outros homens, já que o hospital era masculino em sua totalidade, exceto as poucas mulheres internadas na ala feminina, sem acesso ao restante do hospital. No inverno, as japonas curtas e pequenas, encolhiam ao serem lavadas nas calandras. Deprimente e assustador!

A equipe a qual fazia parte me acolheu com muito respeito e carinho. Trabalhávamos dentro das possibilidades oferecidas, atendimentos realizados, refeições oferecidas, mesmo que em locais impróprios, em bandejas de inox não muito limpas e canecas plásticas para o café com leite. O banho coletivo, no antigo balneário, era um incômodo aos mais sensíveis, tanto aos funcionários como a muitos pacientes. Funcionários ficavam dentro do local do banho, poupando as funcionárias de ficarem no meio de tantos homens despidos, quase sempre elas ficavam na área da rouparia distribuindo as calças e blusas e o paciente com maior senso crítico, virava-se de costas para tentar garantir um pouco mais da sua privacidade. Dias e dias realizando cuidados de enfermagem, tentando oferecer um pouco mais de possibilidades, uma vida mais próxima da que acreditávamos ser adequada, porém, faltava alguma coisa... a ociosidade era grande e incomodava. Fazia mal. Foi quando surgiu a ideia de tentarmos dar um pouco mais de brilho ao hospital: a formação de um coral, já que observávamos um cantarolar aqui e outro ali. Dois queridos funcionários sentiam a mesma necessidade que eu, Betão (monitor) e Ednara (psicóloga). Iniciamos uma conversa que foi tomando forma e vontade de querer algo mais para os dias que pareciam tão frios e sem sentido.

Fizemos divulgação em todas as unidades e marcamos no espaço de convivência da Unidade IV as primeiras reuniões com os pacientes. Muitas ideias, risadas, histórias contadas, músicas lembradas, e vida! Sentia e parecia que os dias monótonos estavam no fim. Foram dias intensos até a formação de um grupo com a escolha da música. Um cantava uma parte de música sertaneja, outro uma parte de MPB, uma mistura de sons e animação! Difícil escolher. Optamos por fazer um “pot-pourri” com músicas variadas, sempre selecionadas por eles. E lá fomos nós, um total de 10 pacientes. Chegamos a ter 16 integrantes. Eu

no teclado, Betão no violão e Ednara na organização do tempo, das pausas, no olhar atento a cada um, como uma regente. Fizemos nossa primeira apresentação em Vargem Grande do Sul, no hotel Castelo, no Simpósio em Psiquiatria (novembro/1997). Notamos o público presente bem resabiado, olhando aqueles pacientes ali na frente se organizando para apresentarem o seu coral. Parecia que perguntavam: o que vai sair daí? Não tenho como não mencionar as faces de espanto e admiração do público quando na maior sintonia e harmonia possíveis, naquele ambiente fechado em que a acústica favorecia o som daquele pot-pourri e da voz masculina forte e tocante, os pacientes causarem a emoção coletiva, alguns não conseguindo segurar as lágrimas, mesmo que de forma bem discreta. Um show...uma vitória...uma alegria...um presente aos nossos corações!

A cada apresentação um convite novo, a cada convite uma empolgação em novas músicas. Muitos ensaios na Unidade IV e no cinema CRCB. Conseguimos microfones, caixas de som, roupas. Utilizávamos a Kombi do hospital para levar as “trilhas”, como Betão dizia, e nossos carros para acomodar os integrantes do CORAL “Coisa de Louco”, nome escolhido depois de muitas sugestões, demonstrando o sentido duplo do nome “Coisa de Louco”, porque o Cocais era hospital de “louco” e “Coisa de Louco” porque era mesmo uma emoção quando começavam a cantar com tanta harmonia e envolvimento. Fizemos diversas apresentações em festas no CRCB, quermesses (Casa Branca e S.C. Palmeiras), várias escolas, lares de idosos (Tambaú, S. C. Palmeiras, Pirassununga, S. J. do Rio Pardo), Rotary Club em Divinolândia, Hospital Santa Tereza em Ribeirão Preto, com direito a passeio no Ribeirão Shopping depois da apresentação; missas na região, CAIS - S.R. do Passa Quatro, em que a funcionária Ana Cláudia nos convidou a nos apresentar em seu casamento em Araras; teatro Cacilda Becker em Pirassununga, I Encontro Estadual de CAPS e Residências Terapêuticas na cidade de São Paulo (Anfiteatro da Escola Paulista de Medicina), valendo ressaltar que após cada apresentação dávamos uma paradinha para um lanche, um café com bolo na minha casa, festinhas oferecidas pelos locais onde apresentávamos e até alguns churrasquinhos e comemorações de aniversários dos integrantes, tamanho era nosso envolvimento por tudo aquilo. Vários funcionários nos ajudaram de diversas maneiras durante a vida do coral. Aceitávamos todos os convites, fossem durante o dia, à noite, em finais de semana e feriados.

O Coral “Coisa de Louco” existiu por 07 anos. Vários foram os motivos pelos quais terminou. O importante é a sensação de benefício que nos proporcionou, o bem-estar que pudemos oferecer e as lembranças registradas em inúmeras fotografias desse tempo tão bom em nossas vidas.

Autora: Natália Fioratti Verotti

Bodas de Prata

Hoje, 31 de agosto de 2020, eu completei BODAS DE PRATA no Centro de Reabilitação de Casa Branca, mas no funcionalismo público já completei 32 anos de serviço, praticamente metade de uma vida.

Quando vim para esta instituição, juntamente com uma amiga que está até hoje também trabalhando aqui no Hospital, viemos do ERSA-55 na cidade de Casa Branca, onde foi extinto e chegando aqui nós fomos cada uma para um Setor diferente.

Aqui no CRCB a realidade era bem outra, pois em minha mente eu não aceitava ver um ser humano do jeito que eu os via, eles deambulavam de um lado para outro, muitos deles estavam nus, descalços e quando estavam de uniformes, muitas vezes estavam sujos, só porque eram pacientes psiquiátricos não precisava estar daquele jeito, naquelas condições de vida, e nesta época eram em torno de 1.500 pacientes.

Muitas vezes quando chegava em casa após um dia de trabalho, eu ficava lembrando naqueles pacientes e chorava muito. No dia seguinte quando acordava de manhã e me arrumava para ir trabalhar, parecia que estava indo para a “força”, mas precisava trabalhar.

Sou Oficial administrativo e comecei a trabalhar no SASE (Serviço Social) e ajudava na cantina do Hospital que também fazia parte do Setor, onde tinha um contato mais próximo com os pacientes interno e também com outros pacientes que vinham para tratamento de agudos, alcoolismo.

O tempo foi passando e fui me afeiçoando a estes pacientes, fui me acostumando com eles, tinha alguns que eu sentia um carinho especial como o Chico Traia, este era seu apelido, que adorava queijo fresco, então eu sempre trazia um pedaço pra ele, pois aqui no Hospital não tinha. Num dia de Natal, eu estava de plantão e quando cheguei ao Setor vi um processo com um atestado de óbito em cima de minha mesa, quando fui ler, para minha surpresa era de Chico Traia que havia falecido na véspera de Natal. Chorei muito sozinha no Setor, foi o pior Natal de minha vida, tinha perdido meu amigo, que quando andava devagarzinho (tinha alguma dificuldade para caminhar) pedia para a gente dar o braço pra ele segurar e falava sempre assim: “vamos de bonde”.

Tinha um senhorzinho também, era o Sr. João que quando eu chegava para assumir o plantão às 06:30hs, quase sempre estava sentado na porta do Setor me esperando para contar suas estórias de quando era jovem e morava com sua família no Nordeste.

Tinha o Ari, outro senhor que falava enrolado, mas eu sempre entendia o que ele queria dizer e lhe dava atenção.

Tinha também o Joãozinho da cadeira de Rodas que ficava toda tarde no corredor por onde eu passava para ir embora ao final do expediente, só para falar tchau e quando ele não estava, no outro dia quando me via, vinha se justificar e pedir desculpas pois no dia anterior ele se atrasou e não chegou a tempo de falar tchau. Algumas vezes ele estava no final do corredor e quando percebia que eu estava saindo ele vinha com toda velocidade que conseguia com aquela cadeira de rodas só para falar “tchau vai com Deus”, e eu esperava ele chegar para falar tchau, porque sabia que aquele momento era importante pra ele.

No ano de 2000 veio a reforma psiquiátrica e o Setor do Serviço Social e a cantina fecharam, onde cada Assistente Social foi para um Setor do Hospital.

Eu fui trabalhar na Secretaria, mais precisamente na Diretoria e com estas mudanças não tive mais tanto contato com os pacientes, a não ser quando entrava para trabalhar ou quando saía para ir embora e os via pelos corredores.

O tempo passou, hoje restam apenas em torno de 280 pacientes/moradores, que hoje em dia é assim que nos referimos a eles, onde foram envelhecendo, morrendo e os que permanecem no hospital na maioria ficam nas Geriatrias.

Já não se vê tantos moradores deambulando pelos corredores.

Enfim, são tantas histórias que dá para escrever um livro, mas algumas marcaram mais.

Hoje já sou aposentada, mas continuo trabalhando no Centro de Reabilitação de Casa Branca, até quando não sei, porque o Futuro a Deus pertence.

Autora: Rosana Aparecida Pisso

Mosquito e Mãozinha

Em 1990 conheci “MOSQUITO”. Senhor de baixa estatura, magro, trigueiro. Morador do Centro de Reabilitação de Casa Branca (CRCB) desde 1970. Era mais um dos que recebiam o nome de “Ignorado”.

Havia também “MÃOZINHA”, que era Vitor, oriundo das periferias da Grande São Paulo, frequentador das ocorrências policiais por envolver-se facilmente em atividades ilegais. Possuía cicatrizes no corpo em decorrência dos projéteis balísticos dos agentes perseguidores.

A alcunha caía-lhe bem, pois apresentava uma deformidade na mão direita provocada pelos estilhaços de uma bala.

Pude conhecê-los bem, porquanto, trabalhava no S.T.O., setor do hospital

em que a dupla residia. Vestiam camisas e calças verdes, vestimenta que os diferenciavam dos demais moradores.

Não havia muito para surrupiar. Entretanto, alguns pertences desapareciam dos embornais (tipo de sacola portátil usada na época).

Canecas, cigarros, fumo, canetas, lenços, meias, isqueiros e o próprio alforje sumiam como num passe de mágica.

Era o primeiro passo para uma contenda, uma acusação.

Para restabelecer a ordem eu sabia como proceder: encontrar Mosquito e/ou Mãozinha para tentar desfazer este comércio espúrio usando um vasto repertório de táticas conciliadoras.

Convencer a ambos que suas atitudes não convencionais implicavam em reações comportamentais negativas dos demais moradores, era tarefa árdua.

Pelo que me lembro nunca se retrataram.

Se havia culpa, eram inocentes.

Trouxeram dissabores, mas foram felizes em suas faceirices.

Não roubavam! Não furtavam! Apenas transgrediam algumas regras.

Suas razões estavam fundamentadas no prazer de suas diversões!

Pude acompanhá-los até o final de suas vidas. Partiram para o outro lado. Sejam quem forem os moradores da nova moradia, bom seria que ficassem espertos...

Autor: Carlos Alberto Ferreira da Silva

Mangifera Indica

O Centro de Reabilitação de Casa Branca situa-se na zona rural. Distribuído por unidades, em adequação ao perfil psiquiátrico de cada morador.

Os chamados pátios, por onde circulavam os moradores, possuíam uma flora diversificada.

Mangueiras e jabuticabeiras contrastavam com os pinheiros e cedros.

Ao final do século passado, em hum mil novecentos e noventa e oito (1998), a reforma psiquiátrica estava bem encaminhada, fundamentada nos princípios da humanização e ressocialização dos moradores asilares.

Foi quando o Sr. Marinho, em uma dessas caminhadas improdutivas e aleatórias caiu doente.

Foi parar na enfermaria.

O caso era grave: infecção aguda, hipertermia, dificuldades na deglutição. Permaneceu acamado por uma semana, sem que a equipe médica pudesse reverter o quadro clínico e fechar um diagnóstico.

A enfermidade agravava-se e a terapia medicamentosa não funcionava.

Mais uma semana sem um prognóstico positivo e o Sr. Marinho foi transferido para a Santa Casa, local para uma melhor investigação do quadro.

Outra semana perdida! Nada! Nenhuma melhora.

Marinho definhava a olhos vistos sobre o leito frio e fúnebre.

Foi transferido para o hospital das clínicas da Unicamp.

Agora vai! Diziam todos.

Mais uma semana e Marinho retorna para o C.R.C.B. em estado quase vegetativo.

No leito mórbido, já não havia mais esperanças. A moléstia resistia bravamente aos antibióticos.

Mas o destino é traiçoeiro. Nem sempre!

Dr. J.R. volta das férias. Era psiquiatra. Como boas vindas, apresentam-lhe o caso do Sr. Marinho.

Dr. J.R. examina o Sr. Marinho. Veste um par de luvas, introduz a mão quase à altura do cotovelo e avança pelas profundezas da garganta do paciente.

Aleluia!

A mão firme retorna de sua viagem com um pequeno caroço de manga coquinho.

“Mangifera indica”. Qualidade de manga deliciosa para degustar, mas extremamente perigosa quando se quer aproveitá-la até o fim.

Mais uma semana e o Sr. Marinho está novamente curtindo sua liberdade, bem distante de seu leito macabro.

Como é bom andar sem rumo, sem direção, sem objetivos e sem nada para pensar!

Autor: Carlos Alberto Ferreira da Silva

Pedro contra Pedro

Era o ano de hum mil novecentos e oitenta e nove (1989), talvez. O Centro de Reabilitação possuía na época em torno de um mil e quinhentos pacientes ou moradores, termo tecnicamente aceito na atualidade. Prestava serviços na Unidade III, composta por duzentos e vinte (220)

moradores. Subdividida em três pavilhões com residência de cinquenta indivíduos em cada.

Havia ainda outra dependência mais espaçosa que comportava outros setenta moradores.

Em uma ocasião, no período da manhã, por volta de nove e trinta, estava finalizando alguns procedimentos de enfermagem: curativos e verificação de sinais vitais.

Minha área de trabalho localizava-se em uma sala, centralizada entre os prédios que compunham o espaço físico do setor.

O último morador a entrar na sala foi o Sr. Pedro Silveira: quase sexagenário e hipertenso.

Sentou-se na cadeira que estava com o encosto voltado para a porta de entrada. Encontrava-me no canto oposto da sala dispensando o material de curativos no recipiente próprio.

O cabo da enxada flutuou no ar, impulsionado pelo Sr. Pedro Wilson.

O olho da enxada impactou violentamente contra o crânio do Sr. Pedro Silveira.

Como um côco da Bahia que se arrebenta, a cabeça atingida sofreu uma ruptura pela qual o sangue jorrava.

Outro golpe estava sendo preparado. Gritei por socorro. Outros funcionários chegaram. Dominamos o agressor, que bradava de maneira hostil:

- Você falou mal de mim!

Acompanhei o transporte do Sr. Pedro Silveira para a Santa Casa local. A fenda cerebral permanecia aberta para melhor irrigação. De Casa Branca foi transferido para o Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto.

Transcorreram-se os meses. Era aguardada para qualquer momento a informação sobre o falecimento do Sr. Pedro Silveira.

Entretanto, para surpresa geral, noticiaram o falecimento do Sr. Pedro Wilson, o agressor. Infarto fulminante.

Após um ano, Pedro da Silveira recebeu alta do Hospital das Clínicas e retornou ao Centro de Reabilitação de Casa Branca. Sequelado de AVC recebeu como herança uma bengala, para apoio e locomoção.

Viveu ainda por mais quinze anos. Faleceu de causas naturais com mais de setenta e dois anos.

Incompreensível o motivo da agressão: surto psicótico, alucinação, paranoia?

Parece que o facínora sofreu mal maior, pois sua instabilidade emocional acabou matando-o precocemente, aos cinquenta e cinco anos de idade.

Autor: Carlos Alberto Ferreira da Silva

A linha do tempo dele cruzou com a minha

Quando eu prestei o concurso público no ano de 2005 para trabalhar no Centro de Reabilitação de Casa Branca a minha experiência com psiquiatria era superficial, não era uma área dentro da enfermagem que eu havia planejado me dedicar e ao me deparar com o modelo de assistência que a equipe do CRCB trabalhava me surpreendi positivamente de tal forma que me apaixonei.

Entre tantos detalhes da nova lógica assistencial em saúde mental que o Hospital trabalhava já na época, existia o PTI (Projeto Terapêutico Individual) hoje chamado de Projeto Terapêutico Singular (PTS), onde era necessário conhecer o paciente/morador, criar um vínculo a fim de ser referência nas suas Atividades de Vida Diária (AVDS) e para isso cada funcionário desenvolvia sua estratégia a fim de se aproximar do paciente/morador.

Eu sempre tive comigo que para escrever novas linhas em uma história eu precisava conhecer as páginas anteriores, então eu passei a ver os prontuários de forma minuciosa, que eram o resumo anotado de cada indivíduo ali.

Foi assim então que conheci a história do paciente/morador que passarei a denominar Sr. VSS. Este paciente em todos os plantões, sem exceção, fazia suas necessidades fisiológicas na roupa e ele mesmo retirava as roupas e corria nu até me encontrar estivesse eu no próprio quarto/prédio, no corredor que dava acesso aos quartos/prédios ou até mesmo no posto de enfermagem e dizia; “Me ajuda muié, cuida de mim.” E assim acontecia periodicamente. Ainda que o Sr. VSS já estivesse com certa idade, o mesmo possuía boa comunicação e entendimento, e a impressão que eu tinha é que ele fazia pra chamar minha atenção. Vale ressaltar que diversas estratégias já haviam sido empregadas a fim promover maior conforto ao mesmo, de forma que ele não fizesse mais, mas o texto ficaria gigante por isso não vou destacar todas as tentativas, vamos ao SR.VSS. Era um senhor de estatura baixa, meio barrigudinho, de voz trêmula, andar rápido e sorriso gentil. E voltando ao meu método para estabelecer vínculos conhecendo a história deles, foi lendo a história social do Sr. VSS que obtive um dos maiores aprendizados da minha vida. Encontrei o seguinte: ele nasceu no ano de 1948 e estava internado aqui no CRCB desde 1970, ou seja, ele estava ali conosco desde os seus vinte e dois anos de idade. Mas o mais surpreendente veio quando li que sua primeira internação em um Hospital Psiquiátrico, havia sido aos seis anos de idade na cidade de São Paulo no ano de 1954. Eu lia e não acreditava, sim ele havia passado a sua vida inteira, a história da sua vida institucionalizado. Se não bastassem essas informações, continuei lendo pra ver se havia o motivo da internação inicial, e sim, havia um relato das irmãs do paciente que haviam sido encontradas recen-

temente. E elas contavam o seguinte, que VSS era um menino muito “levado”, moravam na fazenda e ele abria as porteiras do rebanho de bois fora de hora soltando-os, roubava frutos dos pomares vizinhos, nadava escondido nos açudes, e aos olhos do seu pai as muitas surras não resolviam mais. Um certo dia seu pai o colocou na carroça e ambos saíram da fazenda e segundo o pai ia fazer negócios com fazendeiros nas imediações.

A viagem durou muitos dias, e quando retornou o pai estava sem o menino. Disse à mulher e às filhas que “havia encontrado um lugar para aquele moleque onde ele nunca mais atrapalharia a vida de ninguém”. A mãe e as irmãs sofreram caladas, numa época em que a mulher não tinha voz na sociedade iriam recorrer a que ou a quem?

Chorei, me revolttei contra o pai, o médico que assinou a internação, contra o Sistema de Saúde Mental que havia permitido aquele absurdo com VSS, uma criança tendo atitudes de criança, sendo internado na época numa instituição fechada atendendo exclusivamente à exclusão de pessoas que interferiam na ordem social, em nome da segurança das outras pessoas e do patrimônio. E saber que era não era o único que havia sofrido o impacto do antigo modelo de tratamento na Psiquiatria.

Mas aí me restabeleci, tomei uma água, lavei o meu rosto e refleti que minha revolta não trariam os anos passados de volta ao Sr. VSS possibilitando uma nova vida, mas o que estava ao meu alcance seria tornar os próximos dias do Sr. VSS novos e cheios de vida, através de cada banho dado, cada auxílio na alimentação, cada conversa trocada e cada sorriso entregue como retribuição todas as vezes que ele tendo todos os motivos do mundo para viver carrancudo estava sempre sorrindo e querendo minha atenção. Confesso que me emociono ao escrever lembrando este dia, consigo sentir exatamente o sentimento que tive naquele dia no ano de 2006, sentada na mesinha no posto de enfermagem na antiga Unidade II lendo o prontuário.

Hoje não leio mais prontuários a fim entendê-los, minha maturidade e experiência no Hospital me proporcionam ler as expressões no rosto de cada um deles.

Autora: Érica E. de Mattos Sereno

Cirurgia Dermatológica no Padre Bento - Início e Desenvolvimento...

Após minha formatura, fui incorporado como médico na Força Aérea Brasileira.

A caserna era o 4º Comando Aéreo Regional, no Cambuci. Tive como aprendizado a disciplina, respeito e regras militares rígidas, incomuns nos dias de hoje.

Nossa colação de grau foi em Pirassununga (Escola de Cadetes). Um exemplo de escola no nosso país. Fizemos meses de treinamentos; sobrevivência em selva e mar, comando de tropa em guerrilha, missões humanitárias em todo Brasil (ACISO - ação cívico social das forças armadas).

Entrando para reserva da aeronáutica, ingressei na residência de Cirurgia Plástica no Hospital Israelita Albert Einstein e Hospital Darcy Vargas.

No mesmo período (residência médica) auxiliava meu tio, Profº Dr. Roberto Farina em sua clínica privada, e pude observar seu profundo conhecimento em dermatologia; adquirido no setor de Dermatologia do Hospital das Clínicas; onde solucionava com a cirurgia plástica reparadora, os casos encaminhados pelo seu colega de turma e Professor da Cátedra de Dermatologia, Dr. Sebastião de Almeida Prado Sampaio.

Ao final da residência em Cirurgia Plástica, procurei a Sociedade Brasileira de Dermatologia, para desenvolver conhecimento na área. Fui informado pela Sra. Nanci Job (secretária da SBD), que um serviço estava iniciando e que poderia participar da seleção.

Orientado pelo Profº Dr. Vitor Manuel Silva Reis, eu (Glaucio), Soraia, Jaime Lazzari e Maria Isabel, fomos selecionados para a primeira turma de dermatologistas do Hospital Padre Bento.

Tivemos como preceptores os Drs.: Mario Cesar Pires, Thais Romero Gatti, Jose Roberto Pereira Pegas, Aldo Sarpieri e Marcelo Mota Guerra.

Inúmeros trabalhos deste recém criado serviço dermatológico; casos clínicos e tratamentos cirúrgicos, foram inscritos e apresentados em congressos, simpósios e encontros médicos.

Casos exponenciais como: Rinoentomoftoromicose, Carcinoma Espino Celular em Turbante, reconstrução total do nariz, enxerto condrobitucutâneo de orelha para reconstrução de asa nasal, correção de palato, etc... formavam um serviço cirúrgico dentro de uma especialidade clínica.

Estava alicerçada além da dermatologia, o serviço de cirurgia plástica dermatológica do Hospital Padre Bento.

Devemos mencionar aqui o auxílio da Cirurgia Plástica do Hospital Padre Bento, nas pessoas dos Doutores: Helio Vaccaro e Ana Maria Alonso, sempre

presentes em extensas reconstruções!

Ainda no meu período de formação dermatológica frequentei o Instituto Arnaldo Vieira de Carvalho especializando em oncologia cutânea.

Tive a honra de ter como professora de histopatologia a Dra. Helena Müller, da qual desfruto ainda hoje, nossa amizade.

Não devo deixar de relatar que o professor Roberto Farina, na década de 50, como médico recém formado, frequentava o Sanatório Padre Bento realizando inúmeras cirurgias estéticas e reparadoras nos pacientes confinados por conta da Hanseníase.

Relata o professor, que um enfermeiro chamado Massaruto (?) organizava de forma impecável o centro cirúrgico do Sanatório.

Contava o senhor Norberto (antes paciente e depois funcionário do sanatório e do hospital) falecido recentemente, que o Prof^o Roberto Farina havia sido agraciado e homenageado pela comunidade de Hanseníase, devido ao profissionalismo e pioneirismo de suas cirurgias, devolvendo a dignidade e bem estar aos pacientes mutilados pela doença.

Uma irrecusável oportunidade de especialização em microcirurgia, no Rubi Memorial Hospital em West Virginia (EUA) e no Hospital de feridos de guerra - Arkansas (EUA) me foi oferecida. Fui então, fazer esta especialização da cirurgia plástica, deixando o tão querido hospital.

Retornei ao Brasil, porém, sem perspectivas para a microcirurgia, retornei à oncologia cutânea e também ao hospital Padre Bento, agora como médico cirurgião plástico concursado.

Atualmente, após muitos anos de cirurgia reparadora e estética na clínica privada e em diversos hospitais, atua como professor, no corpo discente do Complexo Hospitalar Padre Bento, na formação de residentes e estagiários da entidade e ocupa o cargo de Delegado da Associação Paulista de Medicina e Diretor Social da APM.

Autor: Glaucio Farina

Um apagão Memorável

Corroborando com a formação da cirurgia dermatológica do hospital Padre Bento, tivemos um caso encaminhado pela dermatologia, de um paciente que apresentava perfuração do palato. Existia comunicação entre a boca e fossa nasal. Após tratamento prévio (paciente apresentava miíase local), foi indicada correção pela cirurgia plástica do hospital.

Formada a equipe: Dra. Ana Maria Alonso e Dr. Glaucio Farina, programamos uma cirurgia com o retalho do palato superior.

É uma cirurgia de grande risco pois uma lesão na artéria pterigo palatina, provoca um sangramento intracraniano, que culmina com a morte do paciente, na maioria das vezes.

Com o máximo de cuidado, dentro das possibilidades do centro cirúrgico e no momento crucial do descolamento do retalho, houve uma queda de energia deixando o centro cirúrgico, às escuras.

Ficamos nesta situação por alguns minutos, que pareciam uma eternidade. Tivemos que improvisar para terminar a cirurgia.

Com as bênçãos de nossos mentores e do próprio Padre Bento, a cirurgia foi coroada com êxito. O palato completamente reconstruído e o paciente em alguns dias pronto para voltar a sua rotina.

Mais um caso de sucesso que consagrava a interação cirurgia plástica e dermatologia.

Autor: Glaucio Farina

O paciente sem Nariz

Logo após a inauguração do novo prédio da dermatologia, existia uma sala única para os pacientes que aguardavam a cirurgia, já paramentados.

Em um dia cirúrgico, dois pacientes estavam selecionados. Um carcinoma basocelular nodular em paciente jovem (40 anos) e um paciente idoso, que por conta de moléstia anterior, havia perdido totalmente o nariz deixando um “buraco” no local, com exposição de toda mucosa nasal.

Apesar do paciente jovem estar aguardando, demos preferência a cirurgia de biópsia de um possível câncer, na mucosa nasal no paciente idoso.

Quando acomodávamos o paciente idoso na sala, pude notar uma cara de “espanto” no paciente que aguardava a cirurgia.

A cirurgia correu normalmente, de forma rápida, pois era apenas uma biópsia. Qual não foi nossa surpresa ao verificar a sala de espera vazia, com o avental cirúrgico do paciente jovem, cuidadosamente dobrado, o gorro e os pro-pés alinhados em um banco. O paciente havia fugido da cirurgia com medo de ficar igual ao seu colega; sem o seu nariz!

Após esse episódio tivemos mais cuidado em confrontar dois pacientes candidatos a cirurgia.

O paciente “fugitivo” foi devidamente esclarecido em data oportuna, tendo seu carcinoma totalmente retirado, e seu nariz totalmente preservado.

O paciente idoso teve sua reconstrução nasal efetuada pela equipe de cirurgia plástica (Dra. Ana Maria Alonso e Dr. Glaucio Farina) e dermatologia, consolidando o início da cirurgia dermatológica, no hospital Padre Bento.

Autor: Glaucio Farina

Sangramento no Turbante

Um outro caso compartilhando as duas equipes (cirurgia plástica e dermatologia), teve uma solução bastante satisfatória.

Uma paciente, que usava um lenço de cabeça por anos a fio, vem com toda a família em um plantão da dermatologia com sangramento copioso. Na investigação a paciente referia uma lesão no couro cabeludo de aproximadamente 10 anos.

Quando retiramos o lenço, existia uma massa carcinomatosa em todo couro cabeludo, sangrante e com aspecto de “couve-flor”.

Iniciamos então o tratamento para melhoria do tecido local e programamos uma cirurgia de ressecção do tumor com a equipe de cirurgia plástica e a dermatologia (Drs. Helio Vaccaro e Glaucio Farina).

Lesão ressecada iniciamos perfuração da tábua óssea para formação de tecido de granulação e posterior enxerto de pele total. Ao longo de alguns meses e com perseverança de toda a equipe, tivemos um resultado satisfatório e a paciente integrada ao seu cotidiano.

A integração das equipes prova mais uma vez a necessidade de união interdisciplinar dentro da medicina.

Esse trabalho, elaborado pelas duas equipes, foi apresentado em congresso médico de dermatologia e posteriormente cirurgia dermatológica, recebendo menção honrosa dos avaliadores.

Autor: Glaucio Farina

Gratidão pelo Trabalho

Lembro-me como hoje que há exatos 19 anos, em 27 de setembro de 2001, adentrei pelos arborizados portões do Complexo Hospitalar Padre Bento em Guarulhos, repleto de verde, flores e frutos. Seria então a oportunidade de trabalhar próximo a minha casa e ter mais qualidade de vida, por conta da carga horária e das atribuições do cargo de Psicóloga já que naquele momento estava exercendo uma atividade na área financeira.

Os desafios foram surgindo e a responsabilidade em preparar treinamentos voltados para as equipes da assistência, administrativos e gestores, focando no trabalho em equipe e comportamentos assertivos nos atendimentos apareciam diariamente a partir da solicitação dos gestores da unidade.

Fui tomando gosto e me apaixonando, cada vez mais, pela história do Complexo Hospitalar Padre Bento em Guarulhos, pois ministrava também a integração presencial junto aos novos funcionários no contexto do Sistema Único de Saúde, contando a história do antigo Sanatório Padre Bento.

Acredito que os profissionais que trabalham em recursos humanos, principalmente, no treinamento devem estar abertos às constantes mudanças institucionais para que possam contribuir de forma positiva e eficaz junto às demandas da Secretaria de Estado da Saúde.

Ao longo dos anos passamos por várias mudanças de gestores e equipes de trabalho e o hospital foi sendo reestruturado passando por mudanças significativas de organograma e na forma de gerenciamento.

Trabalhar com pessoas e profissionais de diferentes setores e atribuições me oferece um leque de possibilidades constantes e o foco é despertar em cada colaborador a vontade diária de contribuir com seu melhor, seu potencial criativo, cada qual em seu papel, não perdendo o olhar humanizado com o paciente, com o colega de trabalho, com as pessoas com as quais interage diariamente.

Fiz e ainda participo de muitos cursos voltados para aprimoramento técnico e comportamental para melhor capacitação diante das demandas que surgem e confesso que tenho cada vez mais orgulho de fazer parte do Núcleo de Desenvolvimento de Recursos Humanos, em um hospital com 89 anos de história, e a meu ver essa história se renova a cada dia tratando-se de um processo de construção diário, inacabado e inesgotável e conta com certeza com a soma dos aprendizados que cada profissional com o quais trabalhei deixaram em mim, portanto, minha gratidão pela oportunidade do trabalho.

Autora: Rosângela Aparecida da Silva

Minha História na Secretaria da Saúde

Comecei a trabalhar cedo, (com 14 anos) fazia bicos em lava rápidos, oficinas de funilaria e mecânicas, trabalhei em autopeças, e como gostava de estudar, fui fazer o curso de Datilografia e curso de Auxiliar de Escritório (que muito me ajudou na vida profissional), trabalhei durante 1 ano como office boy em uma Indústria Metalúrgica em Cumbica, mas fui dispensado pois o antigo dono da vaga, que estava prestando serviço militar, voltou para a empresa e eles me dispensaram e ficaram com ele, coloquei na cabeça que nunca mais queria ser dispensado, e assim o fiz, estudei durante o período de alistamento militar entrei na Base Aérea de São Paulo na 1ª turma de 1993, fui Soldado durante 4 anos e em 1997, prestei concurso interno para especialização de um plano de carreira militar e passei, mas, tudo terminou em 1999, pois como eu servia a Aeronáutica desde 1993, ao completar 6 anos de serviço ativo na FAB, tive que sair ou simplesmente falando como eles, "Dar baixa" por causa de um Decreto desacertado do Ministério da Aeronáutica. E como eu não estava preparado para sair em busca de um novo emprego, me vi naquele momento em uma situação difícil financeiramente, pois no desligamento das forças armadas, não temos FGTS, Rescisão, seguro desemprego ou qualquer benefício, saímos literalmente com uma mão na frente e outra atrás, sem receber nada mesmo.

Fiz alguns bicos e consegui através de amigos, a colocação em uma empresa de segurança privada em 2000, como motorista de escolta na entrega de Ticket, (Alimentação e Refeição) um serviço perigoso e cheio de risco de vida, a empresa estava situada lá no bairro da Lapa, (bem longe, já que sempre morei em Guarulhos-SP), mas mesmo assim, fiquei nesse emprego por 3 anos até ser dispensado, com a chegada da implantação da tecnologia do cartão eletrônico e sem a necessidade de entregar todo mês os Tickets de papel. Novamente, sem rumo, sem meu grande companheiro meu pai, (que faleceu na mesma época - 2002) estava recém casado, então peguei a rescisão e comprei uma Kombi e fui a luta, entregando diversos produtos nas ruas e medicamentos por toda grande São Paulo. Havia um só problema, quando o carro (VW-Kombi 1997) quebrava, eu não recebia o pagamento daqueles dias parados. Trabalhávamos dia e noite, fazendo entregas, viagens, carretos, igrejas, templos, praia, enfim tudo que aparecia a gente fazia.

Até que um dia, minha esposa Rose, mulher muito sábia, que naquela época, estava grávida, e sempre me acompanhava nas entregas noturnas, pois trabalhava na enfermagem de dia e a noite ia comigo nas entregas, ficou sabendo que haveria um concurso na Secretaria da Saúde no final de 2003, para motorista de Ambulância, realizou a minha inscrição com o dinheiro dela mesmo, foi aí que, durante uma entrega e outra, eu aproveitava para estudar as matérias

do concurso publico, estudava todo tempo, nos horários de almoço e durante a noite, depois de muito esforço, tive a honra de me classificar em 1º lugar, devido ao esforço e os cursos realizados enquanto era militar da aeronáutica, entrando na SES como Lei 733/74 em 25 junho de 2004, (durante uma Greve de servidores da Saúde) exatamente 12 dias de nascido da minha filha Nick (13/06/2004).

Durante esses 16 anos de Servidor Público, tive a oportunidade de estudar e me formar em Faculdade pública, (LOGÍSTICA) consegui fazer pós-graduação em Sustentabilidade, Desenvolvimento e Projetos Sociais, prestei concurso interno da (Lei 1080/2008), trabalhei no Hospital e Maternidade Leonor Mendes de Barros, no Instituto Paulista de Geriatria e Gerontologia – IPGG-JEM antigo CRI-LESTE, dei aulas durante três anos na ETEC Parque Belém (como Professor I), comandi uma subfrota, ajudei na administração de setores e atualmente estou muito feliz trabalhando no Complexo Hospitalar do padre Bento, no Setor de Equipamentos Hospitalares e também no Núcleo de Gestão de Contratos. E essa minha HISTÓRIA VEM SENDO CONTADA PARA JOVENS E ADULTOS, PARA INCENTIVÁ-LOS A ESTUDAR E NUNCA DESISTIR DOS SEUS SONHOS.

Autor: Fábio Renato Machado

Minha outra metade & HGT

E como o tempo passou rápido! Passaram-se vinte e três anos do dia em que tive a oportunidade de conhecer o Hospital Geral de Taipas (HGT). Lá comecei minha carreira profissional e tive o prazer de permanecer por vinte e dois anos atuando como Enfermeiro em diversas Unidades da Instituição, principalmente naquelas em que me especializei, ou seja, no Centro Obstétrico (C.O.) e no Alojamento Conjunto (A.C.).

Dentre minhas especialidades, sou pós-graduado em Enfermagem Obstétrica. Foi atuando no HGT como Enfermeiro, que no início da minha carreira, pelos interesses que a Instituição me despertou, que optei pela Obstetrícia e, para minha alegria, um dos locais em que estudei foi a própria Instituição em que trabalhei. Para completar a minha felicidade, também no HGT, tive as oportunidades de multiplicar o que aprendi e nada disso seria possível se cada um que lá esteve, seja pacientes ou profissionais, não tivesse proporcionado o enriquecimento do meu saber. Agradeço aos pacientes, aos profissionais e aos alunos que também construíram minha outra metade, obrigado!

Assim como canta um trecho de uma conhecida música: “ se chorei ou se sorri o importante é que emoções eu vivi “, ressalto que durante metade da minha vida atuei como profissional no HGT e, frente as emoções que vivi, agradeço a Deus por todas elas, pelas boas vivencias e pelas não tão boas assim pois, se não fossem elas, minha outra metade não seria a mesma e, com certeza, não me agradaria. Eu acredito que com um trabalho sério e desenvolvido em uma Instituição de respeito, o Homem será dignificado; acredito também que a gratidão seja o carregador de nossas potências.

No HGT construí uma família e hoje, mesmo distante dela, a respeito e consigo entender que levamos sentimentos e emoções para onde quer que possamos ir e, falando em ir, muito dos nossos queridos amigos se foram; uns se foram para outras Instituições, outros para municípios e até países diferentes, vários se aposentaram e jamais poderei esquecer-me dos que se foram para o outro lado da vida; registro meus sinceros sentimentos e gratidão à todos os profissionais e pacientes que hoje descansam na presença de Deus e que, cada qual a sua forma, nos deixaram um legado, obrigado !

Ainda sobre família, minha família cresceu no HGT; lá nasceu minha sobrinha e tive o privilégio de realizar o parto de duas primas; assim como as demais crianças que lá nasceram e os demais partos que realizei, tive a certeza que a confiança e um trabalho desenvolvido com respeito e seriedade elevam o conceito da Instituição e torna parte de nossas vidas, compondo nossas histórias, memórias e valores sentimentais.

Iniciei minhas atividades profissionais no HGT quando ainda era um jovem rapaz que, além das vontades, desejos, expectativas, promessas e perspectivas, tinha muito receio, insegurança e temores que são inerentes a um profissional em início de carreira. Com o passar do tempo, vivenciando intensamente as experiências, com o apoio técnico e emocional dos demais profissionais e amigos, seguindo as diretrizes institucionais e respeitando os princípios científicos, a autoconfiança aumentou, os temores e receios foram controlados e a vontade de prosperar sempre presente e potencializando as forças.

Eu acredito no SUS, eu acredito nas capacidades dos funcionários públicos, eu acredito na possibilidade de praticar os princípios do SUS em sua totalidade; acredito porque vivi e vivo intensamente todas as experiências, sejam elas técnicas ou administrativas, sejam elas relacionadas à assistência ou a gestão, não importa, sou visceral e tenho como minha outra metade, como base de vida pessoal e profissional, essa Instituição chamada Hospital Geral de Taipas.

Para não ser injusto, nessas linhas em que retrato parte das minhas memórias, não mencionei nenhum nome e não se faz necessário pois, todos os profissionais, independente da função, cargo ou da hierarquia, merecem meu respeito

e gratidão; sou grato por tudo o que me ensinaram, seja como fazer ou como não fazer algo. Saibam que, assim como todos os pacientes e familiares, vocês compõem minha outra metade.

Dentre minha caminhada profissional no HGT, tive o prazer de atuar na assistência e na gestão; grandes profissionais e inesquecíveis amigos acreditaram no meu trabalho e confiaram cargos de extrema confiança e, com a força de trabalho de todos, em especial dos que faziam parte das minhas equipes, nunca frustrei aqueles que acreditaram em mim.

Como um pássaro que cria asas e aprende a voar, hoje, após trabalhar vinte e dois anos de HGT, atuo como Enfermeiro em outros equipamentos de saúde e, se foi possível transpor os muros institucionais, foi graças ao aprendizado e as experiências que a grande escola e a inesquecível família chamada Hospital Geral de Taipas me proporcionou.

Hoje não carrego minhas memórias como um peso porque as carrego com muito orgulho e gratidão. Nunca imaginei que seria como foi, mas com toda certeza, foi melhor do que imaginei. Vale a pena seguir em frente, trabalhar intensamente, se entregar de corpo, alma e coração pois, o que é certo é certo mesmo que ninguém faça e o que é errado é errado mesmo que todo mundo faça. Obrigado por tudo!!

Autor: Alexandre Ming

A importância do gestor no desenvolvimento do servidor

Iniciei minha carreira no serviço público em 2004, aos 20 anos. Prestei curso para trabalhar no Juquery, Unidade localizada em Franco da Rocha, por ser próxima a minha casa, mas na escolha de vagas havia 05 vagas para o Juquery e as demais para a Coordenadoria de Saúde da Região Metropolitana da Grande São Paulo (atualmente Coordenadoria de Serviços de Saúde) e soube naquele momento que teria que continuar trabalhando longe de casa, afinal já trabalhava desde os 15 anos em uma Imobiliária em São Paulo.

Quando fui me apresentar na Coordenadoria, havia vagas em vários setores e internamente pedi que podia ser qualquer área menos Finanças e quando a Diretora de RH me disse que eu iria para Finanças quase desisti. Lembro do primeiro dia como se fosse hoje, voltei para casa com muita dor de cabeça, o

telefone tocava o dia todo e as pessoas que trabalhavam lá falavam aquela linguagem esquisita de finanças e eu não entendia nada, tinha trabalhado 5 anos como recepcionista de uma imobiliária, mas na Coordenadoria as ligações que atendia em um único dia eram muito mais do que atendia em um mês na imobiliária.

Com o passar do tempo percebi que muitas ligações eram das mesmas pessoas que ligavam até conseguir falar com os técnicos e comecei a perguntar a elas se podia ajudar. As pessoas me falavam o que precisavam, eu anotava do jeito que entendia e perguntava aos técnicos, eles me explicavam e eu ligava para as pessoas com a resposta, foi uma fase de muito aprendizado. Meu diretor nesta época sempre estava disposto a me ensinar e eu estava disposta a aprender. Ele com toda generosidade e dedicação, me preparou para assumir a Diretoria de Finanças cargo que ele ocupava. Fiz faculdade e pós graduação ambas com o apoio da Secretaria da Saúde e em 2012, após 08 anos ele foi para um novo desafio e eu assumi a Diretoria de Finanças.

Eu tinha 28 anos, as pessoas que não conheciam meu trabalho me olhavam descrentes, mas apesar da pouca idade eu tinha adquirido grande conhecimento.

Na Coordenadoria de Serviços de Saúde fiz grandes amigos que compartilharam momentos marcantes da minha vida pessoal, meu casamento e o nascimento do meu filho.

Fiquei a frente da Diretoria por 03 anos e fui convidada para trabalhar no Grupo de Orçamento da Secretaria, na Coordenadoria de Gestão Orçamentária e Financeira, aceitei o convite prontamente e após algum tempo, assumi a Diretoria do Grupo de Orçamento e passei a ser Substituta do Coordenador. Naquele momento me vi no mais alto cargo da área de Orçamento e Finanças da Secretaria.

Ao longo da minha trajetória na Secretaria sempre dei meu melhor, mas tinha um grande vazio interior, já tinha cumprido todos os requisitos que me ensinaram para conquista da felicidade plena: Casei, tive filho, um ótimo emprego e um ótimo salário, mas ainda assim faltava alguma coisa. Em um treinamento profundo de autoconhecimento que realizei em 2017 me redescobri e me trouxe clareza de que ajudar pessoas preenchia o vazio que eu sentia.

Foi em 2018 que decidi fazer uma nova mudança profissional e solicitei transferência para o Juquery, pedindo a cessação do cargo de Diretor Técnico III da Sede para assumir minha função de origem na Unidade, atuando na área de Recursos Humanos. Compreendi que com o passar dos anos, os cargos que exerci na Secretaria me trouxeram um certo “peso” e naquele momento me senti livre.

As pessoas me olhavam sem acreditar na minha decisão, eu estava extremamente feliz, pois ia trabalhar próximo de casa, estando perto do meu filho em uma área totalmente nova, um novo começo e novos aprendizados.

No Juquery, comecei a enxergar a Secretaria por um novo ângulo e com um olhar ainda mais humano, são realidades totalmente diferentes, mas com muitas necessidades em comum. Com a minha experiência em gestão passei a apoiar a Diretoria de Recursos Humanos e pude observar o quanto é importante desenvolver as pessoas que estão ocupando cargos de gestão.

Após pouco mais de 1 ano no Juquery, com a aposentadoria da diretora anterior fui convidada para assumir a Diretoria de Recursos Humanos. Desta vez não aceitei prontamente, afinal cargo ainda era sinônimo de “peso”. Pedi um tempo para pensar e decidi aceitar por um único motivo: os gestores têm o poder de proporcionar grandes transformações. pois foi com o apoio dos meus gestores que cresci profissionalmente e pude realizar as mudanças que fiz na minha vida profissional.

Assumi a diretoria pouco tempo antes do início da Pandemia de COVID 19, quando um grande caos se instalou em todas as áreas das nossas vidas, mas entendi que eu precisava estar aqui neste momento para apoiar como gestora as pessoas que trabalham nesta Unidade e iniciar um Projeto de Transformação, respeitando a história e as pessoas que dedicaram anos de suas vidas ao serviço público em especial a esta grande Unidade.

A minha história não termina aqui, está apenas começando!

Autora: Jakeline Nogueira de Lima

Meu caminhar pelo SUS

Trabalhadora do SUS, mãe, avó, mulher, feliz, eterna aprendiz!
Psicóloga, pedagoga e tenho o privilégio de estar, neste momento, na direção do CEFOR de Franco da Rocha, uma das seis Escolas Técnicas do SUS mantidas pela Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo situada no campus do Complexo Hospitalar do Juquery.

Minha iniciação profissional pública se deu na pasta de Educação, na Secretaria de Estado da Educação do Estado de São Paulo numa Escola Estadual de Ensino Fundamental em 1981 onde fiquei até o início de minha trajetória no SUS.

No ano de 1988 iniciei no SUS e dei continuidade a minha formação na Educação e na Saúde, pois trabalhar em equipamentos do SUS é sempre um

grande aprendizado. Comecei no Ambulatório de Saúde Mental do Complexo Hospitalar do Juquery - Psicóloga Clínica na Equipe de Psicologia Infantil, onde fiquei por cinco anos, até 1992, atendendo, participando de reuniões técnicas e de supervisão, aprendendo como é o atendimento no nível secundário e terciário do SUS. Quando da reformulação dos ambulatórios do estado, em 1993 fui para o município de Franco da Rocha trabalhar comissionada, a princípio no atendimento depois na Chefia Técnica do Centro de Atenção a Criança e Adolescente com Necessidades Especiais, onde também tive a oportunidade de participar de reuniões técnicas, aprendendo como é o atendimento no nível primário do SUS. Em 1999, voltei para o Complexo Hospitalar do Juquery para trabalhar como Interlocutora de Saúde Mental da então região da DIR IV de Franco da Rocha na Divisão de Saúde da Comunidade, onde passei a compor a equipe técnica que trabalhava com vários programas ministeriais. Em 2001 fui convidada a assumir a Diretoria do CEFOR de Franco da Rocha.

Nasci e cresci em Franco da Rocha e onde em minha opinião, o lugar mais bonito da cidade era o campus do Juquery, de fato até hoje é o lugar mais arborizado do centro da cidade, com belos prédios, escadarias e lindos jardins nos quais eu vinha namorar em minha juventude.

Minha mãe foi a primeira telefonista do Juquery, frequentei a creche desta instituição, andei muito por suas galerias, convivi com alguns dos internos moradores desde criança, aprendi a ser cuidada pelos trabalhadores do Juquery e depois procurei cuidar deles.

Agora que estou prestes a me aposentar, terminei em 2019 meu mestrado profissional em Educação Profissional em Saúde, realizando uma pesquisa cujo tema foi **PROCESSO DE TRANSIÇÃO DE HOSPITAL ESPECIALIZADO EM PSIQUIATRIA PARA HOSPITAL ESPECIALIZADO EM CUIDADOS PROLONGADOS**: impactos desta mudança no processo de trabalho do Auxiliar de Enfermagem do Complexo Hospitalar do Juquery, como forma de demonstrar meu profundo respeito aos profissionais desta instituição que tanto me ensinou e ensina.

Minha dificuldade em me aposentar está exatamente em deixar este espaço que se mistura com minha vida e cuja destinação ainda é incerta, mas cujo valor afetivo é imenso.

Muitos olham para os prédios, hoje desativados e lamentam por parecerem abandonados, pois são tombados pelo CONDEPHAAT - Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico, também lamentam suas condições, contudo, entendo que conservação de patrimônio histórico foge da pasta da Saúde e me conforto em saber que hoje ali não estão mais tantas vidas enclausuradas.

Há cerca de três anos o Juquery tem sido foco de um projeto chamado SOY LOCO POR TI JUQUERY, um festival de arte cujo objetivo é ressignificar este espaço, que já passou por tantos momentos, de exemplo do cuidar em Saúde Mental a um núcleo dos mais variados debates da Política e da Saúde e agora se abrindo para a comunidade com espaços de educação, cultura e arte. Espaços, cujos muros viram e ouviram tantas histórias, muitas delas sem dúvidas de sofrimento, sem entrar em detalhes das razões, dos por quês, pois aqui não os cabe, ser internado e lá deixado por seus familiares por si só pode representar sofrimento.

Histórias mil de internos e de trabalhadores, de subjetividades que se misturaram e se transformaram, o que posso registrar foi o meu caminhar, minha história, tendo clareza de que para cada um o trabalho tem seu sentido. Trabalhar no Juquery, para mim, sempre foi uma grande fonte de aprendizagem e para o qual deixo aqui minha gratidão pelo reconhecimento da importância que tem em minha história de vida. Aqui vivi coisas boas e coisas não tão boas, aqui conheci pessoas sensíveis e não tão sensíveis, fiz amigos e nenhum inimigo e isso tudo me fez um profissional melhor e principalmente uma pessoa melhor.

Autora: Maria Elisabete Ferreira de Palma

Vivenciando a Saúde Mental

No início de 1982, durante seis meses, fiz estágio diário no Hospital Santa Tereza, estava no 3º ano da Graduação de Enfermagem, foi uma época de muitas descobertas e inquietações.

Para começar, nossa professora do estágio era uma Enfermeira Inglesa, rígida e sem nenhuma paciência com estudantes inexperientes e melodramáticos.

A nossa classe era composta de 48 alunas e somente 04 alunos, a professora nos dividiu de forma que todas as alunas foram para várias alas masculinas, já os alunos para uma ala feminina.

A minha primeira inserção dentro de uma ala masculina foi muito constrangedora, estávamos em 04 alunas, entramos todas juntas, com medo e em bloco, para a minha surpresa, um dos pacientes chegou bem perto de mim, me entregou um bilhete e disse:

“Se o homem mais poderoso do mundo morreu com os braços abertos,

porque a Senhora está com os braços cruzados”.

Na hora que isto aconteceu tomei um susto tão grande que fiquei sem ação, assustada, a única reação que tive foi descruzar os braços. Na época, era uma jovem com 19 anos, sem nenhuma experiência e com muito medo, porém, a partir deste incidente, todos os dias do estágio foram de descobertas agradáveis e muitas vezes tremendamente constrangedoras.

Nesta época eu morava em Jardinópolis e todos os dias ia de carro para o estágio, deixava-o estacionado debaixo das árvores do estacionamento. Em um dos últimos dias de estágio, quando fui sair do estacionamento juntamente com vários colegas, não percebi que tinha estacionado em um local com muitos pedaços pequenos de árvores cortados, quando dei marcha ré para sair, o tanque do carro foi rasgado por um desses pedaços. Quando percebi o que havia ocorrido, foi um tanto quanto embaraçoso, pois tive que ligar para o meu pai, que foi ao Hospital para retirar o carro com o guincho. Antes de ele retirá-lo, me rezou aquele sermão na frente de alguns colegas de turma. Por isso, fui motivo de gozação por muito tempo, mas a sensação que ficou foi de muito carinho, dedicação e aprendizado.

Hoje, passado 37 anos, continuo trabalhando como Enfermeira, lembro-me deste tempo com saudade e agrado imensamente toda a atenção que recebi dos funcionários do hospital e a paciência que tiveram comigo.

Autora: Eligia de Oliveira Campos Mazza

O Desfile de Primavera dos Pacientes do Centro de Referência da Saúde da Mulher

Corria o ano de 2007 e eu estava no Centro de Referência da Saúde da Mulher, feliz amando trabalhar naquela unidade, realmente muito gratificante.

Estava eu, caminhando pela Avenida 23 de Maio como todos os dias e fiquei a pensar o que poderia ser feito para alegrar os dias dos pacientes em tratamento, mulheres corajosas, habilidosas, lindas e lutando para vencer à batalha contra o Câncer.

Então fiquei sonhando com a possibilidade de fazer um desfile em Homenagem a Primavera, a essas mulheres guerreiras, pois já estávamos quase em setembro.

Chegando ao Centro de Referência chamei a minha colega de trabalho, Juliana, falei sobre a minha ideia e ela prontamente se prontificou a ajudar para que o sonho fosse real.

E a partir daí partimos para a execução.

A Dra. Zeni Toloi, na época Diretora do Centro de Referência nos incentivou, assim como a Carmelina Amadeu da Nutrição, também entre tantos funcionários que colaboraram para a realização do evento.

Partimos então para sair em busca de doações pois recursos não tínhamos e houve muita participação.

Os lojistas do bairro Bom Retiro fizeram doações de roupas, sapatos, bolsas e bijuterias.

As floriculturas da redondeza doaram as flores.

Enfim, contamos com a participação de todos.

Houve inscrição das pacientes internadas, sendo que uma delas com conhecimento nas técnicas de desfile de Moda Feminina, treinou as participantes.

Foram dias de trabalho exaustivo pois, não deixamos de executar nossas atribuições do dia a dia.

E finalmente aconteceu “*o grande dia*”. Foi trabalhoso. Mas um dos dias mais emocionantes da minha carreira pública, onde guardo para sempre na lembrança, todos os momentos realizados nesse primeiro Desfile da Primavera.

No final, me lembro como se fosse hoje, as pacientes felizes, o grupo envolvido, apesar de exaustas, mas não menos felizes.

Neste breve relato faltaram muitos nomes, mas já faz tempo e não tenho documento de registro daqueles que participaram dessa linda passagem, mas quem ler saberá que participou e que serei eternamente grata e certamente ficou uma linda lembrança para as guerreiras pacientes do Centro de Referência da Saúde da Mulher.

Ah, esse evento permanece até hoje, o que nos enche de orgulho e alegria.

Autora: Ana Teresa Lara Alabe

A caixa de Pandora - as coisas por menores que sejam podem ter grandes consequências!

No Hospital Maternidade Interlagos trabalho, como Dentista exercendo uma Odontologia preocupada com a harmonia do crescimento orofacial através do incentivo ao aleitamento materno não somente em relação ao valor nutritivo do leite humano, mas também quanto ao desenvolvimento do sistema estomatognático por meio de orientações relacionadas a sucção e os benefícios que esta trará para a saúde do RN seja na sua mastigação, deglutição, fala.

Estava eu em uma noite de sábado, trabalhando há quase 12 horas e faltavam exatamente dois leitos para eu visitar.

Exausta, pois, acabara de dar suporte para algumas puérperas com dificuldades, tinha que terminar meu trabalho de forma a cobrir todos os leitos.

Geralmente, quando oriento as puérperas na forma de prevenção, por conta das mesmas estarem cansadas pelo parto, pela nova rotina com o bebe, estas muitas vezes não conseguem assimilar tudo que é dito,

Quando intervenções práticas são necessárias, utilizo a ferramenta de “Aconselhamento em Aleitamento Materno”, como forma de sugestão para a puérpera quanto ao manejo correto, sem julgamentos, sem ordens, por meio de informações importantes que remetam ao sucesso da alimentação do seu RN.

Adentrei ao leito e além da puérpera e do RN estava o pai como acompanhante, este por sinal, muito atento a minha abordagem (aliás, os companheiros, no geral, prestam atenção e muitos até questionam).

Expliquei os possíveis danos pelo uso de bicos e chupetas, entre eles, o desmame precoce.

O pai prontamente olhou para mim e confidenciou que dentro da bolsa de pertences do bebe tinha uma caixa com uma chupeta que ele havia comprado como parte do enxoval do filho, para acalmá-lo, deixá-lo “mais bonitinho”.

Notei que o pai ficou pensativo!!

Tirou da bolsa uma caixinha transparente que continha uma chupeta (e olha que esta era “Top”, toda colorida com desenho do time do coração do pai, parecia uma joia).

Este falou...

- Paguei cara essa chupeta!!

- Mas não quero mais não!!

-Leva embora por favor!!

- “Faça com ela o que você quiser, pois não quero que nem meu filho, nem outra criança fique com os dentes tortos, falando errado e servindo de chacota para os amiguinhos”

- “A saúde de meu filho supera o gasto que eu tive e que provavelmente terei no futuro se este chupar a chupeta!”

- “Meu filho com saúde é tudo pra mim!”

Essa foi a atitude desse pai.

E eu...

Exausta, num sábado à noite, no último leito, me senti presenteada com aquela caixinha que ganhei, com o que ela significou para mim pois senti que como profissional cumpro com o meu papel de uma forma ética, humana, sem julgamento, sem ordens!!

E o que é melhor....

Contribui para o bem estar físico (perfil harmônico, dentes alinhados, prevenção de problemas respiratórios...) e mental (prevenção de fala errada, de discriminação pelos outros...) da criança.

Autora: Márcia Ortigosa Perez Ribas

Palavras do Coração

Quem trabalha na saúde acaba confrontando com muitas situações de tristeza, e talvez por este motivo sempre gostei de trabalhar em maternidade. Na maternidade a maioria das histórias são felizes, são envolvidas por bebês “gordinhos e com as coxas grossas”.

Tem muita felicidade envolvida num parto, até o stress do trabalho de parto é um stress gostoso digamos assim, um stress que envolve desprendimento, coragem, companheirismo, mesclado por preocupação, ansiedade e amor, muito amor! E na grande maioria das vezes, depois de todo aquele alvoroço vem o choro, um choro emocionado, um choro de alívio, um choro de felicidade. Sabe, é difícil de explicar! Quando veem o bebê, aquela pureza, aquela ternura, muitas vezes ouvimos suspiros, daquela emoção que transborda em frases como “Meu Deus!” “Graças a Deus!” ou “Eu te amo meu filho!” Em um minuto o sentimento todo muda, aquela troca de olhares marcando esse primeiro encontro mágico, dá para sentir Deus ali. Lembro que quando meu filho nasceu o primeiro pensamento que tive foi de que se Deus me ama, como o amor que estava sentindo naquele momento... não precisaria me preocupar com mais nada e isso fortaleceu minha fé. Sei que já vivenciei essa sequência uma dezena, talvez uma centena de vezes, mas ainda assim, quase sempre me emociono.

É claro que às vezes as coisas não ocorrem conforme o planejado e aprendi desde a faculdade de que nessas ocasiões o cliente pode até não estar preparado, mas o profissional “tem” que estar e procuro um preparo mental interior, com otimismo, com tranquilidade e agilidade, buscando transmitir paz nesse momento tão especial na vida da família que estou atendendo.

Em minhas memórias, me recordo de uma noite, que estava trabalhando no Pronto Socorro (PS) e lá pela segunda hora da madrugada chegou uma ambulância de um Serviço de referência que estava trazendo uma gestante, em uma vaga cedida devido a cliente estar em trabalho de parto prematuro em um Pronto Atendimento da região. Quando cheguei na porta do PS, imediatamente o enfermeiro que estava acompanhando a ambulância entregou um pacotinho em minhas mãos, era o bebê bem pequenino enrolado em papel alumínio (para mantê-lo aquecido), informou-me que havia nascido durante o trajeto.

Peguei o bebê, reparei que estava respirando bem em ar ambiente e rosado; rapidamente subi com ele até o Centro Obstétrico (CO) para atendimento do neonatologista. Passei o caso para a equipe e voltei para o PS, continuei realizando o atendimento da puérpera, auxiliando a equipe médica, retirando os pertences, orientando os familiares, assim que finalizado os primeiros cuidados no PS subi com a cliente em uma maca para o centro obstétrico. Lembro que ainda no elevador ela me perguntou sobre o seu bebê, expliquei a rotina de atendimento e que estaria levando-a para o mesmo setor que ele.

Quando cheguei na porta do centro obstétrico, encontrei a enfermeira do berçário que me perguntou como estava o bebê, no que respondi ter achado que ele estava bem, rosadinho e com uma carinha boa. No que ela me respondeu, que era bem difícil um bebê com 600 gramas, que nasceu na ambulância fora do hospital, estar com uma carinha boa e perguntou se eu tinha certeza disso. Me senti um pouco insegura, porque como subi com o bebê muito rápido não tinha prestado tanta atenção assim, mas pelo que eu pude observar achei que estava bem sim. Ao que ela respondeu que, então tudo bem. Nós duas rimos e nos despedimos. Mais tarde fiquei sabendo, que o bebê não estava tão bem, que havia ido para UTI neonatal, tendo que ser entubado, feito cateter umbilical, um bebe com prematuridade extrema e de alto risco.

Sempre que vivencio uma situação dessas sinto empatia pela mãe e pela família, e acho que quando você tem uma maior percepção quanto aos riscos envolvidos acaba ficando mais cética, então apesar de ter achado que o bebê tinha uma carinha boa, quando fiquei sabendo do peso acabei um pouco desenganada em relação ao prognóstico da criança. Segundo a lei nacional, um feto que pese até 500 gramas pode ser considerado aborto, logo um bebe com 600 gramas é muito pequeno, ainda mais nascido fora do Hospital os riscos acabam sendo bem maiores.

Passado, uns 4 meses estava no PS, quando uma cliente com um bebê no colo me chamou atenção, perguntando se eu lembrava dela, dizendo que eu a havia atendido quando se internou na Maternidade. Olhei bem para a cliente tentando lembrar, as vezes de um plantão para o outro a gente até se recorda, mas respondi que era muito bom tê-la atendido e que esperava que tivesse dado tudo certo, no entanto não me lembrava dela dado o volume de atendimento acaba sendo mais fácil elas lembrarem de quem atendeu, do que a gente se lembrar.

Nesse ínterim, a enfermeira do berçário que estava acompanhando o binômio* para a alta, chegou perto de nós duas e ficou ouvindo nossa conversa e comentou. - Realmente Cida, é muito difícil se lembrar de todo mundo que a gente atende, mas esta daqui você vai lembrar, sabe aquela bebezinha de 600 gramas que nasceu na ambulância? Então, é ela que está saindo de alta agora. Observei atentamente a bebezinha no colo da mãe, nos entreolhamos e com os nossos olhos falamos as palavras que diziam nossos corações, algumas pessoas podem chamar isso de coincidência, de sorte, de ciência ou até mesmo resultado da tecnologia, mas eu chamo de milagre. A partir desta história tive mais segurança para apoiar e orientar as mães em situações de bebês prematuros ou que precisam de cuidados intensivos.

*binômio = mãe e bebê

Autora: Maria Aparecida Domingues

Trabalho e Prazer

“Escolha um trabalho que você ame e não terá que trabalhar um único dia em sua vida.” **Confúcio**

Estas palavras de Confúcio me definem. Sempre volto a elas, sobretudo quando penso no período que passei dentro do Hospital Maternidade Interlagos – HMI, entre 1994, quando lá cheguei, antes mesmo que suas portas se abrissem ao público pela primeira vez, e 2019, quando fechei a porta atrás de mim pela última vez, por ocasião da minha aposentadoria.

Assistente Social de Formação, assumi a Diretoria do Núcleo de Apoio ao Usuário, o que me permitiu trabalhar, entre tantos outros projetos, no “Programa de Humanização Hospitalar” desde os seus primórdios e em todas as suas fases, ou seja, da ideia embrionária à implantação e desenvolvimento do Programa no HMI. Não há dúvida quanto a importância de cada uma dessas fases para o

resultado do que viria a seguir. Mas, se há algo relevante no rol das minhas lembranças e sobre o qual vale a pena falar, são as histórias que marcaram a vida da equipe, principalmente a minha. Foi um período de incomensurável crescimento profissional e pessoal. Ensinei e aprendi, fiz amigos para a vida toda...

Naquela época, eu era responsável também por outro projeto chamado “Jovens Acolhedores”: universitários que permutavam mensalidade escolar por horas de serviços prestados ao governo do Estado de São Paulo. Era “uma galera”, como eles mesmos se auto proclamavam, sempre disposta a cooperar, onde quer que fosse necessário. É claro que o ideal seria aliar o talento de cada um à função desempenhada, o que nem sempre era possível. Entretanto, este era um detalhe importante a ser preservado, principalmente em se tratando daquele grupo de meninos e meninas, que lembrava muito de perto minha própria trajetória, quando o “gostar do se faz” pode e certamente será fator determinante na profissão e na vida.

Recém-saída de um curso chamado “Entre na Roda”, cujo objetivo era incentivar a leitura e formar multiplicadores, decidi aplicar o que havia aprendido na Unidade Semi-Intensiva do HMI. Trata-se de um setor que recebe gestantes com patologias diversas, cujo quadro, quando alterado, põe em risco as vidas da mãe e/ou do bebê, quando então se faz necessária a internação prolongada. Nas situações mais graves, podem permanecer ali a maior parte do período gestacional, o que, contraditoriamente, acaba contribuindo para desenvolver nas pacientes aquilo que o trabalho do setor tenta a todo custo combater: a ansiedade.

Foi por esta razão, uma espécie de “contribuição terapêutica”, que o “Roda de Leitura” entrou pela porta da Unidade Semi-Intensiva do HMI. A diversidade era a tônica da equipe: profissionais de diversas áreas, os Jovens Acolhedores, as Mamães e seus bebês ainda em formação. E junto conosco os personagens, alguns conhecidos e outros nem tanto, bons, carrancudos, bonitos, maus e por aí vai... Era de se esperar, portanto, que isso terminasse em ... (espera um pouco, terminasse ou começasse?) num reino chamado “Minha Casa”, e a primeira frase diria “era uma vez na minha vida...”.

Foi assim que, certo dia, tendo como tema as nossas próprias memórias, sobe ao palco um personagem inesquecível, marcando para sempre a história da equipe...

“Morador de Marsilac”, região pobre no extremo sul da capital paulista, numa época em que não havia transporte regular, um casal grávido acorda com seu bebê disposto a ver a luz do sol em plena madrugada. Sem recursos e a quem recorrer, marido e mulher saem em busca de ajuda. Andam hora e meia até encontrar os policiais que, sem titubear, fazem o parto ali mesmo, numa trilha no meio da mata e usando as próprias lanternas. David - este o seu nome - cresceu ouvindo essa história que sempre terminava com o pai dizendo: - aqueles sim,

foram heróis de verdade! 25 anos depois, entra para a Academia da Polícia Militar e para a faculdade de letras. Tinha um único sonho: Cuidar de Gente. Dizia: Acredito que a faculdade de letras dê ao policial que existe dentro de mim o conhecimento necessário para fazer as coisas bem feitas!

Naquele dia, com autorização prévia dos seus superiores, David manteve sob o uniforme do hospital a farda de policial. Ao terminar seu relato, comoveu e surpreendeu a todos ao apresentar sua verdadeira identidade, concluindo que também ele, a exemplo dos profissionais que o inspiraram na escolha da profissão, já tivera a felicidade e a honra de ajudar um bebê na hora do nascimento”.

Em meio a tantas memórias felizes, não tive dúvidas quanto a optar pela “Roda de Leitura” na Semi-Intensiva do HMI” e todas as emoções ali vivenciadas, e menos dúvida ainda quanto a reeditar esta passagem, contada de um outro jeito e com o distanciamento de alguns anos. Talvez porque ainda me emociono ao recordá-la e porque ainda guardo na mente o olhar emocionado de todos os presentes. Creio que isto ocorre pela possibilidade de reflexão que ela nos permite, sob vários aspectos, principalmente no mundo atual...

Deixo a você, caro leitor, a liberdade de encontrar no texto esses aspectos, e quais, segundo o seu ponto de vista, merece algum tipo de reflexão da sua parte.
Setembro de 2020 - Para o livro de memórias do HMI

Autoras: Ângela Margarida Teixeira De Araújo, Elisabete Iori Machion

O Cândido Fontoura me encontrou... e eu me encontrei...

Caminho pelo hospital diariamente, com a certeza de que vivo plenamente meu propósito e que sigo a inspiração que me move desde criança. São 21 anos de dedicação, de sorrisos, de abraços, olhando desafios com positividade, me dedicando a melhorar a qualidade de vida dos meus pacientes no Hospital Infantil Cândido Fontoura.

Sou Vera Lúcia Oreb, nutricionista, e hoje percebo que, muito além da orientação alimentar é necessário no momento em que uma família recorre ao hospital com seu filho(a), pois muitas vezes estão vivenciando um dos momentos mais difíceis da vida... A nutrição faz total diferença na evolução e tratamento, mas precisa estar envolvida no amor e na energia de humanização para tornar tudo mais leve e favorável no aspecto físico e emocional da família e do paciente.

Há duas décadas atuando nesse Hospital Pediátrico, vivencio diversas experiências em minha área, mas é no contato humano que me encontrei e fui encontrada.

Desde a faculdade, que concluí em 1995, minha matéria preferida era Nutrição Materno Infantil. Passava em frente ao Cândido Fontoura, pois morava pertinho, e pensava na possibilidade de poder atuar em algum momento lá por gostar tanto de Nutrição Pediátrica.

Prestei alguns concursos do Estado, mas não surgia concurso para o Cândido. Para minha surpresa, fui chamada para um desses concursos e havia a possibilidade de escolha de vaga pra outros 2 hospitais, sendo que um deles era o Cândido, lógico! Para mim foi uma benção, um momento muito mágico.

Era dia 2 de agosto de 1999 quando iniciei e desde então muito trabalho para estruturar o serviço. O ambulatório de nutrição, setor onde exerço meu trabalho há mais tempo, nem possuía agendamento quando cheguei, sequer tínhamos uma sala, um espaço para nós nutricionistas. Foi tudo conquistado, batalhado e seguimos evoluindo e valorizando a atuação do profissional nutricionista. Descobri intuitivamente e na prática que é preciso fazer tudo com amor para o trabalho em um hospital fluir.

Como nutricionista clínica ambulatorial aprendi que é preciso cuidar do paciente de uma maneira integrativa, sair do formato engessado (anamnese, prescrição e retorno) para estar a serviço e entregar o que tenho de melhor... uma nutrição mais humana, mais gentil e orientativa e, de fato, mais individualizada.

Há momentos difíceis também, como quando idealizamos algum projeto, apostamos nele e por alguma adversidade não conseguimos finalizar ou ele segue outro caminho que não traz o resultado esperado; isso decepciona um pouco. Às vezes nem todos estão alinhados no mesmo propósito, esbarramos em barreiras burocráticas ou na dificuldade de encontrar formas para viabilizar. Aprendizado sempre!

Muitos pacientes nos marcam, há alguns com quem nos apegamos mais... O importante é, em todas as situações, poder ver o sorriso deles, saber que fazemos parte daquele momento e ajudar a proporcionar o que precisam. Isso é o que me realiza. Tenho muito orgulho de fazer parte e desenvolver esse trabalho. É um presente e uma honra. Cada vez que um paciente entra na minha sala e diz: “só vim te dar um oi, ver como você está”, esse carinho que recebo não tem preço. É algo que me fortalece demais.

Eu me sinto um ser humano melhor com cada sorriso, cada abraço, cada olhar em que sinto que o coraçãozinho deles está um pouquinho mais feliz. Saber que ‘pegamos na mão’ de alguma maneira e ajudamos a seguir. É extremamente gratificante... E é com esse sentimento que concluo meu relato... GRATIDÃO por exatamente tudo!!!

Autora: Vera Lúcia Oreb

Enfermagem

Mãos que embalam e faz carinho
A todos que nos vem procurar
São as mãos que com firmeza
Nossos pacientes vamos medicar

São funcionários que dedicam
Com amor carinho e emoção
E a todos os nossos doentes
Servir a eles é nossa missão

Pois foi este o juramento
Que fizemos cheio de emoção
Espero que as promessas solenes
Nunca sejam em vão

Enfermagem é um dom divino
Peço a Deus sempre abençoar
E colocar no coração de todos
Que esta carreira optar

Não basta o diploma na mão
Se não souber com clareza usar
Devemos saber que nossas pacientes
Tem que estar em primeiro lugar.

Autora: Marlene Vieira

Hospital

Trabalhando sempre aqui e ali
Procurando algo de melhor achar
Foi aqui neste hospital
Que um dia vim trabalhar

Aqui encontrei colegas e amigos
Que com bondade veio me ajudar
Também vi muitas criancinhas
Que com amor pude acariciar

Já se passaram muitos anos
E aqui ainda estou a trabalhar
E com amigos e colegas
Continuo sempre podendo contar

Com passar dos anos
Eu aqui não vou mais estar
Colegas, amigos e crianças
Com saudade de todos vou sempre lembrar.

Autora: Marlene Vieira

Um bom dia pra se recordar

Meu nome é Ana Claudia, sou fisioterapeuta, trabalho em terapia intensiva há 23 anos, local de contato com os pacientes em várias fases de seu período de internação.

Neste percurso, temos muitos casos interessantes para relatar, mas um caso especial que me emociona, foi de uma mulher jovem, cerca de 30 anos, que deu entrada na UTI, vinda do Centro Cirúrgico, após cirurgia abdominal, ela havia sido assaltada e foi baleada na barriga.

A nossa primeira conversa inicia-se com um monólogo: Bom dia Marcela (nome fictício), meu nome é Ana Claudia, sou fisioterapeuta, você está bem? – E aguardo a resposta, que as vezes é um movimento de cabeça, e as vezes nenhuma - Vamos fazer alguns exercícios para você respirar melhor, ok? Por enquanto você está respirando com ajuda de aparelhos, seus pulmões estão comprometidos, a hora que você tiver vontade de tossir, vai doer um pouco a barriga, porque você foi operada. Mas não se preocupe, é assim mesmo, se estiver doendo muito me avise para vermos se tem algum remedinho para nos ajudar...

Após muitos altos e baixos, Marcela enfim melhorou e chegou o dia da sua extubação, que foi programada de acordo com a melhora dela, e então segue uma nova conversa:

- Bom dia Marcela, tudo bem? Sou Ana Claudia, lembra? A fisioterapeuta. Hoje você está respirando muito melhor, e mais que isso, não está precisando da ajuda do aparelho, por isso vamos tirar esse tubo da sua boca, vai voltar a respirar sozinha e poderemos conversar melhor, antes disso faremos todos os exercícios para te preparar para ficar sem o tubo.

E chegou a melhor hora... de tirar o tubo. Explico todos os procedimentos que serão feitos, preparo todos os materiais que serão necessários e vamos ao procedimento:

- Pronto Marcela, agora vou deixar você bem sentada e vamos tirar o tubo, vai dar vontade de tossir e pode cuspir que eu aspiro a secreção aqui na sua boca, a garganta pode estar dolorida viu? Então não vamos conversar muito, apenas o necessário.

Retirado o tudo, aspirado as secreções, colocada em máscara de oxigênio, aí vem a pergunta: - Está tudo bem? E enfim, vira um diálogo:

- Muito obrigada Ana Claudia – e chorou compulsivamente, feliz, por se livrar daquele tubo, por ter vencido mais uma etapa, por ter emitido um som, muitos sentimentos aflorados naquele momento.

Passada essa fase, durante a fisioterapia, sempre conto tudo o que aconteceu durante período de internação, alguns fatos são memórias, e eles sempre lembram, outros são novidades e ouvem como se fosse a leitura de um livro. E no caso da Marcela: - Quando você chegou aqui estava muito sedada, veio do centro cirúrgico porque tomou um tiro, você se lembra disso? – E com um sim com a cabeça continuamos nossa conversa – por diversas vezes tentamos diminuir sua sedação, mas você sempre agitava, virava uma fera, queria levantar, arrancar tudo, uma vez tentou até me bater. Você se lembra disso? – Uma negativa com a cabeça foi a resposta – conseguimos tirar o tubo apenas no dia que a sedação foi reduzida e você não se agitou.

Marcela teve várias complicações, e permaneceu muito tempo na UTI,

onde permanecia sem a roupa, coberta por lençóis, com muitos cateteres pelo corpo, muitos curativos, aquela cabeleira amarrada, muitas vezes triste, com expressão de dor e eu sempre de máscara, avental e demais paramentos que costumamos usar para o trabalho na UTI.

O tempo passou, Marcela teve alta, e como todos os pacientes que passam por lá, nos despedimos e logo seu leito é ocupado, com nova história, nova emoção, e uma nova evolução.

Um belo dia, quando estou chegando ao hospital, sem máscara, sem avental, e demais paramentos que usamos na UTI, sou abordada ainda do lado de fora do hospital por uma linda mulher, cabelos soltos e longos, salto alto, roupa justa, toda maquiada, um mulherão, e aí segue a conversa:

- Oi Ana Claudia, quanto tempo? Tudo bem?

- Tudo sim e você? – Mas nitidamente eu não conhecia aquela mulher.

- Você não se lembra de mim? Já fiquei internada na UTI, você cuidou de mim.

- Me desculpe não estou me lembrando, são tantas pessoas ...

- Sou a Marcela, tomei um tiro na barriga lembra? Fiquei muito tempo na UTI, até já tentei te bater! Você me contava todos os dias as histórias de quando estive com vocês, tirou o tubo da minha boca, foi um dos dias mais felizes da minha vida, eu nunca vou me esquecer.

E desta vez, com os olhos cheios de água pudemos nos ver como realmente éramos, ninguém imaginaria que ela era uma mulher tão bonita, conversar sobre assuntos além do hospital e após um abraço nos despedimos. Até hoje, quando ela vem ao hospital, passar em consulta, ou acompanhar algum familiar, me procura, sempre com um mimo e me apresenta como a fisioterapeuta, que contou a história da sua internação, que tirou o tubo da sua boca, que ela tentou bater, entre outras lembranças, algumas doloridas outras não, mas que viraram motivo de risadas e gratidão de ambos os lados.

Autora: Ana Claudia Martins

Olhar Atento

Era mais um dia como qualquer outro. Tinha almoçado e fui dar uma volta nas imediações do hospital.

Ao passar pelo rol de entrada do ambulatório, observei uma mulher sentada com uma criança. Aproximei-me, sentei no mesmo banco, perguntei a ela se iria passar em consulta. Disse que a criança tinha passado pelo pediatra e estava aguardando resultado de exames.

Achei estranho uma criança de aproximadamente 3 anos estar tão quieta (sonolenta). Perguntei se ele tinha sido medicado, ela me respondeu que sim. Observei com mais atenção e percebi que a criança estava babando com muita intensidade. Disse a ela, “Mãezinha retorna com seu filho para o Pronto Socorro Infantil, ele não está bem”.

E realmente não estava, após algum tempo fui ao PS Infantil, saber sobre o menino e me informaram que ele teve uma reação alérgica ao medicamento.

Pude perceber que pequenos gestos e atitudes no nosso dia a dia pode fazer a diferença na vida das pessoas. Eu não sabia, mas aquele dia não foi um dia como qualquer outro.

Autora: Luciana Gonçalves Machado

A importância da constância para sua vida

Assim se passaram 20 anos... o difícil é cortar o laço. Esse tempo vai permanecer para sempre em minha memória.

Estava lavando o quintal quando meu irmão chegou e disse: vamos fazer inscrição para concurso no Hospital Geral Vila Penteadó? Hoje é o último dia!

E lá fui eu, encarar uma fila gigantesca que me rendeu 20 anos de serviço público entre Hospital Geral Vila Penteadó, Hospital Maternidade Leonor Mendes de Barros, Secretaria de Estado da Saúde e Hospital Geral de Taipas.

Seu eu fosse descrever cada vivência fugiria as regras, por tantas histórias...

Amava o que fazia: meu prazer era trabalhar. Tantas foram as amizades em cursos, reuniões, jogos da Taça Saúde... que saudade!

Desse tempo quero guardar cada amigo (a) no coração, em especial minhas colaboradoras.

Minhas diretoras de Recursos Humanos, cada uma com sua característica, Solange Marchesano, Catia Cristina, Cristina Adanlian e Sandra Miranda: obrigada pela oportunidade e por fazer parte da minha trajetória de vida.

Deixo com lágrimas de gratidão, hoje já estou me aposentando e iniciando outra atividade (corretora de imóveis) porque o tempo não para principalmente para quem não consegue parar.

Obrigada Deus, eu não teria chegado até aqui sem Ti.

Autora: Maria do Carmo de Oliveira Barros

Meu sonho é trabalhar em um lugar que tenha muita gente

O! Meu nome é Roberta, sou Oficial Administrativo, exercendo minhas funções junto ao Expediente da Diretoria de Recursos Humanos, do Hospital Geral de Vila Nova Cachoeirinha.

Iniciei com a frase acima, pois ela define bem o meu hoje “muita gente” ...

Mas, claro que nunca me imaginei em uma Unidade Hospitalar e muito menos como uma servidora pública.

Minha história com a SES começa em meados de 1998, onde informada por uma prima, me inscrevi para o concurso para trabalhar no Hospital Geral “Dr. José Pangella” de Vila Penteadó, e passado praticamente dois anos (2000), quando nem me lembrava, chegou um telegrama que de certa forma, mudou radicalmente minha vida. De um pequeno escritório de Despachante (onde eramos 04), para uma Unidade Hospitalar com mais de hum mil servidores, a mudança de salário, o grupo que estava iniciando, todos no mesmo momento, em torno de 28 pessoas. Lembro-me, que no primeiro dia, no Anfiteatro, fomos apresentados a Diretora de RH, a Diretora do Same, o Diretor Técnico de Saúde III e a Chefe do SAME que seria responsável pela nossa equipe, daquela época...

Foi um grande aprendizado. Ali, eu comecei a ver o ser humano com mais “empatia”, ali eu aprendi, eu ri, eu chorei, fiz grandes amizades, a Fê e a Eva da enfermagem, Equipe Médica do Pronto Socorro, entre outros e passado dois contratos de 733/93, com muita tristeza, me despedi daquela Unidade.

Então, passados três meses, ei que chega outro telegrama, desta vez do UGA IV – Unidade de Gestão Assistencial “Hospital e Maternidade Leonor Mendes de Barros”, onde sofri outro choque de realidade, pois tinha experiência

de atendimento ao público, pronto socorro, correria, e no “Leonor” (desculpe a intimidade) fui para o setor de Compras, algo totalmente diferente, desde ritmo, tipo de serviço, não esquecendo que você começa a perceber como é o funcionamento de uma Unidade Hospitalar por dentro, administrativamente falando.

Mais uma vez fiz amigos, tinha minha Diretora de Compras, a própria equipe e tantos outros, pois um setor liga a outro. Encontrei outros da época do “Penteadão”, como a Lí (HGVNC), Van (HGVNC), Do Carmo (HGT), a Ed (HGT), que no hoje estão em outras Unidades.

Após alguns anos pedi transferência para o Hospital Geral de Vila Nova Cachoeirinha (03/2006), mais próximo da minha residência, moro no bairro que o hospital leva o nome. E, mais uma vez, outra mudança... Fui trabalhar junto ao expediente de Recursos Humanos, o que te proporciona um maior contato com os servidores da Unidade. Aqui você vivencia e compartilha de muitas coisas, como alegrias, tristezas, reclamações, soluções, funcionando como uma outra família, pois parte de sua vida é vivida em seu local de trabalho.

Nesses 14 anos, eu tive mais dois filhos, eu me separei, perdi dois irmãos, socorridos inclusive neste hospital, onde me fez pensar por um momento “por que tão perto de casa?”. Passei por conta da primeira perda, quatro anos afastada por licença médica (psiquiátrica), foi um período extremamente doloroso, mas quando consegui juntar forças para retornar, eu retornei... Isso faz seis anos!

Mas, eu só consegui por poder contar com várias pessoas desta unidade, pois em cada momento, cada passo, eu tive um abraço e um “eu gosto muito de você, fica firme” da Enf.^a Vã (aposentada), da Ju, auxiliar de enfermagem, a Psicóloga que me ouviu tantas e tantas vezes, a Sil que um dia me encontrou no estacionamento e olhei para ela e disse: Por quê? Ela me abraçou e disse que eu era responsável por quatro vidas e que por eles eu tinha que lutar, melhorar e seguir em frente, um “Minuto de Sabedoria” com algumas palavras escritas a caneta pela Lu e que eu li e reli por várias vezes, o Doutor do SEESMT, que com uma paciência sem igual, ouviu por diversas vezes minhas dores, minhas histórias. Ele dizia “vai ser escritora, como você tem história para contar”, e dávamos risadas, quando meu humor permitia.

Essas são só algumas passagens, mas uma coisa que não poderia faltar de jeito nenhum, e quando retornei, meu maior medo era de não ficar no Recursos Humanos e a Diretora da época disse que ficaria feliz por eu querer ficar e retomar minhas atividades, isso também me deu forças para seguir.

Mas meu pedido foi por eu gostar do que eu faço, gostar das pessoas que fazem parte da nossa Equipe e da minha vida, pois eles são meu *“porto seguro”*.

Autora: Roberta Silveira Lima

O Milagre

A Unidade de Apoio Hospitalar São José, no Bairro do Imirim, na cidade de São Paulo, é um anexo do Hospital Geral de Vila Nova Cachoeirinha. A intenção da sua criação surgiu em maio de 2011, tendo sido inaugurado em outubro do mesmo ano, inicialmente com o objetivo de dar suporte ao próprio hospital bem como aos demais hospitais do estado localizados na zona norte da capital, acolhendo pacientes de baixa e média complexidade. Desde outubro de 2014 esta Unidade se tornou o Hospital do Homem.

Vale dizer que o hospital recém-inaugurado, bem montado, tudo novo e bem cuidado, causava a todos a melhor das impressões, inclusive a de ser particular.

Eu atuei como administradora da Unidade, desde a sua montagem até fevereiro de 2015 e presenciei muitas histórias e fatos ocorridos.

Escolhi esta narrativa por ter sido um fato que muito nos impressionou.

Certo dia recebemos um paciente vindo de outra Instituição (vamos chamar de Hospital X), para internação enquanto aguardava a prótese de coluna, para cirurgia que deveria ser realizada no Hospital X.

Vale dizer que seria troca da prótese, por quebra da que usava e já havia colocado há alguns anos em um hospital fora da rede estadual.

O paciente (vamos chama-lo de Clementino) não deambulava, e o pouco quando conseguia o fazia com uso de muletas.

Ficou no São José por mais ou menos dois meses. Claro, impaciente com a espera da prótese, acamado, sem visitas porque os familiares moravam em outro Estado, sem poder andar, chamava a mim e a enfermagem sempre, além das ligações que ele fazia para a assessoria do Palácio, para reclamar da demora da prótese, (como sabemos o Hospital X depende de licitação).

Tentava sair sozinho da cama a todo o momento, chegando até a entortar a grade da mesma numa das suas tentativas.

Num determinado dia “Clementino”, pediu para falar comigo e dizer-me que havia falado pelo celular com a mãe, na Bahia, e contou-lhe da situação, ao que ela lhe disse que filho dela não ia fazer nenhuma cirurgia e nem ficar aleijado, porque Jesus iria curá-lo.

Na manhã seguinte ao chegar ao hospital, os funcionários estavam alvoroçados a minha espera, que a Supervisora de Enfermagem queria falar comigo. Mas nem cheguei à minha sala, que a Enfermeira já veio ao meu encontro dizendo: ACONTECEU UM MILAGRE NO HOSPITAL. “CLEMENTINO” ANDOU SOZINHO NESTA MADRUGADA.

Ao dirigir-me ao seu ao seu quarto ele já veio ao meu encontro, feliz, para não só contar, mas mostrar que estava andando e queria ir embora.

Perguntei o que aconteceu e ele disse-me que na madrugada um homem vestido de branco, com mangas largas, desceu do teto e ordenou que ele andasse porque estava curado.

“Clementino” foi embora, sem uso das muletas.

O fato me impactou muito pela ocorrência, mas também pela confiança e respeito conquistados do paciente, o que me motivou ainda mais a incentivar o meu trabalho.

Meu lema: Meu trabalho, minha missão.

Autora: Marilena Chiaramonte

A Humildade

A Unidade de Apoio Hospitalar São José, no Bairro do Imirim, na cidade de São Paulo, é um anexo do Hospital Geral de Vila Nova Cachoeirinha. A intenção da sua criação surgiu em maio de 2011, tendo sido inaugurado em outubro do mesmo ano, inicialmente com o objetivo de acolher pacientes de baixa e média complexidade da mesma instituição e de hospitais do Estado, localizados na zona norte da cidade de São Paulo, como suporte às instituições e melhor acomodar os pacientes. Desde outubro de 2014 esta Unidade se tornou o Hospital do Homem.

Vale dizer que o hospital recém-inaugurado, bem montado, tudo novo e bem cuidado, causava a todos a melhor das impressões, inclusive a de ser particular.

Eu atuei como administradora da Unidade, desde a sua montagem até fevereiro de 2015 e presenciei muitas histórias e fatos ocorridos.

Escolhi esta narrativa pelo aspecto do hospital causado em um paciente vindo de outra Instituição, que vou chamar de Hospital X, que alias, fora do Cachoeirinha, era de onde vinha a maior parte de pacientes.

As ambulâncias vindas dos outros hospitais tinham um horário pré-estabelecidos para chegar, entre 14h30 e 16h30.

Certo dia a ambulância do Hospital X nos trouxe um paciente, que após a avaliação médica, foi conduzido para o leito, onde é feito o acolhimento pela enfermagem, primeiramente pela auxiliar ou técnico de enfermagem, a qual chamou a Enfermeira Supervisora, porque o paciente queria ir embora, voltar para o Hospital X.

A Supervisora foi falar com o paciente e saber o porquê dele querer ir embora se ele acabara de chegar e ela ainda nem tinha ido falar com ele, e, após muita insistência, ele disse que queria voltar para o Hospital X porque não tinha dinheiro.

Preocupada com a conversa, perguntou se alguém havia pedido alguma coisa. Ele disse que não, mas que ele não tinha dinheiro, por isso procurou o Hospital X para onde queria voltar.

Foi explicado para ele que lá no São José ele não iria pagar nada, porque é um hospital do Estado.

Mesmo assim, ele insistia que não tinha convênio e que queria voltar para o hospital X.

Então conversamos com ele e explicamos da necessidade de sua internação para o tratamento e que o motivo de ele ter sido transferido para o nosso hospital é que o Hospital X estava lotado. E, nessa conversa ele disse que não tinha dinheiro e nem convenio para ficar num hospital particular como aquele.

Explicamos a ele que é um hospital do Estado e o fato de ter todo este aspecto bonito é porque trabalhamos com amor para melhor atender os pacientes, e, para nossa alegria ele entendeu e elogiou um hospital público tão bonito e limpo, parecendo particular.

Esse fato muito me impactou porque mostrou que o nosso trabalho é valorizado quando trabalhamos com amor, dedicação e ética.

Por isso procuro dar sempre o melhor de mim.

Tenho o trabalho como missão.

Autora: Marilena Chiamonte

O Nascimento de um Elo

Em 1981, iniciei as atividades no serviço público como Atendente no Centro de Saúde. Após dois anos, fui designada para responder pela chefia administrativa e ali permaneci por 10 anos.

No início do ano de 1991 foram convocadas algumas chefias dos postos de saúde para prestar serviço no Hospital Geral “Dr. Álvaro Simões de Souza” de Vila Nova Cachoeirinha (trabalhava no posto de saúde por 4 horas e outras 4 horas no hospital) colaborando em deixar tudo preparado para a inauguração: ajudava na confecção dos impressos que cada seção elaborava ou na datilografia (não tínhamos computador) de compras de equipamentos.

Trabalhávamos em meio ao pó e madeiramento de construção e tudo centralizado na diretoria; o almoço era servido em marmiteix fornecido pelo Hospital Psiquiátrico Pinel e fazíamos as refeições em nossas mesas de trabalho e os demais onde hoje é o setor de arquivo médico. Era muito estressante só cobranças! Certo dia foi muito engraçado, o Diretor de Departamento na época chamou a secretária dele, entre muitas idas a sala dele chamou novamente e ela por sua vez estava almoçando, ficou nervosa e jogou o prato de refeição no chão espalhando toda a comida pela sala onde estávamos de tão furiosa que ficou.

Cada dia era um trabalho diferente para realizarmos, tudo estava pronto, só faltava à colocação dos móveis e equipamentos nos consultórios e clínicas dos andares. Foi um trabalho de formiguinhas, todos de um lado para outro.

Na hora da admissão dos profissionais para o início, tudo foi feito aqui. O atendimento médico era composto por alguns diretores, que realizavam os exames médicos e enquanto nós ficávamos no preenchimento dos dados dos profissionais que estavam ingressando (médicos, enfermeiros, auxiliares técnicos e administrativos).

Até que houve a inauguração em 24/07/1991.

Como eu era Atendente e designada no Centro de Saúde, prestei concurso como escriturária e fui designada a trabalhar neste nosocômio no setor de SAMCCD.

No Governo de Orestes Quércia e Secretário da Saúde Jose A. Pinotti

Diretoria do Hospital Geral de Vila Nova Cachoeirinha (“Dr. Álvaro Simões de Souza”, único médico que atendia a comunidade), secretária do Diretor de Departamento; Diretor da Divisão Médica e secretária, Supervisão Médica; Supervisão Pediatria, Supervisão M.I, Supervisão obstetrícia, Supervisão da Neonatologia, Divisão de Enfermagem e secretária; Supervisão internação; Supervisão do PS/Emergência, Supervisão do PSI, Diretoria de Gerenciamento Hospitalar e secretária, Seção Frota, Seção Manutenção, Seção Patrimônio, Seção Finanças, Seção Compras, Seção Nutrição, Diretoria de Recursos Humanos e secretária, Seção Depto. Pessoal, Seção Seleção, Divisão de Apoio Clínico e secretária, Seção de Imagem, Seção de Anatomia Patológica, Seção Banco de Sangue, Seção de Endoscopia, Seção de Apropriação de Dados, Seção de Medicina Física, Seção de SAMCCD, composto pelas Seções de Registro, Arquivo Médico e Seção de Estatística.

Fui respondendo pelo setor de estatística em coletar e classificar dados de saúde, elaborando relatórios produzir informações específicas quando solicitadas, elaborar gráficos e fornecer subsídios como a estatística dos atendimentos de outros setores para a diretoria e também o Diretor do Samccd fornecendo laudos de pacientes quando requisitado pelo fórum, IML, e DP e veracidade de atestado

médico das empresas solicitadas.

No ano seguinte recebemos na unidade, os computadores e com a ajuda do Dr. Martins e Dr. Caron, começamos a realizar o serviço em Excel com as fórmulas e gráficos, e foi com a ajuda de nosso diretor Dr. Martins que tivemos um aprendizado sobre a leitura da letra dos médicos para preenchimento do Cid 10.

Em setembro de 1994, recebi um título de honra ao mérito do então diretor da Unidade pelos serviços prestados antes da inauguração, participei de vários seminários pela associação regional e arquivo médico e estatística.

Passados alguns anos, com a mudança de governo, assumiu interinamente Dr. Barradas Barata por 28 dias até uma nova diretoria assumir, e com sua nova equipe tivemos que se deslocar para outro setor. Fui para o laboratório, onde estou até hoje.

Houve outras mudanças de diretoria, cada uma com sua equipe e novamente mudando Secretário da Saúde, novamente muda diretoria, trazendo também sua equipe.

O diretor atual que já era diretor clínico do hospital está apostando na mesma equipe de trabalho, dando oportunidade para algumas pessoas que já eram funcionários deste hospital desde sua inauguração.

Entendo que devemos vestir a camisa do hospital e honrar, aprendi no início de minhas atividades.

Autora: Vilmara Aparecida de Freitas

Meu Porto Seguro

Quando cheguei a esta Unidade Hospitalar, em 26/12/1996, senti que aqui poderia me dedicar à profissão que escolhi. Não vou dizer foi fácil, mas sempre me senti parte deste hospital, todas as diretorias que por aqui passaram e a atual sempre me passaram algo muito bom, nunca entendi que eu não fosse parte importante para o funcionamento desta máquina.

Sinto-me parte da engrenagem, tenho satisfação em trabalhar e honrar minha profissão dentro deste Hospital Geral “Dr. Álvaro Simões de Souza” de Vila Nova Cachoeirinha, quando vejo qualquer tipo de denúncia contra a Unidade, parece que a ferida dói em mim, fico muito triste, sei que não é possível contentar a todos, mas tenho ciência do quanto nos esforçamos para que tudo

saia perfeito, isso digo, de todos, dos meus colegas de trabalho, independente da área de atuação.

Hoje, estou com 73 anos de idade, que satisfação senti quando aprovaram a PEC da Bengala! Pude continuar na ativa, a moça do R.H. Luciana, brincava comigo, Sonia, não espalha, se não o pessoal te pega...rs.rs.rs...mas eu não queria saber, quase soltei fogos de artifício de felicidade, ela falava, tantos querem sair. E eu fiquei, estou aqui até hoje e pretendo ficar até meus 75 anos de idade.

Presto meus serviços à comunidade na Triagem do Pronto Socorro, hoje, 01/09/2020, estou fazendo 11 anos que trabalho no mesmo setor.

Veio a Dengue em 2015, veio a Meningite, e agora o Covid-19, e estou aqui, bem e com saúde para continuar prestando meus serviços com dedicação e amor ao meu próximo e a Unidade Hospitalar que não considero que tenha me contratado, mas que me acolheu.

Autora: Sonia Kochanski

Um Sonho de Juventude

Era uma construção grande, o que seria? Esta foi a pergunta que fiz ao meu irmão quando, passando de carro, prestei atenção ao que seria o Hospital Geral “Dr. Álvaro Simões de Souza” de Vila Nova Cachoeirinha, inaugurado em 24/07/1991.

Ainda jovem, entre 17, 18 anos e com muitos sonhos. Minha cunhada Léa, já trabalhava no Ersa-7, me informou das inscrições para o concurso que seria realizado para o hospital, me inscrevi, a prova escrita, fui bem, tinha psico-técnico, um nível de dificuldade a mais, já a datilografia, não atingi os 50 pontos necessários, decepção, e segui prestando outros concursos.

Estava com 20 anos de idade, o hospital seria inaugurado, e para minha surpresa recebi um telegrama, contrato 3131, independentemente de aprovados nos concursos, fomos convocados para suprir a necessidade de funcionários no intuito de compor o quadro de pessoal e iniciar as atividades da Unidade Hospitalar, pensei, sem garantias, fico um mês pelo menos, rs..rs..rs.. e estou há 29 anos, já que, prestei novamente concurso para o cargo de Oficial Administrativo, dois meses após minha contratação pelo regime 3131.

Antes da inauguração, realizamos simulações de preparávamos preparamos

os Livros Atas para o registro dos atendimentos, éramos orientados e treinados pela chefia imediata e um grupo de diretores formados pelas áreas. Fui alocada no SAMCCD – Arquivo Médico, minha chefia imediata Vilmara, me ensinou muito e muito mais, meu diretor, Dr. José Martins, falecido há alguns anos, período em que trabalhamos juntos, iluminado, de aprendizado e crescimento. Mudanças de diretoria nos afastou, faz parte da evolução das organizações, trabalhei no faturamento e um período no atendimento ao público, Pronto-Atendimento, Internação e Ambulatório, período de resignação, tão necessário para entender um pouco mais do ser humano, e suas necessidades.

Quando jovem, antes de ser contratada pelo hospital, queria trabalhar na área administrativa, de uma forma mais efetiva, entendia assim, até então, minha experiência estava baseada na prestação de serviços à comunidade, aos usuários do hospital, que gostava, mas o fato era que queria aprender mais, talvez realizar sonhos inconscientes, de juventude, na minha época, 15, 16 anos de idade, queríamos trabalhar no “escritório”... rs...rs...rs...só nos faltava experiência.

Em 2006, trabalhava no ambulatório, quando a encarregada do Expediente do R.H. conversando comigo, disse que uma funcionária transferida para a Unidade, não queria ficar no R.H., pois gostava de atendimento ao público, eu disse, quero trocar com ela, a Ana Paula, encarregada, não acreditou, eu confirmei, quero trocar, e realizamos a troca. O novo, medo, mas uma vontade enorme de aprender.

Na primeira semana, fiquei na frequência, os desafios começaram, eu não sabia nada de Recursos Humanos, a não ser o que era necessário saber como servidora pública.

Minha chefia me perguntou se eu queria aprender aposentadoria, pois as duas pessoas que realizavam essa atividade, tinham sido convidadas para assumir cargos de comando fora do R.H., depois vi, que o sonho era grande mesmo, porque não tinha noção de Recursos Humanos, e fui aprender aposentadoria.

O que eu trazia de experiência com o atendimento aos pacientes e familiares atendidos na Unidade, me ajudou muito quanto a conter os anseios e inseguranças vividas pelos profissionais que me procuravam, mal sabiam, que minha insegurança era muito maior. A funcionária que fez aposentadoria me levou ao Núcleo de Contagem de Tempo de Serviço da Coordenadoria de Recursos Humanos para eu começar a entender como era o fluxo para a concessão de aposentadoria, quando saiu a primeira ratificação por tempo de serviço publicada, ela me ligou, 3 funcionárias com certidões ratificadas, lembro até hoje, chorei, entendi ali, que era muito mais que um processo, que além das minhas realizações pessoais, envolvia a realização do outro, do meu próximo, e a empatia, era o mais importante para eu desenvolver.

Aprendi a fazer aposentadoria e outras atividades necessárias para finalizar a vida funcional de um servidor público, assumi o Setor de Cadastro de Pessoal, Chefe I, e tantas histórias, tantas escutas, tantas amizades, alguns imprevistos, revisar, retificar, novas demandas, faz parte do nosso dia a dia. Inovação, implantação, veio a SPPREV, palestrei em minha unidade para os profissionais, sobre aposentadoria e outros assuntos pertinentes a minha área, consciência da necessidade de disseminar o conhecimento, de dividir informações.

Com uma pergunta, você não tem vontade de voltar a estudar? Saí da minha zona de conforto, cursei Gestão em Recursos Humanos, realização! Ao longo desses anos realizei muitos cursos, vários, antes e depois de estar lotada no R.H. mas não me via em uma universidade, dizia que não tinha tempo, os filhos era um dos motivos, 2, hoje, um com 25 anos e outro, com 12 anos, criados pelo que meu trabalho no hospital me proporcionou, não só financeiramente, pois divido com meu marido, mas pela proximidade com a minha casa, que facilitou em momentos cruciais a criação deles.

Foi dado a mim, a oportunidade de substituir a chefia da Seção de Desenvolvimento de Pessoal, quantas ações, trazer a Orquestra de Sopro de jovens aprendizes da Fábrica de Cultura de Vila Nova Cachoeirinha na festa de encerramento de ano com tema “Gratidão” foi um diferencial na minha vida profissional, dar a oportunidade da troca de experiências entre os jovens iniciantes e os profissionais já gabaritados, emoção!

Participei do Curso de Desenvolvimento Gerencial em Serviços de Saúde, que me trouxe conhecimentos e reconhecimento, a frase que me foi dita no final, “vá, e faça a diferença”! Guardei.

E este é o desafio de todos nós, fazer a diferença, seja pessoal e profissionalmente.

Hoje, concluo, que o sonho de juventude é percorrido dia a dia, a cada novo projeto, nova ação, buscamos o nosso sonho a ser realizado, mas não somente o nosso, descobri no Serviço de Recursos Humanos que meu sonho é colaborar para que sonhos sejam realizados.

Autora: Luciana Aparecida Virgilio Cardial

Aposentadoria: uma nova expectativa de vida

Meu nome é Maria Aparecida Moreira da Silva, tenho 64 anos, tenho 2 filhos, divorciada, me aposentei aproximadamente 5 anos e atualmente moro em Mairiporã sozinha, mudei de São Paulo em virtude do divórcio.

Ingressei no serviço público em 1975 e meu primeiro local de trabalho foi na Coordenadoria de Saúde da Comunidade - CSC, que ficava localizada na Avenida São Luis 99 - Centro. ali comecei minha trajetória de aprendizagem, aprendi com grandes mestres como Dr. Afredo Arnoni, Dr. Antonio Carlos Amaral Vieira, Rayni Moraes Cury e tantos outros, como elaborar um despacho, informação e análise de processos.

Com minha ida para a Sede da Secretaria, especificamente no Centro de informações de Saúde - SIS, que passei a entender de uma forma mais completa a máquina do serviço público e tive a grande honra de fazer parte da equipe do Dr. José Aristodemo Pinotti, já falecido em 2009.

Poderia relatar aqui grandes momentos que vivi durante minha vida profissional na Secretaria sede. Uma das experiências que marcou minha passagem pela Secretaria foi minha contribuição na implantação da COMSAT em 2006, bem como participação dos treinamentos iniciais da capacitação nas várias unidades. Também foi marcante as Campanhas da Poliomielite que a coordenação era feita no Gabinete do Secretário e transmitida pela Rede Globo e muitos outros eventos.

Entretanto, os momentos mais marcantes enquanto servidora ativa foram vividas no Hospital Geral de Vila Nova Cachoeirinha, ali me realizei como funcionária pública, como Assistente Social, como colaboradora; poderia relatar vários momentos, situações tristes e gratificantes que vivi e presenciei naquela unidade hospitalar.

E um dos momentos que mais marcou ocorreu em final de ano perto do Natal e eu desempenhava minhas funções no SAME, havia chovido muito e a Avenida Inajar de Souza estava em obras na colocação de tubos pela Sabesp. E naquele tempo as crianças se divertiam brincando de forma inconsequente nos buracos cheios de água da chuva.

Naquele dia presenciei e compartilhei o sofrimento de uma senhora que teve seu filho afogado em um dos buracos e o mais triste era que ela havia ido à Lapa comprar roupas para ele cantar no coral no Natal. Um das cenas mais dolorosa que presenciei. E o que fiz naquele momento foi abraça-la e chorar junto com ela, naquele momento descobri o verdadeiro sentido do abraço, descobri que o abraço é o acalanto da alma.

Também houve situações hilárias que cabe ser contada, era responsável pelo SAME e no primeiro andar funcionava e ainda funciona a Pediatria e os pais

das crianças podiam e acredito que podem acompanhar seus filhos no período noturno na clínica pediátrica.

Em uma determinada manhã fui informada que o pai de um paciente foi pego se relacionando calorosamente com a mãe de outra criança, o que é proibido. De acordo com a norma existente na época, ambos deveriam ser suspensos. Os funcionários da internação que cuidavam do controle dos visitantes, cientes dessa conduta, notificaram a mulher e quando foram notificar o homem, este ficou furioso e exigiu falar com o responsável que era euzinha. Eu cheia da razão fui falar com ele para confirmar sua suspensão. Quando fui me dirigir a ele, estava bem furioso e nem me deixou falar. Colocou uma arma sobre o balcão e disse: quero ver quem vai me proibir de entrar no quarto do meu filho. Diante daquela situação o que me restou dizer foi: eu também quero ver, e não consegui quase nem sair do lugar.

A possibilidade de trabalhar diretamente com a população foi incrível e muito gratificante, embora, às vezes, sofrida. Conhecer a simplicidade de muitos idosos que se dirigiam a nós com um largo sorriso, que muitas vezes faziam questão de no Natal trazer um pano de prato feito por suas mãos como presente, e isso é impagável.

Posso afirmar sem medo de errar que o período que mais me realizei como profissional, como colaboradora da saúde foi no período que trabalhei diretamente com e para população. Não estou desmerecendo as atividades anteriormente por mim realizadas.

Poderia passar horas relatando os momentos prazerosos que vivenciei naquela unidade hospitalar, dos conhecimentos adquiridos com a equipe médica, de enfermagem e demais profissionais, dos amigos que conquistei e que até hoje mantenho contato e no meu coração.

E quanto a minha aposentadoria foi um momento muito difícil pra mim, pois amava o que fazia, amava está lá, fazia tudo com maior dedicação e por isso não tive coragem de me despedir dos colegas. Afinal, “a identidade profissional é vista como o modo o próprio sujeito se reconhece e o modo como é reconhecido pelos outros”, o trabalho contribui para a formação do ser social, o social contribui para a formação do ser profissional; e de repente deixamos de ser profissional, deixamos de trabalhar, de contribuir.

Seria importante haver um projeto que preparasse os colaboradores no momento de se aposentar, embora que merecido, pois após decorrido 2 ou 3 meses de aposentado vem aquele sentimento de vazio, e agora faço o quê? Pois já não há planejamento, nem rotina e aquele prazeroso sentimento de contribuir,

Tão importante quanto a preparação é pensar na realização de novas atividades, tais como trabalhos remunerados e até mesmo voluntários.

É oportuno esclarecer que quando refiro que deveria haver uma preparação, não refiro às questões legais, tais como informações sobre benefícios, perdas, cálculos, vantagens e artigos, pois esse acolhimento eu posso dizer que tive de forma exemplar, obtive orientações, esclarecimentos do melhor momento para solicitar, como acessar, acompanhar o processo, cadastramento junto ao SPPREV.

Também é oportuno expressar minha gratidão e respeito a Sra. Luciana Virgílio, então chefe do Cadastro de Pessoal do Hospital Geral de Vila Nova Cachoeirinha, por isso dedico essa frase a você:

“Feliz é aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina”

Espero ter contribuído, e quero aproveitar para agradecer pela oportunidade de participar.

Autora: Maria Aparecida Moreira da Silva

Um Olhar Atento

Meados de 1998 e estávamos, totalmente, sem rumo. Um grupo de Servidoras do Estado, concursadas desde 1993, substituídas pelo processo de Terceirização, a procura de um cantinho para que pudessem dar continuidade às suas atividades. Entre elas, eu. Coração apertado sem saber o que o futuro me reservava.

De repente, uma luz no fim do túnel, estávamos na Secretaria da Saúde tentando descobrir o que aconteceria com todas nós e ouço alguém dizer: Quem quiser ir comigo para o H.G.V.P. (Hospital Geral Drº “José Pangella de Vila Penteadó”) na Freguesia do Ó, a Diretoria de Recursos Humanos está convidando algumas pessoas para compor o quadro de funcionários de lá, inclusive estão montando um Centro de Convivência Infantil para filhos de funcionárias.

Grande foi minha alegria. Além de trabalhar com as crianças, pois, meu concurso era de A.D.I. (Auxiliar de Desenvolvimento Infantil), pelo Ersa 7 (sete), ainda estaria pertinho de casa.

O Centro de Convivência Infantil do Hospital Geral “Doutor José Pangella” de Vila Penteadó” havia sido inaugurado em 15/12/1997.

Lugar abençoado e cheio de boas energias. Idealizado para que as mães pudessem trabalhar com tranquilidade, na certeza de que seus filhos estariam sendo assistidos durante seu período de trabalho. E não apenas assistencialismo, mas, as crianças receberiam orientações pedagógicas com profissionais respon-

sáveis e comprometidas, além de uma equipe técnica composta por psicóloga, recreacionista, administrativo, auxiliar de enfermagem, pedagogas e apoio para atendimentos, caso houvesse necessidade.

Fui recebida com muito carinho pela responsável da Unidade e pelas servidoras que lá trabalhavam. Como era recente sua inauguração havia poucas crianças.

Foi um presente de Deus ser levada para aquele lugar. Aprendi muito, compartilhei minhas experiências e coloquei em prática tudo o que acredito ser necessário para um educador com qualidade.

A diretoria de Recursos Humanos acreditando no potencial de cada servidora investiu em cursos de formação, palestras, eventos, datas comemorativas, incentivos a graduação, atividades extracurriculares, programas de produtividades, entre outros, uma luta incansável até que conseguíssemos a excelência e reconhecimento.

A equipe foi crescendo de acordo com a demanda. Em um determinado momento, durante a trajetória, estávamos com mais de 50 (cinquenta) crianças.

Fez-se necessária, então, contratações de novas servidoras para que nossa meta e missão fossem alcançadas, sem perder a qualidade oferecida, até então. No início, a faixa etária era de 04 (quatro) meses a 04 (quatro) anos e 11 (Onze) meses. Posteriormente a faixa etária mudou seu ingresso. Hoje as matriculas começavam a partir dos 6 (seis) meses.

Construímos um ambiente com muitos aprendizados.

Graças a todo investimento por parte da diretoria de Recursos Humanos o desejo por crescer profissionalmente e como pessoa crescia dentro de mim. Tive uma oportunidade para cursar pedagogia e não perdi tempo.

Em 2011 me formei e essa formação trouxe consigo a possibilidade de fazer carreira. Já em 2012 estava como substituta da chefia do CCI.

Comecei, então, a aprender sobre as atribuições administrativas. Ao mesmo tempo em que cumpria meu novo rol de atividades na equipe técnica, continuava dando toda a assistência às educadoras e as crianças, desde planejamento pedagógico até uma troca de fraldas. Nossa rotina sempre foi muito atrelada. Cuidar e educar são indissociáveis, um não acontece sem o outro.

Nesse contexto acabei assumindo a função de chefia, pois, havia chegado o tempo de aposentadoria da atual e ela precisava de alguém em quem pudesse confiar. Estar à frente desse trabalho não significava, simplesmente, assumir um cargo, mas, uma missão. Percebi, então, que todo meu empenho e comprometimento, todo investimento e confiança, em mim depositados, estavam sendo reconhecidos.

Gratidão a todos que estiveram e ainda permanecem a meu lado nessa trajetória.

Em especial às crianças, pois, um educador não se faz sem a presença delas.

Autora: Doraci Juventina Falco Rebessi

Amor Incondicional

Trabalhar com educação infantil é um misto de alegrias, surpresas, preocupações, responsabilidades, levezas... Trabalho no Centro de Convivência Infantil do Hospital Geral “Drº José Pangella” de Vila Penteadado desde 1998.

Infelizmente, são muitas memórias e alegrias, mas, como a vida não é feita apenas de boas lembranças, também tivemos nossos dias de luta. São muitos momentos com as crianças e elas são encantadoras e cheias de novidades.

Entre tantas memórias, guardo com carinho uma em especial...

Na semana de entrega do meu TCC do Curso de Licenciatura (2011), preparávamos o CCI para recebermos o Papai-Noel (normalmente uma professora ou um pai que se fantasiava). Como sempre as crianças estavam agitadas, eufóricas, cheias de expectativas...

Exatamente na passagem de 12 para 13 de dezembro meu esposo teve um AVC Hemorrágico vindo a falecer posteriormente. Não foi fácil manter a alegria diante de tão grande dor, mas, as crianças eram como um bálsamo para minhas dores na alma.

Havia uma criança em especial, muito apegada a mim e que percebia minha tristeza. Como meu esposo me buscava no trabalho ela o conhecia e com muito amor tentava me consolar. Durante uma atividade pedagógica ela me olhou e pediu que eu não ficasse triste, pois, meu esposo estava com Jesus. A partir de então percebi a grandeza do verdadeiro amor daquelas crianças e como tudo é simples para elas.

Procurei demonstrar minha gratidão me esforçando para ficar bem, superar e cumprir meu papel de educadora.

Autora: Doraci Juventina Falco Rebessi

Descobrimo Novas Habilidades

Estávamos em meio a projetos e atividades e, assim como boa parte do mundo, de repente fomos surpreendidas com a notícia de que teríamos que tomar algumas decisões rápidas, pois, deveríamos nos preparar a chegada do Covid-19. Nosso Centro de Convivência Infantil do Hospital Geral “Drº José Pangella” de Vila Penteadado, também, passaria pelo distanciamento so-

cial. A preocupação com a possibilidade de contaminação nos privou do convívio com as crianças e fomos convidadas pelo nosso R.H a fazer parte do quadro de funcionários do Hospital. Fomos realocadas e começamos um novo hol de atividades. Uma rotina, totalmente, diferente da nossa. Trabalhamos com planejamento, projetos, atividades pedagógicas e recreativas, enfim, tudo o que contempla a educação infantil.

Não tínhamos uma noção, exata, de como seria trabalhar com papéis, documentos, processos, entre outros.

O medo da contaminação era grande, pois, no hospital o risco de contágio seria maior, uma vez que estaríamos mais suscetíveis ao vírus.

No primeiro momento o novo assusta bastante, porém, com o passar dos dias e com o carinho, paciência e compreensão dos novos colegas de trabalho percebemos que até mesmo durante uma pandemia podemos nos reinventar. Foram meses de aprendizado e, ainda, temos muito que aprender, mas, o medo já não faz parte da nossa rotina. Hoje, nos sentimos preparadas para retornarmos às atividades no C.C. I e temos a certeza de que, caso seja necessário, poderemos dar sequencia a tudo o que aprendemos no Hospital.

Entre mascarar, álcool em gel, orientações para o enfrentamento e todo o investimento da SES e do HGVP chegamos até aqui.

Somos gratas pela oportunidade de aprendermos novas atividades, por crescermos como servidoras e pessoas. Sentimos-nos fortalecidas e jamais esqueceremos que foi em meio à turbulência que descobrimos novos e possíveis caminhos.

Autora: Doraci Juventina Falco Rebessi

Nossa História

Meu nome é Maria Celeste, sou enfermeira, servidora pública há mais de 30 anos. Em dezembro de 1989, com 18 anos de idade, vim passar férias em São Paulo e gostei tanto que decidi permanecer aqui, mesmo contra a vontade dos meus pais. Prestei o concurso público para recepcionista e comecei a trabalhar no Hospital Regional de Osasco (HRO), antigo Castelo Branco que tinha acabado de sofrer intervenção do Estado. Em 23/05/1990 iniciei no Serviço de Arquivo Médico e Estatística (SAME), exerci várias funções, como atendimento ao público, controle de visitas, serviço de arquivo, estatística, declaração de nascimento, declaração de óbito, secretária de ala nas enfermarias.

Adorava conversar com os pacientes, familiares, conheci muitas histórias de vida, de sofrimento e alegrias. Participei da admissão de muitos e presenciei a partida de tantos outros.

Sempre ouvia das minhas amigas que tinha jeito para enfermagem, mas eu dizia que não. No final de 1994, o Diretor me convidou para ser encarregada do Serviço Especializado Em Engenharia de Segurança e em Medicina do Trabalho (SEESMT), ajudei a implantar o setor, onde fiquei até 2010.

Certa ocasião meu pai ficou internado neste hospital e quando realizava coleta de sangue, ele desmaiou e Eu, apesar de trabalhar no hospital, não sabia o que fazer, achei um absurdo, neste dia decidi fazer graduação em enfermagem. Trabalhando no hospital consegui custear minha faculdade e me formei.

Prestei concurso para Enfermeira e passei, sendo empossada no ano de 2010, em outro hospital, o que me levou a passar um tempo longe do Hospital Regional de Osasco. Fiz pós-graduação em Enfermagem do Trabalho, Administração Hospitalar e Pedagogia para Docência.

Em 2012 consegui minha transferência de volta ao HRO, onde trabalhei por 4 anos no pronto socorro, quando fui convidada a retornar ao SEESMT, onde permaneço até hoje.

Neste hospital conheci o amor da minha vida, me casei e também alcancei meus objetivos profissionais até aqui. Hoje eu posso dizer que faço parte da história do hospital ele faz parte da minha vida.

Autora: Maria Celeste Oliveira Marques Tisaka

A Gratidão

Ingressei no serviço público, como oficial administrativo, em 23 de setembro de 1993 e encontro-me ativa até o momento, sem a pretensão me aposentar em curto prazo. Importante expressar que jamais imaginei trabalhar em um hospital, até porque minha formação é na área da educação, porém em 1991, uma amiga de faculdade durante a aula me disse que iria fazer inscrição para um concurso público para a saúde e eu embalada pelo entusiasmo dela fiz a inscrição também. Terminei a faculdade, dois meses depois tive meu primeiro filho. Em uma tarde enquanto lavava o quintal de minha casa recebi a carta de anuência para escolha de vaga, foi uma grande surpresa, pois não esperava ser

chamada para o concurso, pois tinha ficado com uma colocação muito distante. Assumi meu cargo e fui alocada para ser oficial administrativa na Clínica Médica, tudo era muito novo, pacientes, familiares, médicos e equipe multidisciplinar ao mesmo tempo no balcão e eu tinha que atendê-los, ora localizando exame de funcionários, ora levando exames para serem agendas, ligando para higiene hospitalar fazer terminal, ora levando mudança de dieta para nutrição. Nesta correria toda, muitas vezes chorava, pois perdia um pedido de exame ou esquecia de transmitir um recado e tinha que encontrar uma saída para aquela situação. Um mês depois, já estava familiarizada com aquela rotina e passei a organizar o serviço de forma a facilitar a vida de trabalho de todos que por ali passavam. Foram oito meses de aprendizado, bem como, de ensinamento, visto que nesse período treinei novos funcionários que ingressaram no serviço e passavam pela Clínica Médica para que eu os capacitasse. Nesse interim, fui convidada a substituir uma encarregada de setor da Diretoria Técnica de Enfermagem, posteriormente, fiz um concurso interno para encarregado de setor, fui aprovada e assumi o cargo de encarregado de setor da Diretoria de Infraestrutura em 1994.

Minha diretora era uma enfermeira reconhecida na Instituição por sua competência técnica e rigidez. Vim trabalhar no expediente dessa diretoria, vale informar que a diretora também tinha assumido o cargo recentemente. Era uma área bastante complexa, abrangendo: higiene hospitalar, lavanderia, farmácia e nutrição, responsável na época por aproximadamente 400 funcionários, sendo 380 de nível elementar e uns 20 com nível universitário. A referida diretora iniciou a padronização de todos os processos de trabalho. Todos em princípio ficaram assustados, era tudo muito novo. Eu me sentava na máquina de escrever Olivetti elétrica barulhenta e datilograva aqueles pedidos imensos de gêneros estocados, gêneros perecíveis, enfim centenas de pedidos, a cada erro, tinha que começar novamente.

De repente, a Instituição comprou um computador para o expediente da diretoria geral, e havia um revezamento para que as secretarias das demais diretorias fossem usá-lo. A ideia me enlouqueceu, eu tinha até pesadelos com o tal equipamento. Quando chegava o meu horário, me estômago embrulhava, minha cabeça doía, porque eu sabia que teria que enfrentar o equipamento, bem como, tentar entender o que a secretaria que mais entendia de computadores ensinava. Havia conflitos e disputas para o uso do computador. Pouco tempo depois, foi comprado computadores para todas as diretorias e aí começa de fato a minha provação, dar conta da demanda e ainda domesticar o computador na base do autoaprendizado, visto que eu não tinha feito curso nenhum sobre a utilização de computador. Naquele período, várias secretarias já estavam fazendo o curso de informática. Eu não podia arcar com despesas naquela época, pois meu marido

estava desempregado e o curso era muito caro.

Certo dia, a diretora a qual eu era subordinada me avisou que havia feito minha inscrição no curso de informática e que ela com seu próprio recurso pagaria as despesas. Frequentei o curso de informática por 6 meses, aprendi muito sobre world, Power Point, Excel etc e pude colaborar com mais empenho e agilidade nos serviços necessários para o bom andamento dos serviços daquela diretoria.

Diante desse incentivo, comecei a me especializar e me dedicar com muito afinco no meu trabalho, após dois anos como encarregado de setor, a diretora de infraestrutura pediu afastamento através do convenio SUS e foi para São Paulo, e eu fui designada ao cargo de chefe expediente por três anos, em 2004 fui nomeada assistente técnico de saúde I, em 2008, fui designada a Diretor Técnico I e em 2011, fui designada Diretor Técnico II.

Jamais esquecerei que graças a bondade, confiança e visão daquela líder me senti incentivada a investir no meu desenvolvimento e na transformação pessoal e profissional.

Tive grandes chefes nesta instituição, os quais tenho grande admiração, aprendi com cada um deles o que é administrar um serviço público de saúde, porém jamais esquecerei de minha primeira Diretora, a qual me incentivou a ser o que sou profissionalmente.

Eu escrevi estas memórias como forma de agradecimento à minha grande mentora e a agradeço pela oportunidade que me deu, por tudo que aprendi com você e graças a você. Agradeço por sempre ter me tratado com respeito e igualdade. Agradeço pela pessoa e profissional extraordinários que você é. Para mim você é uma inspiração e um grande exemplo de vida.

Autora: Margarete Aparecida dos Santos Nóbile Ribeiro

Lago da Morte

A relação médico paciente não é construída de forma instantânea. O tempo é importante para solidificar uma confiança que permanecerá dentro de cada uma das partes. A doença crônica, em geral, tem uma longa evolução e permite a construção de uma relação que é essencial nas tomadas de decisões na fase final de vida. Muitas são as perguntas sobre os cuidados dos enfermos com doenças avançadas e progressivas. O médico deve auxiliar, com seu conhecimento técnico, avaliando a interação entre a biografia e a patologia e

decidir o que é adequado para esses delicados momentos.

Paciente vem do latim *patientia* e significa alguém que tem a “virtude, a paciência para suportar sofrimentos sem queixa”. Mas os que adoecem são pessoas com histórias, opiniões e percursos, não são enfermos que seguem apenas determinações médicas. Isso tem sido desconstruído com o novo modelo deliberativo atual e a valorização da autonomia. A autonomia é constitucional e deve ser garantida na boa prática médica. Isso não significa delegar à pessoa a decisão técnica, ainda mais porque vestidos de emoção ou com sintomas físicos, tudo fica ainda mais complicado. Significa instrumentalizar a pessoa e familiares sobre a história natural da doença, explicar sobre os cursos possíveis de evolução e, juntos, definir individualmente qual será o melhor plano de ação para cada caso. Às vezes o que as pessoas precisam é saber fazer as perguntas certas para que os profissionais de saúde as ajudem a tomar as decisões.

Janaína era uma santista bastante autêntica. Tinha cerca de 1,65m, cabelos compridos e lisos até o ombro, olhos castanhos claros, um nariz um pouco comprido e afilado na ponta, boca e dentes pequenos de alguém que não sorria muito. Tinha uma personalidade forte como braços bem definidos por ser praticante de surf. Era prática e corajosa. Falava muitas gírias misturadas com palavrões, e desde que a conheci queria sempre esclarecer os fatos, com perguntas que me tiravam da zona de conforto e me faziam treinar as comunicações difíceis, na área da saúde. Aos 31 anos, foi para os Estados Unidos tentar uma vida melhor, receber em dólar e ter mais possibilidades de recursos financeiros. Foi com um visto provisório de turista e permaneceu irregularmente trabalhando em bares, lanchonetes e outros serviços gerais.

Após alguns meses da mudança teve uma dor abdominal intensa e deu entrada em um hospital privado num quadro emergencial que chamamos tecnicamente de abdome agudo obstrutivo. Algo obstruíra a passagem das fezes e precisou se submeter a uma cirurgia de urgência. Nela os cirurgiões viram que ela tinha um câncer em seu intestino, já com algumas metástases hepáticas.

Pelo seu relato, tudo foi muito rápido e era muito grave para qualquer conversa sobre o que fazer na sua admissão hospitalar. As decisões médicas foram tomadas e após sua cirurgia ela foi comunicada de uma vez sobre o câncer, sobre a metástase e sobre uma conta de centenas de milhares de dólares que ela devia pela cirurgia, pelo atendimento na Unidade de Terapia Intensiva e pela sua internação. Sendo uma imigrante ilegal sem operadora de saúde teve que decretar incapacidade de cumprir com a dívida e foi extraditada ao Brasil. Ela voltou para sua cidade natal e nos conhecemos na sua primeira consulta oncológica no Hospital Guilherme Álvaro. Desde essa primeira interação, relatava saber que independente do que eu fizesse, ela teria no máximo cinco anos de vida, pois foi

isso que lhe foi dito, no momento da notícia.

Durante seus quase quatro anos de acompanhamento comigo, possibilitamos diversas modalidades de tratamento para ela que, ciente da sua impermanência, usufruiu deles sendo Protagonista de sua História e escolhas. O foco de sua vida não era o tratamento e sim suas experiências intensas, apesar das limitações que a enfermidade e o tratamento traziam. Permitiu-se também viver as emoções à flor da pele, sem vitimização ou heroísmo, sempre exteriorizando seus valores e sentimentos.

Na terminalidade de sua doença estávamos bem próximas. Na última vez em que ela foi receber a quimioterapia, estava já com grandes limitações físicas e dores crônicas, e lembro-me que foi a primeira vez que a vi chorar de tristeza. Sentada na poltrona, começou falando que sabia que a doença estava piorando pois conhecia o próprio corpo. Depois me disse que não queria morrer porque gostava muito de viver, que tinha medo do desconhecido e que, por ser nova, entendia que tinha muitas experiências para desfrutar.

Um pouco depois dessa conversa, ela foi internada num quadro de falência hepática, com indicadores clínicos e laboratoriais que apontavam que a morte estava próxima. Nos seus últimos dias de vida, sonhava com a natureza, com um lago calmo que a atraía, tendo muito desejo de adentrar suas águas. Mas tinha medo, porque entendia que se entrasse poderia não mais sair. Na última vez que a vi, no leito do hospital, ela me pediu ajuda para tomar a decisão. Me contou sobre o lago e perguntou se devia mergulhar ou não. Naquele momento, percebi que meu apoio seria importante para que ela pudesse partir em paz. E eu respondi algo como: “se seu coração mandar, Jana, acho que você deveria ir”. Seu mergulho aconteceu nessa mesma noite.

Autora: Juliana dos Santos Tavares

Março: o mês que não acabou

Quando a pandemia foi decretada e as primeiras medidas de prevenção preconizadas como uso de máscara, isolamento social, fechamento de praias, escolas e comércios, entre outros, parecia que estávamos entrando em um novo e confuso mundo de incertezas, medo e perplexidade.

Há pouco mais de um século após debelar a febre amarela, a malária, varíola e febre tifóide, o Dr. Guilherme Álvaro com os poucos recursos disponíveis na

época, não poderia imaginar o que estava por vir, a terrível e mortal Gripe Espanhola que na Baixada Santista infectou dezenas de milhares de pessoas, das quais centenas faleceram, motivando quarentena e fechamento do porto de Santos.

Atualmente temos um Hospital em franca modernização dotado da melhor tecnologia disponível e Administração competente e motivada, além de meios de Comunicação digital que permitem acesso e contato com os melhores centros de pesquisa do Brasil e do mundo, ainda assim a história se repete.

Aos poucos a fera vai sendo domada, apesar das baixas, somos surpreendidos diariamente, por pessoas que literalmente, fazem a diferença, médicos, enfermeiros, técnicos, residentes e funcionários dos vários setores, fazendo o máximo e muitos apesar da idade ou comorbidades, insistindo em vir trabalhar, vários contraindo o vírus e após a convalescença voltando para a linha de frente do pronto Socorro, UTI – Centro Cirúrgico, Métodos Diagnósticos, Laboratório, enfim todos os setores do Hospital.

Temos a convicção de que as crises nos apresentam também oportunidades, e neste momento apesar da gravidade, estamos tendo a oportunidade de ver o melhor de cada um, como a solidariedade e o sentimento de pertencimento e participação, e que independente da função exercida no Hospital, nos tornam uma grande família, cujos membros vão dos diretores a todos os colaboradores, todos são importantes, todos são necessários.

Temos certeza de que ao findar esta situação de exceção, seremos um pouco melhores, por termos dado nossa contribuição e visto o melhor de cada um de nós.

Aliás esta história não acabou ela ainda está sendo contada e vai ter um final feliz, Depende de nós!

*Adendo: Esta crônica foi elaborada pela Diretoria Clínica do Hospital Guilherme Álvaro em conjunto com os servidores pertencentes à Diretoria de Apoio Diagnóstico e Terapêutico e representa o trabalho diário durante a Pandemia do COVID 19 e as expectativas de todos os colaboradores.

Autor: Álvaro Tavora Heitmann Ferreira Machado

A quarentena para o profissional da saúde

Minha visão antes, durante e depois do COVID-19.

Em abril de 2020 contraí o novo Coronavírus. Não estava na linha de frente, mas atendia pacientes em ambulatório de quimioterapia de um hospital do Estado. Atendi pacientes com suspeita e com a confirmação da doença. Foram dias de incertezas e medo. Eu e meu esposo (ele também enfermeiro, só que do SAMU), ficamos afastados do trabalho e do mundo por 14 dias. Tive uma mistura de emoções durante o isolamento em casa e ao voltar ao trabalho.

O afastamento que vivemos na quarentena me incomoda. O olhar hostil do tipo “Não chegue perto de mim”, “não tire a máscara perto de mim”, “não toque em nada meu”, me faz pensar muito antes de tomar qualquer atitude. Será que vou precisar andar com uma fita métrica? Não entrar em mais nenhum lugar pequeno onde existem pessoas que quero estar perto? Pensar antes de tocar em algo que não é meu? Esperar por um elevador vazio para não constranger ninguém?

Ter sido diagnosticada com a COVID-19 me fez refletir em muitas coisas. Há os que disseram que não tivemos o cuidado correto. E muitos se afastaram porque acredito que provavelmente pensaram “será que ela ainda está com a doença?” Tive quase a certeza disso quando encostei em uma colega enfermeira e ela muito que rapidamente se esquivou. Mas posso estar equivocada também.

Ao mesmo tempo, me surpreendi com as pessoas que pareciam estar tão distantes e se compadecerem e ficaram tão próximas oferecendo ajuda. Pude sentir o amor delas.

Eu usei os Equipamentos de Proteção Individual, álcool gel, lavei as mãos. As roupas e o sapato que utilizava no hospital não eram os mesmos que utilizava pra voltar pra casa. E em casa, tenho uma caixa ao lado da porta onde deixamos os sapatos. Tirávamos a roupa ali mesmo e colocávamos dentro da máquina de lavar e em seguida íamos direto para o banheiro tomar banho. Perto da porta, no aparador ficam o álcool gel e um paninho descartável que usamos pra limpar o celular. Não uso mais relógio, aliança, brinco e colar.

Acredito que muitas pessoas vão se contaminar e outras não. Algumas que se contaminaram vão ter sintomas severos e outras não. Algumas terão contato com a doença e não terão manifestação nenhuma dela. Muitas vão morrer. Mas muito mais estão sendo curadas.

Eu tomei o máximo cuidado, fiz o que tinha que ser feito. Sei que o controle está nas mãos de Deus e não do homem. Nunca saiu das mãos d’Ele.

Muitas pessoas farão o que é certo e muitas pessoas farão o que é errado. E que cada um é responsável por seus atos.

O pânico que eu tinha, hoje eu não tenho mais. Tive dias de descanso

com minha família que há muito tempo não tinha. Eu orei mais, estudei mais a bíblia, concluí mais um módulo do meu curso, tive mais comunhão, mesmo que virtual, com meus irmãos da igreja. Ensinei meu filho de perto, nas lições e nos aprendizados da vida. Pensei melhor na minha alimentação, pois queria me recuperar logo e melhorar nossa imunidade, tanto do meu esposo que também estava infectado como para meu filho que não desenvolveu a doença, mas que eu o mantendo forte, conseguiria passar por isso caso tivesse.

Vi dias lindos lá fora, pela sacada do meu apartamento.

Valorizei o cheiro e o sabor de tudo após a recuperação. E pensei melhor no domínio próprio, ou seja, no autocontrole, porque mesmo não sentindo gosto e cheiro, eu comi demais.

Quero dizer com tudo isso que eu vi Deus na minha vida, me dando uma pausa pra refletir, descansar, mudar, valorizar, estar em comunhão, fazer coisas que nunca tinha feito para o meu bem.

Sei que hoje está tudo muito chato, mas que serve de reflexão pra muitas coisas.

Espero que a empatia prevaleça. Vejo a solidariedade em um grau muito maior do que já vi antes.

E me vem a pergunta que muitas que muitos fazem:

- O que Deus vai fazer? ou - Onde está Deus?

E Ele nos responde:

- Onde está você que não ajuda teu irmão? Eu estou em você quando você me escuta! Quando você ajuda o teu irmão, você faz como se fosse pra mim.

E isso serve pra mim. Tenho pensado mais sobre isso.

E muito mais reflexões podemos fazer a partir essa pandemia.

Eu particularmente não concordo com a frase “deixa a vida me levar...” eu prefiro a frase: Deixa Deus me levar!

Quando vivemos por viver sem a orientação de Deus, tendemos a fazer escolhas erradas e persistimos nelas achando que são certas e tudo bem. As influências negativas como “amigos” e mídias negativas fazem parecer “tudo bem” ou “tá tudo certo, é assim mesmo”. E não está tudo bem. Estamos vendo a realidade do mundo e não está tudo bem.

Esse “chacoalhão” nos faz refletir sobre higiene, convívio familiar, busca e intimidade com Deus, pensar e ajudar o próximo, valorização das dádivas de Deus (olfato, paladar, ver e sentir o dia lindo e não poder estar lá fora).

Sei que muitas pessoas podem dizer: Mas eu não sou você, não vejo da mesma forma que você. E pra ser honesta, eu já fui essa pessoa. Mas por decisão, porque já não aguentava mais andar em círculos, eu penso diferente. Eu DECIDI mudar.

Em 1 Coríntios, o apóstolo Paulo disse: “Torne-se meus imitadores, como eu sou de Cristo”

Mas, será possível ser um imitador de Cristo? Sim! Deus nos fez à Sua imagem e semelhança (Genesis 1:26). Mudamos e podemos imitá-lo porque o Espírito Santo, o Auxiliador, é que nos transforma.

Em termos simples, ter imagem e semelhança de Deus significa que fomos feitos para nos parecermos com Ele. O Espírito Santo é o agente transformador que ao buscá-lo, o tornará imitador do Pai em espírito, ou seja, de todo o coração e em verdade, ou seja, com conhecimento de Deus.

E quando nos tornamos imitadores lembramos o que Jesus disse em João 16:33

“Eu digo isso para que, por estarem unidos comigo, vocês tenham paz. No mundo vocês terão aflições, vocês vão sofrer, mas tenham coragem. Eu venci o mundo!”

Ele não prometeu vida terrena de plena felicidade. Ele prometeu que estaria conosco até o fim.

Concluindo quero dizer que não tive somente experiências ruins. Pelo contrário, tive mais experiências boas do que ruins. Quanto aprendizado tive com o que eu chamaria de esmagamento. Afinal, para se ter um bom vinho, a uva precisa ser esmagada.

Autora: Renata Martins Litz

Cura ou Morte

Em quinze anos de oncologia tive muitas vivências. Da descoberta do diagnóstico ao desenrolar da doença, tanto de cura quanto de morte. Li várias experiências na área da oncologia por pacientes e profissionais. Mas ainda não vi no ângulo espiritual.

Minha primeira experiência foi com um bebê (Gustavo) na pediatria de um hospital em Jundiá, em 2004. Eu sempre fui cristã. Por mais que os desvios da minha parte me afastassem de Deus, Ele sempre me chamava de volta.

A graça de Deus me concedeu a empatia. Graça é um favor imerecido. Coloquei-me no lugar daquela mãe. Eu era muito jovem e também mãe. Orei, sofri, chorei com ela. Certo dia, ela sem esperança, naquela UTI, eu disse que traria uma Palavra ao seu coração vinda do Senhor. Me ajoelhei naquele leito e pedi à Deus por cura. À noite eu fui à igreja e a Palavra veio...

“Essa enfermidade não é para a morte, mas para a glória de Deus.” João 11:4.

Essa passagem é de quando Lázaro, um amigo amado de Jesus, morre. E Jesus o ressuscita após quatro dias de sua morte. A glória de Deus foi manifesta na vida de Lázaro. Isso é o que chamamos de impossível, se tornar possível.

No dia seguinte entreguei a ela esse versículo num papel e só esperamos o milagre.

O milagre tem hoje 16 anos! E assim como Deus fez o milagre na vida dele, também fez na minha vida, na vida daquela mãe e de todos que viram de perto. E através deste texto sei que também fará na vida de muitos.

A glória de Deus não foi apenas o milagre naquela vida. A prova é esse testemunho chegar até você.

Hoje aquela mãe pode consolar e dar esperança à outras mães que passam pelo mesmo problema. Hoje a vida desse rapaz prova que a cura física é possível quando a pedimos em nome de Jesus. Tudo isso nos mostra que Ele ainda opera milagres, que Ele continua operando em nós. Ele fixa os limites das nossas dores. Há um limite para as doenças.

E quando não há cura?

Já vi pacientes no início do diagnóstico, durante o tratamento, no término do tratamento, quando doença volta e na fase terminal dela.

Primeiramente acredito na cura. Sempre em primeiro lugar, porque já fui testemunha e porque Jesus disse em Mateus 8:17 - "Ele tomou sobre si as nossas enfermidades e levou as nossas doenças." (doenças físicas e espirituais).

Mas, algo que aprendi esses dias é que algumas coisas impedem a cura como, por exemplo, querê-la. É preciso primeiramente querer ser curado. E mesmo querendo com todas as forças e fé, a morte vem. E isso nos deixa confusos.

Então, aprendi sobre o mundo espiritual que não enxergamos. Mas o Espírito Santo nos mostra.

A morte é consequência do pecado. Em Romanos 5:12 o texto diz:

"O pecado entrou no mundo por meio de um só homem (Adão), e o seu pecado trouxe consigo a morte. Como resultado, a morte se espalhou por toda a raça humana porque todos pecaram." (temos a tendência ao pecado e isso é fato).

A morte faz parte do ciclo da vida, todos nós vamos morrer um dia.

Continuando, o versículo de Romanos, diz assim:

"mas a graça de Deus é muito maior, e Ele dá a salvação gratuitamente a muitos por meio da graça de um só homem, que é Jesus Cristo."

O que quero dizer, então, é isso: que a morte física faz parte do ciclo.

E a cura que pedimos? Por que ela não vem? E porque perdemos para a doença?

Não sabemos quais os planos de Deus para cada um. Só sei que a longo prazo

tudo o que acontece ao nosso redor tem um significado, um aprendizado. Tanto para quem passa pela dificuldade quanto para os que vivem ao redor dessa pessoa.

Essa cura pode não ser física, mas sim espiritual, a cura de mágoas, do desamor, das feridas da alma, que às vezes nem sabemos que temos. Nos machucamos uns aos outros porque somos imperfeitos, e algumas vezes sem intenção. E dependendo de quem escutamos (o Espírito Santo ou o inimigo de nossas almas), essa ferida pode ser curada ou pode ser ainda mais ferida.

Quem estamos escutando? Quem queremos escutar?

Tanto a cura física ou espiritual como a morte física ou espiritual dependem de quem decidimos escutar. Quando decidimos escutar o Espírito Santo, Ele nos mostra o ponto certo do que precisamos fazer ou mudar.

Vou fazer uma aplicação na minha vida.

Eu tenho psoríase, uma doença de pele que se acredita ser um problema do sistema imunológico. A intensidade varia quando há infecções, estresse e frio. Preciso manter a pele hidratada, melhorar meu sistema imunológico com alimentação e não me estressar. A água é muito importante para o nosso corpo, mas eu quase não bebo. Então, quando olho minha pele corro para beber água. A alimentação estou melhorando (como mais frutas e verduras).

Agora, o estresse, fica complicado. Não impossível, mas difícil.

Aí choro pra Deus: Por que?

E Ele me fala: “Já disse pra você não abraçar tudo, já disse que precisa falar NÃO às vezes, já disse que precisa distribuir responsabilidades. Já disse...”

A minha profissão não deveria se chamar enfermagem e sim “solucionadora de problemas”: “O vaso está entupido, o computador travou, tem goteiras no ar condicionado, tem muitos pernilongos aqui!!! Chama o enfermeiro!”

Eu sei que estou resolvendo esses problemas (o de dizer NÃO). Sei que pra algumas coisas ainda tenho muitas dificuldades. Mas... eu sei que tem solução.

E que quando pedimos algo à Deus, Ele não muda por mudar. Ele te faz entender o porque e dá soluções que dependem de você. Não é só chorar pra Ele e pedir mudanças, Ele te ensina a pescar. De Pai pra filho. E também sei que quando não depende de você, Ele tira o problema do caminho. Esse é o poder da oração. Tanto para consertos como para livramentos.

O bebê Gustavo, hoje, já um homem. E um dia vai morrer. Mas aquele não era o momento. Eu tive mais uma nova experiência de vida. Sei que quem o conheceu também teve.

Mas o principal de tudo é saber que a vontade d’Ele é soberana. Que há tempo para todas as coisas. E que nenhum sofrimento, nenhuma dor se compara com aquela sofrida por Jesus na cruz. Aquele que não tinha pecado foi massacrado e humilhado só pra nos salvar. E hoje você só precisa crer nesse ato

de salvação e seguir seus caminhos para herdar a vida eterna, uma vida sem dor nem sofrimento.

“Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu seu Filho Único, para que todo aquele que n’Ele crer não morra (espiritualmente), mas tenha a vida eterna” João 3:16

“Ele lhes enxugará dos olhos toda a lágrima; não haverá mais morte, nem pranto, nem lamento, nem dor, porquanto a antiga ordem está encerrada!” Apocalipse 21:4

Autora: Renata Martins Litz

Trajatória de um trabalho hospitalar

Em 1986, admitida no serviço público, fui trabalhar em um Ambulatório de Saúde Mental, recém saída da faculdade, onde cursei Psicologia, e deparei-me com a desestruturação emocional, social e familiar provocada pelas doenças mentais. Dediquei-me particularmente aos pacientes com histórico de alcoolismo e percebi a importância de um trabalho em Equipe, onde o “**eu**” é menos importante que o “**nós**” na tentativa de auxiliar da melhor forma possível, reintegrando esses pacientes ao convívio familiar e laboral.

Cinco anos depois, passei a trabalhar na área de isolamento de um hospital geral, com os pacientes com Síndrome da Imunodeficiência Adquirida...uma experiência marcante, onde a morte era uma possibilidade concreta naquele momento, participava juntamente com a equipe médica de revelar aos pacientes esse diagnóstico tão difícil e fomos todos juntos aprendendo a dar suporte emocional aos doentes e familiares, também muitas vezes lidando com o medo de também terem sido contaminados, de modo distinto observei novamente a desestruturação emocional, social e familiar e que o “**eu**” era menos importante que o “**nós**” . o medo e a insegurança permeavam nosso trabalho.

Há alguns anos atrás, iniciou-se um surto de H1N1, doença agressiva e assustadora, em pouco tempo, recebemos o primeiro caso desta doença, uma jovem, que evoluiu para insuficiência respiratória e posterior óbito, novamente deparei-me com a desestruturação emocional, social e familiar no atendimento aos seus pais e irmãos, pairava sobre todos nós, profissionais da saúde, o medo e

a insegurança.

Pacientes oncológicos jovens ou idosos lutando bravamente, juntamente com seus familiares, nos ensinam diariamente que se vence uma batalha de cada vez...e o “eu” é nada, em comparação com o “nós”.

Em 2020, já pensando na aposentadoria, nos deparamos com a COVID 19 – talvez seja impossível transcrever a ansiedade, o medo, a insegurança que tomaram conta de todos nós. Sair de casa, passar pelas ruas vazias e ir trabalhar, tornou-se nos primeiros meses, tarefa muito difícil. A morte não nos ronda, a morte vive agora entre nós! Perdemos colegas de trabalho, que no decorrer desses 34 anos, se tornaram amigos irmãos, pedaços de nós...essa doença misteriosa nos atingiu em cheio... nos trazendo desestruturação emocional, social e familiar, tudo o que víamos nos pacientes, vemos agora em nós mesmos. O medo ainda nos ronda, nos limita, mas, penso como nunca, que o “nós” agora é ainda muito mais importante que o “eu”.

Meu trabalho na área da saúde, é aprendizado constante, é reforma íntima diária, cada paciente, cada familiar, cada colega de trabalho, me ensina diariamente o valor da VIDA.

Autora: Ana Cristina Losada Perez Seguin

Experiências de vida

No ano de 2002, trabalhava no setor psiquiatria, onde se falava muito em reforma psiquiátrica, tive o prazer de fazer parte deste ensino, onde tínhamos uma cozinha experimental, fazendo bolos, doces e outros, vi famílias sendo achadas e verdadeiros nomes descobertos, havia uma moradora que muito brava, baiana, que dizia assim: Tenho duas meninas assim (mostrava um tamanho) “cabelim pretim”, que, com a ajuda da assistente social foram localizadas já adultas e casadas, eram levados a passeios com a equipe a pesqueiros, hotel fazenda etc... cansativo, porém gratificante. Havia festas muito boas com muita fatura, onde eram chamados os familiares a participar, integração funcionário, família, morador. No dia a dia, muitas de nós levávamos batom, passamos esmalte, pintávamos cabelo, trazíamos bolsas nossas usada, pois algumas gostavam de guardar coisas (inclusive comida) e na hora do banho as mesmas eram limpas pela equipe.

Muitos já em condições foram para residências terapêutica, onde alguns permanecem até hoje. Em 2010 setor reabilitação, outras histórias de vida, uma

integração muito construtiva, de apego emocional inclusive, sendo eu referencia de alguns para, simplesmente dar uma volta dentro da própria unidade. Histórias de vida, passeios em shopping, mercadão, compras de roupas com seu auxílio loas.

Muitas histórias contatas, conhecendo familiares, entendendo as situações, recebendo sempre uma lição de vida.

Quanta mudança; no aniversário de 60 anos do Hospital Santa Tereza, nós da comissão de festa organizamos um evento onde foram convidados, funcionários aposentados, dentre ele minha mãe. Em uma visita no então ainda setor geriatria, (hoje vivenda) uma moradora antiga, olhou pra ela disse seu nome e pediu, "choque não", o que, nos comoveu muito.

Difícil de entender, mas nos apegamos muito a esses moradores, cada um do seu jeito, nós do nosso, onde vemos que a vida nos prega peças cada um de uma forma, porém, muito aprendemos que diferenças todos temos, basta respeitá-las, por dezenove anos participei de muitas mudanças, para alguns boas, para outros não, mas a lição foi dada e a missão cumprida.

Agora terei muito tempo para relembrar momentos bons e ruins, amigos que fizemos, momentos vividos, afinal um dia todos vão aposentar.

Autora: Maria Aparecida Carmessano

Minha trajetória

Cheguei no Hospital Santa Tereza de Ribeirão Preto (HST), vindo de São Paulo, de um hospital geral onde eu trabalhava com pediatria, com as crianças. Cheguei aqui no ano 2000 ou 2001. Acho que faz aproximadamente 20 anos que estou aqui.

Quando cheguei no HST fui trabalhar com geriatria, onde eu me sentia muito incomodada, pois era um ambiente que eu não dominava. Mas eu tive um gerente, que hoje é aposentado, senhor João², que fazia várias reuniões, através das quais eu via a opinião dos funcionários.

O que me marcou muito aqui foi a transformação do hospital, porque quando eu cheguei aqui nós não tínhamos jaleco, os pacientes tomavam banho com sabão de barra, não tinha humanização no hospital. Aí foi havendo essa transformação, introduzindo a humanização e a gente foi se dando conta de como era importante. Eu fui me dando conta do quanto era importante o ser

² Nome fictício

humano, pois quando cheguei aqui eu achava que não era mais nem profissional da saúde, pois aqui nós só dávamos comprimido em cima do pão e do leite, trocávamos os pacientes, colocávamos os pacientes no leito e acabou.

Mas graças a deus eu trabalhei com uma equipe muito boa. Com a Maria³ (que atualmente trabalha no setor de Reabilitação do HST) e com a Marta⁴ (que é uma funcionária que já faleceu). Nós formávamos uma equipe muito boa. Viramos uma grande família. Nós pensávamos da mesma forma: que queríamos dar um tratamento humanizado durante a noite e que estávamos aqui para dar uma qualidade de vida melhor, proporcionar um sono tranquilo e agradável.

Nós passamos a dar banho nos pacientes a noite. Não em todos, mas naqueles com maior necessidade. Não só tirar a fralda, mas dar banho mesmo, passar hidratante, passar talco. Isso proporcionava uma noite melhor para eles, um sono de maior qualidade, um tratamento humanizado.

No período em que eu trabalhei lá nós tivemos um passeio, no qual nós fomos em um hotel fazenda no vale das grutas. Eu fiquei com uma paciente, que era minha referência no passeio. Lá nós tivemos um lanche, um café muito bom. Ela ficou tranquila, se comportou bem. Depois tivemos uma dinâmica, com música, em um salão grande. Nessa dinâmica, dançamos com as pacientes, brincamos, e depois a orientadora falou ‘Todos fechem os olhos. Cada funcionário vai ficar de frente com um paciente. De olhos fechados você vai tocar no rosto dessa pessoa e depois essa pessoa vai tocar no seu rosto’. Isso foi o que mais me marcou aqui no HST. O toque daquela paciente me dando carinho no meu rosto, e eu de olhos fechados dando carinho no rosto dela. Eu nunca mais olhei pra ela com o mesmo olhar. Eu passei a ter um carinho muito grande, esse toque me marcou, foi muito importante para mim, o carinho que ela me deu e o carinho que eu dei pra ela. Mas acho que pra mim o mais importante foi o que ela me deu. Foi o que me marcou. Foi muito lindo, muito transformador na minha maneira de ver as pacientes como um todo, a necessidade que elas tinham de a gente fazer uma massagem no pé na hora de deitar, com um creme hidratante.

Eu tinha uma paciente também que tinha um edema muito grande nas pernas pois era cardíaca. Ela tinha retenção de líquido, uma perna muito inchada. Quando ela deitava a gente fazia aquela massagem nas pernas dela com o creme, ela sorria, e o sorriso dela era o melhor pagamento que a gente podia receber, pois era como o sorriso de uma criança, que a gente dá um afago, tamanho era a carência que aquela mulher tinha. Veja, uma massagem nas pernas. Mas ela tinha uma carência tão grande, que ela olhava pra você e dava um sorriso, e parecia que você estava dando o melhor carinho do mundo para ela. Acredito que para ela

3 Nome fictício

4 Nome fictício

aquela massagem na perna era o melhor carinho do mundo.

Quando encerrou essa etapa da minha vida, eu fui trabalhar no Núcleo, que hoje é um setor que já não existe mais. Fiquei três anos lá durante o dia. E voltei pro noturno indo trabalhar na Vila, onde aprendi bastante, pois para trabalhar com moradores você tem que ser a família dele, você é a extensão da família do morador. Eu tive um paciente também do qual eu fui referência e nas páscoas eu o levava para minha casa para passar comigo e com a minha família, porque ele não tinha família, era um paciente consciente, orientado, tocava cavaquinho. Ele pegava o cavaquinho, levava e tocava. Meu filho tocava pandeiro e meu esposo tocava sanfona, todo mundo tocava e a gente trocava ovos de chocolate no almoço. Ver a alegria que ele ficava - ele se sentia como se estivesse na família dele. Eu pude proporcionar para ele, pelo menos naquele momento, como se ele fosse daquela família. E eu sei que ele ficou muito feliz. Depois eu fui trabalhar na Vila a noite e entreguei essa referência para outra pessoa. Depois fui trabalhar nos Agudos, de onde não vou falar nada por enquanto, pois sou nova nos Agudos, só tenho 7 anos. Mas já aconteceu bastante coisa nos Agudos comigo, que é bastante interessante. Mas já falei bastante, não é? Vamos parar por aqui mesmo!

Autora: Marlene dos Santos Freitas de Oliveira

Dia-a-dia

Convite para que eu possa voltar em minha memória e relembrar tantos momentos vividos por mim em mais de 25 anos de trabalho na saúde mental, mais especificamente no Hospital Santa Tereza de Ribeirão Preto. Lembrança de momentos bons, de amizades, de responsabilidades, e de frustrações. Sim, frustrações. Trabalhar com a dor e o sofrimento mental de pessoas que você passa a conhecer, saber da história a qual nem sempre conseguimos dar um final melhor, reinternações, família, interesses, sonhos desfeitos, enfim com realidades diferentes de seres humanos diferentes. Ao mesmo tempo, lembrar de outras tantas histórias que deram certo e que pude participar ativamente e que me proporcionaram rever meu trabalho e ajustá-lo de maneira a ser melhor como pessoa e profissional.

Para mim foi sempre um privilégio poder acompanhar as mudanças ocorridas neste hospital, e das quais eu estava envolvida em alguns momentos e de

outras das quais não participei, mas que fizeram a diferença na vida de pacientes e servidores. Este Hospital é a história viva de que pessoas fazem a diferença quando desejam tornar algo especial.

Sempre é tempo de humanizar nosso trabalho e de tratar pessoas como seres humanos que tem sentimento e que devem ser individualizados em sua história, em seus desejos e em seus projetos. Ter “escuta”, significa entender, acolher e apoiar, levando bem estar àqueles que escutamos, físico e mental.

Também aprendi lições.....várias lições. Aprendi a arte de muitas vezes “escutar com a alma”, de ser humilde e agradecer todos os dias as bênçãos que recebo, de estar viva, de doar tempo, palavras de incentivo e até um bom dia aos amigos de trabalho que muitas vezes estavam desprotegidos. Aprendi o como é importante chamar cada pessoa e paciente por seu nome, isto faz diferença. Também pude ser acolhida e amparada por muitos, até mesmo por pacientes que em alguns momentos trocavam de papel comigo e se tornavam meus terapeutas. E porque não.....

Aqui neste hospital também pude carregar meu filho em meu ventre e encontrei pessoas que me ajudaram em sua educação e cuidados, para que eu pudesse trabalhar de forma tranquila, por saber que ele também estava sendo acolhido, cuidado e amparado.

Aprendi a ser gestora, arte difícil por não conseguir agradar a todos sempre, ter que ter soluções, ser proativa e firme, mas sem perder a educação e gentileza, a conversar e ser maleável em alguns momentos, a respeitar os desejos e opiniões alheias, mesmo que não fossem as minhas.

Aqui dei muitas risadas, também chorei muito e em muitos momentos, mas tudo isto me ajudou a crescer e ser uma pessoa melhor.

Entender que posso conviver com a diferença, respeitando.....sempre.

Aqui também pude respeitar e conviver com a natureza que tanto embelezava meus dias e minhas manhãs. Ouvir a coruja, a cigarra, o gato, o cachorro, os macacos, colher frutas e saboreá-las naquele momento, caju, jabuticaba, manga, ver tantas flores diferentes, sentir o cheiro do mato. Sim, este também é o Hospital Santa Tereza com toda esta diversidade.

Ah, não podemos esquecer-nos da integração entre servidores e pacientes em tantas datas comemorativas, carnaval, natal, São João, Páscoa.

Agora, já quase no momento de me aposentar, quero agradecer a oportunidade de dizer meu muito obrigada a pacientes, servidores, amigos que me ajudaram a ser melhor e a cumprir esta trajetória com mais lembranças boas do que ruins..... minhas memórias.....memórias do meu cotidiano.

Autora: Maria Cristina Nagy Arantes Bertochi

Memórias de um Ipê

Então estava ali, o Ipê, majestoso, em cachos de flores rosa lilás a contrastar com o celeste azul do céu. O que será que já viu este Ipê? ...Nasceu em uma cidadela erguida aos tísicos, cresceu ouvindo tossidos, gemidos, esperanças de um retorno ao lar; gostava de ser o conforto para aqueles que da varanda o observava. Logo ele, árvore, era quem ouvia e via paciente-mente os pensamentos de todos que despreziosamente se deixavam levar por alguns minutos, segundos, a observar suas formas. Ficava triste quando o vento levava suas folhas e flores, pensava que seus galhos frágeis e secos não levariam o conforto até aqueles que pediam. Mal sabia que o vento, ao notar sua alma bondosa, levava suas flores e folhas até onde o Ipê não podia chegar; pintava o chão de rosa e lilás. Verde, rosa e lilás ao chão, azul rosa e lilás ao céu. Ipê entendeu que o vento era seu parceiro de valsa, numa dança apresentada a quem quisesse reparar.

Ipê viu a cidadela se transformar. Aos poucos, foi observando que às vezes as falas daqueles da varanda eram confusas, ouvia gritos sem sentido e ele não sabia mais se podia oferecer algum conforto. Decidiu crescer, para que fosse visto por muitas janelas olhadas por aqueles que em seus quartos buscavam momentos de paz. Aprendeu a ver e a ouvir o que diziam os olhos de quem por ele dedicava o olhar. Notou que os rostos eram sempre os mesmos e que o tempo trazia algumas rugas, cabelos brancos, colunas curvadas. Por que não iam embora como os outros, pensava.

Viu tanta coisa o Ipê! Mas escolheu se lembrar que viu amor, apesar de, apesar de, viu amor, era isso que queria se lembrar; e se lembrando do amor, viu a menina, a observar verde rosa azul e lilás, a ouvir a valsa que dançava com o vento e seu pensamento ecoou ao desejar seu bouquet: o que será, o que será que já viu este Ipê?

*Nota da autora: o Ipê rosa (os Ipês rosas) vive (m) no (s) jardim (s) das unidades de moradores do CAIS de Santa Rita do Passa Quatro/SP. Inicialmente o complexo foi construído para tratamento da tuberculose, posteriormente assumindo cuidados em psiquiatria. A autora, no texto, retratou o contexto histórico do CAIS e sua própria experiência com atividades desenvolvidas nas varandas com vista para os Ipês e para quem os moradores destinavam olhares de encantamento; quis também a autora ressaltar que viveu e presenciou momentos de afeto e cuidado aos moradores e destes para com as equipes de saúde. A psiquiatria carrega muitas histórias. Assim como o Ipê, a autora atuou e tem atuado para

que possa oferecer, através da terapia ocupacional, humanização no cuidado às enfermidades psiquiátricas.

Atualmente a autora desenvolve seu trabalho no Hospital Santa Tereza de Ribeirão Preto.

Autora: Ananda Vendrami

Memórias do Santa Tereza

“Não faço aquilo que amo, mas amo aquilo que faço”

Falar sobre a gente mesmo, é complicado, não é? Bom, em primeiro lugar, eu gosto do Hospital Santa Tereza, eu costumo chamar o Hospital de “Meu Paraíso” devido a imensa área verde, onde se respira ar puro, tão importante para nossos pulmões. O meu lema é o seguinte: “Não faço aquilo que amo, mas amo aquilo que faço”. Nosso setor é organizado, somos todos amigos, e nos ajudamos uns aos outros. Nos solidarizamos quando acontece algo ruim com algum de nós, e estamos felizes porque nossa equipe está completa. O Paulo Henrique voltou! E o que importa é que ele é um ser humano maravilhoso. Eu sou reintegrada, mas tenho certeza que quando eu me aposentar de verdade, vou ficar muito triste! O hospital faz parte da minha vida há trinta e dois anos, e isso eu falo com muito orgulho! Quando me aposentei em 2013, algumas pessoas quando souberam que eu ia voltar, disseram que eu estava louca. Mas o importante é como eu me sinto, e eu me sinto bem, vindo trabalhar aqui. O importante também é sentir paz de espírito, e saber que o que você faz, é o certo. Tive a oportunidade de cursar uma faculdade só, que, na época do estágio percebi que não era aquilo que eu queria para o meu futuro. Em um desses dias de estágio, eu me deparei com um aluno destruindo um livro novo, ele bateu o livro na carteira até o livro se despedaçar no chão. Fiquei horrorizada, eu adoro livro novo, aquele cheirinho de papel recém saído da gráfica! E também alguns alunos, enquanto a professora dava aulas, eles tocavam violão, no fundo da classe. Achei aquilo um desrespeito pela natureza, e pela professora. Foi ali que eu me decidi, por continuar no meu “Paraíso”. Fui convidada para tocar violão na quadra do Hospital, e o Diretor na época, queria que eu representasse o Hospital na DRS, mas eu não aceitei, pois não me achei tão capacitada pra isso. Eu me sinto muito amada pelo Pai Celestial, e sinto sua proteção todos os dias, e me sinto

feliz por integrar essa equipe. Já participei de um concurso de poesia, quando tinha o jornalzinho “Santa Informação” ainda no hospital. Não ganhei o concurso, mas participei. Quem ganhou, foi uma funcionária que concorreu com uma poesia escrita por Carlos Drummond de Andrade, E AGORA JOSÉ, era o nome da poesia. A minha foi eu quem escreveu, mas não faz mal, o importante é competir não é mesmo? Minha poesia foi escrita em homenagem ao dia internacional das “MULHERES” no ano de 2003. Aqui está:

Vida de Mulher (maio de 2003)

Fui procurar entre as flores
A que fosse mais viçosa
Encontrei a flor mulher
A mais linda e cheirosa!

Em seu coração bondoso
Encontrei muito carinho
E a paz do seu sorriso
Iluminando os caminhos!

Cada rosa que se abre
Exalando seu perfume
Se compara a uma mulher
Que passa e causa ciúme!

Por ter nascido mulher
Eu sou muito agradecida
Mulher é forte é valente
Sabe dar valor à vida!

Mulher, você é sensível
É a ternura em expansão
Por isso fiz estes versos
Pra alegrar seu coração

Mulher, você é a força
Maior que existe no mundo
Pois tem em seu coração
Um amor forte e profundo

Há bem pouco tempo atrás
Num programa de televisão
Vi morrer uma criança
E não pude conter a emoção!

Antes de fechar os olhinhos
Na mais triste desolação
Perguntou a sua mãezinha
Será que no céu tem pão?

Que dor triste e dolorida
Sentiu essa mamãezinha
É mulher a flor que dá vida
A mãe dessa criancinha!

Criança tão pequenina
Que no mundo não teve pão
Mas teve na mãe mulher
A riqueza de coração

Não chore mulher bendita,
A vida não termina aqui
Existe uma outra vida
Onde esperam por ti!

Essa mulher corajosa
Que perdeu o seu filhinho
Continuou a lutar
Pelos outros pequeninos!

Mora em uma casa pobre
Sem nem ter o que comer,
Mesmo assim luta com garra
Sem ter medo de morrer!

Morte de fome ou de dor
Da perda do pequenino
Que é sua maior riqueza
Quão triste é o seu destino!

Mulher criatura frágil,
E ao mesmo tempo, forte,
Pois seu coração destemido
É capaz de enfrentar a morte!

“MULHER VIRTUOSA, QUEM ACHARÁ?
SEU VALOR MUITO EXCEDE AO DOS RUBIS”
Provérbios 31:10

Neste dia tão bonito,
Queremos render-louvores
Falar de suas muitas virtudes,
Com um punhado de flores.

Autora: Ana Maria Progeti

Do fim ao começo

Atualmente, tenho 18 anos de serviço público e trabalho no protocolo do Hospital Nestor Goulart Reis, em Américo Brasiliense. Sou responsável direta ou indiretamente pelos diferentes arquivos da unidade. Na minha rotina diária estou em contato com documentos e processos que registram a memória e a história do hospital. Todavia, em minha memória e em meu coração, trago o registro vivo da importância que esta instituição tem em minha vida. Não estou falando como servidora que possui um trabalho, construiu sua vida, educou suas filhas, tem amigos e colegas aqui e hoje aguarda aposentadoria. A história que está sendo exposta aqui é da filha de um senhor, pai de família que trabalhava no armazém do Marinho, que logo após retornar do sanatório em que ficou internado, lá na década de setenta, foi demitido e não posso afirmar se isto ocorreu por preconceito e/ou discriminação.

Este senhor teve que se virar para aprender uma nova profissão para conseguir trazer o pão de cada dia para casa.

Aqui relato a menina que via seu pai sentado na mesa para realizar o ritual de tomar seus dez comprimidos do coquetel de medicamentos, que aos meus olhos de criança pareciam ser do tamanho de um antiácido “sonrisal”, em continuidade ao tratamento que iniciou quando esteve internado. Ele que só conse-

guiu retornar para casa após quarenta e cinco dias de internação, com o compromisso de “*um fio de bigode*”, de tomar todas as medicações prescritas regularmente por quase dois anos. Sacrifício aceito com resignação pelo meu pai, para poder estar próximo de sua família.

Falo da importância deste hospital para a menina que viu seu pai retornar depois desta longa internação, uma eternidade para um coração infantil, considerando que sua partida para esta unidade hospitalar pareceu aos meus olhos o derradeiro adeus. Sua volta foi festejada quase como uma ressurreição, tendo em vista que sua partida tinha trazido consigo o sentimento da partida definitiva.

A senhora que aqui expressa sua gratidão, já foi a criança que subia no morro para acenar para seu pai internado, em alguma janela, de alguma enfermaria, daquele prédio branco enorme de janelas azuis, para demonstrar que estava vivo, em tratamento e cuidando de nós mesmo que a distância.

Descrevo o abraço apertado que foi dado em minha mãe, em mim e em minha irmã, antes da partida, rumo ao destino incerto. Após um cerimonial de despedida, no qual minha mãe fez a comida preferida de meu pai, ele por sua vez pegou a sanfona e tocou suas músicas preferidas, sentado no quintal de casa como se tocasse pela última vez e como se estivesse nos dizendo adeus.

Após o rito da lamentosa despedida, andamos algumas léguas até chegar ao sanatório, estrada de chão, levantando a poeira que sufocava a respiração, apertando o peito de meu pai que já tinha sua sentença decretada e de minha mãe que o acompanhava nesta jornada, como se neste momento se tornasse “viúva de marido vivo”, pois ficaria sozinha na vida cotidiana e na criação das duas filhas.

Eu criança ainda, não conseguia entender as frases ditas, sussurradas ou expressas entre lábios cerrados, que flagramos entre meu pai e minha mãe, assunto circunscrito, que era encerrado com a chegada de alguma de nós, pois isso não era assunto de criança. O segredo tão velado, herculeamente guardado era o seu diagnóstico de tuberculose.

Em minha meninice não conseguia compreender as crises de tosse, a inapetência e a perda de peso que levaram meu pai a procurar um médico, coisa muito rara naquele tempo.

Voltando a atualidade, hoje trabalho no protocolo, que está localizado junto da recepção do hospital e ao receber um parente ou familiar de paciente, não preciso usar toda minha empatia, no sentido literal da palavra, para atender o melhor possível estas pessoas, basta lembrar da menina que um dia subiu em cima do morro e acenou para o pai querido, que um dia esteve aqui internado e conseguiu retornar a sua casa para concluir seu tratamento junto de sua família.

Pintor de Almas

O Hospital Nestor Goulart Reis, foi inaugurado lá nos idos de 1958. A unidade foi edificada para ser um sanatório para tratamento de tuberculose com quase setecentos leitos, em área bastante afastada do centro urbano mais próximo, a cidade de Araraquara. Foi construído em um terreno com uma pequena elevação, circundado por enormes eucaliptos e não existia nenhuma edificação próxima. Naquele tempo, nem existia a cidade de Américo Brasiliense, esta ainda era distrito.

Para a época e para a região, a grande estrutura foi projetada com quartos com *solarium* para atender as necessidades terapêuticas da doença, as paredes foram pintadas de branco imaculado com as janelas azul colonial.

Possui até hoje um grande anfiteatro com uma arquitetura moderna, para a época em que o hospital foi construído e devia estar entre os maiores, senão o maior da região, que serviu de cenário para muitas atividades.

Com esta paisagem bucólica do interior paulista, nos áureos tempos, o hospital recebia a alta sociedade araraquarense para seus eventos. Chegou a ter missas celebradas por um padre da região, promoveu jantares e chegou a promover concursos de Miss entre as pacientes internadas.

Imaginem vocês, ser internada num hospital para tratamento de tuberculose e ter a oportunidade de participar de um concurso de Miss Hospital Nestor Goulart Reis, lá nos anos setenta.

Já que receber este diagnóstico, era quase uma sentença de morte, principalmente para as moças, naquele momento esta doença era muito mais estigmatizada e discriminada do que é atualmente.

Aquelas silhuetas esguias, manequins, quem sabe “magrelas”, em virtude de sua conformação física ou por conta da doença, poderiam ser bastante apreciadas numa passarela.

Devido a importância do fato o salão era ricamente decorado com muito esmero. Tudo preparado em cada detalhe, maquiagens, roupas, faixas para as classificadas e até a coroa para a rainha da noite. Os coadjuvantes responsáveis pelo júri, pelo registro em fotos, alimentação, todos empenhados para eternizar aquele momento ímpar.

Todas candidatas preparadas para o evento, após exaustivos ensaios, uma vez que nada poderia dar errado naquela cerimônia de exaltação a beleza, e a saúde, neste caso em especial. Espectadores a postos, estavam presentes os ilustres convidados e até políticos da região nesta noite de gala.

A moça magricela e desmilinguida, ou não. Fadada a desgraça, com sua triste sentença delineada em seu diagnóstico. Sobe na passarela com seu melhor

traje e maquiagem impecável para o evento. Caminha ativa para a consagração. Cliques intermitentes dos flashes das máquinas fotográficas. Luzes, assovios, gritos e aplausos...

O que o coração disparado gritava no peito antes de subir aqueles degraus do palco, para a glória e fama? A boca seca? Um calafrio a percorrer todo o corpo? O coração a saltar pela boca pela descarga de adrenalina?

Como a autoestima rebaixada das moças, ali exiladas, estavam em alta neste instante. Bálsamo de alegria para um capítulo tão triste de suas histórias. Quão bom podia ser para elas, abandonar as memórias, por um momento, do motivo que as havia trazido até aquela instituição? Podendo viver este momento de alegria radiante em meio aos seus dramas pessoais. Ter a possibilidade de ser classificada num dos quesitos de beleza, de simpatia, de comunicação e principalmente por estar saudável.

Poder participar de um evento que muito se diferencia da monotonia dos longos e intermináveis dias de tratamento de cerca de dois anos num hospital para tratar tuberculose.

Ter a oportunidade de se preocupar com coisas leves e fúteis como unhas, roupas, maquiagens e cabelos, tão distantes da rotina diária tão árdua de tomar o esquema medicamentoso com diferentes drogas, várias vezes por dia, num sanatório, que o próprio nome já carrega em si um estigma da segregação.

Somente alguém com grande sensibilidade, só um pintor de almas poderia traduzir o bem que aquele evento poderia trazer às pacientes discriminadas e marginalizadas pela doença, que foram apartadas de suas famílias, na solidão das paredes frias de uma unidade hospitalar.

Parabéns aos idealizadores e promotores destes concursos de Miss que fazem parte da história do Hospital Nestor Goulart Reis.

Autores(as): Jorge Eduardo Vieira, Inês Ap. Lupe Roesler, Valéria Nassif

Na Caixa com Rótulo “FPT”

No Hospital Nestor Goulart Reis houve um tempo em que havia alguns pacientes que mereciam uma atenção mais que especial.

Numa ala com cerca de 25 pacientes, eles circulavam apenas no quarto e tinham acesso somente ao *solarium*. Não podiam ver e nem frequentar o lago com formato da Cruz de Lorena, símbolo internacional da luta contra a tubercu-

lose, e que tinha muitos peixinhos.

Eram carentes de cuidados de higiene e de enfermagem. Para os cuidados a estes pacientes não havia nenhum tipo de contensão, seja de alimentação, medicamentos ou outros materiais.

Entre eles havia uma moça, a “Menina de Trança”, que aceitava passivamente todos os cuidados de enfermagem, de higiene, tomar os medicamentos, apenas e tão somente se ao final, fossem concluídos com seu penteado preferido: uma trança.

Havia um rapaz, o “Rebelde na Cadeira de Rodas”, que em seu meio de transporte, percorria todas as alas e corria pelas alamedas externas do hospital, chegando às vezes até a portaria e algumas vezes, ele mesmo ia para buscar sua marmita, que havia encomendado quando se entediava com a comida de hospital. Além de ser rebelde, também possuía um desejo de mudar sua condição, para isto chegou a ser matriculado e frequentou uma escola da cidade, uma condução vinha buscá-lo e trazê-lo, saberá se alcançou seus objetivos...

Também existia a “Mulher dos Cofres”. Todas as coisas dela eram muito bem guardadas. Sacolas dentro de sacolas, com uma mala dentro de outra, todas trancadas a cadeado, pois temia ser roubada. Quando precisava de alguma coisa que estava armazenada numa das malas... começava o sacrifício de abrir uma a uma para encontrar o conteúdo tão necessário, um documento, algum dinheiro, um batom ou um lenço, qualquer coisa tinha que estar lacrada sob o clique de um, ou de vários, cadeados. Às vezes perdia seus pertences, não sabemos se desapareciam dentro do emaranhado de sacolas ou se alguém retirava, como ela gostava de alardear.

O “Casal sobre Rodas”, dois cadeirantes que vieram se internar aqui. Daí nasceu uma linda história de amor, que se desenrolou com a alta dos mesmos e foram morar juntos aqui em Américo Brasiliense.

Existia um “Senhor bebê”, que ficava somente em posição fetal todo o tempo. Possuía o corpo todo coberto por úlceras de pressão, escaras que se estendiam desde a cabeça até os pés. Pensávamos que lhe daríamos um pouco de conforto quando o levávamos de maca ao banho e em seguida cobríamos suas feridas com pomada de colagenase para aliviar.

Apesar de estarmos num sanatório para tratar tuberculose, estes pacientes tinham tudo: doenças físicas, mentais, psiquiátricas. Eram incapazes, abandonados pela família ou pela sociedade. Porém, não tinham tuberculose.

Nesta época, esta ala requeria cuidados rotineiros diários de enfermagem para os pacientes cadeirantes, acamados. O hospital tinha um perfil de asilo, ou instituição de longa permanência.

Todos eles foram enquadrados, contidos na caixa com rótulo **FPT: Fora**

de Possibilidade Terapêutica. Do ponto de vista clínico, não havia nada que pudesse curá-los ou melhorar sua condição. Nada poderia ser feito. Nenhuma terapia, medicamento ou tratamento, podia torná-los sadios. Eram pessoas abandonadas à própria sorte e, por sorte, que naquele momento o Estado assumia a tutela deles. Também, se não fosse assim, que outras escolhas teriam?

Já pensaram no peso deste rótulo? Das três letras tão pesadas, “FPT”, como uma cruz, um fardo, a ser carregado pelos próprios pacientes e também pelos profissionais que lhes prestavam cuidados.

Um dia veio uma ordem para que fossem transferidos, mudados de lugar, e se foram todos, de uma só vez. Levaram o peso do rótulo para outra instituição, também do estado. Hoje ao perguntar aos servidores mais antigos sobre esta ala, o que se recordam é apenas lembrança destes pacientes. E restou uma caixa com seus prontuários, com o título “FPT - fora de possibilidades terapêuticas”.

Autoras: Argênzia Mestria Bonfá, Dayse Regina R. R. da Cunha,
Roberta Cristina Pedroso, Aparecida Glória B. Barnabé,
Edna Silva Ferreira e Valéria Nassif

A História Além do Calendário

Na expectativa de entender como se processa o envolvimento humano em uma instituição de cuidado, formando um servidor público, bem como suas experiências e marcas no cumprimento de sua missão; descobre-se que aprendizado é um processo com começo, meio, meios, mediações, mutualidade e amor.

José Adilson Nunes, ou como unanimemente o chamam, Zé Adilson; pai da Dra. Rebeca, esposa da Thelma, profissional de Educação Física, professor, amigo, companheiro e parte do desenvolvimento de um calendário vivo, que inclui e situa pessoas que por uma impossibilidade da natureza; aprenderam a ter uma equipe de multiprofissionais como referência, como família. Assim ele conta essa história:

Recém-formado em Educação Física, era o meio do ano de 1997. Com a intensão de trabalhar com esportes de competição e pensando na especialização em Fisiologia do Esforço, morava a três quadras de uma Instituição Estadual que abrigava pessoas com necessidades especiais, este era conhecido como CE-DEME, ou “Centro de Desenvolvimento do Deficiente Mental”. Naquele exato

momento, estava com a necessidade de preencher uma vaga para o setor de Educação Física. O destino começa a tomar a direção da minha vida.

Sem muitas pretensões para conseguir ocupar a vaga, me apresentei na Instituição para deixar contato e possível entrevista. Para minha surpresa tudo aconteceu no mesmo dia! Fui apresentado a clientela que necessitava dos serviços da Educação Física, ou seja, nenhum atleta de alto rendimento estava confiando em meu trabalho, porém pessoas que nas suas dificuldades estavam à espera de alguém que naquele momento de suas histórias de vida, chegasse para juntos seguir o caminho e a trajetória em direção da inclusão social.

Conheci a instalações e condições de trabalho e para minha surpresa já voltei para casa contratado e dois anos mais tarde efetivado por concurso público.

Com o início do trabalho a intensão de se especializar em Fisiologia do Esforço, cede lugar para a especialização em Educação Especial. Veio sem nenhum planejamento. Mas trouxe muito conhecimento científico, que muito me ajudou a começar essa história que já dura mais de vinte anos.

Faço parte de uma equipe multiprofissional, onde juntos planejamos toda a rotina terapêutica da instituição, o dia-a-dia dos clientes e maiores professores. Ao meu setor cabe as muitas atividades físicas adaptadas e atividades naturais: caminhadas, triciclos adaptados, atividades em meio líquido, atividades em solo para cadeirantes como rolamentos e mudanças de decúbitos, recreação e lazer sempre com o objetivo de incluir a todos. Sem medir Esforços, mas com muita Fisiologia!

Também organizamos um calendário anual de eventos adaptados, que tem por objetivos além da terapia a função de situá-los no tempo, no clima, no espaço em que estamos. Por não serem alfabetizados e não entenderem a contagem de dias e meses, terapeuticamente adaptamos este calendário que tem as festividades do Carnaval, Páscoa, Gincanas, Festa Junina, Festival de Pipas, Semana da Pátria, Semana das Crianças, Festival de Atletismo e o Natal com o tradicional Presépio Vivo.

Todos esses eventos têm como objetivo a interação entre pacientes, funcionários e a comunidade. Realizamos decorações de ambientes, preparamos figurinos para cada data, além de muitos ensaios de coreografias, respeitando a individualidade de cada paciente buscando que ele se sinta parte de todo o processo.

Ao longo desses anos, percebo que formamos uma grande família.

Temos muitas histórias gostosas que sempre vêm à memória e acaba motivando nos para dar continuidade em nossa jornada, que começamos há muito tempo e ao meu entender, temos por finalidade não resolver todos os problemas de inclusão, mas sim sempre estarmos juntos para o ciclo da aprendizagem.

Tenho muito orgulho de ser servidor público desta instituição. Muitas li-

ções aprendi, mas atualmente acho que das muitas barreiras que enfrentamos, a mais complicada que não incomoda só o mundo da deficiência, mas sim a humanidade em geral é a barreira do contato social com gratuidade e amor em servir ao próximo.

Posso garantir que levar uma cadeirante para um gramado, chamá-la pelo seu nome, mostrar a ela um varal com muitas pipas e dar a ela a oportunidade de escolha: qual é a que você mais gosta? Tirar a pipa do varal, dar em sua mão ou apenas trazer para perto dos seus olhos antes de fazê-la subir e depois, amarrar em seu braço e sentar ao seu lado deixando que vento se encarregue do restante é uma grande lição de vida, inclusão e humanização.

E que venha muitos anos...

Autor: José Adilson Nunes

Trabalho, Café e Amor

O ano era 2007, Centro de Desenvolvimento do Portador de Deficiência Mental em Itu, estava no cargo de Chefe do Setor de Higiene Hospitalar, e na minha mesa sempre havia uma garrafa de café.

O CEDEME, local de pacientes moradores com Deficiência Física e Mental, cuidava de todos com carinho, responsabilidade e cuidados profissionais exemplares. Todas as datas comemorativas eram lembradas com eventos, danças, teatros, gincanas, músicas e etc.

E foi em uma dessas comemorações, que uma linda, amável, pura e apaixonante paciente chamada “Amália” conseguiu dar uma escapadinha e encontrou um dos produtos mais desejados por eles, o café. Sim, o café da minha garrafa. E ao chegar e pegá-la bebendo direto na minha garrafa, com os lábios todos lambuzados, perguntei:

- “Amália”, o que é isso?

E ela, na sua inocência, respondeu assim:

- O “Divan” (o meu nome é Ivan), até parece que você não sabe, eu vim aqui te ver. E me deu um beijo gostoso no rosto e saiu de mansinho.

Ela continua saudável, com aquele sorriso sapeca e encantador no rosto. E eu há 20 anos agradecendo por ter conhecido um amor tão verdadeiro e sincero dos nossos queridos e amados pacientes/clientes.

Autor: Ivan Aparecido Pimentel

O Amor Transforma

Meu nome é Maria Aparecida Hilário e trabalho no Hospital Estadual Dr. Oswaldo Brandi Faria de Mirandópolis há 7 anos. Dentre todas as histórias que testemunhei, a que vou contar é particularmente especial porque também fui protagonista. Ela começa em julho de 2019.

Foi internado no Hospital um paciente morador de rua. Vicente. Ele era dependente do álcool e estava muito magro, debilitado e vomitando sangue. Todos pensavam ser tuberculose, mas felizmente não era.

Vicente ficou internado e, devido ao estado de saúde, tomava banho no leito e por causa da abstinência, não reconhecia ninguém. Dois meses depois da internação, disseram que ele teria alta hospitalar. Mas não havia para onde ir. A única visita era de um amigo, Aparecido, que não sabia muito da história dele. No entanto, ajudou a encontrar o número de um dos filhos, mas este não queria saber do pai.

No dia 02 de outubro de 2019, quando fui dar banho no paciente, perguntei se ele era da cidade, se tinha família, parentes e foi aí que eu soube sua história.

O Sr. Vicente tinha filhos, mas não moravam em Mirandópolis. Ele contou que veio para a cidade trabalhar na colheita da cana em 2008. Enquanto estava trabalhando, conseguia pôr crédito no celular e manter contato com os filhos. Mas quando acabou a colheita, começou a beber e perdeu o contato com a família.

Fiquei sabendo, nessa conversa, que o paciente era de Maceió, cidade onde mora a minha família. Fiquei mais surpresa ainda ao saber que a minha família ainda mora no mesmo bairro onde ele morava, São Miguel dos Campos. Não podia ser apenas coincidência. Era um sinal. E eu precisava fazer alguma coisa. Daí surgiu a ideia de ajudá-lo a reencontrar os filhos ou ele seria encaminhado a um abrigo.

Com a ajuda de uma prima que é assistente social em Maceió, fizemos uma postagem no Facebook procurando por alguém que pudesse dar notícia da família dele.

No dia 7 de outubro, às 20:37h, recebi uma mensagem: “Boa noite. Aqui é a filha de Vicente.”. Meu coração se encheu de esperança de novo. Havia alguém disposto a ajudar. Afinal, ela tinha entrado em contato.

Eu contei a história a ela e disse que seu pai ainda estava debilitado. Mas estava bem e continuava internado. Mandeí foto para ela. “É meu pai!”. Essa foi a frase que a Marina disse ao vê-lo na foto. Eu ligava e eles se falavam por telefone e por vídeo-chamada.

Os dias foram passando e o Sr. Vicente melhorava a cada dia. Perto de lhe darem alta, liguei para a filha e perguntei se ela poderia vir buscá-lo. Mas ela disse que infelizmente não poderia, porque ela não tinha condições de pagar a passagem. Então conversei com o médico e perguntei se poderia levá-lo, mas ele disse que seria muito arriscado e que eu não era da família.

Liguei para a Marina novamente e disse que eu não poderia levá-lo, mas ele poderia ir com ela porque são pai e filha e eu faria o possível para ajudar. Comprei a passagem e fui buscá-la no aeroporto de Campinas. Uma foto no celular era tudo que eu tinha para encontrá-la. Não nos conhecíamos a não ser por vídeo-chamada e, ainda assim, parecia sermos amigas de longa data. No dia 31 de outubro chegamos em Mirandópolis.

E o momento de reencontrar o pai chegou. Um misto de felicidade, ansiedade e expectativa tomaram conta de mim. Como eu estava trabalhando, pedi a uma pessoa conhecida que a trouxesse ao Hospital e eles se reencontraram. Abraços, beijos, choro, todas as emoções juntas.

No dia seguinte, ele teve alta e foram para a minha casa. Após o plantão, fui para casa e conversamos durante muito tempo.

O médico disse que o quadro dele não era bom, que ele não tinha muito tempo de vida. Mas Marina disse que não importava. Um dia, um mês, um ano, o tempo que restasse seria passado com a família e fariam o melhor para ele. Já haviam passado 12 anos separados por falta de contato. Pensaram até que ele tivesse morrido. Agora recuperariam o tempo perdido.

No dia 1º de novembro, foram para Campinas a fim de pegar o voo para Maceió. Mas chegaram atrasados e perderam o voo. O que fazer? Quando ligaram informando isso, entrei em contato com um sobrinho que mora em São Paulo e ele os buscou e deixou em minha casa na capital. Eu comprei novas passagens e finalmente embarcaram no dia seguinte.

Depois de tudo isso, mantemos contato diário e até fui visitá-los quando estive em Maceió revendo minha família.

O Sr. Vicente está bem de saúde, ganhou peso e é uma nova pessoa.

Quando vejo as fotos atuais, mal posso acreditar que ele seja o paciente que foi internado há quase 01 ano e que tinha, segundo os médicos, poucos meses de vida. O amor da família o transformou.

Não posso expressar minha gratidão a Deus por me permitir ajudar um semelhante. Peço a Deus que me permita ajudar quantas pessoas mais eu puder, afinal o amor transforma.

Autora: Maria Aparecida Hilário

Tempos Difíceis

Meu Nome é Roseli, mas desde sempre me acostumei a ser chamada de Rose. Vim trabalhar no Instituto Paulista de Geriatria e Gerontologia no final de setembro de 2011. Perpassei por vários setores do Instituto devido ao meu cargo que é de Executivo Público. Gosto muito de observar pessoas e no início do ano de 2020 comecei a perceber que tudo iria mudar no mundo, quando nos noticiários internacionais começaram a circular a informação da existência de um novo vírus.

Foram momentos tensos. Choros por pessoas acometidas pela doença, mortes e muita tristeza em um lugar tão distante.

Fomos sentindo sua aproximação. O mundo globalizado anunciava: tormentas à vista...

E pronto: em março ele chegou até nós. O Brasil parou também. Menos para os serviços essenciais, o qual me enquadro sendo colaboradora da Secretaria da Saúde.

O medo, a insegurança, mudanças, tudo ao mesmo tempo e tudo diferente no dia-a-dia.

Precisávamos ser fortes, corajosos, cuidadosos e enfrentarmos nossos medos e ainda criarmos novas rotinas de trabalho para que os pacientes mesmo isolados tivessem nosso apoio.

Dias sem abraços, rostos cobertos, distanciamento social... regras e mais regras.

Nesse cenário chamado de “novo normal”, os profissionais de Educação Física e da Gerência de Recursos Humanos do Instituto, demonstraram preocupação com nossos corpos e principalmente, nossas mentes.

Idealizaram um Projeto maravilhoso chamado: **“Qualidade de Vida em Tempos Difíceis”**, com custo zero, em que outros profissionais do Instituto atuaram com suas habilidades e competências.

Tivemos a oportunidade de fazermos atividades físicas, participar de rodas de conversas, Pilates, fazer artesanato, jogos, Yoga, entre outras.

Pudemos aliviar as tensões, trocamos experiências, dividir dúvidas, nos ajudarmos e assim recarregarmos nossas energias.

Desejo aqui aplaudir e agradecer esses profissionais que compartilharam conosco seus talentos, tempo e acima tudo se doaram com muito amor e nos proporcionaram interação, momentos de relaxamento e assim nos fortalecendo para as batalhas e tormentas vividas diariamente dentro e fora do local de trabalho.

Muito obrigada!

Autora: Roseli Tadeu da Silva Castilho

Valorosos

No ano de 2015 recebi o convite do gerente “V” para assumir o setor de manutenção. Não hesitei em aceitar, era minha oportunidade, um grande desafio.

Na época acredito que só o “V.” e eu acreditávamos que eu conseguiria tocar o setor de manutenção. Conhecia sobre o contrato de manutenção de equipamentos, mas meu grande desafio era muito maior: conquistar o respeito dos funcionários.

Quando fui apresentada pelo meu diretor que seria responsável pelo setor, eles me fizeram a seguinte pergunta: o que você entende de manutenção?

Ele propôs uma roda de conversa, onde me revesti de humildade e disse que tinha um pouco de conhecimento, mas também os indaguei e disse: “Posso contar com a colaboração de vocês?”.

E assim o tempo foi se passando. Fui conhecendo cada um deles e ganhando o respeito de todos.

Contávamos com 05 funcionários na manutenção. Assim, lentamente, fui conseguindo tudo que precisava para o setor com a colaboração dos meus “pupilos”, como os chamava carinhosamente.

“D”, pintor sempre calado, chegava sempre educado. Dava bom dia, trocava de roupa e ia desempenhar suas atividades. Nem precisava ficar falando muito. Sempre calado, nunca estava entre os outros. Foram poucos os momentos de descontração que eu o via com os colegas. Na maioria das vezes estava sozinho.

“J.M.”, nosso marceneiro, nosso “olho verde” - como eu o chamava, parecia ter um coração duro. Dizia que era ateu. Mas com um coração enorme, nunca dizia não. Desempenhava seu trabalho com excelência. No ano de 2018 foi surpreendido com uma doença da esposa - um câncer que, no início, o deixou abatido, pois, segundo os médicos, era metástase. Mas isso não o desanimou. Ele disse que acreditava que ela sairia dessa. E já tem 2 anos que ele está lutando ao lado dela - um exemplo de esposo e de pai.

Meu substituto, “I.”, que pessoa maravilhosa! Sempre solícito. Aquele que sempre fazia de tudo um pouco. O chamávamos de “MacGyver”, mesmo com os problemas de saúde, pois tem diabetes e trabalhava mesmo estando com aparência transparecendo não estar nada bem. Sempre tentei ajudar como podia: marcava médico, exames para controlar a diabetes. Mas ele não se cuidava. Mesmo assim, nunca negou nada a ninguém.

Tinha um administrativo, “J.C.”, para dar andamentos nos processos de trabalho de adiantamentos de compra imediatas.

Pois na manutenção sempre tinha algo para nosso dia ficar corrido. O que dizer deste colega “chato” e “resmungão”? Sempre ajudou em tudo que precisáva-

mos. Às vezes passava do seu horário, muito prestativo.

E por último, mas não menos importante, o Senhor “C.”, nosso encanador. Ele tinha como rotina todos os dias pela manhã fazer vistoria no prédio, como entrar nos toaletes para verificar se estava tudo em ordem. Enfim, toda Unidade. Mas infelizmente tinha uma doença, o alcoolismo, que com tempo foi se agravando. Começou a chegar com odor etílico e com passar dos meses essa sua doença foi se agravando. Tentamos marcar consultas com a médica do trabalho, com psicólogo, mas infelizmente ele não aceitava ajuda. Sempre dizia que bebia desde os 11 anos.

Em 2017 fui convidada para assumir outra diretoria, e fiquei de longe, assistindo meus antigos companheiros.

Em meados de 2018 chegou a informação até o setor de Recursos Humanos que o Sr. “C.” estava faltando. Fiquei assustada, pois ele não tinha o costume de atrasar nem faltar. Ficamos preocupados e pedimos autorização para Diretor da Unidade e o grupo de humanização para irmos até a casa dele. Quando nos deparamos com ele maltrapilho, a casa em condições de muita sujeira e mal cheiro. Ele nos atendeu, mas estava desorientado. Foi quando a assistente social sugeriu a interdição. E foi aí que tentamos contato com alguém da família, ex mulher e com irmão. Mas não tivemos sucesso. Por se tratar de um homem de 61 anos na época, tivemos a atitude de encaminhá-lo para o CRATOD. Sugerimos ao servidor que ele aceitasse passar por uma consulta no Instituto de referência de álcool e tabaco – CRATOD e ele aceitou.

Este é um breve relato do período que passei na manutenção, dos amigos e parceiros de trabalho que construí, histórias que muitas vezes ficam nos bastidores, mas que possuem tanto significado quanto tantas outras e mudaram a minha vida.

Autora: Solange dos Santos Leal Leão

Muito mais que um paciente

No ano de 1989 eu já era casada, mas ainda não tinha filhos. Prestei um concurso e vim trabalhar no Hospital Infantil Darcy Vargas. Nessa época não passava pela minha cabeça que criança pudesse ter doenças graves. Pela experiência com meus sobrinhos, crianças não teriam nada além de um resfriado. Nunca tinha parado para pensar que uma criança pudesse ter patolo-

gias tão graves quanto as que são tratadas no Darcy.

Ingressei no Darcy e comecei a conviver com patologias novas e ficava chocada.

Em 1994 eu fui trabalhar na recepção da oncologia e foi onde eu me encontrei profissionalmente, pois lá aprendemos muito. Aprendemos a ser mais humanos. Aprendemos que o bem material não tem importância nenhuma diante da vida.

No decorrer dos anos conheci uma paciente, na época ela tinha 13 anos e foi diagnosticada com Leucemia Mieloide Aguda e precisava fazer exames bem invasivos como Liquor e Mielograma além dos exames de sangue que acabam sendo mais difíceis para as crianças que fazem quimioterapia, por conta do desgaste que os vasos sanguíneos sofrem ao longo do tratamento. Essa adolescente era uma paciente bem rebelde, e eu acabei fazendo amizade com ela.

Chegou uma hora do seu tratamento que estava tudo tão difícil, com suspeitas de recaída, repetições do exame de mielograma, eu fui me afeiçoando cada vez mais à ela e à família. A mãe também era uma pessoa muito querida. A situação estava tão complicada e desgastante que a mãe sentia que não tinha mais forças para acompanhar a filha nos exames e procedimentos, então ela me chamava.

Nessa hora eu entrava para acompanhar a adolescente como acompanhante, e não apenas como funcionária. Eu a abraçava, segurava sua mão, chorava junto com ela. Era muito sofrimento, há 15 anos atrás, era tudo muito diferente de hoje, não se usava sedação no exame de mielograma, tornando-o ainda mais sofrido.

O tratamento de leucemia durava dois anos, e, com o passar do tempo, nós ficamos bem apegadas e o que mais me marcou foi o dia em que ela chegou, numa sexta-feira, e no próximo domingo seria o dia das mães, ela me trouxe um presente. De início eu não aceitei, mais ela insistiu e disse que me considerava como uma segunda mãe. Nessa hora eu chorei e nos abraçamos. E até hoje quando eu falo sobre esse episódio eu me emociono porque foi uma coisa muito linda, uma coisa que percebo que veio do coração dela, me marcou muito.

Outro momento marcante desse caso para mim aconteceu no final do tratamento dela, já no período de manutenção. Teve um congresso de leucemia para funcionários e pacientes e ela foi selecionada para ir. Na época ela estava com 16 ou 17 anos. Os pacientes ficavam em um andar do hotel e os profissionais de saúde em outro. Um dia 11 horas da noite ela me ligou dizendo que não estava conseguindo dormir. Fui até o quarto dela e a levei para ficar comigo, e assim permaneceu até o final do congresso. Eu a acompanhava nos eventos, estava sempre junto, cuidado como se fosse minha filha. Inclusive minha filha, que hoje é enfermeira, estava conosco nesse congresso e as duas se tornaram grandes amigas.

Hoje essa ex-paciente (e amiga) tem 28 anos, está casada e tem uma filha. Ainda mantemos contato, eu vou a casa dela, visito, e quando a bebê nasceu ela levou para eu conhecer.

Para mim essa é uma grande satisfação, uma realização profissional e pessoal. E este é apenas um caso, existem vários outros que mantenho contato, mantendo uma amizade.

Eu só tenho a agradecer por ter trabalhado no setor da oncologia, pois lá eu tive a oportunidade de conhecer pessoas maravilhosas e dar um novo significado à vida.

Autora: Maria Barsalini Rodrigues Duarte

Gratidão de Coração

Dentre muitas experiências marcantes nestes anos de trabalho no Darcy Vargas, que não são poucos, pude presenciar o desempenho de uma enfermeira em especial, que num dia turbulento, fui testemunha de seu amor pela profissão. Pude ver com meus próprios olhos que existem pessoas que administram o cotidiano, mas os verdadeiros administradores conseguem administrar o caos, tornando a situação leve. Hoje deixo aqui meu respeito por ela, pois sem seu amor pelo trabalho, “aquele” dia teria sido o fim de muitas vidas e não só um vento que soprou.

Pessoalmente, eu passei por uma experiência que eu balancei, eu era grata às pessoas, mas eu não tinha visto meu coração responder por mim.

No decorrer dos anos, passei por algumas dificuldades pessoais, e, quando a situação chegou aos ouvidos dos colegas, todos sabendo do meu drama pessoal, e eu retornando e sendo assim, tão acolhida, as pessoas indo para cima, para não deixar cair, sabe aquela coisa, se estamos unidos ninguém cai. Neste dia, eu senti uma gratidão tão profunda que até hoje me emociona. Eu achava que era grata mas a gratidão é uma coisa muito maior. Eu Senti que se não fossem esses braços para me sustentar naquela hora, eu de fato ia cair.

Dos 61 anos que tenho, eu acho que passei no Darcy bem uns 25 anos e nestes anos, eu não posso falar da minha vida sem citar o Darcy. Minha família passou por ele como cliente do hospital, eu tenho um neto e uma filha, que hoje já está grande, mas ela também passou por aqui quando era pequena.

A gente tem uma ligação de respeito pelo lugar, por que quando eu piso

dentro dele, eu sinto força, sinto que é mais um dia da minha história que vou viver. Então eu acho interessante como que este hospital em uma cidade como São Paulo, que passou por dificuldade financeira, mas o serviço dele é diferenciado e quando olho, até no ônibus está escrito “Hospital Infantil Darcy Vargas”. Pisou na cidade e fez a sua parte, cada lugar tem uma alma, cada cidade tem uma alma e ele tem uma alma, dá uma contribuição enorme para as crianças e para as pessoas que passam por ele por que nós somos “obrigados” a se humanizar e aprender uma série de coisas e aprende mesmo. Ele tem preocupações humanas, as crianças ensinam a gente muita coisa, eles não perdem a oportunidade de ser feliz, é como se fosse um rio que a gente entra e sai e quando entra de novo é diferente. É o antes e o depois do Darcy, tenho um imenso respeito por este hospital e pelas pessoas.

Autora: Maria Angélica da Silva

Um Recomeço

Me chamo Vera, tenho 31 anos de Darcy Vargas, entrei em 1988. Quando entrei no hospital foi ótimo, antes não trabalhava e passava por problemas pessoais, precisava de um recomeço.

Na época, minha sogra que era da LBA e trabalhou durante 30 anos no hospital, viu a minha situação difícil, e falou:

- Olha, vai lá que está tendo concurso.

Acabei fazendo o concurso, passei e comecei a trabalhar. No começo foi difícil, pois eu tenho 3 filhas, que na época todas eram crianças. Hoje eu tenho 4 netos.

Entrar no Darcy Vargas foi maravilhoso, para mim foi como uma mãe. Comecei a ganhar meu dinheirinho que me ajudou muito e até hoje me ajuda, conheci muitas pessoas boas que sempre me ajudaram, nunca tive um “não” dos colegas.

Me aposentei a alguns anos, mas continuo trabalhando, por que sou CLT. Eu sempre tive muita alegria com as pessoas e as pessoas comigo. Tive muitos diretores bons aqui que deixaram boas recordações, com carinho e afeto para com todos.

Sinto falta daquele tempo do começo, era mais gostoso, tínhamos mais trabalho, mas isso a gente tirava de letra, talvez também por eu ser mais jovem e

a gente vai indo, se cansa menos, tem mais disposição.

Eu acho que o ambiente quem faz somos nós, tem que aprender a ceder com as pessoas, tratar bem e se alguém nos magoar, passe para o lado, supere. Tenho imensa gratidão por este lugar e boas recordações.

Autora: Vera Lucia Murante Vieira

Do Trabalho à Maternidade

Comecei a trabalhar aos 16 anos. cursava o Ensino Médio pela manhã e à tarde ajudava meu pai no consultório. Ele me incentivava a fazer Odontologia, pois sentia que eu estava em dúvida na escolha profissional.

Era um pai moderno e carinhoso, tinha muito amor pela família e pela sua profissão. Ensinou a mim e a meus irmãos a importância dos estudos, do trabalho, da ética e da dedicação em prol de um futuro melhor. Seu maior orgulho foi ter conseguido formar seus quatro filhos: dois dentistas, um arquiteto e eu nutricionista.

Meu avô paterno era funcionário público, não teve oportunidade para estudar, trabalhava no “Desinfectório de Ambulâncias”. Mas sua paixão era a música. Tocava violino e animava bailes e festas, isto já nos idos dos anos 60. Com esse dinheiro extra pagava a pensão, onde meu pai cursava Odontologia na Universidade Federal de Alfenas.

Entrei na faculdade aos 17 anos e com 19 anos já trabalhava em um grande hospital particular de São Paulo. Iniciei como estagiária e fui admitida recém-formada para fazer parte da equipe de Nutrição Clínica. Foi o meu primeiro emprego com registro em carteira profissional. Foram anos importantes para a minha base profissional e experiência em hospital.

Recém-casada, senti que os plantões e a carga horária intensa poderiam adiar meu grande sonho da maternidade. Não pensei duas vezes em pedir demissão do Hospital Alemão Osvaldo Cruz e ingressar no serviço público, após passar no concurso para o cargo de Nutricionista, no Hospital Infantil Darcy Vargas. Foi o início da implantação do SUS, no Estado de São Paulo, e eu já antevia que enfrentaria muitos desafios, mas também muitas oportunidades surgiriam pela frente.

Meses depois estava grávida e passei muito bem toda a gestação. Não parei de trabalhar até romper a bolsa na 38ª semana e, literalmente, fui do trabalho para a maternidade para ganhar o meu primeiro filho. No dia 14 de julho de 1989 nascia o Guilherme, com 2,8 quilos, 38 centímetros, tão pequeno e tão amado por todos. Apaixonei-me tão logo por aquele boneco enrolado na manti-

nha que a enfermeira trouxe-me para eu amamentá-lo.

Voltei da licença maternidade com aperto no coração, pois tentei levar o Guilherme comigo para a creche do hospital, porém as otites recorrentes não colaboraram. Trabalhava no período da manhã e voltava correndo pra cuidar dele em casa. Assim o ano passou rápido, ele adquirira resistência e, mal iniciava os primeiros passos, já estava a caminho uma irmã, que seria sua melhor amiga e companheira.

A gestação dela também foi muito tranquila. Trabalhei até o final e entrei em trabalho de parto em um domingo, por coincidência do Grande Prêmio do Brasil de Fórmula 1.

Nascia então, em 24 de março de 1991, Giuliana, a minha princesa que marcou a minha segunda vitória e o grande sonho da maternidade realizado, sem esquecer de mencionar a primeira vitória do grande prêmio de Ayrton Senna em seu país.

O segundo retorno da licença maternidade foi menos sofrido, continuava a trabalhar no período da manhã e, assim, ficávamos juntos a tarde toda. Foram muitas brincadeiras gostosas, historinhas contadas, filminhos lindos assistidos.

Num passar de olhos, estavam juntos na pré-escola, no fundamental e, até o curso de graduação, fizeram na mesma Universidade. Havia e há muita sintonia e amor entre estes dois irmãos, a mesma que tinha e tenho com os meus três irmãos, herança de meus pais.

Hoje o Guilherme está com 31 anos e a Giuliana com 29. São dois filhos maravilhosos e como meu pai, sinto muito orgulho deles. Formei um economista e uma advogada, responsáveis, competentes, éticos e justos, preparados para o mundo.

Durante esses mais de trinta anos trabalhando no Darcy Vargas, fiz verdadeiras amizades, em especial no Serviço de Nutrição. Éramos como uma grande família, participávamos e vibrávamos com as conquistas, também sofriamos com a perda de familiares ou mesmo de colega. Assumi a diretoria do serviço ainda com os filhos pequenos e por uns anos fui presenteada em acompanhar de perto a maternidade de muitas colegas auxiliares de serviço, que, como o meu avô paterno, não tiveram a oportunidade para estudar, mas mesmo assim foram mães maravilhosas, educaram muito bem seus filhos, conseguiram formar muitos administradores, dentistas, enfermeiros, engenheiros, professores, dentre outras profissões lindas e importantes para a sociedade.

Sou muito grata ao Serviço Público que me permitiu exercer minha profissão, ter tempo para acompanhar e participar do crescimento dos meus filhos.

Parabéns a todos os funcionários públicos, em especial às mães que dividem a maternidade com a sua função tão essencial à população.

Autora: Rosana Pellegrini

Memórias

Eu, Arlete Ignacio Ferreira, oficial administrativo do RH do Hospital Maternidade Leonor Mendes de Barros, relatarei dois fatos que marcaram a minha vida pessoal e de trabalho.

Em 2000, teve um concurso de poesia em parceria com a Secretaria de Estado e o Hospital, em que o tema era “Amamentação Materna”. Eu me inscrevi. Comecei a escrever várias poesias e rasgava os papéis porque achava que não estavam bons, até que escrevi uma poesia que minha filha leu e adorou.

Resolvi digitar e entregar o trabalho. No dia da votação no Anfiteatro, estava nervosa.

Para minha surpresa, fiquei em segundo lugar! Não foi só pela lembrança que o grêmio do hospital ofereceu, mas sim por levar um pouco de mim para quem lesse.

O tema da poesia foi “Seio fecundo”, que apresento abaixo.

Outro fato marcante aconteceu em 2002, quando a Secretaria de Saúde promoveu um concurso seletivo interno, integrado com a Secretaria de Educação, apenas para funcionários da Saúde. O projeto se chamava “Parceiros do Futuro”.

Concorri para o cargo de monitora, para trabalhar com todo o público das escolas: crianças, adolescentes e adultos. Foram mais ou menos 2.000 inscritos no concurso. Passei em 16º lugar.

Trabalhei nesse projeto por quase 4 anos e foi muito bom. Eu preferia trabalhar nas escolas de comunidades. Deu para levar conhecimento e aprender também.

Eu realizava meu trabalho com prazer, pois antes de ser da Saúde, fui inspetora de alunos na Educação.

Foram dois momentos mágicos na minha vida.

E o Hospital Leonor faz parte da minha história até hoje!

*Seio Fecundo*⁵

Mãe! Mãe do sertão,
Que estende seu seio
Ao filho querido,
Como se fosse uma gota d’água no oceano.
Mas isso que faz diferença,

⁵ Registrado no Clube dos Compositores do Brasil.

Oferece seu seio, seu leite, seu amor, seu carinho,
A um filho tão pequenino e franzino.
Mas que continua a crescer,
Graças à força desse poder,
Leite Materno, Leite Carinho...

Autora: Arlete Ignacio Ferreira

Histórico do VOMAT - Associação de Voluntários do Hospital Maternidade Leonor Mendes de Barros (HMLMB)

Há mais de trinta anos na direção do Hospital Maternidade Leonor Mendes de Barros, posso afirmar que uma das iniciativas mais gratificantes em todo esse tempo de gestão foi a idealização, criação e manutenção do voluntariado da instituição. Em meados dos anos 1990, como uma das ações de humanização da assistência à saúde a serem implantadas na instituição, comecei a discutir com meus pares de diretoria como seria termos um grupo de voluntárias no hospital.

Inicialmente, senti grande resistência à ideia, pelo receio (infundado) de que pessoas leigas pudessem interferir de maneira negativa nos cuidados com as pacientes, a ponto de eu quase abandonar a iniciativa. Isto porque não bastava criar uma atividade e implantá-la “de cima para baixo”; o sucesso dependia, basicamente, da aceitação de toda a equipe, no caso, em particular, dos médicos e dos profissionais de enfermagem.

Assim, foi com muita persistência que insisti no trabalho de convencimento dos colaboradores e suas respectivas chefias sobre o benefício da implantação de um voluntariado, com o objetivo de implementar uma assistência diferenciada sem interferência na parte técnica. A ideia sempre foi ampliar o acolhimento através da “papoterapia”, ou seja, conversar, dar atenção, amor, a mão, carinho, tanto para a paciente, quanto para o seu acompanhante ou familiar.

Entre tantos obstáculos, os maiores foram, primeiro, desmistificar a ideia de que o grupo seria formado por “madames” que viriam preencher seu tempo ocioso como voluntárias e, em segundo lugar, quem seria o profissional que faria a intermediação entre a instituição e o voluntariado.

Assim, com muito trabalho de convencimento para aceitação por parte dos profissionais da instituição, criei, no dia 1º de agosto de 2001, o primeiro grupo de voluntárias, com os seguintes pré-requisitos: sexo feminino, idade superior a

30 anos, sem formação na área da Saúde. Inicialmente, eram 30 voluntárias e, na segunda semana, somente 12.

Com este pequeno grupo, não desistimos, insistimos e, devagar, fomos aumentando, e conseguimos agregar pessoas que acreditaram e acreditam no objetivo maior de prestar uma assistência diferenciada com qualidade e mais humana à mulher necessitada e a esta parte da sociedade menos favorecida.

Quanto à interlocução entre o hospital e as voluntárias, várias foram as tentativas, incluindo psicóloga, assistente social, enfermeira e médica pediatra. Tal problema só foi resolvido quando percebi que não deveria haver qualquer intermediação e decidi que o interlocutor seria eu mesmo.

Assim, consegui quebrar todas as barreiras e resistências, pois o trabalho voluntário passou a ser institucional sob a minha supervisão direta. Isso permitiu o grande crescimento do VOMAT: hoje é formado por 142 senhoras, leigas, que executam um trabalho de acolhimento e humanização às pacientes, seus acompanhantes e familiares, desde sua chegada ao Pronto Atendimento, e se estende por todas as áreas de internação.

De todos os setores do hospital, minha maior satisfação é com o Centro Obstétrico (CO), onde ocorre a maior proximidade entre voluntárias e parturientes. Aqui nasceu o significativo lema do VOMAT: *“Eu não posso sentir por você, mas posso estar com você”*. Então, o CO se tornou o coração de toda essa história. Essas verdadeiras acompanhantes institucionais auxiliam e dão apoio à parturiente e seu acompanhante, desde o pré-parto, com massagens, banhos, exercícios e “papoterapia”, até a Sala de Parto, no momento do nascimento do bebê, auxiliando a equipe técnica, transmitindo tranquilidade e orientando a mãe nesta etapa final que é a mais gratificante para todos. Elas criaram a “Sala de Acompanhantes” onde oferecem café e bolachas.

Decidimos, também, que as voluntárias deveriam se vestir de “rosa”, a cor do AMOR, em todas as suas ações. A cada dia, a certeza de que conseguem levar o conforto, a palavra, a informação, o carinho, a companhia, a atenção, às vezes, até o ombro, num momento mais triste, e o abraço, num momento muito feliz, a cada um destes corações que esperam com a ansiedade natural a sua hora de ser *mãe, pai, avó, avô, tia...*

Além dessa atuação, convidei as voluntárias para criar e coordenar alguns espaços e atividades sob sua exclusiva responsabilidade, no que fui plenamente atendido. São alguns exemplos, entre outros: registro civil de nascimento do bebê, salão de beleza, visita das gestantes à maternidade, capelania (católica, evangélica e espírita), carrinho da leitura, hora do colo, chazinho do amor, brinquedoteca, além da distribuição de enxovais de bebês, artigos de higiene pessoal, roupas íntimas, chinelos e roupas em geral e, ainda, equipamentos médicos para

uso domiciliar, que possibilitam a alta de bebês internados na Unidade Neonatal, como umidificadores, aspiradores, etc.

Nestes 19 anos, eu, como diretor, e a equipe assistencial, temos muito a agradecer às voluntárias que, com gestos simples e sinceros, atenção e solidariedade, nos mostraram que é possível, sim, fazer a diferença e levar um pouco de dignidade às pessoas que se encontram fragilizadas. Sinto-me bastante orgulhoso e envaidecido por ter trazido a ideia, insistido muito na sua concretização.

Devido à pandemia e, por se tratar de grupo de alto risco para a Covid-19, as atividades presenciais do VOMAT foram suspensas em março de 2020. Torço para que nossos “anjos cor de rosa” possam voltar às suas atividades habituais o mais breve possível, TODAS VACINADAS!

Autor: Corintio Mariani Neto

Amigos Sinceros, Bons Frutos

Durante muito tempo, venho guardando na lembrança, memórias de um passado ameno e repleto de experiências e aprendizados. Hoje, sou tomada por uma forte emoção, com a oportunidade de externar meus sentimentos e poder contar um pouco dos muitos momentos vividos por mim, na companhia de pessoas tão queridas e inesquecíveis.

Esse lugar, ao longo de 34 anos da minha vida, foi a minha segunda casa e o cenário de um ambiente tão familiar, que para mim e acredito que para muitos que por ali passaram, sempre será lembrado como a nossa querida “Casa Maternal”.

Passados 34 anos, no dia 28 de junho de 2019, me aposentei, encerrando assim, o meu tempo de trabalho com a sensação de dever cumprido. Já era o tempo de parar para me dedicar melhor a minha família e a mim.

Porém, a minha longa convivência no Leonor e as experiências ali vividas, foram imprescindíveis para o meu aprendizado profissional e pessoal, deixando, portanto, um saldo positivo que levarei para toda vida, pois é muito bom trabalhar tantos anos em um lugar e ter tantos bons momentos para recordar.

AMIGOS SINCEROS, BONS FRUTOS

No relato de minhas experiências, eu não poderia deixar de mencionar uma das maiores demonstrações de solidariedade por parte dos amigos, em um dos momentos mais difíceis da minha vida:

Em 1986, no ano seguinte à minha admissão, meu amado pai e amigo, Sr.

Benedito, apresentou os primeiros sintomas de uma enfermidade grave que, aproximadamente seis meses depois da descoberta, lhe tirou vida aos 57 anos de idade.

Porém, graças à colaboração de todos os meus colegas de trabalho que se preocuparam com a situação e procuraram contribuir de acordo com as suas possibilidades, ele teve toda assistência médica em um hospital especializado, os cuidados e os medicamentos necessários em casa e todos os recursos possíveis para minimizar o seu sofrimento nesse momento tão difícil para ele e para nós familiares, que continuamos a lhe dedicar, todo amor, cuidados e o carinho de sempre.

Fomos, portanto, amplamente amparados e assistidos de todas as formas que alguém pode ser: moral, psicológica e até financeiramente pelas minhas colegas de setor da LBA, pelas Enfermeiras da Equipe de Enfermagem do INAMPS (cujos nomes não vou mencionar para não correr o risco de esquecer alguém) e pelos Diretores do Leonor, que além de apoiar a iniciativa, também colaboram imensamente.

Em fevereiro, no mês seguinte ao falecimento do meu pai, eu fui aprovada no Vestibular da Faculdade São Judas Tadeu (atualmente Universidade) para iniciar o Curso de Educação Artística. Não me encontrava, porém, em condições emocionais e nem financeiras para estudar e pensei em desistir.

E foi aí que, num gesto inusitado, os meus “Anjos de Plantão” se fizeram presentes mais uma vez, não medindo esforços para me incentivar e ajudar.

Foi organizada, a princípio, pela Chefia de Enfermagem, se estendendo à algumas Enfermeiras e Diretores, uma arrecadação mensal, destinada a pagar todas as mensalidades do 1º ano do meu curso. Eu, imensamente agradecida, me esforcei muito para não os decepcionar, tirando boas notas e assumindo as mensalidades a partir do 2º ano, quando já me encontrava mais estruturada.

A minha Formatura aconteceu no início do ano de 1990 e na Colação de Grau, recebi o meu Diploma de Licenciatura Plena em Educação Artística com Especialização em Artes Plásticas.

Durante o evento, mesmo que nem todos os meus amigos pudessem estar presentes, senti de alguma forma, a presença de todos os que contribuíram para a realização desse sonho.

Alguns anos depois, começaram a surgir, os bons frutos de todo o apoio recebido.

Me recordo que no ano de 2000, trabalhando na época na Diretoria de Apoio Técnico, fui procurada pelo Diretor da Divisão Científica, o Dr. Valdir Tadini, para solicitar que eu fizesse uma reprodução ampliada de diversas fotografias de uma revista para uma Reunião Científica que ele iria apresentar, cujo tema seria “Sexualidade na Terceira Idade”.

Com um prazo razoável para realizar o trabalho um tanto complexo, con-

cluí os desenhos em tempo hábil e me recordei que os resultados conseguiram atender às expectativas do Dr. Tadini.

Alguns dias depois, na data e hora do referido evento, lá estava eu no Anfiteatro, para prestigiar a aula e presenciar com emoção, o resultado do meu trabalho.

Aproximadamente três anos depois, em 2003, participei do Concurso promovido pela Diretoria Técnica de Departamento, junto ao Banco de Leite Humano, dirigido na época pela Dra. Maria José Guardia Matar e a Enfermeira Joana Watanabe Kuzuhara, que muito fizeram pelo Banco de Leite e consequentemente por todas as mães e recém-nascidos que até hoje se beneficiam dele, graças aos bons resultados do trabalho de toda a equipe.

A proposta era a criação de um Novo Logotipo BLH que representasse o Banco de Leite Humano e o serviço por ele prestado.

Me inscrevi, dei “asas à imaginação”, fiz o desenho e ganhei o Concurso, tendo posteriormente sido premiada com uma placa, contendo o referido símbolo criado por mim, que sempre terá um valor sentimental e está colocada em um lugar especial na minha casa e no meu coração.

Valeu pessoal! Recebam mais uma vez, os meus sinceros agradecimentos.

Deus os recompense sempre, pela solidariedade, gratuidade e compromisso com o bem do próximo. O mundo seria bem melhor se existissem mais seres humanos como vocês!

Autora: Adelina Assis da Cunha

Minhas participações em eventos muito criativos

Recordo-me como se fosse hoje, que aos 19 anos, no meu primeiro dia de trabalho no Hospital Maternidade Leonor Mendes de Barros, fui carinhosamente acolhida na Chefia de Enfermagem pelas inesquecíveis Sandra Simone e Ana Tereza, ambas Agentes Administrativo da LBA.

E assim se iniciava a minha história na Casa Maternal, onde ao longo de trinta e quatro anos, participei de diversos eventos pra lá de criativos, promovidos por seus colaboradores, que permanecerão para sempre nos arquivos da minha memória.

Vou contar a seguir, um pouco dessas experiências e dos bons momentos compartilhados.

O CONCURSO DAS “10 MAIS”

Me recordo que em meados do mês de dezembro do ano de 1987, durante a Confraternização das Festas Natalinas, participei de uma brincadeira promovida pela Equipe de Enfermagem: “As 10 mais”, com a entrega de um Certificado às servidoras eleitas.

Ao anunciarem o meu nome, fui surpreendida ao ser eleita “A MAIS ALEGRE”, pelas minhas colegas de trabalho. Foi bem inesperado e divertido!

Este título, porém, não pertencia somente a mim, pois teve a participação de todas, que de alguma forma, contribuía para a minha alegria. Esta foi a primeira de muitas participações em Confraternizações, Cursos, Palestras, Feira da Cidadania, Brigada de Incêndio entre outros eventos interessantes e criativos organizados pela Unidade e oferecido aos servidores.

DESFILE DE MODA

Isso foi demais!!!

O *Desfile de Moda das funcionárias do HMLMB*, em Comemoração ao Dia da Secretária, aconteceu no Anfiteatro, no final de setembro de 2009, tendo sido promovido e organizado pela Servidora Cléo Oliveira, Técnica em Comunicação Social e Promotora de Eventos, com o apoio da Diretoria Técnica de Departamento.

O evento foi muito alegre e criativo e proporcionou a mim e às demais colegas, a oportunidade de desfilar pela primeira vez e de nos sentir “verdadeiras modelos”. Além de que, tenha me remetido à infância: aquela fase da nossa vida, em que temos facilidade em “fazer de conta”, deixar a timidez de lado e embarcar na brincadeira.

Além de promover a integração entre os funcionários, o desfile contribuiu para a valorização da autoestima das participantes, que passaram momentos agradáveis “nos bastidores”, se produzindo para uma boa apresentação, preparando cada detalhe: maquiagem, cabelos, acessórios etc.

Parabéns ao Dr. Coríntio Mariani Neto, a servidora Cléo Oliveira e a todos os colegas que de alguma forma contribuíram para que esse desfile acontecesse, nos deixando boas recordações.

CANTANDO NO LEONOR

No início, foram apenas algumas tímidas apresentações musicais no Karaoke, instalado no Refeitório, com o incentivo das colegas na hora do almoço. Mas, algum tempo depois, esse pessoal criativo que trabalha no nosso Leonor,

logo deu um jeitinho da coisa ficar mais séria e é claro que eu, que adoro uma agitação, não poderia ficar de fora.

Em dezembro de 2010, na Festa de Confraternização de Final de Ano no Anfiteatro, aconteceu o *Show de Calouros com Karaokê* no qual me apresentei interpretando a cantora Tetê Espíndola com a música “Escrito nas Estrelas” e ao final da minha apresentação fui bem aplaudida pela plateia.

Em meados de julho do ano de 2014, a funcionária Mônica Zacarias, do Setor de Qualidade, anunciou o *Show de Talentos* que aconteceria em agosto do mesmo ano e a proposta era que os calouros se apresentassem caracterizados do cantor ou artista que estariam representando.

No dia da realização do evento, lá estava eu novamente no Anfiteatro do Leonor, representando alguém que eu considero uma das melhores cantoras brasileiras: Clara Nunes, em “O Canto das Três Raças”.

Senti aquele frio na barriga que os cantores relatam sentir quando sobem ao palco, mas depois fui me acalmando e acredito que fiz uma boa apresentação.

Apesar de não ter alcançado o 1º lugar, amei a experiência, já que o mais importante era a oportunidade de participar fazendo uma coisa que gosto muito: cantar

E gostei tanto, que em 2016, me inscrevi para o *Show de Talentos*, desta vez, promovido pela servidora SES e organizado pela servidora Denise Atoguia Clevelenti, Diretora do SEESMT, colaboradora do Projeto Hábitos Saudáveis da SES.

Esse evento aconteceria no Centro de Convenções Rebouças, no início de outubro e teria a participação de servidores de várias Unidades pertencentes à SES, o que veio a aumentar a responsabilidade dos candidatos em fazer uma boa apresentação.

Mas como diz o ditado: “ajoelhou tem que rezar”, desta vez optei por interpretar a grande Elis Regina em “O Bêbado e a Equilibrista”. Ensaiei muito com o apoio da minha família que no dia da apresentação, estava lá para me prestigiar.

No momento em que a apresentadora anunciou a minha entrada, o meu coração disparou, mas fui até o fim e passado o primeiro momento, até gostei de sentir aquela adrenalina.

Afinal, a vida é feita de emoções e são elas que me dão motivação para encarar com otimismo as situações adversas e as pedras que surgem no caminho.

Autora: Adelina Assis da Cunha

Além do profissionalismo, empatia.

Olá, me chamo Rita Santiago e comecei minha caminhada no serviço público em 05/01/1990, selecionada através de concurso público para o Hospital Pérola Byington, porém devido a falta de conclusão das obras do prédio, fui transferida em meados de março do mesmo ano, para o Hospital Maternidade Leonor Mendes de Barros, onde permaneço até os dias de hoje.

Quem me conhece sabe o quanto eu sou risonha, atenciosa e prestativa, e talvez por conta disso, trabalhei com o público por vários anos e em vários setores. Sou de fazer amizades, tanto que conheço muitos, mas muitos funcionários, gente que se tornou amigo, quase irmão.

Durante todo esse tempo, tive muito aprendizado, muitas lutas, muitas dores e tristezas, mas também muitas conquistas e alegrias, dentre elas, ganhei dois presentes maravilhosos, meus filhos, Laura e Augusto, que nasceram nesse hospital, pois é, além de funcionária, fui paciente também e tenho muiiiiiita gratidão por isso.

Muitas histórias marcaram a minha vida nesse lugar, mas uma delas me fez refletir sobre uma passagem bíblica escrita em Eclesiastes 7:2

- Melhor é ir à casa onde há luto do que ir à casa onde há banquete, porque naquela está o fim de todos os homens, e os vivos o aplicam ao seu coração.

Sempre achei difícil entender essa frase, porem quando nos deparamos com a morte, é que refletimos sobre a vida.

Vou compartilhar com vocês esse momento.

Era final de ano, um sentimento festivo pairava no ar. Eu estava trabalhando no plantão noturno no setor da portaria de pacientes, não me lembro ao certo a data, creio que 28 de dezembro. Por volta das 21:00 horas, fui chamada para abrir o necrotério, para recepcionar a entrada de um bebê que havia falecido no nosso berçário. Era uma menina e estava há alguns meses lutando bravamente pela a vida com a ajuda da equipe excelente de profissionais do berçário, (sou testemunha de como aquele povo se dedica àqueles RNs, é para bater palma de pé!), porem ela não venceu a batalha...

Me dirigi ao necrotério para aguardar o bebe, que veio acompanhado pela enfermeira e a mãe da criança (pois a mesma poderia ficar com o bebe durante sua internação). A mãe estava desolada e pediu para ficar mais uns minutinhos para contemplar o rosto de sua filhinha e se despedir antes que o carro de SVO (fúnebre) viesse buscar o corpinho. A enfermeira consentiu e ficamos ali, ao lado, emudecidas. Buscamos da melhor forma, acolher a mãe naquele momento, mesmo não conseguindo mensurar aquela dor, sabíamos que era imensa... Como foi difícil, tanto pra mim como para enfermeira, conter as lágrimas.

Depois de um tempo que havia retornando para meu setor, recebo um outro chamado para abrir o necrotério novamente, então pensei: -Não meus Deus, de novo, não, mas infelizmente era verdade, e como era a única que estava de plantão da portaria naquele dia, tive que mais uma vez fazer aquele percurso doloroso.

Esse caso se tratava de um bebê que haviam saído de alta na tarde daquele mesmo dia e após uma mamada, se asfixiou com o leite e a mãe disse que estava tão cansada que acabou cochilando e só se deu conta quando viu o bebe roxear.

Que tragédia, não havia mais nada a fazer quando chegaram aqui. Os pais estavam desesperados, não conseguiam acreditar, o choro doído ecoava nos corredores do Pronto Atendimento e corria pelas as portas de entrada do hospital. Não havia palavras para descrever tanta dor...

E lá fui eu mais uma vez, fazer algo que jamais poderia imaginar, colocar mais um bebê na câmara mortuária.

Conferi com carinho o número de sua pulseirinha de identificação, olhei o seu rostinho de traços delicados, perfeitinho, parecia estar dormindo... e mais uma vez, lágrimas e mais lágrimas

Então eu chorei, sim eu chorei, chorei com os pais, eu os abracei e orei com eles... Era o mínimo que poderia demonstrar, a empatia, que é tão necessária à equipe dos serviços de saúde, que acaba tendo que lidar com todo o tipo de dores, inclusive a dor de perder alguém...

Autora: Rita de Cassia Santiago

Amo o que eu faço

Cheguei em 2012, morrendo de medo, não sabia nada sobre psiquiatria. Havia um 'mundo' de pacientes e funcionários, pelas histórias que me contaram, já houve uns dois mil pacientes. Pensei: 'nunca vou conhecer todos, muito menos saber o nome de cada um deles'. De fato, conheço todos, os nomes ainda me confundo, mas sei de onde é cada um deles. Cheguei com mais ou menos 100 pacientes em cada pavilhão, mais uns 150 pacientes no SRT.

E assim fui passando de setor em setor ao longo desses nove anos, conhecendo as histórias, e conhecendo a psiquiatria.

Voltei aos estudos, pois psiquiatria não era minha 'praia', minha formação e experiência são de hospital geral, conhecimento esse que me fez acrescentar na

vida dos pacientes/moradores.

Hoje posso dizer que sou apaixonada pela psiquiatria. Olhar o paciente e ver nele exatamente o que li no livro, é fantástico, é apaixonante. Trabalhar com a ressocialização, garantir a assistência integral com qualidade; garantir o processo de reabilitação psicossocial; participar da vida; do retorno a casa. Tudo isso muito gratificante.

Logo chega a avassaladora Pandemia, enquanto membro da CCIH a preocupação em atrasar ao máximo que essa doença invisível acometa nossos pacientes e moradores. Assim foi, depois de cinco meses, não teve como; funcionários e pacientes positivos, num esforço incessante para conter a doença, criamos o isolamento.

Com a experiência clínica, fui para o isolamento. Trabalho árduo, cansativo, MEDO. Medo de estar contaminada e como voltar para casa? Medo de adoecer e ser mais um número na estatística de óbito da COVID-19. É isso mesmo, mais um número, infelizmente. O que tenho presenciado é o descaso com esse vírus tão astuto, enquanto não lançarmos mão das medidas protetivas, enquanto houver descaso daquele ser humano que falece por essa doença ou pela consequência que ela traz junto, não nos isolarmos, teremos que continuar de olhos bem abertos para que os nossos pacientes e moradores não se contaminem novamente.

Enfim muito aprendizado como servidor público, muita responsabilidade; muitas histórias ouvidas por aqueles que moram a 30, 40 anos na instituição.

Encerro dizendo que devemos ter EMPATIA, que todos nós somos o amor de alguém. Eles precisam ser nosso amor e nós o amor deles.

Autora: Jordânia Júlio

O que você deseja?

Até parece nome de seriado de TV paga... Para a equipe do Núcleo de Moradias Protegidas (NMP) do Centro de Atenção Integrada em Saúde Mental - CAISM da Água Funda - tem um sentido muito maior. Lembrar que há mais de 20 anos atrás, pelas mudanças da Política de Saúde Mental, receberíamos pacientes “moradores” num serviço de saúde de Lares Abridados. Naquela época, o CAISM atendia apenas pessoas para tratamentos agudos de sintomas psiquiátricos que ficavam poucos dias antes de retornar para suas casas.

A palavra “moradores” representava pessoas que estavam há anos em outras unidades conveniadas do estado de São Paulo, morando há 10, 20, 30 anos ou mais em enfermarias destinadas ao tratamento de saúde mental. A grande maioria havia perdido o contato com seus familiares e tinha adquirido uma forma muito peculiar de se comportar, já que os anos morando num espaço destinado a cuidar da saúde trariam marcas profundas na forma de se relacionar, alimentar, desejar e viver. Imagine você passar tantos anos num mesmo sistema, numa mesma rotina, sem possibilidades de escolha, não podendo decidir quando apagar sua luz, assistir tv ou tomar banho ou comer no horário escolhido, onde seus desejos não poderiam aparecer; tudo era determinado pela instituição. Os anos em uma instituição de saúde mental trariam consequências para aquilo que move o ser humano todos os dias. A pergunta que fazemos dia-a-dia havia sido calado por anos de internação: O que eu desejo? É possível sonhar, planejar e querer coisas num sistema de “cuidado” com rotinas tão rígidas?

Foi assim que a equipe do NMP foi desafiada. Teríamos que acolher estas pessoas com a marca destas histórias, com suas patologias, mas principalmente com todo seu potencial, para habilitá-las ou reabilitá-las, colocando-as no mundo novamente como cidadãos, como seres desejantes, como pessoas imbuídas de desejo. A clínica ampliada faz da saúde um campo amplo, onde a saúde mental vai além da instituição de tratamento e a comunidade passa a ser o local de atuação.

Com o desafio colocado, fomos buscar nas experiências de outras unidades do Estado (Ribeirão Preto, Franco da Rocha, entre outras) que estavam desenvolvendo ações haviam anos, já inovadoras e precursoras de leis e da política de saúde mental. Alguns destes locais, além dos lares abrigados, já estavam em pleno funcionamento das casas na comunidade fora dos hospitais. O que conhecemos hoje como Serviço Residencial Terapêutico já fazia parte das estratégias de tratamento de algumas unidades do Estado há alguns anos.

A equipe do NMP desejou, aplicou o conhecimento adquirido na visita e troca com estes locais e descobriu estratégias junto com os moradores, para que fossem acolhidos e assistidos de forma integral. Gradativamente, estas pessoas foram descobrindo outras formas de estar no mundo e o CAISM também se abriu para a comunidade. O espaço ampliado fez com que a clínica se deslocasse para a escola do bairro, o supermercado, os Centros de Convivência e Cultural, a feira livre, o clube, as igrejas, a praia, entre tantos lugares. Houve assim a aproximação da instituição de saúde com a comunidade circunvizinha, oferecendo a possibilidade de reelaborar o que se pensa, aquilo que é subjetivo e o valor social do paciente psiquiátrico. Tudo isso porque o desejo não tem fronteiras institucionais. Aqueles que estavam presos às rotinas tão rígidas, foi dada voz e isso impactou em si e em seu entorno, atingindo os profissionais do CAISM e a comunidade na qual a unidade estava inserida.

As histórias destes indivíduos foram revisitadas e recontadas dentro e fora do CAISM, tomando outros rumos. A assistência no CAISM se dava dentro da casa que têm quartos, sala, cozinha, banheiro e lavanderia, onde moravam de três até seis pessoas. Nestes locais eles aprendiam ou eram reabilitados para uma rotina de casa: lavar, cozinhar, limpar, cuidar de si (incluindo o tratamento) e seus objetos pessoais. Na instituição, tinham acesso a atendimentos em grupos e individuais, por diferentes profissionais: fisioterapeuta, educadores físicos, médicos, terapeutas ocupacionais, psicólogos, assistentes sociais, nutricionista e equipe de enfermagem. Quando a necessidade de tratamento exigia outras especialidades, recorriamos à rede de assistência de outras unidades do Estado e da prefeitura. Mesmo para aqueles que chegaram sem, foram providenciados documentos para todos. Uns lembraram do endereço da família o que permitiu o reencontro ou a alta. Tiveram aqueles que desejaram morar sozinho. Todos tiveram acesso a roupa e sapatos e entenderam o porquê usá-los - o uniforme foi abolido! Cada um teve a oportunidade de lembrar ou descobrir do que gostava, a cor, o modelo. Outros tiveram acesso a benefícios do governo ou previdenciários, o que ampliou o poder social e de escolhas. Na cozinha de cada casa, foram revisitadas receitas e aprendido temperos. Assim, pessoas que chegaram descalças, agressivas, com crises e comportamentos que impediam a relação com o outro, encontraram abrigo e desejos.

A equipe do NMP foi instrumento para “O que você deseja? ”. Hoje esta história toma outros rumos pois, além da pandemia que trouxe diversas reformulações, os moradores têm acesso a uma vaga na tão sonhada casa fora do CAISM. Desde meados de 2019, o processo definitivo de desinstitucionalização está ocorrendo e os moradores do CAISM estão sendo inseridos nos Serviços Residenciais Terapêuticos da prefeitura, em casas na comunidade. Hoje, a equipe em conjunto com os moradores, planeja e lida com a despedida, na certeza que para quem deseja e sonha, o dizer “adeus” ou “até breve” também faz parte das estratégias de tratamento.

Autora: Cilene Hessel Gaeta

EPÍLOGO

A tarefa de produzir este livro surgiu em meados do mês de março de 2020, no início da pandemia do Coronavírus, em um contexto de angústias, incertezas, turbulências emocionais e novos aprendizados de um normal muito diferente de nossa vivência diária.

Embora nossa DTS III já trouxesse consigo a experiência de produzir o volume 1 deste livro, para nós a tarefa de produzir o volume 2 foi extremamente nova e desafiadora.

Em meio a esse contexto, para viabilizar a execução deste projeto, tivemos que nos reinventar e aprender a utilizar toda a tecnologia ao nosso dispor, assim como novas ferramentas e novos meios de comunicação.

Foi a primeira vez que nos vimos imersas em um contexto de tomada de decisões sobre elementos textuais, sobre materiais utilizados para produzir um livro, sobre quais etapas realizar primeiro ou depois, sobre levantamentos de custos/orçamentos, sobre como nos comunicar com os autores, com a banca avaliadora, com a gráfica, com todos os envolvidos neste projeto.

Todo esse processo foi muito enriquecedor. Pudemos, mais uma vez, aprender juntas. Errar algumas vezes, mas aprender também com esses erros. Nos apoiar e crescer. Conhecer diversos servidores da saúde, por meio de suas histórias, às vezes engraçadas, às vezes tristes, às vezes reflexivas, mas sempre cheias de conteúdos sobre a trajetória construída por cada um, que, somando, compõem essa obra.

Este livro surge como mais uma estratégia para “cuidar de quem cuida”, deixando claro que, apesar dos desafios, podemos minimizar - ou ao menos compartilhar - problemas e soluções.

Assim, é com imenso prazer que contribuímos com este trabalho, feito à muitas mãos, e organizado por nós, da Gerência de Recursos Humanos do Hospital Santa Tereza de Ribeirão Preto.

Angélica da Silva Araujo

Agente Técnico de Assistência à Saúde (ATAS) - Terapeuta Ocupacional

Cristiane N. dos Reis Loyolla

Diretor Técnico I

Rosimeire da Silva Eugenio

Diretor Técnico II

Gerência de Recursos Humanos
Hospital Santa Tereza de Ribeirão Preto

CTP, IMPRESSÃO E ACABAMENTO

teixeira
gráfica digital

TEIXEIRADIGITAL.COM.BR

✉ teixeiradigitaldf@gmail.com

teixeiradigital ☎ (61) 3336.2001

Ao longo de nossa vida profissional vivenciamos diversas situações que nos fazem crescer, tanto como pessoas quanto como profissionais. Cotidianamente vivenciamos histórias marcadas por desafios, por dificuldades e por alegrias. Histórias tão ricas e diversas que, sem dúvida, merecem ser contadas e registradas! Contando nossas histórias deixamos nossa marca por onde passamos! Esta constitui justamente a proposta deste livro: registrar histórias vivenciadas pelos servidores públicos dos diversos serviços e unidades da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo - SES/SP.

Diante do sucesso do volume 1 deste livro, intitulado “Memórias do Cotidiano - Hospital Santa Tereza de Ribeirão Preto”, o qual registrou histórias apenas de uma unidade da SES/SP, decidimos ampliar, assim como as histórias aqui contadas, que expressem ampliações, seja dos serviços realizados, seja do crescimento pessoal e profissional dos autores. Assim, este segundo volume do livro Memórias do Cotidiano é fruto de uma parceria frutífera entre o Hospital Santa Tereza de Ribeirão Preto (HSTRP), a Coordenadoria de Serviços de Saúde (CSS), a Coordenadoria de Recursos Humanos (CRH) e a Coordenadoria de Regiões de Saúde (CRS).

